


 A RUA PELA POPULAÇÃO
EM SITUAÇÃO DE RUA
PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS
NA PRODUÇÃO 
DO SENSÍVEL



Fernanda de Cássia Ribeiro

Sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Carla Regina Silva

São Carlos/SP
2024

FERNANDA DE CÁSSIA RIBEIRO

**A rua pela população em situação de rua:
perspectivas múltiplas na produção do sensível**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos para o exame público de defesa da dissertação de mestrado em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Regina Silva

São Carlos/ SP

2024

DEDICATÓRIA

*À memória de Kelly Rios, Gabriel, Primo e Gil Rosa.
Com vocês aprendi formas de cuidado preciosas para a pop rua:
o valor da escuta, a importância de chamá-los pelo nome, a não
tolerar a indiferença e agir, especialmente diante da negligência do
sistema, e a enxergar a poética também como um ato de resistência das
pessoas que vivem em situação de rua. Aprendi, sobretudo, sobre a
impermanência da vida.*

*À todos/as/es que confiaram suas aventuras de resistência a mim
e cocriaram essa dissertação comigo.*

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos experimentando a formação da palavra AGRADECIMENTO. Para mim, ela contém cenas e imagens que me transportam para diferentes lugares e algumas paisagens dentro de mim, tais como: agradar, grade e cimento. Palavras que me convocam a olhar para a história que me trouxe até este momento e a agradecer, primeiramente, a toda a energia humana e não humana, visível e invisível, que me ajudou a sustentar a coragem de romper com alguns padrões e neuroses que me habitam desde muito pequena, de atravessar as grades simbólicas que me prendiam em verdades imaginadas e de criar fissuras na solidez das certezas cimentadas em minha mente.

Imersa em uma pesquisa cartográfica e em relações que buscam a horizontalidade, não me sinto confortável em listar os agradecimentos às pessoas que compartilharam essa jornada comigo de forma que a estrutura do texto transmita uma sensação de hierarquia. Mesmo que eu não o faça, como não começar pela **Carlinha**, que desde aquele primeiro abraço, abraçou também minhas ideias, certezas e infinitas dúvidas, e não me deixou desistir! Mais do que não desistir, você me ajudou a perceber que minha pluralidade é minha maior qualidade. A palavra obrigada nunca irá dar conta desse acontecimento! Mas comecemos por ela: OBRIGADA! OBRIGADA por tudo! OBRIGADA por tanto!

É fato que algumas pessoas estiveram mais presentes do que outras, mas escolho pensar que cada uma “ofereceu o possível para aquele momento”, assim como me ensinou **Carol Shimarizo**... Que também me ensinou tantas outras coisas que me fizeram chegar até aqui com paciência e respeito ao meu processo! Obrigada pelas histórias, pelas analogias e pela parceria! Celebro o nascimento deste trabalho com o brilho do anel de fogo!

Agradeço a todos/as/es que participaram de alguma maneira dessa dissertação: se interessando pela minha pesquisa e me ouvindo tentar explicá-la quando nem eu mesma sabia direito como ela seria, lendo ou corrigindo meus textos, dando dicas, analisando as imagens, me perguntando como estava a escrita, acompanhando a qualificação, me enviando livros e artigos, acolhendo minhas dúvidas e angústias, preenchendo termos, mediando as atividades no campo, caminhando junto, tomando chuva, passando frio, chorando diante das injustiças, dividindo as escritas no diário de campo, almoçando pastel no cemitério, carregando o carrinho de materiais, doando seu tempo para sonhar esse sonho comigo, fazendo gráficos e editando texto.

Isa Cardinalli, Tati Doval, Carlos Gil, Laurinha Mathias, Thainara Palhares, Caroline Silva, Leo Gabarra, Robson Dantas, Mariana Viana, Mari Quarentei, Inés Dacuña, Inda Zango, Anna Carolina Santos, Roberta Mendonça, Paula Cardoso, Alekin Ambrósio, Clau Fragelli,

Willian Andrade, André Machado, Marise e Gabriel Suzuki, Suellyn Ortiz, Wagner Vieira, Natália Castilho, Cláudia Franco, Carina Elias, Simone Aranha, Karla Hamabata, Henrique Galati, vocês serraram as grades da solidão acadêmica e me ensinaram com amorosidade e disponibilidade que o processo de pesquisa não precisa ser solitário. Escrevo com muita segurança e alegria: eu nunca estive sozinha!

Obrigada às mulheres inspiradoras que regaram esse sonho comigo com generosidade e cuidado! **Amara, Sabrina, Eliane, Isadora, Flávia, Taís e Maristela,** que nossas trocas sejam sementes para que eu aprenda a cultivar e nutrir maneiras inovadoras de enfrentar desafios, dificuldades ou opressões, novas formas de resistência intelectual e prática guiada por uma abordagem que considera os princípios morais (ética), a apreciação da beleza e sensibilidade (estética) e a consciência política e social (política).

Cleuza, Maria Aparecida, Ana Paula, Lilian, Julia e Heloisa, agradeço profundamente pelo esforço em compreenderem a importância desta jornada. Foi difícil, eu sei, estar ausente em momentos que também eram importantes para vocês, pois eu precisava estudar. Mas acredito que esta trajetória não é apenas sobre mim. É uma ruptura de um padrão que nos envolve há tantos anos. Esta conquista, regada pelo nosso esforço e compreensão, é a semente que plantamos para aqueles que ainda virão. Continuarei sonhando com o dia que vocês estarão junto de mim neste momento!

Agradeço à equipe da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS), do Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro POP), da Casa de Passagem e do grupo Varal do Bem pela confiança e parceria.

Agradeço a todos/as/es que estão, estavam ou estiveram em situação de rua e cocriaram essa pesquisa comigo. Sem vocês, nada disso existiria! Essa conquista parte de nossas expressões e gestos singulares para criar ativações coletivas – ela é NOSSA!

An. Br. Ca. Ja. Jo. Lu. Lu. Ma. Ma. Vi. Wi. Cr. Cr. Da. Le. Ra. Ro. Vi. We. Jo. Ma. An. Br. Fe. Ha. Da. Ed. Gu. Ta. Cl. Er. We. El. Ad. Ed. Le. Lu. Lu. Ma. Re. Ri. Jo. Lu. Ra. La. Ra. Ro. Se. Do. Ma. Jo. An. Je. He. Ma. Ma. Pa. Ai. An. An. Ca. Da. Di. Lu. Gi. Br. Pa. Ce. Da. De. Le. Ed. Ju. Le. Ma. Pa. Re. Th. Ad. Gi. Ic. Jo. Lu. Ma. Ma. We. Ya. Is. An. Jo. Va. - Juntos, com nossas expressões e a potência de nossos afetos criamos rachaduras em nosso caminho cimentado, desenhando outras linhas de fuga da vida, cartografias de um território sensível.

EPIGRAFE



Todo pedaço de vida
Pode ser poesia inteira
(Lucas Lopes, 2024)

RESUMO

Esta pesquisa explora o território do sensível ao abordar questões cotidianas enfrentadas pelas pessoas em situação de rua e usuários dos serviços socioassistenciais da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS) de São Carlos-SP, buscando uma compreensão sensível e multifacetada de suas realidades. O objetivo central foi mapear perspectivas plurais sobre/com as pessoas em situação de rua, a partir do convite e da percepção de expressões criativas de seus cotidianos, e criar um repositório subjetivo e sensível sobre esta temática.

Utilizando uma abordagem qualitativa e a metodologia da pesquisa-intervenção cartográfica, a dissertação fundamenta-se na arte relacional e na Constelação Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Foram realizados encontros estruturados em oficinas artísticas e caminhadas pelos territórios, propondo processos de criação que apresentassem as experiências de vida nas ruas, refletissem e questionassem representações e estereótipos sociais. Nestes encontros, destacamos o valor dado não apenas no que é produzido ao final (resultado), mas também no próprio processo criativo e nas interações entre as pessoas. Esses elementos – o processo e a interação – são essenciais tanto na arte quanto na terapia ocupacional, pois ambos focam no desenvolvimento pessoal, na expressão e na conexão humana.

Como resultado, é apresentado um conjunto de narrativas individuais e coletivas composto por expressões e criações realizadas pelos participantes, incluindo textos imagéticos e verbais, um diário de campo e criações da pesquisadora. As conclusões destacam o valor da escuta atenta das experiências das pessoas em situação de rua e das práticas criativas, potencialmente transformadoras, que permitiram aos participantes acessar seus registros pessoais e marcas por outra perspectiva, revelando novas camadas de sentido na relação com o viver nas ruas.

A proposta de conectar e promover a coexistência entre palavras, experiências, expressões e pertencimento dá forma e humaniza os rastros e percursos expressivos das pessoas envolvidas nesta pesquisa. Tanto a terapia ocupacional quanto a arte utilizam a criatividade como uma maneira de se expressar e se afirmar no mundo. Vistas como formas de lidar com a vida, encontrar sentido e se conectar com outras pessoas, essas práticas, quando integradas, geram significado às vivências e reforçam a ideia de pertencimento e identidade.

Palavras-chaves: Terapia Ocupacional; Processos Criativos; População em situação de rua; Cartografia; Arte Relacional.

RESUMEN

Esta investigación explora el territorio de lo sensible, abordando problemáticas cotidianas que enfrentan las personas en situación de calle y usuarios de los servicios de asistencia social de la Secretaría Municipal de Ciudadanía y Asistencia Social (SMCAS) de São Carlos-SP, buscando una comprensión sensible y multifacética de sus realidades. El objetivo central fue mapear perspectivas plurales sobre/con las personas sin hogar, a partir de la invitación y percepción de expresiones creativas en su vida cotidiana, y crear un repositorio subjetivo y sensible sobre este tema.

Utilizando un enfoque cualitativo y una metodología de investigación de intervención cartográfica, la disertación se basa en el arte relacional y la Constelación de Actividades Humanas y Terapia Ocupacional (AHTO) de la Universidad Federal de São Carlos (UFSCar). Se realizaron encuentros estructurados en talleres artísticos y paseos por los territorios, proponiendo procesos creativos que presentaron las experiencias de vida en las calles, reflexionando y cuestionando representaciones y estereotipos sociales. En estos encuentros resaltamos el valor que se le da no sólo a lo que se produce al final (resultado), sino también al proceso creativo en sí y a las interacciones entre las personas. Estos elementos (proceso e interacción) son esenciales tanto en el arte como en la terapia ocupacional, ya que ambos se centran en el desarrollo personal, la expresión y la conexión humana.

Como resultado, se presenta un conjunto de narrativas individuales y colectivas, compuestas por expresiones y creaciones realizadas por los participantes, incluyendo textos visuales y verbales, un diario de campo y las creaciones del investigador. Las conclusiones resaltan el valor de escuchar atentamente las experiencias de las personas que viven en la calle y las prácticas creativas y potencialmente transformadoras que permitieron a los participantes acceder a sus registros y marcas personales desde otra perspectiva, revelando nuevas capas de significado en la relación con vivir en las calles.

La propuesta de conectar y promover la convivencia entre palabras, experiencias, expresiones y pertenencias configura y humaniza las huellas y caminos expresivos de las personas involucradas en esta investigación. Tanto la terapia ocupacional como el arte utilizan la creatividad como una forma de expresarse y afirmarse en el mundo. Vistas como formas de afrontar la vida, encontrar significado y conectarse con otras personas, estas prácticas, cuando se integran, generan significado en las experiencias y refuerzan la idea de pertenencia e identidad.

PALABRAS-CLAVES: Terapia Ocupacional; Procesos Creativos; Población sin hogar; Cartografía; Arte Relacional.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIÇÕES

AHTO – Atividades Humanas e Terapia Ocupacional

CEFAM – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

Centro POP – Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua

DTO – Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar

ECA – Escola de Comunicação e Artes

MNPR – Movimento Nacional da População de Rua

ONU – Organização das Nações Unidas

PNPSR – Política Nacional para a População em Situação de Rua

POP RUA – Pessoa(s) em situação de rua

PPGTO – Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

SMCAS – Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista

UNIARA – Universidade de Araraquara

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS.....	4
EPÍGRAFE	6
RESUMO.....	7
LISTA DE SIGLAS E ABREVIações	9
SUMÁRIO	10
UM MAIS-DIZER	13
Com quem você irá conversar	13
Prefácio: meus descabimentos	21
COM QUEM ESTA PESQUISA DIALOGA?	28
POP RUA: quem são essas pessoas e em que situação estamos?.....	28
PALAVRA É PAISAGEM: Terapia Ocupacional e meu encontro com a Constelação AHTO.....	35
Arte e Terapia Ocupacional semeiam e cultivam parceria com POP RUA de São Carlos	40
Alguns encontros da arte na relação com a POP RUA	48
METODOLOGIA.....	60
Habitar o campo da pesquisa	64
Territórios da pesquisa e instituições parceiras.....	68
Parcerias essenciais para a pesquisa de campo	69
Reunião com a Secretaria de Cidadania e Assistência Social de São Carlos.....	69
Vivenciando a dinâmica das instituições da pesquisa de campo	70
Casa de Passagem:.....	70
Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP):.....	73
Organizando o cronograma para a pesquisa de campo.....	74
Procedimentos éticos.....	76
A) Análise de Riscos	77
B) Análise de Benefícios.....	77
Critérios de inclusão e exclusão de participantes	78
Auxiliares de pesquisa.....	78
Memorial de criação da logomarca da pesquisa	83
O trabalho e a criação em campo	87
Bloco a) Conjunto de oficinas com temáticas distintas	88
Bloco b): Conjunto de caminhadas com diferentes intencionalidades	92
Bloco c): Quatro encontros para outras ações	93
Corpos atuantes	95
DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA PESQUISA NO CAMPO	98
Registros, criações e memórias	99
RESULTADOS	106
Participantes da pesquisa	106

Oficinas artísticas	110
Atividade 1: "Poemas de uma linha só"	115
Atividade 2.1: "Lembretes para esquecimentos futuros" (parte 1)	120
Atividade 2.2: "Lembretes para esquecimentos futuros" (parte 2).....	123
Atividade 3: "Do que é feito o encontro?"	129
Atividade 4: "O sensível nos toca e às vezes silenciar transborda"	133
Atividade 5: "Não é todo dia que a gente pode"	140
Atividade 6: "O verbo precisa de ar"	144
Atividade 7: "A linha que se borda sonhos é a mesma que costura a vida"	149
Atividade 8: "Toda palavra é mantra"	156
Atividade 9: Estratégias de sobrevivência nas ruas	163
Outras expressões.....	169
Acompanhamento de caminhadas e trajetórias.....	173
Caminhada 1: "Observar quais detalhes fazem (p)arte"	178
Caminhada 2: "Atentar-se às intenções dos pequenos gestos"	183
Caminhada 3: "Sondar se a cidade que atravesso é a mesma que me atravessa"	188
Caminhada extra: "Vivenciando a Boca de Rango por um dia"	192
Caminhada 4: "Mapear o que nos acende por dentro"	195
Caminhos Investigativos: Arte e Terapia Ocupacional	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESACOSTUMAR AS LÓGICAS.....	206
POSFÁCIO: QUANDO É QUE A EXPERIÊNCIA ACABA?	212
Projetos de extensão/2023-2024	213
REFERÊNCIAS	218
APÊNDICE A – CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES NO CAMPO	235
APÊNDICE B – CHAMAMENTO PARA PARTICIPAÇÃO COMO AUXILIAR DE PESQUISA .	238
APÊNDICE C – CERTIFICADO EMITIDO AS/AOS AUXILIARES DE PESQUISA	239
APÊNDICE D – PLANEJAMENTO DAS OFICINAS DE ATIVIDADES (ETAPA I).....	240
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	241
APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO	247
APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REGISTRO E UTILIZAÇÃO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E ARTEFATOS	248
ANEXO A - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA	249
ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA.....	251
ANEXO C - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL	254
ANEXO D – CARTA DE ANUÊNCIA	256
ANEXO E – TABELA: HORÁRIO DO CAMPO.....	257

UM MAIS-DIZER

Com quem você irá conversar

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo já ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado, que implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco.
(FREIRE, 1996, p. 32-33)

Ao iniciar a escrita desta dissertação, quero primeiramente me apresentar, acreditando que a escrita é uma expressão do que me afeta. Essa breve introdução visa proporcionar um entendimento mais aprofundado sobre quem sou e, possivelmente, contribuir para a compreensão das escolhas feitas ao longo deste percurso.

Sou a segunda filha de Cleuza, uma mulher forte e, em certa medida, solitária. Sou neta de Marcelina. Tenho 45 anos e para as pessoas da minha cidade natal sou a “filha da Cleuza, neta da Marcelina”. Penso ser importante contar sobre isso, pois cresci em uma comunidade que estima pelo nome e as histórias das pessoas. Além disso, sou a primeira filha do casamento de minha mãe com meu pai, marcando o início da minha história.

Minha infância transcorreu em uma cidadezinha muito pequena, que pouco evoluiu ao longo dos anos. Até hoje, quando nos deparamos com a rua ao sair na varanda pela manhã, é comum encontrar uma sacola de supermercado com mandioca fresca pendurada na lança do portão, deixada pelo vizinho ao voltar de sua horta.

Faço parte de um grupo de sete mulheres que compartilham tudo quando estão juntas. A primeira a acordar costuma despertar as demais, até que todas estejam reunidas na “casa da mãe/avó” para o café da manhã. Juntas, realizamos tarefas como limpar, ir ao mercado, preparar refeições, passear, compartilhar o banho, maquiagem, roupas, bebida, comida no prato, sofá e quarto.

O único homem presente nessa história, visto como provedor de acordo com o sistema patriarcal, sempre esteve viajando a trabalho. Ele trazia consigo alimentos, objetos e muitas histórias. Essa dinâmica revela muito sobre quem eu me tornei ao longo do tempo.

Minha criação se deu em uma casa ampla, bonita e confortável. Frequentei a única escola pública de ensino fundamental da cidade, na turma "A". A organização das turmas na escola seguia critérios de rendimento pedagógico, e hoje reconheço que essa classificação também estava relacionada a questões de raça e classe social, excluindo crianças não brancas do grupo. Tive acesso a todos os materiais necessários para um bom desempenho e contei com o apoio de excelentes professores. Ainda, frequentava o clube, era a proprietária da bola e da rede de voleibol nas brincadeiras que aconteciam na rua ou na "prainha", e organizava festinhas em minha casa. Desfrutei de uma infância privilegiada.

Ao viver nessa cidade pequena onde todos se conhecem, é difícil passar despercebida. Sempre há alguém disposto a comentar sobre você ou qualquer outra pessoa da comunidade. Um ponto positivo é que as pessoas sempre foram vistas e quem precisava de ajuda era ajudado. Hoje, percebo que essa dinâmica tem uma influência marcante em minha trajetória e, de certa forma, enviesada e talvez ingênua, conecto-me aos sujeitos¹ da pesquisa e à problemática do meu tema.

Enquanto escrevia esta apresentação, fiquei em dúvida se os parágrafos anteriores devem ser mantidos. Durante esta pesquisa, descobri que nossas experiências, histórias, desejos e formas de perceber o mundo podem ser úteis para os outros. Assim, busco uma escrita que se aproxime não apenas de mim, mas também do outro.

Na adolescência, cursei magistério em um colégio integral, o Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM). Nesse período, tive experiências significativas com uma professora que orientava a prática de estágio e outras disciplinas do núcleo de formação específico. Durante os quatro anos de estudo, enfrentei desafios que foram fundamentais para meu desenvolvimento. Trabalhar com grupos de crianças com deficiência e necessidades específicas, em situações de extrema vulnerabilidade social, com dificuldades de aprendizagem e afastadas da escola devido a tratamentos médicos hospitalares, proporcionou-me contato com diferentes abordagens profissionais e destacou a importância da escuta e do cuidado na prática docente.

¹ Compreende-se o termo "sujeito" nesta pesquisa a partir de Grada Kilomba, escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa. O termo refere-se à relação do indivíduo com a sociedade, sendo um conceito relacional que implica a capacidade de interagir e influenciar ativamente a vida social. Ter o status de sujeito significa que os indivíduos podem participar ativamente na determinação dos temas e agendas sociais, tanto em esferas de intersubjetividade quanto em diferentes realidades sociais. Dessa maneira, os "sujeitos" podem ver seus interesses individuais e coletivos reconhecidos, validados e representados oficialmente na sociedade (KILOMBA, 2019, p. 74). Por isso, tomo emprestada a definição feita por Grada Kilomba, pois em todos os encontros me relaciono com as pessoas em situação de rua a partir dessa compreensão, mesmo que a eles essa condição muitas vezes seja negada.

Em seguida, na graduação em Artes cursada na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru, participei de projetos de extensão universitária desenvolvidos em bairros periféricos da cidade. Finalizei a graduação em janeiro de 2001 e iniciei minha jornada como docente na rede pública estadual de ensino básico na Diretoria de Ensino das cidades de Jaú e Bauru, no Estado de São Paulo. Um ano depois, mudei-me para Diadema para perseguir o desejo de trabalhar com arte e pessoas em situação de vulnerabilidade social, imaginando que encontraria situações mais adversas do que as que eu já conhecia.

Fui professora em escolas de bairros de extrema pobreza e muita violência, indo além da idealização "romantizada" que eu tinha das favelas. Descobri o que era uma favela urbanizada (onde as casas não são compostas apenas por barracos de madeira) e que esse território não se resume à escassez de objetos e oportunidades. Aprendi também que nem todas as pessoas naquele contexto queriam ser ajudadas por mim através da educação que me era familiar, pois o que eu oferecia muitas vezes não fazia sentido para elas, sendo significativo apenas para mim mesma. Minha ação refletia a minha perspectiva de mundo, considerando apenas o que eu compreendia como o melhor ou correto para a vida daquelas pessoas.

Aprendi na prática com essa experiência que a violência se manifesta de muitas formas e que, em comunidades dessa natureza, convivem pessoas com muitas experiências, marcas, dores, saberes e modos de agir.

Diadema, geograficamente marcada por muitos morros, tinha áreas de difícil acesso no início dos anos 2000, onde a violência era tão intensa que nem mesmo o ônibus circular municipal se atrevia a passar. Lecionei em escolas dessa região e, naquele momento, tive os primeiros contatos com jovens e adultos que retornavam para a sociedade em regime de liberdade assistida, jovens envolvidos em atos ilícitos e, ao mesmo tempo, cheios de sonhos e aspirações.

Nesta época, tive também as primeiras experiências com pessoas em situação de rua por intermédio de alguns alunos com quem construí vínculos mais afetuosos, filhos de pessoas que viviam nessa situação. Uma das histórias dessas famílias me marcou profundamente. Convivi meses com as sequelas de uma violência brutal² vivenciada por uma aluna do colegial noturno (atual Ensino Médio), de uma escola pública estadual, que era muito próxima a mim. Seu pai era trabalhador, fazia uso abusivo de álcool e sofria de depressão. Em uma das noites em que ele dormia num lavo jato no centro de Diadema, atearam fogo em seu corpo.

² <https://www.dgabc.com.br/Noticia/160077/homem-tem-o-corpo-queimado-em-diadema>

As vivências que tive nesse período, de 2001-2004, remodelaram meus sonhos e concentrei meus esforços em aprimorar meus estudos para me tornar uma professora e profissional melhor, enquanto aprendia novas estratégias para trabalhar com pessoas em situação de vulnerabilidade através da arte.

Concomitante à experiência em Diadema, de 2002 a 2004, trabalhei em duas escolas de educação infantil na cidade de São Paulo, que atendiam alunos da chamada “elite”. Por meio dessa experiência enriquecedora, aprofundei meu conhecimento nas linguagens da arte e tive a oportunidade de me aprimorar enquanto artista e arte-educadora. No entanto, vivenciar o extremo oposto dessa realidade em comparação com Diadema me fazia refletir diariamente sobre diversas questões, entre elas: os privilégios de alguns grupos, a meritocracia que sustenta a ascensão de algumas pessoas, a quem interessa a perpetuação da pobreza e a negligência dos governos públicos em relação aos grupos menos favorecidos.

Decorrente da aprovação em um concurso público para ser professora efetiva na rede estadual paulista de ensino, em meados de 2004, mudei-me para Araraquara-SP, trazendo, além das minhas malas e alguns móveis, uma bagagem significativa de tudo que vivi em Diadema e em São Paulo, e uma inquietação muito grande.

Entre os anos de 2006 e 2008, morando novamente no interior e trabalhando como docente na rede pública estadual e na rede privada de ensino básico, coordenei um projeto social chamado “Despertar do Voluntariado”, que recebeu o selo de escola solidária concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), uma agência especializada das Nações Unidas (ONU). Durante dois anos, organizei, junto de um grupo formado por alunos e professores nas dependências do Colégio Progresso de Araraquara, atividades artísticas para idosos sem vínculos familiares, residentes na Vila Vicentina³.

Ainda em 2006, em parceria, criei o coletivo artístico Unsquepensa Arte, do qual faço parte. Desde essa época, trabalho no interior e na capital do estado de São Paulo desenvolvendo oficinas e cursos, intervenções artísticas, produção de exposições, entre outros trabalhos, com diferentes grupos de pessoas: crianças, jovens, adultos e idosos.

Nos anos de 2012 a 2014, reconectei-me com os estudos acadêmicos. Cursei uma especialização para professores da rede pública de ensino pelo Instituto de Artes da UNESP

³ A Vila Vicentina é uma instituição filantrópica que oferece acolhimento institucional de longa permanência para idosos em situação de vulnerabilidade e/ou risco social e pessoal. Oferece serviços gratuitos e planejados, em conformidade com o Estatuto do Idoso, visando o desenvolvimento integral dos idosos nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, por meio de atividades educacionais, culturais, de lazer e saúde. Disponível em: <http://www.vilavicentinaararaquara.org.br/?page_id=58>. Acesso em 06 abr. 2024.

de São Paulo e disciplinas de Pós-Graduação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Buscava aprimoramento profissional e compreensão das relações humanas nos processos de mediação em arte e exposições. Em seguida, comecei a lecionar no curso de graduação em Design Digital na Universidade de Araraquara (UNIARA).

Continuei dedicando-me a trabalhos e criações que exploram a interseção entre docência, artes e design, e decidi fazer um aprimorando profissional na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em educação não-formal. Estava em busca de aprender novas estratégias para me relacionar com os participantes das vivências artísticas oferecidas pelos projetos do Unsqe pensa Arte. Apesar do conhecimento adquirido, não encontrei exatamente o que buscava e, até então, não sabia como nomear isso.

No primeiro semestre de 2018, participei de uma experiência envolvendo um projeto do Unsqe pensa no Circuito Sesc de Artes. Nesse evento, realizamos uma série de 36 intervenções artísticas para o público em geral. Essa experiência me fez refletir sobre as estratégias necessárias para acolher os participantes após o contato com a arte.

Depois de vivenciar essa experiência multifacetada como docente, artista, arte-educadora, voluntária e estudante, e ao reconhecer meu desejo de compreender melhor as relações humanas em conexão com a arte, iniciei a busca por oportunidades de formação ou grupos de estudo em áreas do conhecimento que pudessem complementar as que eu já estava envolvida. Foi nessa busca que, em julho de 2019, me deparei com o trabalho realizado pela Constelação Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Em setembro de 2019, iniciei meu envolvimento com o projeto de extensão "Vozes das Ruas: narrativas e memórias da população em situação de rua de São Carlos", em parceria com o Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro POP), vinculado à Proteção Social Especial de Média Complexidade da Assistência Social. De forma complementar, participei de outras atividades de pesquisa e extensão realizadas pela Constelação AHTO, sob coordenação da Profa. Dra. Carla Regina Silva. Destaco que integrei a equipe responsável pela organização do Seminário de Análise dos 10 anos da Política Nacional para a População em Situação de Rua, sediado na UFSCar.

Nos anos de 2020 e 2021⁴, mantive minha participação na equipe responsável pela continuidade dos projetos de extensão "Vozes das Ruas: narrativas e memórias da população em situação de rua de São Carlos" e "Vozes das Ruas: plano de comunicação para ampliar as narrativas e memórias da população em situação de rua de São Carlos", respectivamente. Durante esse período, desenvolvemos os "Cader-ninhos", que são livretos criados com o propósito de estabelecer e manter diálogo com as pessoas em situação de rua. Todo o material produzido foi organizado pela equipe à qual faço parte e publicado em um livro⁵, com o apoio da CPOI/SIBI.

No mesmo ano, a equipe prestou suporte na elaboração do projeto "Cuidar-te", que posteriormente envolveu financiamento coletivo e uma parceria com o Centro POP para a realização de oficinas de formação e geração de renda destinadas às pessoas em situação de rua em 2022.

Desde então, continuo como membra da equipe da Constelação AHTO, que desenvolve projetos e ações voltados para as pessoas em situação de rua. Persisto em buscar compreender e aprimorar minha prática como docente, arte-educadora e artista visual, integrando essas perspectivas com a terapia ocupacional e considerando as singularidades dessas pessoas.

Um dos aprendizados mais significativos que obtive até agora, ao estar em contato com essas pessoas, é o desejo de compreender mais profundamente os encontros que ocorrem nas ruas com elas. Minha interação com a terapia ocupacional despertou em mim o interesse em continuar essa investigação como pesquisa e contribuir para a produção de conhecimento no âmbito desse campo.

No segundo semestre de 2021, matriculei-me no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional (PPGTO) na UFSCar, na linha de pesquisa "Redes sociais e vulnerabilidades". Comecei o programa em março de 2022, com a professora Dra. Carla Regina Silva como orientadora.

Em 2022, continuei minha aproximação com as pessoas em situação de rua, fazendo parte da equipe do projeto CUIDAR-TE, que está em sua terceira edição com o apoio da Secretaria Municipal da Cidadania e Assistência Social de São Carlos (SMCAS).

⁴ Devido ao contexto da pandemia de COVID-19, os encontros com a equipe de trabalho aconteceram semanalmente de forma remota, enquanto os encontros com as pessoas em situação de rua participantes do projeto foram realizados pontualmente de forma presencial.

⁵ Projeto Vozes das Ruas - Cader-Ninhos Volumes 1 e 2. Disponível para download em: <<https://www.sibi.ufscar.br/sobre/cpoi/publicacoes>>.

Até o presente, estou em processo de construção do conhecimento e das respostas que busco para compreender melhor a relação entre arte e subjetividade. No entanto, já posso afirmar que encontro correspondência, como diria Tim Ingold (2022), na terapia ocupacional realizada pela Constelação AHTO.

Nesse contexto, alinhando meu viver entre docência, minhas atividades artísticas e minha pesquisa, concluo esta dissertação que tanto me impacta. No entanto, para que você possa acompanhar melhor minha jornada, acredito ser relevante compartilhar algumas características da minha vida cotidiana que influenciam minha escrita e minha compreensão do mundo.

No meu cotidiano, me expesso melhor através de criações artísticas e mergulho na leitura de poesia. Essas atividades me permitem poetizar os meus dias e acolher os dilemas da vida. A poesia tem sido profundamente transformadora para mim, e não poderia ser diferente neste percurso de pesquisa. A presença do texto poético nesta dissertação é algo que considero essencial e inegociável.

Desde o término da produção de dados no campo, meu desejo sempre foi que o leitor desta dissertação se sensibilizasse com as narrativas, tanto textuais quanto imagéticas. Não queria que o resultado desta experiência fosse simplesmente mais uma notícia de jornal. Meu interesse é explorar o território do sensível e convidar o leitor a fazer o mesmo.

Esta escrita também se concentra na minha jornada como pesquisadora e na minha evolução ao perceber o valor da forma como uma história é contada, mesmo dentro de um contexto acadêmico. Ao reconhecer que a diferença está na maneira como cada pessoa aborda a escrita, minha narrativa ganhou maior personalidade.

Esta dissertação representa uma investigação dedicada a abordar questões cotidianas das pessoas em situação de rua, com ênfase na violência que essas pessoas enfrentam, de maneira diversificada e sob uma perspectiva sensível. Além disso, constitui um desafio cultivar o cuidado em relação ao meu próprio modo de ver, não apenas em termos de como observo ou do ângulo a partir do qual enxergo, mas, sobretudo, em relação aos princípios que fundamentam, motivam e inspiram meu olhar em direção ao que desejo conhecer.

Compartilho a perspectiva do sociólogo Michel Maffesoli (1998), ao destacar a importância de reconhecer que nossa visão do mundo é influenciada por nossas experiências, valores e perspectivas individuais, e que isso inevitavelmente afeta a maneira como interpretamos e analisamos os fenômenos sociais.

Baseio minha escrita em minha própria experiência, concordando com a ideia de que a teoria é sempre moldada pelos indivíduos que a produzem, cada um em seu contexto específico e com suas próprias vivências e emoções, como argumentado por Grada Kilomba (2019). Espero que aprecie, se sinta tocado e que possamos compartilhar uma conversa. Esta pesquisa é sobre conexão e aprendizados.

Prefácio: meus descabimentos

Como eu escreveria bem se não existisse! Se entre a folha branca e a efervescência das palavras e das histórias que tomam forma e se desvanecem sem que ninguém as escreva não se interpusesse o incômodo tabique que é minha pessoal! O estilo, o gosto, a filosofia, a subjetividade, a formação cultural, a experiência de vida, a psicologia, o talento, os truques do ofício: todos os elementos que tornam reconhecível como meu aquilo que escrevo me parecem uma jaula que limita minhas possibilidades. [...] Não queria anular a mim mesmo para tornar-se porta-voz de alguma coisa definida. Só o faria para transmitir o escrevível que espera para ser escrito, o narrável que ninguém narra.
(CALVINO, 1999, p. 175)

Antes de uma pesquisa, um corpo pesquisador.

Antes do tempo da pesquisa, uma fenda para abrir-se ao tempo do pesquisar.

Antes de uma dissertação, algumas criações.

Antes do cumprimento de um prazo, o respeito ao tempo do relógio interno.

Antes de uma produção nos moldes acadêmicos, uma produção nos moldes da minha expressão.

Antes da síntese da pesquisa realizada, uma materialização do percurso vivo da pesquisa em mim.

Antes do compartilhamento dessa experiência, a partilha da gratidão a Isa e Carol, parceiras incansáveis nessa jornada de estudos e perseverança, e a Carlinha, minha orientadora. Elas não apenas acolheram minhas angústias com cuidado e poesia, mas também acreditaram no meu potencial para escrever esta dissertação. Todas estiveram ao meu lado nos momentos difíceis, ensinando-me a reconhecer o corpo da pesquisadora e suas inquietações.

No que diz respeito à Carlinha, embora ela não tenha estado presente durante certas "crises de escrita", sempre se manteve disponível quando necessitei. Hoje, compreendo que existe um momento no desenvolvimento da pesquisa em que a realização se torna algo intrínseco a cada indivíduo. Deve fluir e emergir no mundo através do corpo daquele que a cria. Talvez o termo "solitário" seja aplicável aqui, mas não é como me senti.

É preciso alumiar aquilo que afeta no caminhar

Ler imagens. Ver palavras.

De que maneira faço para escrever como quem eu não sei ser?

Como dizer daquilo que não me sinto segura?

Caminhei por dias pensando em outras maneiras de me reconciliar com as palavras que, sinceramente, depois de anos imersa no mundo das imagens já não são mais minhas melhores amigas. Confio mais no desenho que juntas elas formam, seu tamanho, suas cores e texturas. Sou do tipo que lê primeiro o vazio entre as letras para depois buscar seus significados.

Não foi o bastante! A insegurança de não saber fazer uma nova criação me atravessou e vi a certeza da desistência me tomar - não sei fazer pesquisa nesse campo.

Como artista e amante dos fios, estico a linha que não "se quebra" ao final da página para (d)escrever meu mundo. Alinhavo, costuro, bordo, recorto e colo diariamente as camadas do que sinto e vivo em páginas soltas sem me preocupar com formatação nenhuma.

Era preciso, então, anunciar a escolha. Ler os silêncios.

Na hora marcada compartilhei o que me inquietava e em resposta recebi o convite para enraizar em mim mesma e deixar brilhar as estrelas de nossa Constelação. Compreendi que sou corpo-natureza em conexões com os territórios que habito e que me habitam, alimentando-me na troca comigo mesma e com o(s) outro(s).

Desde então, sigo escrevendo olhares: para os fluxos da pesquisa, para a linguagem híbrida que nos compõe (a mim e a orientadora) e para a confiança que meus/nossos pés saberão por onde caminhar.

Ilustração 1 – “Criar raízes com o que afeta”



Fonte: Colagem feita pela pesquisadora/artista, inverno/primavera de 2022.

Toda escrita, em sua essência, é simultaneamente poesia e tradução, no sentido mais amplo de estabelecer conexões com o mundo e dar origem a diversas realidades (COELHO, 2022). Vale a pena ressaltar que, ao mencionar a criação de múltiplas realidades, trata-se de uma perspectiva em que, segundo a autora:

A escrita e o processo de conhecimento são elementos que se colocam de forma concreta e mediada no mundo e, ao mesmo tempo, refletem sobre a realidade externa sem ser uma cópia ou reflexo dela. Isso porque, ao mesmo tempo em que se insere na história em suas relações, a pesquisa faz influir uma série de outros fatores: a criatividade e a vivência de quem escreve, os processos de mediação entre a vida e a escrita, bem como o fato de que a realidade sobre a qual redigimos está em uma constante transfiguração (COELHO, 2022, p. 17-18).

Para dar forma a uma dissertação, construir substância e transmitir conhecimento intelectual, é necessário escrever, escrever e escrever... No entanto, para manter as reverberações da pesquisa no corpo da pesquisadora, foi essencial acolher e reconhecer os sentimentos experimentados repetidamente. Nesse processo, encontrei uma maneira de

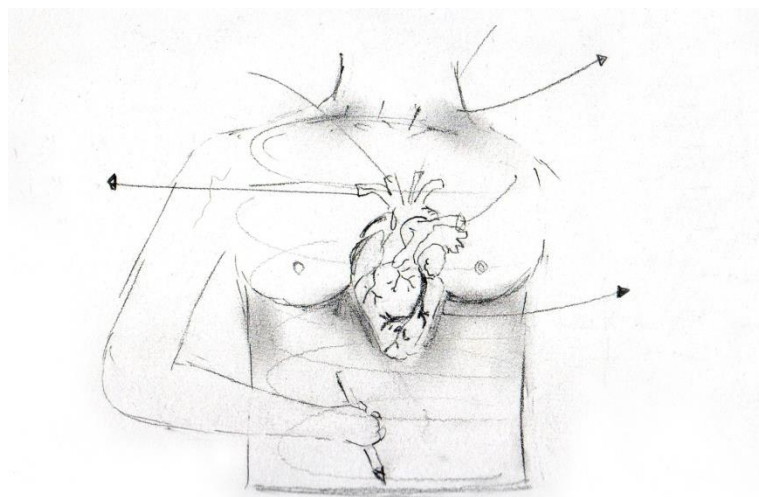
dar espaço ao conhecimento artístico e à multiplicidade, conseguindo expressar a dualidade que me envolvia.

Realizar criações, como os artistas descreveriam, ou produzir resultados, como também poderia ser chamado, significa acolher tudo o que atravessa o meu corpo de pesquisadora, um corpo que experimenta e vive, um corpo-experiência. Isso implica revelar um corpo vivo que carrega as marcas de hostilidades, particularmente aquelas geradas pelo ambiente acadêmico em alguns momentos pelos quais passei. De acordo com Suely Rolnik, escrever:

[...] é na maioria das vezes conduzido e exigido pelas marcas: dá para dizer que são as marcas que se escrevem. Aliás só sai um texto com algum interesse quando é assim. Aí escrever traz notícias das marcas e tem o poder de ampliar minha escuta e suas reverberações (ROLNIK, 1993, p. 9).

A partir deste percurso de estudo, compreendo, neste momento, o que Clarice Lispector afirmava em um dos poemas de "A hora da estrela": "Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo" (1998, p. 16). Afirmo, então, que a minha escrita não é apenas um processo mental; ela também tem origem nas emoções, como ilustrado na imagem 2.

Ilustração 2 - "Texto do corpo e o corpo do texto" (projeto para uma escultura).



Fonte: Criação da pesquisadora, 2023.

Figura 1 – Registro do processo de criação da escultura “Texto do corpo e o corpo do texto”.



Fonte: Foto: Mazzon Gil.

Reconhecendo-me como artista e pesquisadora, compreendo que os artistas se inserem de maneira fascinante na interação com diversos ambientes da nossa existência, dando vida a obras que moldam aquilo que frequentemente reside no domínio do invisível, assim como a escrita dá forma ao que não é visível. Nessa interseção de modos de existência únicos, a (re)invenção de outras formas de ser cria conexões fluidas com o mundo e novos significados.

Na transversalidade – da artista que realiza uma pesquisa em terapia ocupacional – surgem novas possibilidades. Transito entre ciência e arte, entre palavras e imagens, fotografias e expressões artísticas, “riscando” assim um processo de transformação. Pois, como Rolnik descreve, “escrever é traçar um devir” (1993, p. 249), um devir que instaura um estado de movimento e desassossego.

Com relação à escrita na pós-graduação, Ângela Castelo Branco e Giuliano Tierno, em seu livro “Abrigar a Impermanência” (2023, p. 21), concordam que “há um momento em que é preciso experimentar o sabor de nossos próprios gestos e palavras. [...] em que é preciso abrir espaço para que as perguntas venham, para que os tremores e os temperos continuem existindo”.

O receio do desconhecido mundo acadêmico, sob a ótica do cuidado, sem comprometer o rigor e a exigência, levou-me a explorar camadas adormecidas em mim que necessitavam de atenção e, em sequência, elaboração. Isso permitiu que eu atribuisse um novo significado à minha experiência na pós-graduação, numa perspectiva em que o rigor “é

ressignificado. [...] está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo. [...] A precisão é tomada como compromisso e implicação na realidade, como intervenção” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2020, p. 11).

Fomentar uma sensibilidade em relação ao que era observado, vivenciado e escutado tornou-se uma parte integral do processo. Abrir espaço para o desenrolar dos acontecimentos e para a própria jornada, acolhendo tanto os desafios quanto as facilidades, as alegrias e as adversidades, representou uma tarefa constante e desafiadora.

Para alcançar esse objetivo, estabeleci alianças fundamentais. São elas:

a) Com minhas parceiras de pesquisa, dentro do grupo coordenado por nossa orientadora, Carlinha. Participamos de encontros, tanto presenciais quanto remotos, compartilhando experiências e estratégias para materializar as nuances das pesquisas em nossas próprias vivências.

b) Com minha orientadora, que acolheu com grande sensibilidade as diferentes crises que surgiram ao longo do caminho, fornecendo apoio e encorajamento.

c) Com as amigas parceiras e também pesquisadoras do grupo "Potinho das Brincadeiras", que, por meio de estratégias criativas e apoio mútuo, contribuíram para desmistificar o fantasma da pós-graduação e tornar a jornada mais leve.

d) Com autores cujas palavras e perspectivas ressoaram profundamente com meu modo de ser. Encontrei significado nas práticas que já realizava e que não precisei abandonar, permitindo-me continuar sustentando meu percurso.

Diante desse contexto, compartilho a perspectiva de Jorge Larrosa (2002), que nos convida a uma reflexão sobre a educação a partir de uma abordagem existencial e estética. Segundo o autor, as palavras desempenham um papel significativo na atribuição de significados, na construção de realidades e, por vezes, atuam como poderosas ferramentas de subjetivação, configurando “uma poética da existência” (LARROSA, 2012, p. 9).

Para Larrosa, o uso das palavras está intrinsecamente ligado à nossa autopercepção, à forma como nos relacionamos com os outros e à nossa inserção no mundo que nos cerca. O ato de pensar, nas palavras do autor, é principalmente um processo de “dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2012, p. 16-17). Esse processo não apenas nos forma, mas também nos transforma ao longo do tempo.

Micronarrativa 2 – Tomada de consciência I, sonhar.

“Há pouco tempo ela aprendeu a confiar nas palavras. Palavras do tipo que nascem na cabeça, atravessam o lado direito do corpo e ganham vida através das mãos. Mas, pensando bem, seria melhor dizer que, ao invés de aprendeu, compreendeu que escrita nascente não vem só da mente. Palavras quando brotam nem sempre pendem para um único lado ao levantar-se. Se as palavras são matérias ativadoras de um corpo, elas também nascem no próprio corpo. No corpo inteiro. Assim, descobriu que aquilo que aprendera a vida inteira sobre o corpo do texto era somente uma forma de fazer e atentou-se, então, que existe o texto do corpo. Um corpo em correspondência com o mundo que habita. Apreendeu que não é preciso forma ou fôrma para delinear a palavra-experiência e que podemos sonhar com sua existência.”

Fonte: Texto escrito pela pesquisadora, 2023.

Aprendi a encontrar minha voz na escrita e a usá-la para criar textos com significado profundo. Esse processo não apenas transmite ideias de forma significativa, mas também promove o desenvolvimento pessoal. Ao integrar a linguagem com a própria experiência física e emocional, a escrita se torna uma extensão do corpo e das emoções do autor (LARROSA, 2012).

COM QUEM ESTA PESQUISA DIALOGA?

POP RUA: quem são essas pessoas e em que situação estamos?

*Os afetos atravessam o corpo como flechas,
são armas de guerra.
(Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1996)*

No início do século XX no Brasil, o êxodo rural e a migração decorrente do crescimento industrial impulsionaram o aumento do contingente de pessoas marginalizadas nos centros urbanos (MONTEIRO, 2017; SANTOS, 2019). No cenário atual, a concentração de pessoas que têm a rua como lugar de subsistência e moradia vem se acentuando devido à precarização das relações de trabalho, ao desemprego e às transformações econômicas (SILVA, 2006; ARGILES, 2012), agravando ainda mais a condição dessas pessoas.

Segundo Vieira et al. (2004), estar em situação de rua não é o destino predefinido para essas pessoas, mas uma das realidades que podem se materializar devido a uma variedade de circunstâncias, que incluem desde conjunturas que limitam oportunidades de emprego e moradia até aspectos individuais relacionados a histórias de vida pessoais, condições físicas e mentais.

Nesse sentido, a presença de pessoas vivendo em situação de rua não ocorre por acaso, está relacionada a uma série de elementos, como questões sociais, econômicas, históricas e falhas nas políticas governamentais. O atraso das políticas públicas mostra que as medidas adotadas não estão sendo eficazes o bastante para lidar com o problema, indicando uma falta de acompanhamento adequado da evolução da situação dessas pessoas, conforme aponta Tiago Silva (DA SILVA, 2014).

Essa preocupação é corroborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada⁶ (IPEA), que, em 2016, mapeou cerca de 101.854 pessoas vivendo em situação de rua no Brasil; em março de 2020, no contexto pandêmico, apresentou dados alarmantes, 222 mil pessoas. Esse novo dado representa um aumento de 140% entre 2012 e março de 2020.

Esses números evidenciam a necessidade urgente de políticas mais eficazes e abrangentes para lidar com a situação dessas pessoas, o que representa um desafio para o Brasil. Isso porque o censo realizado no país tem como referência básica o domicílio, o que acaba por desconsiderar as pessoas que não possuem residência fixa (VIEIRA et al., 2004).

⁶ Dados obtidos a partir de consulta ao Cadastro Único do Governo Federal (CadÚnico) e do Censo Anual do Sistema Único de Assistência Social (Censo SUAS), que reúne informações das secretarias municipais (IPEA, 2020).

De acordo com Vieira et al. (2004), “no Brasil não existem dados confiáveis sobre o número de pessoas que vivem nas ruas” (p. 48), em razão dessa forma de realização do censo, o que se agrava por algumas características dessas pessoas, tais como a heterogeneidade, o deslocamento geográfico, econômico e social.

Percebe-se, assim, que no decorrer dos últimos 100 anos as formas de compreensão das chamadas **pessoas em situação de rua**⁷ têm passado por transformações. Nas últimas décadas, estudos passaram a abordar essas pessoas sob uma perspectiva diferente, deixando de enxergá-las apenas como migrantes e desempregadas para considerá-las a partir da condição de exclusão e vulnerabilidade (OLIVEIRA, 2012).

Essa compreensão, conforme destacado por Oliveira, tem orientado os debates e servido como base para a “elaboração das políticas [brasileiras] de intervenção social, especificamente na assistência social, a partir do final dos anos 1990 e no decorrer da primeira década dos anos 2000” (p. 137).

O reconhecimento, a partir da Constituição Federal de 1988, das políticas sociais como políticas públicas, demarcou a mudança de paradigma em relação ao padrão histórico predominante até então. Essas conquistas vêm se consolidando nas normativas e leis que regem a Assistência Social. A partir de 2004, com a instituição da Política Nacional de Assistência Social – PNAS e da Norma Operacional Básica do SUAS – NOB/SUAS, em 2005, em consonância com a Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, esta área passa a ser organizada por meio do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, ancorado no pacto federativo, com mecanismos de pactuação e de controle social, garantindo transparência e primazia da responsabilidade do Estado. A institucionalização do SUAS foi um marco de ruptura com o clientelismo e com a lógica do favor no Estado brasileiro.

A Assistência Social é política de seguridade social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas, a quem dela necessitar (PNAS, 2004).

⁷ No decorrer da realização desta pesquisa, optamos pelo uso do termo “**pessoas em situação de rua**” para nos referirmos àqueles que vivem nas ruas ou utilizam esse espaço como principal forma de sociabilidade. No entanto, existem outras formas de se referir a essas pessoas, como “população em situação de rua” (terminologia adotada na tipificação nacional pelo Governo Federal), “moradores de rua”, “mendigos”, entre outras. Cada uma dessas denominações está inserida em contextos ideológicos distintos.

No contexto dessas mudanças, instituídas a partir da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS - Lei 8.742/93, modificada pelas leis 12.101/09 e 12.435/11), destaca-se o Decreto 7.053/09, que estabelece a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR).

A PNPSR estabelece, entre outros objetivos, o desenvolvimento de iniciativas educativas contínuas que visem à promoção de uma cultura de respeito, ética e solidariedade entre as pessoas em situação de rua e os demais grupos sociais, visando garantir o respeito aos direitos humanos. Além disso, prevê a criação de Centros de defesa dos direitos humanos para essas pessoas, assim como sua participação no Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional da População em Situação de Rua⁸.

A PNPSR é reconhecida como uma conquista no âmbito dos direitos humanos, resultado de reivindicações e negociações entre o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) e o governo federal, conforme destaca Da Silva (2014). O autor também ressalta a mudança na linguagem dos direitos humanos adotada pelos militantes do MNPR, que inclui tanto pessoas em situação de rua ou com experiência nas ruas quanto parceiros e apoiadores, como assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros, advogados e pesquisadores.

A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada entre agosto de 2007 e março de 2008 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), identificou que o perfil dessas pessoas é diversificado.

De acordo com o Decreto nº. 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua e o seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, considera-se população em situação de rua:

o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009, s/p).

⁸ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Política Nacional para a População em situação de rua, Decreto n.

7.053, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em 10 jul. 2021.

Apesar de estabelecido na Constituição Federal (2009) o caráter fundamental dos direitos sociais e da instituição da Política Nacional para a População em Situação de Rua, ainda persiste uma lacuna na efetiva implementação das diretrizes preconizadas.

Para Sarmiento (2020), nesse contexto, uma alternativa seria a união de elementos essenciais para o bom funcionamento e evolução das políticas públicas, uma vez que não há uma única "metodologia-chave" para resolver toda a problemática.

A PNPSR, além de identificar o perfil dessas pessoas, também mapeou os diversos motivos que justificam o processo de chegada e permanência nas ruas, podendo ocorrer de maneira gradual e tornar-se uma ocupação permanente (CAMPOS, 2012).

Esses motivos revelam fragilidade nos vínculos familiares e instabilidade nas condições de vida, o que demonstra ainda mais a necessidade de uma abordagem dinâmica e adaptável por parte das políticas públicas para atender às necessidades em constante mudança desse grupo vulnerável.

A situação de rua pode representar diferentes configurações para cada pessoa que a utiliza como seu local de vivência (FÉLIX-SILVA; SALES; SOARES, 2016). Os modos de existir, ser e estar nas ruas são variados, e seria um equívoco considerá-los homogêneos, pois, conforme afirmam SILVA et al. (2018, p. 2), "cada vez mais a rua é ocupada por indivíduos diversos e que trazem consigo histórias múltiplas e diferentes formas de viver".

Essa heterogeneidade é fundamental para a compreensão dos modos de vida dessas pessoas, que, apesar de enfrentarem políticas higienistas e de exclusão das cidades, desenvolvem estratégias e vínculos sociais para sobreviver nos espaços que ocupam (GALVANI, 2008).

A rua é comumente considerada um ambiente desfavorável, quando avaliada por critérios mínimos de bem-estar, saúde e segurança. Apesar de as narrativas sobre essas pessoas frequentemente estarem associadas a experiências de perda, é importante destacar que "essas [narrativas] são passíveis de discussão" (CAMPOS, 2012, p. 142).

De outra perspectiva, a cidade pode ser compreendida como um "território da vida" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 55), demandando a necessidade de "ampliar o campo da percepção, de modo a perceber, nos invisíveis, outros saberes - fugitivos do hegemônico que nos aprisiona" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 60).

Consoante com essas distintas abordagens, os estudos acadêmicos adotam diferentes perspectivas de análise: enquanto alguns priorizam as vulnerabilidades e necessidades dessas pessoas vulnerabilizadas, outros se concentram nas potencialidades e

estratégias que possibilitam o enfrentamento das dificuldades cotidianas, gerando debates em torno dessas representações sociais.

Mattos e Ferreira (2004) expõem representações pejorativas presentes nas relações sociais que contribuem para a marginalização das pessoas em situação de rua, tais como vagabundo, preguiçoso, bêbado, sujo, perigoso, coitado e mendigo.

Alguns estudos fornecem dados indicativos de que a permanência das pessoas nas ruas é um modo de vida. Ao invés de evitarem essas situações, optam por enfrentar o risco de transformá-las em seu lar. Mesmo nos lugares onde não são esperadas, essas pessoas têm a possibilidade de se constituírem como agentes políticos nas cidades (SILVA; HÜNING, 2015).

Nesta lógica, para depreender esse fenômeno de maneira mais abrangente, é necessário evitar a caracterização distorcida que resulta de visões descontextualizadas (SNOW; ANDERSON, 1998) e a reprodução de um olhar estereotipado que contribui para a manutenção de uma visão hegemônica excludente (ABIB, 2014). A atenção às necessidades dessas pessoas, suas expressões e vulnerabilidades implica no desenvolvimento de políticas públicas e na compreensão de seus direitos.

Nesse âmbito, diante da elaboração de políticas e direitos sociais para as pessoas em situação de rua, em um Estado cada vez mais pautado pelo capitalismo neoliberal, Silva e colaboradores (2018) enfatizam a urgência de outras formas de compreensão dessas pessoas, que possam promover novos discursos e formas de percepção de sua pluralidade e de suas condições de existência.

Mendes et al. (2019), em uma revisão sistemática sobre pessoas em situação de rua, apontam uma variedade de tipos de pesquisa e elementos relevantes, enfatizando principalmente as disparidades entre estudos norte-americanos e latino-americanos. Os primeiros são predominantemente quantitativos e se aproximam de análises de risco, pressupondo a culpabilidade individual. Já os últimos direcionam-se mais para a contextualização das condições socioeconômicas e a busca dos motivos que levam à situação de rua, aproximando-se das análises de vulnerabilidade.

Os autores destacam que os processos de marginalização são complexos, e não é possível afirmar que mesmo se não estivessem em situação de rua, essas pessoas não vivenciariam outras vulnerabilidades (MENDES et al., 2019).

Questionando a visão das pesquisas estadunidenses e considerando as condições de desigualdade e vulnerabilidade sociais, Costa (2016) ressalta que embora a pobreza e a

marginalização sejam experienciadas por indivíduos e famílias de forma pessoal e direta, sua compreensão e enfrentamento não devem ser limitados apenas ao nível individual.

É fundamental reconhecer que esses problemas têm raízes mais amplas e estruturais na sociedade. Portanto, é necessário adotar abordagens que considerem esses aspectos sistêmicos para sua compreensão e resolução.

É dentro deste contexto que diferentes pessoas e grupos têm visões e experiências particulares sobre o que significa estar em situação de rua, o que é influenciado por diferentes pontos de vista e trajetórias individuais (DA SILVA, 2014).

O autor sugere que há um campo de disputas em torno dos significados e interpretações desse termo, onde diferentes discursos refletem diversas perspectivas, experiências e disponibilidades dos envolvidos. Essas disputas envolvem uma luta para definir o que realmente significa estar "em situação de rua", incluindo as experiências individuais e coletivas associadas a essa condição.

Esse campo de disputas é o espaço onde os significados e representações associados à situação de rua e à política que a envolve são negociados e contestados.

Considerando essa realidade social que permeia todo o país e a abordagem característica das pesquisas latino-americanas, algumas universidades, tanto públicas quanto privadas, têm realizado pesquisas acadêmicas em nível de pós-graduação e projetos de extensão nos cursos de graduação no Brasil. Essas iniciativas visam compreender as raízes mais amplas e estruturais da pobreza e marginalização, bem como propor soluções que abordem esses aspectos sistêmicos.

Neste contexto, o grupo de pesquisa, ensino, extensão e cultura de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), vêm desenvolvendo há onze anos diversos trabalhos com pessoas em situação de rua na cidade de São Carlos-SP. Os trabalhos são construídos e sustentados a partir de perspectivas sensíveis e críticas, pautados na construção de conhecimento junto com essas pessoas.

Dentro desse contexto, nasce então esta pesquisa de mestrado que tem como objetivo mapear perspectivas plurais sobre/com as pessoas em situação de rua, a partir do convite e da percepção de expressões criativas dos cotidianos desse grupo populacional e criar um repositório subjetivo e sensível sobre a temática.

Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Refletir coletivamente sobre os modos de produção de sentidos sobre o 'estar em situação de rua', questionando representações e estereótipos sociais;

- b) Documentar os trabalhos realizados no que toca às preferências, referências estéticas e intenções dos criadores dos objetos artísticos, de forma a apresentar a diversidade e as demandas desse grupo;
- c) Contribuir para uma visão ampliada das pessoas em situação de rua, que possa influenciar o desenvolvimento de políticas públicas, a compreensão de seus direitos e o debate sobre as desigualdades e exclusões vividas por este grupo.

PALAVRA É PAISAGEM: Terapia Ocupacional e meu encontro com a Constelação AHTO

*Se abrissemos as pessoas,
encontraríamos paisagens.
(Agnès Varda, 2008)*

Paisagem I

Tudo começa com a intenção:

de experimentar os processos artísticos em composição com a saúde mental
de buscar mais conhecimento em uma especialização que nunca chegou a ir para o

lattes

de iniciar formações que se despediram ao longo do percurso

de acolher os corações transbordantes que se permitem compartilhar minutos de sua vida com proposições artísticas

de aprender a chorar junto de olhos adultos marejados diante de um brinquedo criado pelas próprias mãos

de me permitir afetar na relação com o outro

de sustentar a não neutralidade

de visitar uma universidade no retorno para casa da viagem de férias, com a amizade selada na graduação

de apreender o cuidado como prática transformadora

de explorar o espaço de uma Constelação

Paisagem II

Tudo começa com o encontro:

com o balanço branco que oferece espaço para dois corpos

com o armário de nichos acessíveis que acomodam doações

com a gentileza da funcionária

com a escuta da coordenadora

com a resposta da professora

com o abraço da futura orientadora

com o rearranjo da realidade dentro de mim

Paisagem III

Tudo acontece a partir:

da escolha de acompanhar um projeto com pessoas em situação de rua da autonomia para sugerir propostas artísticas a um grupo de terapeutas ocupacionais

da possibilidade de vivenciar uma composição entre áreas sensíveis

da experiência de viver o "eu artista" enquanto lugar coletivo

da aprendizagem sobre o cotidiano de pessoas vulnerabilizadas

do reconhecimento dos saberes e experiências de um grupo de pesquisadoras

da compreensão das dimensões individuais e sociais da experiência humana

do exercício da linguagem, dos afetos e da subjetividade como territorialização

Essas experiências e reflexões poéticas são o ponto de partida para uma compreensão mais ampla da relação entre essa terapia ocupacional que me acolheu e as diversas paisagens humanas, na perspectiva de uma artista-pesquisadora, que traz em seu repertório teórico a formação e a atuação no campo da arte.

A escolha do título "Palavra é Paisagem" decorre da ideia de que as palavras podem ser consideradas como elementos que compõem uma paisagem, sendo partes integrantes do nosso ambiente perceptivo e simbólico. Assim como uma paisagem é formada por diferentes elementos visuais, uma palavra pode ser vista como um elemento que compõe a nossa experiência sensorial e mental.

Ademais, essa expressão sugere que as palavras têm o poder de evocar imagens mentais e criar cenários simbólicos em nossa mente⁹, tal como uma paisagem física pode despertar emoções e sentimentos. A frase "palavra é paisagem" destaca a importância das palavras como elementos essenciais para construir e representar nossas vivências e percepções.

Além disso, a compreensão da paisagem como uma trama complexa de elementos culturais é fundamental para perceber que ela vai além de uma mera cena visual. A paisagem é uma trama interconectada de elementos culturais, percebida não apenas como um cenário

⁹ Imagens mentais que podem remeter ao imaginário estereotipado da pessoa em situação de rua, representado pela figura do ser humano com vestimentas rasgadas, sujo ou sob efeito de substância, assim como criar cenários simbólicos que nos remetam a paisagens degradantes, sem se dar a chance de conhecer a realidade. Ao me aproximar destas pessoas, percebo que esta representação estereotipada é comum na sociedade, por vezes baseadas em preconceitos e ignoram a complexidade e diversidade das experiências de vida nas ruas, e pode contribuir para a perpetuação de preconceitos e discriminações.

estático, mas como uma rede dinâmica de significados e interações entre o observador e seu ambiente (SEBASTIÃO, 2021), e a percepção da paisagem é influenciada pela cultura e pelas experiências individuais¹⁰ (CAUQUELIN, 2007).

Diante desse conjunto de paisagens, acontece minha chegada ao AHTO. Naquele momento, encontro uma trama tecida por diferentes projetos de extensão, pesquisas e ações com as pessoas em situação de rua. Chego no meio e ali se faz o meu ponto de partida, pelo meio, assim como o fio da linha que é puxado pelo miolo do novelo¹¹ para dar início a uma nova tecitura.

Inauguro minha interação com as pessoas em situação de rua acompanhando o projeto “Vozes das ruas: narrativas e memórias da população em situação de rua de São Carlos – SP”, em 2019. Durante os encontros, percebo ressonância no modo de fazer-pensar-agir das terapeutas ocupacionais desse grupo, que estabeleciam alianças e correspondências com as pessoas envolvidas nos projetos, que conduziam e participavam.

Nas alianças, há uma busca ativa por conexão e cooperação, onde os participantes se unem e colaboram para alcançar um objetivo comum. Por outro lado, as correspondências envolvem relações onde os participantes não apenas se encontram, mas também se constituem e se transformam ao longo do processo (INGOLD, 2022). Essa dinâmica se manifesta em um exercício de constante modulação da presença, tornando-se porosos ao encontro e aos atravessamentos das situações (SHIRAMIZO, 2023).

Dentro dessa perspectiva, consideram-se participantes as pessoas que conduzem as atividades no papel de terapeutas e artistas, quanto aquelas que chegam para realizá-las. Não há distinção hierárquica entre as funções, mas sim uma conformação rigorosa dos papéis e a disponibilidade para ser afetado, reconhecendo que o encontro só se faz a partir da presença (SHIRAMIZO, 2023).

Dessa forma, pode-se afirmar que essas relações não são estáticas, mas dinâmicas, e os envolvidos mudam e se desenvolvem à medida que interagem e se relacionam uns com os outros. Esse processo nos conecta à rede dinâmica de significados e interações descritas acima, e a uma contínua criação de conexões e continuidades, resultando em recriações permanentes dos elementos envolvidos (DEWEY, 1979).

¹⁰ No contexto de que elaboramos nossas experiências a partir da relação com nosso repertório individual e com o ambiente em que vivemos.

¹¹ Metáfora que remete à prática de encontrar a ponta do novelo de lã ou da linha para crochê, puxando o fio que está dentro do novelo, no miolo, para iniciar seu trabalho, evitando que o fio embole ou que o novelo fique desprotegido.

Foi possível, então, perceber como essa terapia ocupacional e minha perspectiva das artes visuais podem se entrelaçar, estabelecendo cooperações com os mundos e em suas relações, desviando-se da norma ou do padrão estabelecido.

Conforme Dewey (1979), o mundo físico ao nosso redor é o cenário onde ocorrem nossas experiências, constituindo o ambiente dinâmico no qual nos movemos e agimos, sujeitos a uma constante mudança e interação mútua. Esse entendimento é complementado pela perspectiva de Cauquelin (2007), que destaca a influência da cultura e das representações simbólicas na percepção da realidade, ideia de que essas pessoas se percebem também na relação com o outro.

Nesse cenário, habitando o território do AHTO, que se embasa e se fundamenta nas experiências do vivido e suas expressões enquanto forma de existência e resistência (CARDOSO, 2023), ético-político-cultural (SILVA, 2019), na sensibilidade, crítica, ética, estética e ancestralidade, para fundamentar suas construções teóricas, me sinto pertencente e permaneço participante (WEIL, 2022).

Para Simone Weil¹² (2022), o pertencimento (enraizamento) é uma necessidade da alma, uma forma de experimentar a vida sem o entorpecimento da exaustão e do acúmulo de distrações que nos afastam de nós mesmos, ao mesmo tempo em que se configura como fator importante para a vida política e social.

O enraizamento é talvez a exigência mais importante e ignorada da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural

na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos presságios do porvir (WEIL, 2022, p. 65).

A culminância dessas intersecções é a própria noção de pertencimento e enraizamento. Como observou Rilke (2010), a maioria dos acontecimentos da vida e da experiência humana são tão complexos e profundos que escapam à linguagem e ocorrem em um nível mais profundo, onde as palavras não conseguem alcançar. Há momentos e experiências que estão além da capacidade das palavras de descrever ou capturar completamente.

¹² Simone Weil, escritora e filósofa francesa da primeira metade do século XX, é conhecida por suas reflexões sobre questões éticas, sociais e espirituais. Sua obra aborda uma ampla gama de temas, incluindo a necessidade da alma, dentre elas, o enraizamento, que é central em seu trabalho final, "O Enraizamento". Neste texto, ao abordar suas ideias, aspectos mais esotéricos e religiosos são deixados de lado, enquanto outros são destacados por sua relevância filosófica e prática.

Esta nomenclatura por vir, conecta e propõe uma coexistência entre palavra, paisagem, experiência, expressão e pertencimento. Esses elementos, quando integrados, ganham forma e humanizam os rastros e percursos expressivos das pessoas envolvidas nesta pesquisa.

De acordo com Bajour (2023), ao compartilharmos experiências em um espaço de intercâmbio, seja ele acadêmico, profissional ou social, precisamos encontrar as palavras e os gêneros adequados para expressar as “singularidades, descobertas e dificuldades que toda prática implica” (p. 158).

Nesse contexto, as paisagens são narrativas (ponto de vista da ciência) que merecem ser analisadas com profundidade, considerando sua riqueza de detalhes, texturas, cores e formas. A narração de histórias é uma forma de resistir aos processos de redução e homogeneização da vida. Conforme Ana Godoy observa,

O problema político de escrever não é aquele da narrativa, da representação da mudança; mas, sim, o da apresentação da mudança, que é da ordem do inenarrável. Aqui se coloca a urgência de uma escrita que possa atravessar as palavras arrancando as coisas do mutismo no qual a fala cotidiana as mantém. Uma escrita cuja potência seja também uma violência e uma delicadeza (GODOY, 2011, p. 43).

O pensamento, quando direcionado para a vida em sua capacidade criativa, nos permite ser afetados pelas forças do nosso tempo (ROLNIK, 2016) e lidar com o “estranhamento” que sentimos. Ao fazermos isso, somos impulsionados a reavaliar nossas perspectivas e a nos adaptar às mudanças, o que pode ser uma fonte de crescimento pessoal e entendimento mais profundo sobre nós mesmos e sobre o mundo quando somos arrancados do contorno através do qual até então nos reconhecíamos.

Arte e Terapia Ocupacional semeiam e cultivam parceria com as pessoas em situação de rua na cidade de São Carlos

É toda a vida cotidiana que pode ser considerada uma obra de arte. [...] Enquanto exprimem as emoções coletivas [...] constituem uma verdadeira "centralidade subterrânea", um irreprímível querer viver, que convém analisar.
(MAFFESOLI, 1996, p. 26-27)

As interações sociais significativas e as expressões de emoções coletivas são aspectos fundamentais da experiência humana em sua totalidade, como argumenta Maffesoli (1996). A vida cotidiana desempenha um papel central na formação da identidade individual e coletiva, além de moldar as práticas culturais, afirma o autor.

Considerando a influência desses aspectos na moldagem das práticas culturais, identifico abordagens colaborativas entre terapia ocupacional e arte (SILVA et al., 2015; SILVA et al., 2016; SILVA et al., 2018; RIBEIRO et al., 2020; PEGORARO et al., 2020; SILVA; SHIRAMIZO, 2022) como eficazes para enfrentar questões sociais complexas. Ambos os campos atuam dentro do contexto de práticas culturais, e ao unir suas forças, proporcionam novas perspectivas para os problemas enfrentados pelas pessoas em situação de rua em São Carlos, foco desta pesquisa.

Essa colaboração contribui para a melhoria da qualidade de vida e o empoderamento desses sujeitos, destacando-se a importância das interações sociais e das práticas culturais na intervenção social.

A esse respeito, de acordo com o Art. 25º. da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle (ONU, 1948, s/p.).

No entanto, observa-se que as cidades e as políticas públicas não conseguem garantir a segurança necessária. Conforme os dados do I Censo da População em Situação de Rua realizado em 2019 na cidade de São Carlos, foi identificado um total de 246 pessoas vivendo nessas condições (DEI AGNOLI, 2021; SILVA; PINHO, 2022).

Desse total, cerca de 80% das pessoas em situação de rua possuíam vínculos familiares, mas foram levadas às ruas devido ao desemprego e à falta de estrutura econômica. A faixa etária predominante é entre 30 e 60 anos, representando 70% dos sujeitos. Além disso, o censo revelou que 88% eram do sexo masculino e 3% eram mulheres trans.

O estudo também apontou que 27% estavam em situação de rua há mais de 10 anos, 15% entre 5 e 10 anos, e 22% há seis meses. É importante ressaltar que a houve a expressão do desejo de reintegração à sociedade por meio do retorno aos estudos e da busca por emprego.

Esses dados, em conjunto com os apontamentos anteriores, evidenciam transformações nas construções sociais e nas políticas voltadas para pessoas em situação de rua, refletindo a necessidade de intervenções abrangentes que considerem tanto questões individuais quanto estruturais, conforme ressalta Costa (2016) na perspectiva da intervenção em terapia ocupacional.

Conforme aponta a autora, um dos principais desafios é intervir no âmbito pessoal sem negligenciar estratégias e metodologias que impactem as estruturas sociais, reconhecendo a complexidade das necessidades dessas pessoas.

Nesse contexto, a terapia ocupacional como um campo histórico que busca lidar com questões relacionadas a populações excluídas, como as pessoas em situação de rua (LIMA, 2003) pode contribuir de maneira significativa, especificamente com seu enfoque no cotidiano e nas atividades que o constituem (GALHEIGO, 2003; 2020).

Essa contribuição ocorre numa perspectiva ético-política, vislumbrando a articulação social e científica, afetando os modos de concretização das vidas das pessoas por meio da escuta crítica e sensível (GALHEIGO, 2016).

Na terapia ocupacional, adotando uma perspectiva crítica, os conflitos sociais são encarados como elementos intrínsecos às relações sociais, demandando uma análise fundamentada na complexidade das narrativas pessoais e coletivas, nos contextos em que se originam (GALHEIGO, 2012).

Nesse sentido, em diálogo com terapeutas ocupacionais, aprecio suas capacidades de observar e analisar a realidade de sua região e território (MORÁN; ULLOA, 2016), posicionando-se criticamente contra as condições injustas da vida cotidiana dessas pessoas e sendo capazes de elaborar intervenções alinhadas às especificidades culturais locais (BARROS et al., 2007).

Esse compromisso ético-político para a transformação social implica esforços em prol da emancipação de indivíduos e grupos, respeitando a diversidade, garantindo acesso a direitos, promovendo a participação social e buscando a justiça social (GALHEIGO, 2012; 2016).

O exercício da terapia ocupacional ao se envolver com movimentos sociais e culturais, na defesa dos direitos sociais e humanos de indivíduos e coletivos “não são vozes isoladas” (BARROS; GALVANI, 2016, p. 106), e tem se tornado “um pilar fundamental da profissão” (SILVESTRINI; SILVA, 2019, p. 935).

Elizabeth Lima (2003) observa uma mudança na abordagem da terapia ocupacional contemporânea, mencionando que algumas práticas da terapia ocupacional estão desafiando a lógica disciplinar tradicional, que costumava impor padrões e normas. Em vez disso, essas abordagens estão reconhecendo e valorizando a diversidade, afirmando o direito à diferença e encontrando aspectos positivos nas formas de vida mais singulares e em situações adversas.

Assim, com base na diversidade de práticas e conhecimentos dentro do campo da terapia ocupacional, que abraça diversas racionalidades e percepções da realidade, esta pesquisa foi proposta, reconhecendo que essa diversidade se manifesta e se expande por meio das interações da terapia ocupacional com as pessoas e coletivos com os quais trabalha (SILVA et al., 2019) e em composição com outras áreas de conhecimento.

Essa pesquisa também está alinhada à abordagem anteriormente mencionada das pesquisas latino-americanas sobre pessoas em situação de rua, buscando entender a vida na rua como a habilidade dos indivíduos em transformar tanto seus territórios geográficos quanto existenciais (OLIVEIRA, 2012).

Busca-se contribuir para uma compreensão mais abrangente das pessoas em situação de rua, por meio de uma pesquisa-intervenção focada na compreensão de seu cotidiano junto a essas pessoas. Reconhecemos que as atividades desempenhadas por essas pessoas são expressões tanto subjetivas quanto sociais, que conectam indivíduos ao contexto em que vivem (SILVA et al., 2019).

Nesse sentido, trata-se de investigar, a partir de múltiplos pontos de vista, questões como: O que significa estar em situação de rua? Quais são as vulnerabilidades e as sociabilidades presentes em seus cotidianos? De que maneira são agenciados seus modos de viver?

Ao compreendermos a complexidade das experiências vividas por essas pessoas, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem que considere não apenas os aspectos objetivos, mas também as dimensões subjetivas de suas vidas.

A atenção à subjetividade no contexto de viver na rua - suas representações, significados, desafios e sociabilidades - reconhece a complexidade dinâmica desse fenômeno, que é moldado pela interação entre o indivíduo e seu ambiente cultural, resultando na produção contínua de significados e sentidos ao longo da vida humana (GONZÁLEZ REY, 2005).

Dessa forma, compreender a subjetividade requer uma abordagem que considere tanto as condições materiais quanto os aspectos simbólicos e emocionais da existência nas ruas. Há, então, uma concepção de encontro nascida de nossas subjetividades, que reconstrói e delinea a duração de cada momento vivido. Um tempo específico, que fixa ou intensifica a duração de algo a partir de referências tão próprias de cada um - o tempo próprio do encontro - consigo mesmo e com o outro.

Numa sociedade cada vez mais apressada e dinâmica, na qual o ritmo das grandes cidades dita os modos de viver e define os rumos desconsiderando as singularidades dos diferentes grupos que nelas residem, coexistem algumas reflexões: como estamos nos relacionando em nosso tempo presente com essa macropolítica que se instaura e invisibiliza tudo que está fora dessa ótica?

Como esse modo de viver impacta nas demais cidades que estão distantes dos grandes centros urbanos e em suas micropolíticas, produzindo obstáculos para uma vida de bem estar a todos que as habitam, interferindo nas relações que constituem a nossa existência?

Num cenário como este, a diversidade assume grande responsabilidade, sendo, não apenas positiva, mas também necessária e bem-vinda. Deve ser nutrida em todos os ambientes, incluindo encontros e atividades com pessoas em situação de rua, um grupo caracterizado pela pluralidade e heterogeneidade (BRASIL, 2009).

Além disso, de acordo com Silva et al. (2019), essas atividades realizadas pelas pessoas estão ligadas à sua própria existência e representam formas de resistência e sobrevivência diante das dificuldades, não são apenas ocupações em suas rotinas. Dessa maneira, o modo de fazer-pensar-agir em terapia ocupacional promove diversas interpretações e enriquece [ou não] o conceito de atividades (GALVANI, 2016).

Diante do exposto, considerando a atuação da terapia ocupacional em composição com o campo da arte e da cultura, Carla Silva, Isadora Cardinali e Marina Silvestrini (2014), afirmam que a utilização da arte e da cultura

em contextos variados, com populações e questões diferentes, utilizar a arte-cultura [...] é um recurso ilimitado. [...] pois é a partir de “deslocamentos sensíveis”, produzidos, tanto no âmbito de criações coletivas, quanto dos processos criativos individuais, que acontece a descoberta de que a arte é criar e que todo ser cria enquanto vive e essa vivência de criação tem potência clínica, social, cultural, orgânica, política e expressiva (SILVA; CARDINALI; SILVESTRINI, 2014, p. 34-35).

Além do mais, acredita-se que a arte e a criação possuem potencial investigativo e de produção de conhecimento sobre situações concretas da vida. A experiência individual de um sujeito ao transformar elementos da realidade por meio da imaginação pode levar à criação de novos objetos ou perspectivas que anteriormente não existiam (CASTRO; SILVA, 2002).

Em essência, o conhecimento da realidade é construído pelo sujeito que, ao manipular elementos do mundo à sua volta, desenvolve uma compreensão mais profunda e rica da própria realidade. A arte não apenas reflete a realidade, mas também a reinterpreta e a reinventa, fornecendo *insights*¹³ ou pistas valiosas sobre a condição humana e a sociedade.

Nesta perspectiva, de acordo a artista plástica e educadora Fayga Ostrower (2001), o ato de criar só pode ser compreendido de maneira global, como uma ação integrada no viver humano, pois criar e viver estão intrinsecamente interligados. Para ela, “a criatividade, como potencial, e a criação, como realização do potencial, se manifestam de modo idêntico, independentemente dos rumos específicos que depois seguirão nas duas grandes vias do conhecimento [a arte e a ciência]”¹⁴ (1998, p. 285).

¹³ No campo da Arte e do Design, áreas com as quais eu trabalho, o termo *insight* é usualmente por uma lâmpada e utilizado quando um artista ou observador tem uma revelação ou entendimento significativo que amplia sua compreensão ou apreciação da arte. Esse *insight* pode ser obtido ao examinar uma obra de arte, experimentar uma técnica nova, compreender o contexto histórico ou cultural da arte, entre outros. É uma compreensão intuitiva e inteligente que pode enriquecer a experiência artística.

¹⁴ No livro “A sensibilidade do intelecto: visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência”, Fayga Ostrower (1998) apresenta o argumento de que existem correspondências notáveis e importantes entre os pensamentos artísticos e científicos. Nessa obra, ela tenta demonstrar que há conexões entre o modo como os artistas pensam e expressam suas ideias e o modo como os cientistas abordam e compreendem o mundo. Essas correspondências são apresentadas como não apenas evidentes, mas também como portadoras de significado e importância tanto para a arte quanto para a ciência.

Neste mesmo sentido, a terapeuta ocupacional Mariângela Quarentei (2001) destaca o trabalho do terapeuta ocupacional envolvido com a criação e recriação da vida, enfatizando os afetos, as belezas e a produção de sentidos.

Assim, a arte e a terapia ocupacional se entrelaçam, pois ambas envolvem processos criativos que não apenas refletem a realidade, mas também a transformam, oferecendo novas perspectivas e oportunidades de compreensão e intervenção na vida humana.

Em um ponto de vista complementar, o curador Luiz Vergara (2018), acredita que a arte tem o poder de influenciar a percepção e a compreensão do mundo, agindo, também, como uma forma de expressão política que pode promover mudanças sociais ao sensibilizar as pessoas para diferentes realidades.

A arte passa a propor muito mais que história e memória: a construção da consciência [...] se torna matéria filosófica, matéria mental e poética pura, pois ela conquistou o direito/responsabilidade (?) de levantar questões sobre a condição humana, a realidade, a mente humana, o meio ambiente, o pensamento, a percepção e a interpretação estética. Acima de tudo a arte se constitui ou oferece um espaço metafórico de experiência que reflete as transformações na relação sujeito/objeto, sujeito/mundo (VERGARA, 2018, p. 41).

Portanto, a arte cria um ambiente simbólico e figurativo que permite aos espectadores explorar e compreender essas relações de maneira mais profunda e significativa, transcendendo o mundo físico e material.

A criação representa a realidade tal como ela é, mas também extrai dela elementos significativos, transformando-os em obras ou monumentos que transcendem o momento presente e ganham uma qualidade atemporal (DELEUZE; GUATTARI, 2010). O papel do artista, então, vai além de simplesmente representar o mundo; ele é capaz de criar e transmitir emoções, estabelecendo uma conexão emocional com o espectador através de suas obras (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Rafael Trindade (apud DELEUZE; GUATTARI, 2010) sugere que isso pode ser nomeado como a criação de "um bloco de sensações que possua consistência¹⁵". Essas sensações formam um conjunto integrado e coeso, criando uma experiência ou obra que transmite uma

¹⁵ A "block of sensations that possesses consistency" é uma frase que pode ser interpretada como uma descrição de uma experiência ou obra que evoca sensações variadas de forma coesa e unificada. Pode-se entender como um conjunto de sensações que se relacionam de maneira consistente, criando uma experiência ou obra que transmite uma ideia ou sentimento de forma coesa e harmoniosa. Isso implica que as sensações são integradas de maneira a formar uma unidade perceptível e significativa.

ideia ou sentimento de forma harmoniosa - as sensações são integradas de maneira a formar uma unidade perceptível e significativa.

Ao reconhecer essa capacidade da arte de evocar emoções e gerar significação¹⁶, torna-se evidente a importância de considerar as diferentes experiências, contextos culturais, históricos e sociais que moldam a percepção individual do espectador.

Portanto, uma abordagem epistemológica que integre essas perspectivas individuais e subjetivas também no discurso acadêmico se torna determinante, pois nenhum discurso é neutro; reflete a posição e os valores do indivíduo que o produz (KILOMBA, 2019).

Essa compreensão mais ampla da arte, da experiência humana, da recriação da vida e da não neutralidade epistêmica encontra paralelos na abordagem da terapia ocupacional praticada pelo laboratório AHTO. Este laboratório reconhece a importância da criatividade em todas as áreas da vida e busca criar espaços de intervenção, considerando aspectos estéticos, éticos, políticos e culturais, com o objetivo de construir processos que integrem o pensar e o fazer.

Considerando que o ato criativo não é exclusividade do artista e que a criatividade permeia diversas áreas em que podemos desenvolver nossa "potencialidade e processos criativos" (OSTROWER, 2001). Além do campo da arte, a terapia ocupacional e a arte se unem, compartilhando espaços de atuação e colaborando entre si (CASTRO, 2000; CASTRO; SILVA, 2002).

Em vez de serem campos separados, essas áreas compartilham de processos criativos como estratégia de existência no mundo (Castro; SILVA, 1990), proposições de oficinas artísticas (SILVA, 2013; JURDI et al., 2014; MELO et al., 2024) e na valorização dos processos, dos encontros, daquilo que se instaura a partir da relação com o outro, mais do que o objeto ou o produto final (CASTRO, 2005; FERIGATO et al., 2016). Essa abordagem enfatiza não apenas a importância do resultado final, mas também o valor do processo e da interação humana, elementos fundamentais tanto na prática artística quanto na prática terapêutica.

Ao adotar essa perspectiva, tanto a terapia ocupacional quanto a arte reconhecem que a essência reside na experiência compartilhada e na conexão emocional que se estabelece, promovendo, assim, o acolhimento de indivíduos de diversas trajetórias e contextos, além da expressão criativa em diversas dimensões da vida humana.

¹⁶ Há várias formas de compreender a arte. Como artista visual, compreendo que as imagens não possuem significado isolado de seus contextos; elas geram significação a partir do encontro com o espectador em um contexto situado. Para saber mais sobre isso, sugiro pesquisar a arte na perspectiva da fenomenologia.

Ademais, enriquecem as múltiplas conexões que cada pessoa estabelece em suas reflexões cotidianas, e inventam contextos como dispositivos que provocam deslocamentos nos corpos e nos pensamentos. Esses dispositivos se desdobram em uma rede de relações expressivas que se manifestam por meio de diversas linguagens.

Nesta relação entre as duas áreas podem-se viver tantas experiências em múltiplas temporalidades. Para isso, é preciso disponibilidade e envolvimento - a qualidade da presença nos conecta e une diferentes momentos, criando uma continuidade e enriquecendo a experiência.

A dinâmica das interações entre os corpos pode desencadear diferentes tipos de reações ou respostas, dependendo da natureza e do contexto dessas relações e, além disso, as histórias compartilhadas conectam as pessoas umas com as outras, fomentando a capacidade de empatia (HAN, 2023, p. 13).

Entretanto, no cotidiano, as temporalidades se transformam à medida que nossa vida se desenrola e as situações apresentam caminhos que, por meio das criações e dos afetos, vão se transformando e transformando-nos. Nesse processo, todos aprendem - um aprendizado efetivo, sensível, estabelecido na relação com o outro e com o mundo.

Partindo do exposto e voltando-se para a realidade dessa pesquisa com pessoas em situação de rua na interface entre arte e terapia ocupacional, é possível reconhecer a existência de diversas formas pelas quais os corpos se relacionam entre si.

Nesse contexto, a produção artística está imersa em um tempo onde a estética é relacional - a arte está na convivência e interação entre as diferentes manifestações artísticas (BOURRIAUD, 2009).

Evidencia-se uma sensibilidade coletiva, na qual a prática artística está inserida em um contexto em que novas formas de expressão artística surgem e são parte integrante desse panorama compartilhado, identificando-se a noção comum de arte como campo de trocas (BOURRIAUD, 2009).

Assim como o crítico de arte brasileiro Luiz Vergara reconhece a dimensão política da arte, o crítico de arte francês Nicolas Bourriaud (2009) também o faz, porém, apresentando sua própria perspectiva sobre o assunto. Bourriaud argumenta que a arte pode ser uma ferramenta política, desde que se concentre em explorar e questionar as relações sociais. Ao investigar as condições em que os sujeitos interagem com seu ambiente, a arte pode produzir significados sociais e criar "microutopias" funcionais no presente (2009, p. 18).

Nessa lógica, a teórica estadunidense Claire Bishop (2016) enfatiza que a criação de dissensos, ou a geração de diferentes pontos de vista, discordâncias e debates, é determinante para a natureza política da atividade artística. Bishop (2016) sugere que a arte tem o poder de provocar questionamentos e debates sobre questões sociais, políticas e culturais, incentivando a reflexão e a análise crítica.

Nesta pesquisa, a arte relacional, “ativada como dispositivo e estrutura para a interação como experiência artística” (ASTH, 2021, p. 31), promove reflexões e trocas sobre os temas ou questões que estão sendo destacados ou discutidos com as pessoas em situação de rua.

Assim, a arte relacional é vista como um meio de criar conexões entre as pessoas e estimular a discussão e a reflexão sobre os temas abordados nas criações, mediada pelo artista que se desloca de uma presença ostensiva para “receptiva”, tornando-se mais sensível ao espaço e às situações (QUILICI, 2021).

Nesse interim, em relação à Estética Relacional, esta é uma “teoria estética que consiste em [considerar as criações] em função das relações inter-humanas que elas figuram, produzem ou criam” (BOURRIAUD, 2009, p. 151).

Ao invés de focar na forma ou na beleza do objeto criado, valoriza-se a interação entre as pessoas que estão envolvidas na criação ou na experiência da obra - uma abordagem que enfatiza a importância das relações sociais e da experiência coletiva na apreciação das criações produzidas na contemporaneidade.

Assim, a terapia ocupacional praticada pela Constelação AHTO, compõe com a abordagem da estética relacional ao promover atividades na perspectiva da produção de vida, “uma maneira(s) de estar no mundo e a própria fabricação de mundo(s)” (QUARENTEI, 1994; 2001).

Alguns encontros da arte na relação com a POP RUA

*Gente simples,
fazendo coisas pequenas,
em lugares pouco importantes
conseguem mudanças extraordinárias.
(Provérbio Africano)*

A arte provoca o estranhamento; ela própria é o estranhamento, provocação e reflexão. A arte tem a capacidade de questionar a sociedade ao espelhar seus problemas e

virtudes. No entanto, não existe isoladamente; ela é moldada pelos contextos econômicos, políticos e culturais ao seu redor, enquanto também influencia esses mesmos campos.

No entanto, é preciso atentar-se a superestimação da capacidade transformadora exclusiva da arte, pois embora desempenhe um papel relevante, ela não pode resolver todos os problemas sociais por si só. Para continuar essa reflexão, tomo emprestado um fragmento de Roberta Stubs (2019) ao analisar a relação entre o coeficiente artístico e o coeficiente vida:

Infiltrando-se nos meandros da política, da economia, da ecologia, da educação, da cultura, da memória, de uma razão sensível e da ficção como recurso imaginativo para a criação de outras realidades, muito da produção da arte contemporânea segue escrevendo narrativas enviesadas, uma trama bordada na tessitura de um presente em vias de resignificação. É essa nova conduta diante da vida que revela uma coexistensividade entre o coeficiente artístico e o coeficiente vida, somente possível pela revitalização do nosso território relacional e subjetivo (STUBS, 2019, p. 66, *tachado pela pesquisadora*).

Ao examinarmos o contexto da interação entre arte e vida, com foco nas experiências concretas, é possível observar como as práticas artísticas não apenas expressam a compreensão dos problemas sociais, mas também influenciam a percepção de uma pessoa em relação à outra ou a um grupo. Fayga Ostrower, em seu texto "Por que criar?" destaca que "quando o homem moldou a terra moldou a si mesmo" e levanta a questão sobre a natureza da linguagem artística que se comunica sem perder sua expressividade ao longo dos milênios (OSTROWER, 1983, p. 8).

Dessa forma, neste segmento sobre o que poderia ser o "estado da arte", apresento algumas criações em diferentes linguagens artísticas, como música, literatura, teatro, performance, artes visuais, audiovisual, HQ (Histórias em Quadrinhos) e eventos. O objetivo é contextualizar a relação entre proposições artísticas e as pessoas em situação de rua.

Como artista-pesquisadora imersa em uma construção de conhecimento em arte na interface com a terapia ocupacional, acredito que apresentar outras produções artísticas que falem "sobre", "com", ou "junto a" essas pessoas, ou criadas por artistas em situações de rua, é significativo para ampliar a compreensão do leitor sobre o contexto que foi experimentado por mim enquanto pesquisadora. Além disso, os criadores têm o potencial de contribuir para a construção das condições necessárias para a transformação do mundo.

Assim sendo, para esta investigação, optei por trazer algumas produções nacionais abrangendo a partir da década de 1940. Destaco que a partir da década de 1920, o Brasil

inicia um significativo movimento de abertura cultural, rompendo total ou parcialmente com os modelos artísticos tradicionais europeus que orientavam nossas práticas artísticas.

Esse fenômeno, notadamente evidenciado após a Semana de Arte Moderna de 1922, marcou o surgimento de novas formas expressivas (técnicas, temáticas e linguagens) no cenário artístico brasileiro.

O poeta Manuel Bandeira registra de forma poética as tragédias do cotidiano em seu poema "O Bicho", escrito na década de 1940:

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

O bicho, meu Deus, era um homem.

O poema apresenta uma característica valiosa da poesia dos anos 30 no Brasil, que se torna particularmente engajada. Os versos fazem parte de um projeto ideológico, não se limitando apenas a uma escrita com intenções estéticas. Dentro dessa perspectiva, os escritores modernistas brasileiros denunciam o abismo social tão característico da sociedade brasileira da época.

Quase 100 anos depois, considerando o contexto social da realização desta pesquisa nos anos de 2022 - 2024, encontramos-nos em uma sociedade que muito se modificou. No entanto, no que tange às exclusões sociais, embora avanços necessitem ser reconhecidos, percebe-se que a desigualdade social no país persiste e se faz urgente um compromisso social com a realidade em que vivemos.

Em 1993, o artista Gabriel O Pensador, lançou a música "O resto do mundo", que nos apresenta uma imagem da pessoa em situação de rua similar a de Bandeira. Há uma diferença notável entre o texto do poeta Manuel Bandeira e a letra da música de Gabriel o Pensador. Manuel Bandeira frequentemente adota um tom reflexivo em que descreve o que vê, sente e pensa, por vezes em relação a terceiras pessoas ou objetos.

Por outro lado, a letra de Gabriel o Pensador é contada na primeira pessoa, na voz de alguém que está vivendo a experiência de estar em situação de rua, especificamente na

relação da mendicância. Isso pode criar uma conexão mais imediata e emocional com o ouvinte, pois a pessoa "sem-teto" compartilha seus próprios pensamentos, sentimentos e desabafos.

Música 1 - "O resto do mundo".

(...)	<i>Eu sou um mendigo, um indigente</i>
<i>Eu me chamo de cheiroso como alguém me chamou</i>	<i>Um indigesto, um vagabundo</i>
<i>Mas pode me chamar do que quiser, Seu Doutor</i>	<i>Eu sou o resto do mundo</i>
<i>Eu não tenho nome, eu não tenho identidade</i>	<i>Eu não sou ninguém, eu não sou nada</i>
<i>Eu não tenho nem certeza se eu sou gente de verdade</i>	<i>Eu não sou gente</i>
<i>Eu não tenho nada, mas gostaria de ter</i>	<i>Eu sou o resto do mundo</i>
<i>Aproveita, Seu Doutor, e dá um trocado pra eu comer</i>	<i>Eu sou um mendigo, um indigente</i>
<i>Que trocado o quê, tem vergonha nessa cara suja, não?</i>	<i>Um indigesto, um vagabundo</i>
<i>Vai trabalhar, ô vagabundo!</i>	<i>Eu sou o resto</i>
<i>Eu gostaria de ter um pingo de orgulho</i>	<i>Eu não sou ninguém</i>
<i>Mas isso é impossível pra quem come o entulho</i>	<i>Frustração, é o resumo do meu ser</i>
<i>Misturado com os ratos e com as baratas</i>	<i>Eu sou filho da miséria e o meu castigo é viver</i>
<i>E com o papel higiênico usado, nas latas de lixo</i>	<i>Eu vejo gente nascendo com a vida ganha</i>
<i>Eu vivo como um bicho ou pior que isso</i>	<i>E eu não tenho uma chance</i>
<i>Eu sou o resto, o resto do mundo</i>	<i>Deus, me diga por quê?</i>
<i>Eu sou mendigo, um indigente</i>	<i>Eu sei que a maioria do Brasil é pobre</i>
<i>Um indigesto, um vagabundo</i>	<i>Mas eu não chego a ser pobre, eu sou podre!</i>
<i>Eu sou... Eu num sou ninguém</i>	<i>Um fracassado, mas não fui eu que fracassei</i>
<i>Eu tô com fome, tenho que me alimentar</i>	<i>Porque eu não pude tentar, então que culpa eu terei</i>
<i>Eu posso não ter nome, mas o estômago tá lá</i>	<i>Quando eu me revoltar, quebrar, queimar, matar</i>
<i>Por isso eu tenho que ser cara de pau</i>	<i>Não tenho nada a perder, meu dia vai chegar</i>
<i>Ou eu peço dinheiro ou fico aqui passando mal</i>	<i>Será que vai chegar?</i>
<i>Tenho que me rebaixar a esse ponto</i>	(...)
<i>Porque a necessidade é maior do que a moral</i>	<i>Eu não sou registrado, eu não sou batizado</i>
<i>Eu sou sujo, eu sou feio, eu sou antissocial</i>	<i>Eu não sou civilizado, eu não sou filho do Senhor</i>
<i>Eu não posso aparecer na foto do cartão postal</i>	<i>Eu não sou computado, eu não sou consultado</i>
<i>Porque pro rico e pro turista eu sou poluição</i>	<i>Eu não sou vacinado, contribuinte eu não sou</i>
<i>Sei que sou um brasileiro, mas eu não sou cidadão</i>	<i>Eu não sou comemorado, eu não sou considerado</i>
<i>Eu não tenho dignidade ou um teto pra morar</i>	<i>Eu não sou empregado, eu não sou consumidor</i>
(...)	<i>Eu não sou amado, eu não sou respeitado</i>
<i>A minha vida é um pesadelo e eu não consigo acordar</i>	<i>Eu não sou perdoado e também sou pecador</i>
<i>Eu não tenho perspectivas de sair do lugar</i>	<i>Eu não sou representado por ninguém</i>
<i>A minha sina é suportar viver abaixo do chão</i>	<i>Eu não sou apresentado pra ninguém</i>
<i>E ser um resto solitário esquecido na multidão</i>	<i>Eu não sou convidado de ninguém</i>
<i>Eu sou o resto do mundo</i>	<i>Eu não posso ser visitado por ninguém</i>
	<i>Além da minha triste sobrevivência</i>
	<i>Eu tento entender a razão da minha existência</i>
	<i>Por que que eu nasci? Por que tô aqui?</i>
	<i>Um penetra no inferno sem lugar pra fugir</i>
	(...)

Fonte: <https://www.letras.com.br/gabriel-o-pensador/o-resto-do-mundo>, 2023.

É importante ressaltar que essa diferença entre as duas produções artísticas reflete a natureza distinta dos meios de expressão utilizados por cada autor, além do pensamento de cada contexto – época e local. Partindo dessa perspectiva, selecionamos algumas produções, com foco na pluralidade de linguagens e nas diversas formas de interação com as pessoas em situação de rua.

Algumas produções abordam essas pessoas com certo “distanciamento”, como vemos na poética de Manuel Bandeira, enquanto outras criações dialogam diretamente com elas e seus contextos, como é o caso da produção teatral Epidemia Prata, da Cia. Mungunzá de Teatro. Algumas criam junto a essas pessoas a partir da convivência, potencializando suas expressões, enquanto outras são idealizadas e criadas por artistas em situação de rua.

A forma como essas criações acontecem pode configurar-se como uma comunicação mais direta, frequentemente utilizada para expressar questões sociais e políticas de maneira mais pessoal.

Fazem parte dessa escolha as criações:

- Teatro: “Homens de Papel¹⁷”, Plínio Marcos (1968). Representação crítica da situação de rua na década de 1960.
- Teatro: “Um Dia...¹⁸”, com Lume Teatro/Núcleo Interdisciplinar de pesquisas teatrais da UNICAMP (2000). Aborda em seu roteiro da peça situações de sobrevivência em condições adversas, dentre elas, a situação de rua.
- Teatro/Performance: “Agora e na hora de nossa hora¹⁹”, Eduardo Okamoto (2006). Roteiro inspirado na vida de meninos na rua e na chacina que ocorreu na igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Com posicionamento crítico, ao narrar os acontecimentos da madrugada, o ator representa uma personagem que sobrevive e assiste ao assassinato de oito meninos de rua.
- Audiovisual: “Programa Provocações²⁰”, com Antonio Abujamra (2012). Série de entrevistas com pessoas em situação de rua enfatizando o espaço de fala em mídia nacional.
- Evento: “Se Essa Rua Fosse Nossa²¹”, Lume Teatro (2002). “Uma semana de reflexões sobre arte, morador de rua e extensão universitária, com temas

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mqb7JXM1b1Y>. Acesso em 20 out. 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://www.lumeteatro.com.br/acoes-artistico-pedagogicas/espetaculos-historicos/um-dia>. Acesso em 20 out. 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://www.eduardookamoto.com/agora-now>. Acesso em 20 out. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u6WYkFMAng&t=146s> / <https://www.youtube.com/watch?v=P3jwA97hSaw> Acesso em 20 out. 2023.

voltados ao cotidiano dos protagonistas (oprimidos): família, álcool, drogas, polícia, religião, violência das ruas”. Realizado na UNICAMP.

- Teatro: “Epidemia Prata²²”, Cia Mungunzá (2018). Espetáculo que pode ser considerado como uma etnografia cênica da vulnerabilidade da região central de São Paulo. O roteiro foi criado a partir das reverberações do contato que os atores tiveram com as pessoas em situação de rua e dependentes químicos do entorno da Cracolândia.
- HQ: “Pobrefobia: Vivências das ruas com Padre Júlio Lancellotti²³”, por Rogério Faria (2023). Roteiro criado por Faria após sua vivência junto das pessoas em situação de rua assistidas pelo padre Júlio. O artista transformou o drama vivido por essas pessoas em seis histórias em quadrinhos, que foram ilustradas por diferentes artistas. A edição foi lançada primeiramente através de financiamento coletivo e parte da renda foi revertida para o apoio a essas pessoas.
- Teatro: “Cena Ouro – EPIDE(R)MIA²⁴”, Cia. Mungunzá de Teatro (2023). É uma produção com viés político que tem no elenco pessoas em situação de rua. Essa produção é um desdobramento da peça Epidermia Prata, criada em 2018, após diálogo com pessoas em situação de rua na região da Cracolândia, na cidade de São Paulo-SP.
- Publicação literária: “Xilópolis²⁵”, Pinacoteca de São Paulo (2019). Livro artesanal de baixa tiragem distribuído pela Pinacoteca de São Paulo com apoio do Governo do Estado de São Paulo. A publicação conta com poemas e imagens de gravuras, todos criados por pessoas em situação de rua durante a “Ação Educativa Extramuros” da Pinacoteca de São Paulo, sob coordenação do artista gravurista Augusto Sampaio.
- Audiovisual: “De olhos Abertos²⁶” (2020). Longa-metragem dirigido por Charlotte Dafol que celebra os 18 anos de trabalho do Jornal “Boca de Rua”, produzido e vendido por pessoas em situação de rua. Revela as vivências, a percepção social

²¹ Disponível em:

https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/semana/unihoje_sema184pag11.html. Acesso em 20 out. 2023.

²² Disponível em: <https://www.ciamungunza.com.br/epidemia-prata>. Acesso em 20 out. 2023.

²³ Disponível em: <https://editoradaco.com/produto/pobrefobia-vivencias-das-ruas-com-padre-julio-lancellotti-org-rogerio-faria/>. Acesso em 20 out. 2023.

²⁴ Disponível em: <https://www.ciamungunza.com.br/cenaouro>. Acesso em 20 out. 2023.

²⁵ Possui um exemplar desse material. Como não há registro digital dessa publicação, compartilho o link com o Lançamento do vídeo da Ação Educativa Extramuros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oOUTTHGBga8>. Acesso em 20 out. 2023.

²⁶ Disponível em: <https://deolhosabertos.com/>. Acesso em 20 out. 2023.

e as proposições utópicas do projeto “Boca de Rua”, coordenado por Rosina Duarte.

- Evento: “Festival Cultura e Pop Rua – População em Situação de Rua e Direito à Cultura²⁷” (2023). Evento internacional, idealizado pelo Museu da Língua Portuguesa e Sesc São Paulo (Sesc Bom Retiro), correalizado pela Prefeitura da Cidade de São Paulo. Toda a programação foi construída em cocriação com movimentos sociais de população em situação de rua, agentes, coletivos e instituições culturais atuantes em diferentes territórios.
- Evento-exposição: “Mais um Corre: exposição ética e estética sobre a população²⁸” (2014-2017). Coordenado pela prof^a. Dr^a. Carla Regina Silva, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e DTO UFSCar, O projeto de extensão foi desenvolvido por alunos da instituição e realizado junto as pessoas em situação de rua da cidade de São Carlos-SP.
- Publicação: “Jornal Boca de Rua²⁹” (2004-2022). Jornal produzido e vendido por pessoas em situação de rua, que além de uma fonte de renda, é uma ferramenta de denúncia e de organização perante a sociedade. Sua última edição corresponde ao primeiro trimestre de 2022.

Para esclarecer essas informações, apresentamos a seguir um infográfico que demonstra a intenção de agrupar essas produções, levando em conta as diferentes formas de interação entre as propostas artísticas e as pessoas em situação de rua.

Nomeado como “Alegoria de uma linha de perspectivas de fala e suas fronteiras líquidas”, a peça gráfica sugere uma metáfora que representa uma série de pontos de vista ou discursos, onde as fronteiras entre esses pontos de vista são fluídas e indefinidas. “Alegoria” indica que é uma representação simbólica, enquanto “linha de perspectivas de fala” implica em opiniões ou discursos alinhados. “Fronteiras líquidas” sugere que os limites entre essas perspectivas não são fixos, mas mutáveis e permeáveis.

Dentre todas as produções mapeadas para este segmento de texto, a escolha de algumas para apresentar e compor essa peça gráfica se deu a partir de dois recortes. O primeiro, mencionado anteriormente, considera o período de tempo, começando na década

²⁷ Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/festival-cultura-e-pop-rua/>. Acesso em 20 out. 2023.

²⁸ Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2013/164186-exposicao-qmais-um-correq-no-teatro-municipal.html>. Acesso em 20 out. 2023.

²⁹ Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>. Acesso em 20 out. 2023.

de 1940, enquanto o segundo leva em conta a diversidade de linguagens artísticas e os contextos nos quais elas se manifestam, como, por exemplo, o ambiente acadêmico, em diálogo com as proposições artísticas desta dissertação.

Para criar esse recurso visual, foi utilizado um gráfico em formato de barra vertical, otimizado para a legibilidade das informações em uma folha com formatação "retrato". As criações foram organizadas inicialmente por semelhança e, em seguida, por ordem cronológica. Com base nos conteúdos apresentados nas criações artísticas, foram classificadas em quatro subcategorias, conforme segue:

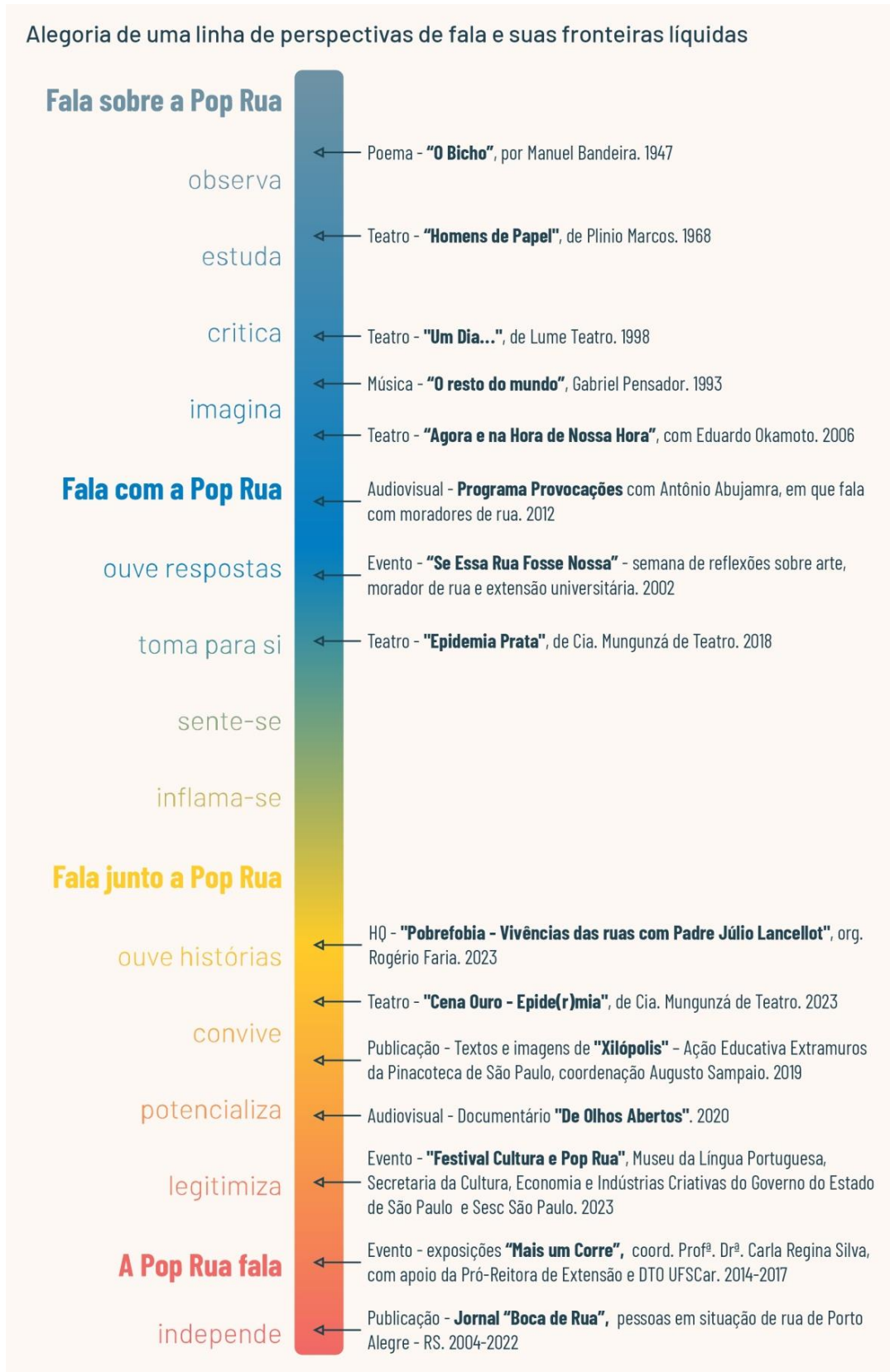
1) "Fala sobre a Pop Rua" - criações que apresentam elementos da vida de pessoas em situação de rua na perspectiva do artista. Ao comparar as produções deste bloco, observa-se uma mudança no desenvolvimento das obras, passando de uma mera apresentação da situação para um posicionamento crítico sobre a mesma.

2) "Fala com a Pop Rua" - criações que apresentam elementos da vida de pessoas em situação de rua através da mediação do artista, proporcionando espaço para a voz de algumas dessas pessoas. Percebe-se uma aproximação mais profunda da realidade, tanto pela abertura à escuta quanto pela incorporação de fragmentos dessas histórias nas criações.

3) "Fala junto a Pop Rua" - criações que apresentam elementos da vida de pessoas em situação de rua, elaboradas pelos artistas em colaboração com essas pessoas. Identifica-se um convite e um deslocamento, tanto por parte dos artistas quanto dos participantes, para que "outros lugares sejam ocupados". Essas criações não só se aproximam ainda mais da realidade das pessoas em situação de rua, mas também possibilitam novas interpretações dessa realidade.

4) "A Pop Rua fala" - criações que refletem a vida de pessoas em situação de rua, produzidas por essas próprias pessoas com a mediação de outros profissionais. Observa-se um protagonismo emergente e uma significativa mudança de perspectiva, o que contribui para a afirmação da existência dessas pessoas, desafiando a invisibilidade característica dessa realidade.

Infográfico 1 – Criações artísticas que dialogam com a realidade das pessoas em situação de rua.



Fonte: Criação de Mazzon Gil a partir dos dados fornecidos pela pesquisadora, 2024.

Todos os tipos de expressão artística têm seu valor e impacto distintos, abordando temas e emoções de maneiras singulares. Nesta pesquisa, em contraste com alguns autores e artistas mencionados anteriormente, cujas obras auxiliam a identificar uma visão predominante no imaginário e na cultura brasileira em relação às pessoas em situação de rua, busco explorar perspectivas que amplifiquem suas vozes por meio de suas próprias criações, assim como fizeram outros artistas.

Utilizo o poema “Retrato do Artista Quando Coisa”, escrito pelo poeta sul mato-grossense Manoel de Barros, como ponto de partida para uma abordagem de cultivo a sensibilidade:

*[...]É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma
barata – cresce de importância para o meu olho.
Ainda não aprendi por que herdei esse olhar
para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades
machucadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das
coisinhas do chão –
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.*

Este poema nos inspira a adotar uma perspectiva mais focada em compreender a experiência dos indivíduos que vivenciam situações de vulnerabilidade, como a de pessoas em situação de rua, levando em consideração não apenas as representações culturais, mas também os aspectos sócio-históricos e políticos que moldam suas vidas.

Através dessa abordagem, temos condição de analisar os sujeitos como seres humanos únicos, com histórias de vida individuais, em vez de vê-los apenas como parte de uma visão recorrente na cultura. Isso pode ser uma maneira valiosa de compreender e abordar questões sociais complexas, como a situação de rua, permitindo uma análise mais

aprofundada das circunstâncias que levam as pessoas a essa condição e das políticas que afetam suas vidas.

Considerar o contexto sócio-histórico-político e as trajetórias de vida dos indivíduos pode fornecer insights sobre as causas e as possíveis soluções para os desafios enfrentados por pessoas em situação de rua. É uma maneira importante de humanizar e individualizar a compreensão desse grupo populacional e, potencialmente, informar políticas e ações que visam ajudar a melhorar suas vidas.

Esta pesquisa não tem a intenção de adotar uma postura prescritiva, nem mesmo apontar saídas brilhantes para as situações vivenciadas junto/com/pelas pessoas em situação de rua, mas abraçar uma perspectiva que considera o ser humano marginalizado, muitas vezes tratado como insignificante pela sociedade e “[...] quem sabe, o inesperado faça uma surpresa e traga alguém que queira [lhe] escutar” (Johnny Alf, 1967).

A visão descendente que o poeta Manoel de Barros descreve é uma herança que nos impulsiona a enxergar a importância das pequenas coisas, a compaixão por pessoas que foram deixadas para trás, tanto quanto pelas minúcias menosprezadas. Portanto, escolhemos abordá-las a partir de outros saberes, em busca de uma compreensão mais profunda e empática.

Retomamos o provérbio africano disposto na epígrafe deste tópico, reforçando nossa escolha epistemológica de concentrar esta pesquisa no trabalho com sujeitos cotidianos, muitas vezes quase anônimos, com práticas que valorizam a potência criativa e criadora.

Essas práticas são vistas como ricas em ações que desafiam as convenções dominantes, o que pode levar a mudanças na identidade e à emancipação dos envolvidos. Como Frédéric Gros destaca em seu livro “Desobedecer”:

Ser intelectual, artista, escritor, mas talvez, mais fundamentalmente, levar a sério seu ofício, seu destino de “homem”, significa obrigar-se ao engajamento, até mesmo à luta, ao posicionamento. Pois a neutralidade é uma escolha: a da cumplicidade passiva (GROS, 2018, p. 191).

Na particularidade de cada ação, de cada decisão e entendimento, reside a capacidade de promover mudanças significativas. Nos meus gestos menores, que podem parecer desimportantes e quase irrelevantes aos macro-olhos da transformação, é onde reafirmo meu posicionamento ético-estético-político (STUBS, 2019, p. 27) e convido os participantes dessa pesquisa a um encontro criativo com práticas artísticas “correspondentes” (INGOLD, 2022), ou seja, uma relação próxima e autêntica na criação.

Trata-se, ainda, de uma expressão artística cuja essência é constituída pela intersubjetividade, central na arte relacional, que desafia a lógica da arte tradicional e se sustenta por meio da experiência artística, pela relação a ser vivenciada entre sujeito e objeto (BOURRIAUD, 2009) e por motivar as pessoas a participarem ativamente da obra de arte, não apenas como espectadores, mas também como participantes ativos, usando seus corpos e comportamentos como parte da experiência artística.

Propõe-se “um modo de pensar por meio do fazer” e o fazer enquanto engajamento com o mundo, criando conhecimento, formando ambiente e transformando vidas (INGOLD, 2022).

METODOLOGIA

De acordo com Minayo (2014), entendemos a metodologia como o caminho de pensamento e prática adotado na abordagem da realidade. Essa compreensão abarca diversos elementos interconectados na produção do conhecimento, que incluem o método escolhido, as técnicas empregadas, a criatividade do pesquisador, sua experiência e sensibilidade ao lidar com os fenômenos estudados.

Esta pesquisa é orientada por essa abordagem metodológica, uma vez que acreditamos que a pesquisa, apesar de ser uma atividade teórica, envolve tanto o pensamento quanto a ação. Buscamos uma relação interativa entre teoria e prática, onde uma não se limite ou se reduza à outra, mas em vez disso, que se entrelacem de forma que não sejam opostos estanques (COELHO, 2022).

No âmbito deste estudo, propomo-nos a mapear perspectivas plurais sobre/com as pessoas em situação de rua, a partir do convite e da percepção de expressões criativas de seus cotidianos, na cidade de São Carlos-SP, uma problemática da vida prática que demanda uma abordagem que abarque a complexidade desses fenômenos. A fim de conduzir essa investigação, optamos pela abordagem da pesquisa qualitativa e pela metodologia da pesquisa-intervenção cartográfica.

A pesquisa, nesse sentido, não é apenas uma atividade teórica, mas também um meio de unir pensamento e ação na busca por compreender e transformar a realidade (MINAYO, 2014; COELHO, 2022). A respeito da pesquisa qualitativa, é uma abordagem na investigação científica que se destaca por sua ênfase na compreensão aprofundada da realidade social.

Ao contrário da pesquisa quantitativa, que se concentra em números e estatísticas, a pesquisa qualitativa busca capturar a riqueza e a subjetividade humana, ou seja, “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2014, p. 21). A especificidade desse método é “moldada” pelo contexto histórico e pela estrutura política e econômica da época em que é utilizado. (COSTA, COSTA, 2019).

No entanto, conforme Minayo (2014) destaca, nenhuma teoria isolada pode explicar ou interpretar todos os fenômenos da realidade, especialmente aqueles de natureza complexa.

Passos, Kastrup e Escóssia (2020), argumentam que a distinção entre pesquisa quantitativa e qualitativa, embora relevante, é muitas vezes insuficiente, visto que os processos de produção da realidade se manifestam de maneiras multifacetadas e variadas,

mas podem constituir-se como práticas cartográficas, “desde que se proponham ao acompanhamento de processos” (p. 8).

Nesta pesquisa de mestrado, que mapeia perspectivas plurais sobre/com as pessoas em situação de rua, a partir do convite e da percepção de expressões criativas de seus cotidianos, a pesquisa qualitativa é substancial por se tratar de uma ferramenta que auxilia na compreensão das culturas e comunidades em seus contextos naturais (COSTA, COSTA, 2019).

Nesse âmbito, a abordagem qualitativa permite que se capte a complexidade das experiências humanas, explore e compreenda as questões culturais, sociais e comportamentais.

Para somar a abordagem qualitativa, elegemos a cartografia. A cartografia compreendida como uma prática, indo além da metodologia científica. Nessa abordagem, o foco está no que ocorre entre os elementos, naquilo que ultrapassa fronteiras, transborda, nas margens e nas delimitações (RICHTER; OLIVEIRA, 2017). Sua ênfase na representação visual, na construção social da realidade e na narrativa espacial a torna uma ferramenta poderosa para explorar e comunicar o mundo que nos cerca.

A cartografia, enquanto método de pesquisa não direcional, caracterizada pela ausência de procedimentos ou normas predefinidas a serem aplicadas na investigação, foi introduzida no Brasil por Gilles Deleuze e Félix Guattari, por meio de sua obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, publicada na década de 1990. Nessa obra, os autores discutem sobre uma cartografia como princípio rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995), propondo uma prática cartográfica.

Segundo Luciano Costa, o objetivo dos filósofos era pensar a realidade por meio de dispositivos diferentes daqueles tradicionalmente apresentados pelos discursos científicos, “valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formadores e criadores de realidade” (COSTA, 2014, p. 69-70).

Posto que o conceito da cartografia tem suas raízes na geografia e o que os autores fazem é aplicá-lo a outros campos de conhecimento, atualmente, vemos o seu uso em uma ampla variedade de campos de pesquisa e atuação, englobando diversas áreas do conhecimento.

Nas pesquisas das áreas das Ciências Sociais, Antropologia, Cultura Visual e Artes, o foco principal recai sobre o processo cartográfico em si, sobre uma prática cartográfica pelo pesquisador, em vez de se concentrar necessariamente na produção de um mapa como produto final (RICHTER; OLIVEIRA, 2017).

Suely Rolnik, em seu livro *Cartografia Sentimental*, apresenta uma “definição provisória” para o conceito de cartografia:

Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2016, p. 23).

Passos, Kastrup e Escóssia, (2020, p. 10) propõem uma “experimentação do pensamento” como atitude fundamental, apresentando pistas que servem ao pesquisador cartógrafo como referências, contribuindo para manter uma postura aberta em relação ao que está emergindo e para a “calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa” (p. 13).

De acordo com Rolnik, (apud COSTA, 2020, p.24), essas pistas são “indicadores de alguns caminhos e preocupações a serem tomadas quando se pretende empreender uma cartografia”. Orientam o desenvolvimento da pesquisa, considerando sempre “os efeitos do processo de pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (KASTRUP, 2009, p. 17).

Nessa condição, a pesquisa é explorada e compreendida com a participação ativa do pesquisador, que se torna uma parte integral do objeto de estudo. Isso implica em abordar o processo de pesquisa de maneira mais orgânica e participativa, em que o pesquisador não está separado do que está pesquisando, mas sim intrinsecamente envolvido no processo.

Retornando ao livro *Cartografia Sentimental*, no sétimo capítulo, Suely Rolnik discute as características e objetivos do cartógrafo, atribuindo-lhe uma série de indicações em uma paisagem ético-metodológica. Ela enfatiza que o perfil do cartógrafo é definido exclusivamente por uma sensibilidade particular, e que seu desejo é participar ativamente na constituição de territórios existenciais e na construção da realidade (ROLNIK, 2016).

De acordo com Luciano Costa,

Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de **o que é isto que eu vejo?** (pergunta que remete ao mundo das essências), um **como estou compondo com isto que vejo?** Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto o criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa.

O pesquisador-cartógrafo é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode, em uma pesquisa cartográfica, situar o campo da pesquisa como – algo que estaria “lá” e o pesquisador “aqui” (COSTA, 2014, p. 70-71, grifo na obra original).

O pesquisador-cartógrafo deixa de ser um simples observador dos acontecimentos ou sujeitos da pesquisa no campo e torna-se parte integrante da mesma. Isso representa uma inversão do método tradicional, onde a cartografia assume o papel de um método de pesquisa-intervenção.

Essa distinção é fundamental para o método cartográfico em comparação com o utilizado na ciência moderna, pois não há separação entre objeto e pesquisador, e o pesquisador não se coloca como representante do objeto.

Na cartografia, ambos habitam um mesmo plano de experiência e se sentem convocados a confrontar as linhas que os compõem, criando algo (de si) em interação com o território a ser cartografado (COSTA, 2020), engendrando-se no território, no agenciamento da pesquisa, em um processo de coprodução. Assim,

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga. Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas (BARROS; PASSOS, 2020, p. 30).

De acordo com Alvarez e Passos (2020, p. 144), a pesquisadora, ao se tornar uma aprendiz-cartógrafa, adota uma postura “de atenção ao acontecimento”, se colocando aberta para entender e interpretar o que ocorre durante a pesquisa. Nesse contexto, a pesquisa é vista como um cuidado ou cultivo de um território existencial onde tanto o pesquisador quanto o pesquisado estão envolvidos.

Nessa realidade, a pesquisa não é apenas uma coleta de dados, mas um processo de envolvimento e interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Habitar o território da pesquisa permite à pesquisadora-aprendiz-cartógrafa vivenciar o senso de pertencimento, aproximar-se e mapear perspectivas plurais sobre/com as pessoas em situação de rua, a partir do convite e da percepção de expressões criativas de seus cotidianos, criando um repositório subjetivo e sensível sobre esta temática.

Essa imersão deve ser realizada de maneira crítica e investigativa, buscando perceber o que não é imediatamente visível, como se estivesse mapeando as linhas não traçadas. A intenção é identificar informações e realidades do espaço ou da relação que não são prontamente evidentes.

Deleuze e Guattari (1996), ao reconceituarem a noção de cartografia e afastá-la de sua função inicialmente informativa, nos desafiam a reconsiderar nossas próprias abordagens em relação aos saberes que construímos, buscando ampliar nossos horizontes (MOURA; OLIVEIRA, 2020).

Diante das características do método da cartografia e, considerando que este método se integra a diversas técnicas, estratégias e dispositivos de pesquisa já existentes (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016), busca-se "traçar um plano comum" (p. 15) de natureza não homogênea, evitando assim pressupor uniformidade entre os participantes ou envolvidos na pesquisa.

O plano proposto opera a comunicação entre singularidades, facilitando a interação entre as características individuais e únicas de cada pessoa ou elemento envolvido na pesquisa, pois leva em consideração as particularidades de cada pessoa ou elemento estudado. Essa comunicação vai além das identidades individuais, atingindo um nível mais profundo de entendimento compartilhado, que é coletivo (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014).

Diante do exposto, em consonância com a prática da cartografia, que visa acompanhar processos em vez de apenas representar um objeto (BARROS; KASTRUP, 2020), nesta pesquisa, optou-se pela produção de dados junto às pessoas em situação de rua, em contraposição à tradicional coleta de dados.

Considerando, então, que a pesquisa-intervenção tem como base o estudo de aspectos subjetivos e da percepção de indivíduos singulares, é essencial que o pesquisador adote uma perspectiva ético-estética ao investigar esses elementos.

A abordagem ético-estética implica em observar os efeitos dos processos de subjetivação de forma a singularizar as experiências humanas, evitando generalizações. Além disso, é necessário manter um compromisso social e político alinhado com as demandas da realidade com a qual se está trabalhando (PAULON; ROMAGNOLI, 2010).

Habitar o campo da pesquisa

Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de

endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador compondo multiplicidades e diferenciações. Ao mesmo tempo, sustentar uma postura ético-estética de acolher a vida em seus movimentos de expansão segundo implicações políticas do tempo, do perspectivismo, da contingência, da invenção (KIRST et al., 2003, p. 91).

A pesquisa qualitativa e a pesquisa-intervenção cartográfica se mostraram escolhas apropriadas para aprofundar nossa compreensão dos modos de vida das pessoas em situação de rua, permitindo uma investigação sensível e participativa, o que é fundamental quando se lida com pessoas marginalizadas.

Diante dessas escolhas, definimos³⁰ um caminho para esta etapa da pesquisa - a produção de dados no campo - e, com isso, novas possibilidades e horizontes se abriram. As ações foram vivenciadas em consonância com o princípio do "rizoma", conforme proposto pelos filósofos Deleuze e Guattari (1995). Esse princípio é caracterizado pela multiplicidade, sendo aberto ao devir, apresentando diversas possibilidades de entrada e saída no território pesquisado.

Ao organizar a descrição das ações neste documento que sugere a leitura vertical, pode-se interpretar erroneamente que há uma hierarquização das informações. No entanto, a intenção não é criar uma hierarquia; a escolha de apresentar os acontecimentos de forma mais orgânica e alguns simultaneamente visa respeitar a cronologia dos fatos. Portanto, a disposição vertical não implica em uma ordem de importância, mas sim em uma estrutura que reflete a dinâmica e a simultaneidade dos eventos.

Na pesquisa-intervenção, a cartografia adota características de um método no qual a pesquisadora não se apoia em procedimentos predefinidos, mas constrói sua prática de pesquisa ao longo das atividades. Trata-se de uma abordagem não diretiva, que oferece mobilidade de ação no contexto de atuação da pesquisadora e ao longo de sua investigação.

Entretanto, é essencial notar que essa não direção não implica em ação sem orientação. Ao contrário, a cartografia reverte o sentido tradicional de método, mantendo uma orientação clara no percurso da pesquisa por meio de pistas (BARROS; PASSOS, 2020).

³⁰ A partir deste tópico, utilizarei algumas vezes o verbo no plural em respeito ao processo que vivenciei durante o desenvolvimento da minha pesquisa, especialmente nas atividades de campo, pois em momento algum estive sozinha para tomar decisões ou mesmo durante a realização das atividades propostas. Minha orientadora esteve presente em todas as etapas do trabalho, sempre que foi solicitada, e também contei com o apoio de uma equipe de auxiliares de pesquisa e, por vezes, de integrantes do grupo de pesquisa AHTO, estudantes orientandas da professora Carlinha.

Diante disso, reconhecemos a importância de estabelecer intencionalidades claras, ao mesmo tempo em que proporcionamos espaço para o surgimento do inesperado e do devir.

Tendo como base minha experiência com os trabalhos da Constelação AHTO desde 2019, junto às pessoas em situação de rua, aliada à minha formação acadêmica e profissional em artes visuais e arte-educação, e à experiência da minha orientadora, que atua há dez anos com essas pessoas, deixou nítido que nossa abordagem para a produção de dados seria sensível e baseada em propostas criativas e artísticas. Nesta pesquisa, essas propostas se configuram como nossas pistas.

No contexto de uma pesquisa-intervenção cartográfica, é essencial reconhecer que as características da pesquisadora interferem no processo de pesquisa, uma vez que esse estudo realiza uma atividade investigativa a partir da implicação entre pesquisadora, objeto e entorno (FERIGATO, 2013).

Posicionar-se como pesquisador – um sujeito envolvido – é também fazer parte dos processos analisados como objeto, o que coloca o pesquisador na condição de ser sujeito da investigação. Não se pode, portanto, ignorar que minha presença e a do grupo de auxiliares de pesquisa não interfere de alguma forma na produção de dados, um universo específico, e no compartilhamento de territórios existenciais, onde sujeitos e objetos se coproduzem (ALVAREZ & PASSOS, 2020).

Assim, ao longo do processo da pesquisa-intervenção, guiada por uma abordagem ético-estético-política, minha busca foi atuar como mediadora nos processos de criação e nas caminhadas, envolvida com os desejos, vontades, angústias, expressões e desafios que circundam uma produção criativa em contextos como uma praça pública.

No processo cartográfico experimentado nessa pesquisa, nas criações realizadas tanto pelos participantes quanto pela pesquisadora em composição com as afetações do campo, e na escrita do texto, tais materialidades se compõem na busca pela criação de um plano comum da pesquisa (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016).

Ainda assim, conduzir uma pesquisa neste campo era novo. O novo assusta! Porém, confrontar o desconhecido proporciona uma chance de crescimento pessoal. O território do desconhecido aguça a curiosidade e fomenta aprendizados múltiplos.

Para conduzir esta pesquisa, mesmo tendo uma experiência mínima de trabalho e pesquisa com as pessoas em situação de rua, estabelecendo vínculos com algumas pessoas nessa condição em São Carlos, e após seguir todos os procedimentos burocráticos para a submissão do projeto à Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS) de

São Carlos, e ao Comitê de Ética, percebemos que seria importante uma ação prévia – que se configurou como o início do campo.

Chamamos essa etapa da produção de dados de "imersão", na qual a pesquisadora, sozinha no campo, teria como objetivo conhecer os gestores das instituições, entender as rotinas e dinâmicas de cada local, dialogar com as equipes de abordagens dos serviços para identificar as melhores estratégias de acesso aos grupos que se reuniam nas praças, entre outras percepções valiosas que a vivência proporcionaria.

Territórios da pesquisa e instituições parceiras

Compreendeu-se como território da pesquisa de campo o município de São Carlos, interior de São Paulo, Brasil. A pesquisa foi realizada junto às pessoas em situação de rua nos logradouros públicos, nessa pesquisa nomeado como *territórios vivos*³¹, em que havia a concentração desse grupo populacional, e com os sujeitos que frequentavam o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) e a Casa de Passagem, serviços especializados no atendimento a essas pessoas deste município.

Figura 2- Territórios da pesquisa.



Fonte: Arte criada por Mazzon Gil, 2023.

As primeiras ações da pesquisa incluíram uma reunião remota com a equipe da Secretaria de Cidadania e Assistência Social de São Carlos, além das vivências nas

³¹ Nesta pesquisa, optamos por adotar o termo "territórios vivos" para nos referirmos aos espaços de concentração e circulação das pessoas em situação de rua. Compreendemos que nestes espaços não institucionalizados há formas de vida diversas que necessitam ser reconhecidas e valorizadas.

instituições onde parte das atividades seria realizada, nomeadamente o Centro POP e a Casa de Passagem. Quanto aos territórios como praças e rodoviária, não houve contato direto neste primeiro momento. Acordamos (pesquisadora e orientadora) que a produção de dados se iniciaria pelos serviços, visando estabelecer ou ampliar vínculos, primeiramente.

Parcerias essenciais para a pesquisa de campo

Reunião com a Secretaria de Cidadania e Assistência Social de São Carlos

Micronarrativa 3- Registro do Diário de Campo, 18/out./2022.

Era primavera, numa manhã de calor e céu iluminado. Estávamos nos readaptando ao trabalho presencial pós-pandemia, com agendas agitadas. Para facilitar a presença da maioria das pessoas, optamos por uma reunião remota, algo já bastante familiar naquele contexto.

Foi uma troca importante para que pudéssemos nos apresentar: a pesquisadora, a orientadora, as gestoras dos serviços Casa de Passagem e Centro Pop, a profissional à frente dos serviços de Alta e Média Complexidade, responsável pelas demandas da população em situação de rua de São Carlos, e as funcionárias representantes da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social de São Carlos, que atuam junto à secretária da pasta no município.

A reunião transcorreu de forma tranquila, substituímos a insegurança pela confiança. Sentimos que havia abertura, espaço e interesse na pesquisa, com o grupo demonstrando compreender sua relevância para a ampliação da compreensão dessa população. Acordos foram feitos, incluindo o acompanhamento das profissionais da secretaria para a apresentação da pesquisa e da pesquisadora na Casa de Passagem, no primeiro dia de imersão no campo. Saímos animadas!

A escolha dessas instituições como parceiras para esta pesquisa considerou o fato de estarem vinculadas à SMCAS e a manutenção de vínculos estabelecidos anteriormente por mim. Desde setembro de 2019, participo de ações³² realizadas nos locais, com destaque para o Centro POP, junto da Constelação AHTO da UFSCar.

Além das atividades realizadas nas instituições parceiras, acrescentou-se um terceiro território para a pesquisa, garantindo que algumas atividades ocorressem nos espaços de uso/ocupação da cidade por esse grupo populacional, em logradouros públicos. Essa forma de atuar parte da concepção de que a intervenção “se constrói na realidade vivida pela população atendida, [...] no qual se tece a trama do cotidiano: a vida do dia a dia [...]” (COSTA, 2016, p. 149).

Participaram também da pesquisa pessoas que utilizam os espaços públicos, como a praça do cemitério, praça da Catedral, praça do Mercado Municipal (Mercadão) e rodoviária, como lugares de sobrevivência ou sociabilidade. Configura-se, assim, a participação de outro perfil de pessoas em situação de rua, as quais podem ou não recorrer aos serviços de atendimento assistenciais.

Vivenciando a dinâmica das instituições da pesquisa de campo

Casa de Passagem:

A Casa de Passagem Reynaldo Bertolino Neto (antigo Albergue Noturno) acolhe pessoas em situação de rua em tempo integral, oferecendo pernoite, refeições diárias e diversos serviços. Na ocasião da pesquisa, para atender a uma demanda emergencial do município devido ao fechamento do abrigo Casa de Nazaré, também estava oferecendo abrigo. Constitui-se em unidade da Proteção Social Especial de Alta Complexidade, também focada no atendimento das necessidades imediatas da população em situação de

³² A) Projeto de extensão “Vozes das Ruas: narrativas e memórias da população em situação de rua” (2019), realizado em parceria com o Centro POP.

B) Projeto “Vozes das Ruas: plano de comunicação para ampliar as narrativas e memórias da população em situação de rua de São Carlos” (2020/21), realizado em parceria com o Centro POP e a Casa de Nazaré (instituição com atividades encerradas no ano de 2022).

C) Projeto “Cuidar-te” (2022), realizado por meio de financiamento coletivo em parceria com o Coletivo Unsquepensa Arte, a Constelação AHTO e a Prefeitura Municipal de São Carlos, nas dependências do Centro POP, da Casa de Passagem e da Casa de Nazaré.

rua e possui alguns espaços pré-determinados para a socialização, o convívio e atividades coletivas com os usuários, que contribuíram para a realização da pesquisa.

Micronarrativa 4 – Registro do Diário de Campo.

Outra manhã de primavera. São 8h e a segunda-feira promete ser de calor intenso! Aguardo do lado de fora da Casa de Passagem as profissionais da Secretaria Municipal de Cidadania chegarem. Já conheço o local, mas não me sinto convidada a entrar. Olhando de frente para a Casa de Passagem, observo com atenção a linha-luz que se desenha como poética no espaço. As linhas de sombra a contornar a forma do muro, as linhas da grade do portão, as linhas da serpentina acima do muro e a linha inclinada da placa de sinalização da rua. Mas existe uma linha imaginária que nem sempre conseguimos ver, delineada por normas sociais, e o que é ainda mais preocupante, traçadas pela discriminação (Diário de campo, 24/out/2022).

*Quando é que ficou decidido
que seríamos divididos
nesses grupos distintos?
De um lado da linha
quem acha que tem poder para ajudar
do outro lado da linha
quem precisa recomeçar.
(autoria desconhecida)*

Atravesso outra linha imaginária que passa por debaixo do portão evidenciando quem pode ou não entrar e inauguro meu primeiro momento no campo de pesquisa. Linhas imaginárias existem a partir de nossa criação, mas desde o instante em que adentro esse lugar percebo que há inúmeras linhas geográficas dividindo cada canto: o acesso de alguns poucos à cozinha e à sala de atendimento, a travessia por dentro da casa para o uso do banheiro, a turma do corredor lateral, do fundão, da cozinha-sala, da varandinha, da área da frente... Incluindo aqueles que têm permissão para atravessar a mesma linha do portão pelo qual passei, entrando e saindo “com mais liberdade”:

Sou apresentada a todos na casa, funcionários/as e usuários. Junto

dos gestores e das funcionárias da secretaria visito cada cômodo e espaço do local. Ouço histórias e pedidos. E mais pedidos. Há muito a ser feito naquele lugar, e toda oportunidade precisa ser aproveitada.

Permaneço por um longo período, acompanhando o trabalho e os acontecimentos da Casa de Passagem. Compreendo a dinâmica de trânsito e uso dos espaços, o sistema de cadastramento dos que por ali passam diariamente, a organização e distribuição de roupas e itens de higiene pessoal, a divisão e o gerenciamento das tarefas para a limpeza e outras particularidades da vida diária do grupo/instituição.

Do que foi vivenciado, a conversa entre o gestor da Casa de Passagem e as representantes da secretaria trouxe duas preocupações: I. Havia abertura e expectativa em relação ao meu trabalho naquele local, mas pouca compreensão do que ele representava e qual a sua importância para a rede intersetorial e, principalmente, para a população em situação de rua. O desejo por atividades que ocupassem o tempo das pessoas na casa era uma necessidade, especialmente, naquele contexto, em que a Casa de Passagem estava acolhendo também as demandas da Casa de Nazaré*, pós-fechamento temporário da instituição. A esse respeito, não poderia me comprometer. II. Percebo uma tensão entre os serviços geridos por funcionários públicos ligados diretamente à PNPSR e os serviços terceirizados por instituições conveniadas que gerenciam espaços públicos, embora todos façam parte da Rede Socioassistencial, mas com suas especificidades. Na cidade, e essa mesma realidade está espalhada por todo o Brasil, as instituições que prestam esse serviço são ligadas a entidades religiosas cristãs.

Perante o apresentado, combino oferecer as atividades em diferentes horários, assumindo o compromisso de tentar incluir a maioria possível dos diversos perfis das pessoas em situação de rua que usam os serviços da Casa de Passagem. Prometo voltar!

* A Casa de Nazaré era gerenciada por uma instituição privada em parceria com a prefeitura do município de São Carlos, que oferecia atendimento à população em situação de rua em regime de abrigo, com atendimento fixo, 24 horas por dia, todos os dias da semana. Após vencimento do contrato do imóvel, a prefeitura encerrou o contrato com a instituição gestora.

Em experiências dessa natureza, para o pesquisador, o ato de conhecer implica dedicar-se ao entendimento e observar tanto o que é visível quanto o que é invisível, abrangendo tanto aspectos internos quanto externos. De acordo com Morin (1986), é fundamental desenvolver a capacidade de enxergar a realidade, uma vez que nosso cérebro constrói e organiza representações e imagens do mundo real.

A partir desse contexto, é responsabilidade do pesquisador envolver-se ativamente no processo de investigação e destacar a importância de examinar como concebemos a ordem e como nos percebemos ao observar o mundo, ou seja, integrando-nos à nossa própria visão de mundo.

Para além da compreensão intelectual voltada para tornar algo inteligível e explicável, Morin (1990) acredita que é de suma importância ser capaz de perceber e entender o que está subjacente e perdura nas relações intersubjetivas. Essas relações têm influência profunda na maneira como as instituições operam, conferindo-lhes uma singularidade e caráter próprios.

Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP):

O Centro POP é um serviço especializado do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), previsto no Decreto nº. 7.053/2009 e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, constitui-se em uma unidade de referência da Proteção Social Especial de Média Complexidade, voltada para o atendimento das necessidades imediatas da população em situação de rua.

A infraestrutura física do Centro POP contribuirá para a pesquisa por assegurar condições de atendimento às pessoas em situação de rua e, portanto, as unidades contam com alguns espaços pré-determinados. Dentre eles, estão salas e demais espaços para a socialização, o convívio e atividades coletivas com os usuários, configurando-se como um espaço potente que possibilita a criação de vínculos (REIS, 2014). Neste projeto, valoriza-se o cultivo da dimensão política da vinculação.

Manhã de primavera. Uma quinta-feira quente e tranquila. Chego ao Centro Pop, algumas pessoas estão aguardando sua vez na fila do banho, sentadas nas cadeiras plásticas dispostas no corredor, enquanto outras finalizam seu café e um casal lava suas roupas. Já conheço bem o local e sinto-me convidada a circular.

Sigo levando comigo os cumprimentos e abraços, além dos convites para as atividades da pesquisa que logo começarão a acontecer, e me entrego à escuta. Converso tanto com velhos conhecidos quanto com quem acabo de conhecer.

A equipe de abordagem me recebe com entusiasmo, colocando-se à disposição para a parceria e o acompanhamento nos encontros com as pessoas em situação de rua nas praças. Dedico um tempo a conversas, trocas e uma reunião com a gestora para alinhamento das ações, contribuindo também com os serviços prestados pela instituição.

Ao partir, levo comigo a calma daquele dia e a vontade de voltar logo que possível!

Fonte: Texto escrito pela pesquisadora, 27/out./2022.

Organizando o cronograma para a pesquisa de campo

Antes de iniciar efetivamente a pesquisa de campo, desenvolvemos um cronograma com as atividades (disponível em apêndice A). Durante a elaboração desse documento, direcionamos nossos esforços para garantir que os participantes da pesquisa fossem tratados como prioridade. Nosso interesse central nesta pesquisa foi mapear perspectivas plurais sobre/com as pessoas em situação de rua, a partir do convite e da percepção de expressões criativas de seus cotidianos, e criar um repositório subjetivo e sensível sobre esta temática. Partimos do pressuposto de que existem várias maneiras de sobreviver nessa

condição, e é importante ressaltar que a ideia de que essas pessoas estão sempre disponíveis não corresponde à realidade.

Para determinar as datas e os horários das atividades de campo, foi necessário fazer escolhas visando conciliar diversas agendas, incluindo a da pesquisadora e seu trabalho como docente, as agendas dos/as auxiliares de pesquisa e suas responsabilidades acadêmicas e/ou profissionais, os horários de funcionamento das instituições Casa de Passagem³³ e Centro POP³⁴ bem como os seus fluxos, além das diferentes demandas e perfis das pessoas em situação de rua.

Diante dessa condição, entendemos que seria primordial priorizar os horários possíveis para mim e as características específicas da pop rua. Esta seleção apresenta de antemão uma ética pelas pessoas participantes da pesquisa e anuncia a potência de um modo de ser-pensar-fazer pesquisa em terapia ocupacional sustentada pelo laboratório AHTO.

Ao criar o cronograma, também surgiram outras questões a serem consideradas, como as datas em que a seleção brasileira de futebol jogou durante a Copa do Mundo. Isso afetou o campo da pesquisa, uma vez que o Centro POP, sendo uma instituição pública municipal, teve suas atividades suspensas nos horários dos jogos ou funcionou com horário reduzido.

Outra complicação que se somou a essas questões foi às festividades de Natal, oferecidas gratuitamente para as pessoas de São Carlos nas praças da cidade. Compreendemos que isso também impactaria a disponibilidade e participação das pessoas em situação de rua nas atividades da pesquisa. Por fim, todo trabalho da pesquisa de campo foi planejado para acontecer entre o período de novembro de 2022 a janeiro de 2023, ou como eu tenho nomeado o tempo da minha pesquisa, na primeira primavera e no primeiro verão do meu mestrado.

Os encontros foram planejados para acontecer de maneira alternada nos espaços selecionados como "território da pesquisa", abrangendo todos os dias da semana, de segunda a domingo, com o intuito de encontrar o maior número possível de perfis de pessoas em situação de rua. No Centro POP, as atividades foram realizadas durante a semana, respeitando os horários de abertura e fechamento da instituição - das 8h às 17h.

³³ A Casa de Passagem funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana, sendo o acolhimento para pernoite realizado a partir das 17h.

³⁴ A unidade do Centro POP deverá estar aberta para funcionamento ao público, necessariamente nos dias úteis, durante 8 horas diárias. A partir de uma avaliação local, o período de funcionamento poderá ser ampliado para feriados, finais de semana, período noturno, etc. (Brasil, 2011, s/p).

Nos demais lugares, havia a possibilidade de realização da atividade em qualquer período – pela manhã, à tarde ou à noite.

Procedimentos éticos

A pesquisa foi conduzida de acordo com os princípios éticos fundamentais e teve início somente após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), sob o nº. 5.654.582. Os participantes que concordaram em participar das atividades foram devidamente informados sobre os objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no apêndice E.

A participação das pessoas só ocorreu mediante a assinatura dos seguintes termos: Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), Termo de Consentimento de Participação da Pessoa como Sujeito (solicitação da Secretaria de Cidadania e Assistência Social do município de São Carlos/SP) e Termo de autorização para registro e utilização de imagem, som de voz e artefatos (disponíveis nos apêndices E, F e G).

A participação foi voluntária, sem compensação financeira, e os participantes podiam desistir a qualquer momento sem prejuízo ou consequências negativas.

Não houve custos para os participantes e todos os materiais foram fornecidos pela pesquisadora. As atividades ocorreram nos locais frequentados pelas pessoas em situação de rua, incluindo logradouros públicos e instituições parceiras da pesquisa.

De acordo com as boas práticas em pesquisa, nos comprometemos a adotar práticas eficientes de armazenamento de dados, garantindo a segurança, integridade e acessibilidade das informações coletadas. Dessa forma, os dados físicos como termos de consentimentos e criações dos participantes, serão armazenados em caixas devidamente identificadas na sala da Constelação AHTO, no prédio do Departamento de Terapia Ocupacional (DTO/UFSCar). Já os materiais criativos desenvolvidos pela pesquisadora, como diário de campo, ilustrações e objetos artísticos, ficarão sob sua responsabilidade, acondicionados com segurança em seu escritório/ateliê.

Os dados digitais como fotografias, arquivos digitalizados e todos os elementos textuais e visuais que compõem a dissertação, ficarão armazenados em uma pasta no *Google Drive* criada pela orientadora e compartilhada com a pesquisadora pelo e-mail de estudante da UFSCar, por um período de cinco anos. Somente as pesquisadoras envolvidas terão acesso por meio de senha pessoal, promovendo, assim, a transparência e evitando o compartilhamento inadequado dos dados.

A) Análise de Riscos

De acordo com os termos das Resoluções n.466/2012 e n.510/2016, os riscos da participação na pesquisa poderiam se manifestar através de sensação de desconforto gerada pelo contato com temas que estão ligados às experiências subjetivas de cada participante, suas histórias de vida, relatos do cotidiano e desejos.

Assim, a participação no projeto não obrigou os/as participantes a compartilharem suas memórias e histórias se não se sentissem confortáveis em fazê-lo, sendo possível, a qualquer momento, optar pela não participação parcial ou completa na atividade proposta, podendo cessar a participação no projeto e mesmo solicitar a exclusão de dados registrados no diário de pesquisa e quaisquer outros registros gerados durante o estudo envolvendo sua participação, sem que isso lhe causasse qualquer prejuízo.

Caso houvesse algum incômodo provocado pela participação nas atividades do projeto, a pesquisadora responsável prontificou-se a acolher as questões individuais do/a participante e auxiliar no encaminhamento para os seguimentos competentes, se necessário.

B) Análise de Benefícios

Esta pesquisa proporcionou aos/as participantes a vivência de experimentações artísticas, oferecendo oportunidades para expressão, reflexões individuais e coletivas sobre o significado de estar em situação de rua, as vulnerabilidades presentes em seus cotidianos e as dinâmicas de sociabilidade que permeiam suas vidas, além de como são agenciados seus modos de viver.

A possibilidade do fazer/pesquisar junto com as pessoas em situação de rua, através da imersão em seus processos de criação material, textual e/ou imagético, pode romper com binarismos e generalizações, contribuindo para uma produção subjetiva e sensível que considera os modos de vida desses sujeitos plurais, sua autoimagem e seu entendimento sobre o que é a rua.

Os encontros foram concebidos como convites à participação, onde as singularidades são valorizadas, mas as produções foram todas coletivas, de modo que o estar junto, respeitando a diversidade e evitando a discriminação, seja um exercício constante.

Espera-se contribuir para uma visão ampliada das pessoas em situação de rua, que possa influenciar o desenvolvimento de políticas públicas, a compreensão de seus direitos e

o debate sobre as desigualdades e exclusões intensificadas por sistemas socioeconômicos e políticos sustentados por governos neoliberais.

Crítérios de inclusão e exclusão de participantes

As atividades realizadas com os participantes nesta pesquisa foram organizadas em momentos distintos, complementares para o processo de produção de dados da pesquisa, sem a obrigatoriedade de uma mesma pessoa participar de todos os encontros. Independentemente do número de encontros que a pessoa em situação de rua participasse durante a realização desta pesquisa, foram critérios de inclusão:

- a) ser maior de 18 anos;
- b) considerar-se pessoa em situação de rua;
- c) compor o grupo de forma a respeitar a diversidade, a dignidade e a não-discriminação dos demais participantes durante as oficinas de atividades e os percursos de caminhadas oportunizados pela pesquisadora;

d) assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), o Termo de Consentimento de Participação da Pessoa como Sujeito e o Termo de autorização para registro e utilização de imagem, som de voz e artefatos. Para os participantes com baixa escolaridade, o TCLE foi lido e preenchido por uma auxiliar de pesquisa, e as pessoas assinaram com seus nomes. Caso houvesse participante sem escolaridade, o documento poderia ser assinado por meio do carimbo de sua digital.

Como critério de exclusão da pesquisa, consideramos a condição de participação da pessoa. Não poderiam participar aqueles que não tinham condições de realizar as atividades devido a condições diagnósticas específicas³⁵, as quais também promovem dificuldades em compreender o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as propostas para o grupo.

Auxiliares de pesquisa

Nesta pesquisa, a pesquisadora foi a campo acompanhada por uma equipe de auxiliares de pesquisa. A formação da equipe foi conduzida por meio de uma chamada pública, com convite (disponível no apêndice B) divulgado no Departamento de Terapia

³⁵ "Condições diagnósticas específicas" refere-se a diagnósticos médicos ou psicológicos que podem afetar significativamente a capacidade de uma pessoa em participar de determinadas atividades. Esses diagnósticos podem incluir, por exemplo, condições graves de saúde mental, deficiência intelectual severa ou outros transtornos que impedem a compreensão e a execução das atividades propostas na pesquisa. Nesta pesquisa, tivemos um participante que não pode participar.

Ocupacional da UFSCar (DTO) e nas redes sociais do AHTO, em minha página e na página da orientadora.

Após as inscrições, optamos por admitir todos os alunos que demonstraram interesse, uma vez que a pesquisa seria realizada em diversos dias e horários ao longo da semana, incluindo os fins de semana.

A equipe foi formada por seis discentes da UFSCar: Mariana Viana da Silva, aluna do curso de Ciências Sociais; Caroline da Cunha Silva e Robson Batista Dantas, estudantes do curso de Imagem e Som; Laura Isa Melo Matias, Leonardo Lima Gabarra e Thainara Caroline da Silva Palhares³⁶, discentes do curso de Terapia Ocupacional.

Durante a escrita desse texto, o/as auxiliares serão identificados por seus nomes, conforme definido e autorizado por eles.

Em conjunto com a orientadora, estabelecemos as funções dos auxiliares de pesquisa, que incluíam:

- a) Realizar o acolhimento e os convites aos participantes – a orientação para a atividade era dada pela pesquisadora;
- b) Coletar as assinaturas dos participantes nos três termos de consentimento necessários para a pesquisa³⁷;
- c) Registrar fotos (sempre que possível), áudios e vídeos (quando aplicável);
- d) Fazer anotações textuais nos diários de campo individual e coletivo;
- e) Participar das reuniões da equipe.

Para facilitar a comunicação do grupo e compartilhar informações durante o trabalho de acompanhamento da equipe, foi criada uma pasta no *Google Drive*. Além dos materiais produzidos no campo, foram disponibilizados alguns textos introdutórios sobre o tema, bem como trabalhos e publicações anteriores realizados pelo AHTO relacionados a pessoas em situação de rua. Para uma comunicação mais ágil no dia a dia, também criamos um grupo no *WhatsApp*.

Dentre as orientações que receberam as mais relevantes foram:

- Definição das funções da pesquisadora durante a atividade, abrangendo acolhimento, investigação e coordenação do grupo e da proposta;

³⁶ Dentre todos os/as discentes, somente a Thainara tinha experiência com a população em situação de rua, tendo participado do projeto de extensão “Vozes das Ruas: plano de comunicação para ampliar as narrativas e memórias da população em situação de rua de São Carlos”, realizado pelo laboratório AHTO no ano de 2020.

³⁷ Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Termo de autorização para registro e utilização de imagem, som de voz e artefatos. Consentimento de participação da pessoa como sujeito. (consultar apêndice E; F; G)

- Ênfase na importância do acolhimento por toda a equipe em relação aos participantes;
- Destaque para a necessidade da assinatura dos termos pelos participantes, fundamental para a pesquisa;
- Orientações sobre os cuidados a serem tomados ao registrar fotos, áudios e vídeos (quando aplicável);
- Ênfase na relevância das anotações textuais nos diários de campo individual e coletivo (disponibilizados de forma física via *Google Drive*);
- Anotação do número de horas trabalhadas com os registros no diário de campo para a posterior certificação.

Com o propósito de proporcionar suporte para que todos os/as auxiliares pudessem realizar suas anotações, ao mesmo tempo em que serviria como uma lembrança, criei artesanalmente um *sketchbook*³⁸ (fig. 2) para ser entregue a cada auxiliar de pesquisa.

Figura 3 – Registro do conjunto de Sketchbook criado artesanalmente pela pesquisadora.



Fonte: Criação da pesquisadora, 2022.

Acompanhando o *sketchbook*, incluí uma carta de boas-vindas, um lápis e um bombom (fig. 3). A embalagem foi cuidadosamente finalizada com um laço e uma *tag* (etiqueta), onde constava o nome de cada participante, elaborada à mão com carimbo e aquarela. Essa atenção meticulosa aos detalhes foi planejada com o objetivo de integrar

³⁸Nome dado a um caderno, mais conhecido por ter as folhas sem pauta e utilizado por desenhistas, artistas e designers, mas pode ser manuseado por qualquer pessoa, pois sua principal finalidade é o registro de ideias através de rascunhos ou anotações.

cuidadosamente a equipe, que também desempenharia um papel fundamental no território da pesquisa.

Figura 4 - Registro do kit montado pela pesquisadora finalizado.



Fonte: Criação da pesquisadora, 2022.

Ao convidarmos os membros da equipe a se juntarem a este processo, fornecemos opções de datas para os encontros com as pessoas em situação de rua. Levando em consideração as disponibilidades de horários específicos, foram então definidas as equipes para o trabalho semanal, conforme apresentado na tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Dias e períodos disponibilizados pelos auxiliares de pesquisa para as atividades no campo.

	Segunda-feira			Terça-feira		Quarta-feira		Quinta-feira			Sexta-feira			Sábado			Domingo		
	manhã	tarde	noite		tarde	noite		tarde	noite	manhã	tarde	noite	manhã	tarde	noite	manhã	tarde	noite	
Mariana	X																		
Thainara	X		X			X		final	X										
Carol	X		X						X		X	X							
Leo	X		X						X		X								
Laura	X		X			X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Robson			X						X			X							

Fonte: Criação da pesquisadora, 2023.

Com base no preenchimento da tabela, estabelecemos que as reuniões de alinhamento e planejamento seriam realizadas às quintas-feiras, e os demais dias em que pelo menos um/a auxiliar de pesquisa estivesse disponível seriam considerados como opções para as atividades de campo.

Compreendemos que a integração de estudantes poderia configurar uma experiência facilitadora para a pesquisadora, diante das diversas demandas do campo. Levando em consideração que a cartografia é um “procedimento *ad hoc*, a ser construído caso a caso” (KASTRUP; BARROS, 2020, p. 76), percebemos que essa aproximação seria enriquecedora tanto para os/as graduandos/as quanto, especialmente, para as pessoas em situação de rua, considerando as diversas necessidades desse grupo singular.

A presença e a atuação dos/as auxiliares de pesquisa podem ser consideradas como uma extensão da pesquisadora no campo. Eles/elas desempenham um papel fundamental como mediadores/as, facilitando a comunicação e a interação entre a pesquisadora, os/as participantes e os dispositivos de pesquisa. A ênfase na disposição para serem mediadores destaca a importância da flexibilidade e abertura para lidar com as situações imprevistas e as diferentes formas de expressão que podem surgir durante as atividades no campo.

Na prática cartográfica, os dispositivos de pesquisa não são meros instrumentos, mas coagentes ativos na produção do conhecimento. Eles são parte integrante do processo de pesquisa, influenciando e sendo influenciados pelas dinâmicas emergentes do campo. Assim, é tarefa da pesquisadora, segundo Kastrup e Barros (2020), acompanhar os efeitos dos dispositivos.

Ainda sobre a participação de estudantes, a escritora bell hooks, em seu livro *Ensinando a Transgredir: a educação como prática libertadora* (2013), enfatiza um ponto de vista que compartilhamos sobre a importância de reconhecer os alunos como seres humanos integrais, buscando não apenas o conhecimento dos livros, mas também o conhecimento sobre como viver no mundo, sendo vistos em sua totalidade com vidas e experiências complexas, e não apenas como buscadores de fragmentos de conhecimento.

Para Paulo Freire, educador que inspira o texto de bell hooks, “a práxis não é ação cega, desprovida de intenção ou finalidade. É ação e reflexão” (FREIRE, apud hooks, 2013, p. 68). O conceito de “práxis” em Freire refere-se à integração entre a teoria e a prática, destacando a importância de uma ação educativa que seja informada pela reflexão sobre a realidade e que busque a transformação social.

Nesse sentido, acreditamos que o envolvimento das/os discentes no campo possibilitaria a vivência da ação consciente e da reflexão crítica na prática educacional.

Memorial de criação da logomarca da pesquisa

Figura 5 – Logomarca do projeto.



Fonte: Criação de Mazzon Gil em parceria com a pesquisadora, 2022.

A ideia inicial era criar algo que visualmente transparecesse principalmente o ato de caminhar. Com isso, buscava-se uma abordagem cartográfica no sentido geográfico. Pretendia-se uma mistura de rigor representado pela técnica e sensibilidade expressa pela manualidade/artesanato. Desse processo, surgiram palavras-conceito, sendo as mais notáveis: "caminho", "pegada", "gesto" e "território".

Antes de iniciar o desenvolvimento dos elementos visuais na logomarca, realizou-se um primeiro ensaio focado no aspecto verbal. O conteúdo textual a ser incluído na arte final é relativamente extenso em comparação com o padrão usual do design gráfico. A organização desse conteúdo torna-se fundamental para a composição da logomarca. Neste caso, diferentemente de uma logomarca com base em uma única palavra curta, como é comum, as letras tornam-se o principal elemento visual em volume para formar a imagem.

Após a concepção de algumas estratégias de diagramação para o texto, iniciou-se a busca por uma tipografia que estivesse alinhada ao conceito da logomarca, expressando visualmente nas letras o conteúdo textual.

Foram consideradas as fontes *Please write me a song*, de Vanessa Bays, que possui uma caligrafia simulando um manuscrito leve e limpo de qualidade sensível, e *Teen Light*, da forja *Typodermic Fonts*, uma fonte com personalidade marcante, apresentando tipos caixa baixa altos que conferem uma energia única, mantendo ainda um tom de manuscrito, como se fossem escritas casualmente com uma pena de desenho larga.

Em seguida, avançou-se na criação, incorporando elementos puramente visuais para complementar o texto. O primeiro elemento foram as cores.

No aspecto das cores, a opção foi não depender delas para a representação da logomarca, considerando a possível necessidade de reprodução em massa por meio de fotocópia, levando em conta o número esperado de participantes e os meios de produção disponíveis. Desde o início, definiu-se a intenção de utilizar no máximo três cores, sendo uma neutra e duas de contraste. Uma das cores escolhidas foi um tom assemelhando-se a um rosa pouco saturado, e essa escolha persistiu até a versão final, juntamente com o cinza.

Em seguida, em relação à representação visual da "pegada", desenvolveu-se literalmente o ato de "carimbar um pé" (no caso, o meu pé), utilizando barro como tinta sobre papel. Essa folha foi digitalizada e posteriormente vetorizada para uso no software onde a logomarca estava em desenvolvimento.

Outro elemento das palavras-conceito, o "caminho", foi representado por uma linha tracejada, em concordância com o valor cartográfico. Os pontilhados utilizados graficamente em mapas geográficos e mesmo nos percursos de mapas de tesouro fantásticos inspiraram essa escolha.

Das curvas de vai-e-vem que se formaram com a representação do "caminho", surgiu a ideia para a inclusão do "gesto" - uma forma semelhante ao vai-e-vem, mas contrastante no modo de confecção, destacando-se pelo orgânico em contraposição ao gráfico/digital. Para isso, foram realizados diversos pequenos desenhos com nanquim e pincel sobre uma folha branca, posteriormente digitalizada. Diversas iterações foram produzidas até que uma fosse cuidadosamente selecionada como a mais próxima do "ideal" para a representação do gesto, do manual e artesanal em imagem, mantendo ainda a conexão visual com a representação do "caminho".

Após diversos trajetos de criação trilhados, já com todo o conceito e visuais praticamente definidos, percebeu-se que a fonte *Please write me a song* possui uma característica "juvenil" que, apesar de discreta, ainda era incômoda. Na busca por alternativas, observou-se que a maioria das fontes caligráficas mais simples e limpas compartilham essa característica. Quando confrontadas com fontes caligráficas mais rebuscadas ou "soltas", estas tendem a ser excessivamente formais ou sujas/guturais, respectivamente.

Finalmente, a família de fontes *Barlow*, do designer estadunidense *Jeremy Tribby*, foi escolhida como substituta (e como tipografia primária para todos os trabalhos gráficos derivados desse trabalho de mestrado). Essa escolha foi motivada por suas características

funcionais, como a altíssima legibilidade (sendo inclusive utilizada em sinalização) e a profusão de pesos e estilos disponíveis na família (necessários para o jogo de mudanças de tamanho de fonte e *tracking* na logo).

Além disso, suas características visuais, como o fato de suas linhas não produzirem "cantos vivos" — todos os ângulos de contorno foram cuidadosamente "limados", deixando a fonte levemente arredondada — conferem suavidade na leitura e uma qualidade quase manuscrita. Com essas características, a fonte *Barlow* demonstrou ser um exemplo de equilíbrio entre o técnico/intelectual em sua concepção e o sensível em sua execução, alinhando-se com a ideia geral da mensagem do trabalho e agregando esses valores ao logotipo com sua seleção.

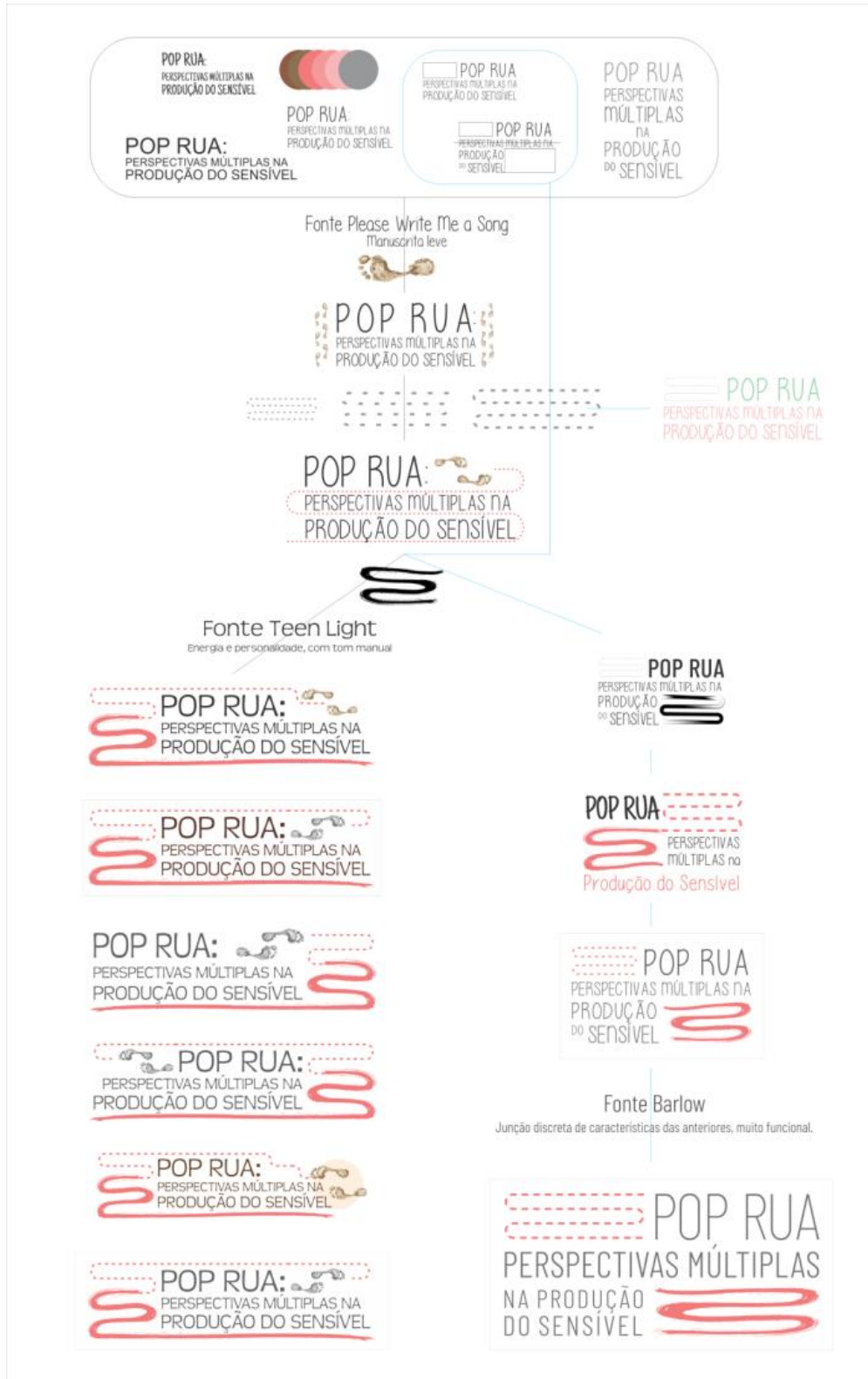
Após mais ramificações de criação e uma necessária sequência de triagem, restaram duas alternativas principais: uma logomarca mais horizontal, com a fonte *Teen Light* e o uso do "caminho", "gesto" e "pegada"; e outra opção com proporção aproximada de 1:2, com a fonte *Please write me a song* e o uso somente do "caminho" e "gesto". A segunda opção foi então designada para finalização. Apesar dessa versão não exibir a palavra-conceito "pegada" explicitamente, essa está presente intrinsecamente no "caminho" (e sua exclusão foi benéfica, pois, em pós-análise, o estilo visual resultante da técnica usada para criação da imagem conflita com a logomarca criada).

Outro ponto que levou à seleção é que a composição e diagramação do elemento textual nessa variante traz em si outra palavra-conceito: "território". Essa composição foi estruturada em um grid que cria quatro espaços equivalentes nas pontas do retângulo formado (visual "caminho" e "POP RUA" em cima; "NA PRODUÇÃO DO SENSÍVEL" e visual "gesto" em baixo), além de um espaço com área equivalente a um dos outros, passando pelo centro horizontal. Essa estrutura representa quatro territórios transpassados por uma fronteira ou passagem.

Espera-se que o conjunto final resultante da logomarca permita diversas interpretações relacionadas às caminhadas e visitas a esses territórios. Uma interpretação subjetiva proposta parte do pressuposto de que, na área superior, temos um território com o "caminho", o vai-e-vem "cartesiano" e "POP RUA". Ao atravessar a fronteira das "múltiplas perspectivas", percebe-se o território com "NA PRODUÇÃO DO SENSÍVEL" e uma nova interpretação da mesma forma do vai-e-vem, agora orgânica e sensível no "gesto". Essa representação interpretativa reflete o efeito das múltiplas perspectivas ao transformar estatísticas (o traço gráfico) em algo vivo e sensível, evidenciando que a massa de dados e

números disponíveis são, na verdade, formados pelas individualidades e histórias humanas relacionadas ao tema da pesquisa.

Figura 6 - Processo de criação da logomarca da pesquisa.



Fonte: Criação de Mazzon Gil, 2022.

O trabalho e a criação em campo

Neste estudo, a cartografia, vista como um dispositivo para reflexão sobre a realidade, nos ajuda a explorar uma questão metodológica: como a cartografia pode contribuir para a produção de subjetividades e expressões criativas em conjunto com as pessoas em situação de rua?

Considerando os saberes e os desejos da pesquisadora aprendiz-cartógrafa para estes encontros, a produção de dados dessa pesquisa-intervenção foi organizada da seguinte forma:

I. *metodologias visuais aplicadas em oficinas de atividades*: inspiradas nas ideias de Silva (2013), as oficinas de atividades³⁹ são concebidas como um meio de comunicação e expressão das vivências individuais e coletivas. Elas abrangem diversos aspectos do cotidiano, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos participantes, que são também sujeitos da pesquisa. Durante esta fase específica da pesquisa de campo foram realizados encontros para propor atividades artísticas. Esses encontros possibilitaram aos participantes expressarem suas experiências por meio de diferentes linguagens artísticas predefinidas por nós, em composição com temáticas e intencionalidades relevantes para a pesquisa.

II. *caminhadas e acompanhamento de trajetórias*: fundamentadas no cultivo da disponibilidade à experiência (ALVAREZ; PASSOS, 2020), as caminhadas foram planejadas para constituir a segunda etapa da pesquisa de campo, que sucedeu os encontros mencionados na seção anterior. Nessa fase, propusemos caminhadas para os participantes em situação de rua, convidando-os a compartilhar seus percursos pela cidade, percorrendo determinados trechos de seu território na companhia da pesquisadora, dos/das auxiliares de pesquisa e demais participantes presentes no momento do encontro.

Os fluxos sensíveis da pesquisa também foram acompanhados pelo método cartográfico.

A cartografia pressupõe intenções de quem a percorre. [...] busca extrair um bloco de sensações, um puro ser de sensações. E, para isso, de acordo com cada autor, o método e sua invenção são a própria pesquisa, enquanto a sensação é o próprio pensamento ou aquilo que faz com que o cartógrafo se impressione e expresse sua relação com as coisas que o tocam.

³⁹ O termo “oficinas de atividades” é utilizado por algumas terapeutas ocupacionais em suas práticas terapêuticas e encontro correspondência entre esse termo e o termo “atividades artísticas” empregado no campo da arte. Considerando que esta pesquisa é conduzida por uma pesquisadora com formação no campo da arte, em conjunto com a terapia ocupacional, ao descrever as ações realizadas no campo, optarei por referir-me a elas como “atividades artísticas”.

Sendo uma explicitação das sensações, a cartografia se produz através de conceitos, depoimentos e compromissos. Os conceitos, portanto, nunca podem ser separados das sensações. Eles são suas letras, seus registros ou suas vibrações (KIRST et al., 2003, p. 98).

Considerando que na cartografia a análise teórica está sempre ligada à experiência sensorial, foram planejados 16 encontros junto às pessoas em situação de rua para a construção do trabalho e criação em campo. Esses encontros foram estruturados em três blocos: a) Um conjunto com oito oficinas com temáticas distintas; b) Quatro caminhadas, cada uma com uma intencionalidade; c) Quatro encontros para outras ações que poderiam ser necessárias após o início da produção de dados.

Conforme a prática de pesquisa adotada, a cartografia, o planejamento poderia ser modificado de acordo com a necessidade da pesquisa, em resposta aos acontecimentos do campo, ajustando-se ao conceito de processualidade - não há dados prévios a serem coletados e comprovados de forma objetiva; o foco está na captação detalhada e sensível dos elementos que surgem durante o processo de interação com os participantes da pesquisa e com o contexto estudado. Isso inclui observar e analisar as nuances das relações humanas, os padrões de comportamento, as dinâmicas do grupo e os processos formativos que moldam o objeto de estudo.

A esse respeito, Barros e Kastrup (2020) destacam que a pesquisa é dinâmica e fluida, não se limitando a etapas fixas ou lineares. Cada momento da pesquisa é permeado por processos em constante evolução, seja no campo, na reflexão teórica, na escrita ou em outras atividades relacionadas ao estudo.

Essa abordagem cartográfica considera a pesquisa como um processo contínuo de construção e transformação, em que estamos constantemente envolvidos na produção de conhecimento. É importante compreender a pesquisa como um processo em constante movimento, onde a própria dinâmica da investigação molda e é moldada pela realidade em estudo (BARROS; KASTRUP, 2020).

No entanto, como tínhamos a intenção de preservar as temáticas dos encontros que correspondiam aos objetivos da pesquisa, houve a inserção de somente uma temática ao bloco de ações.

Bloco a) Conjunto de oficinas com temáticas distintas

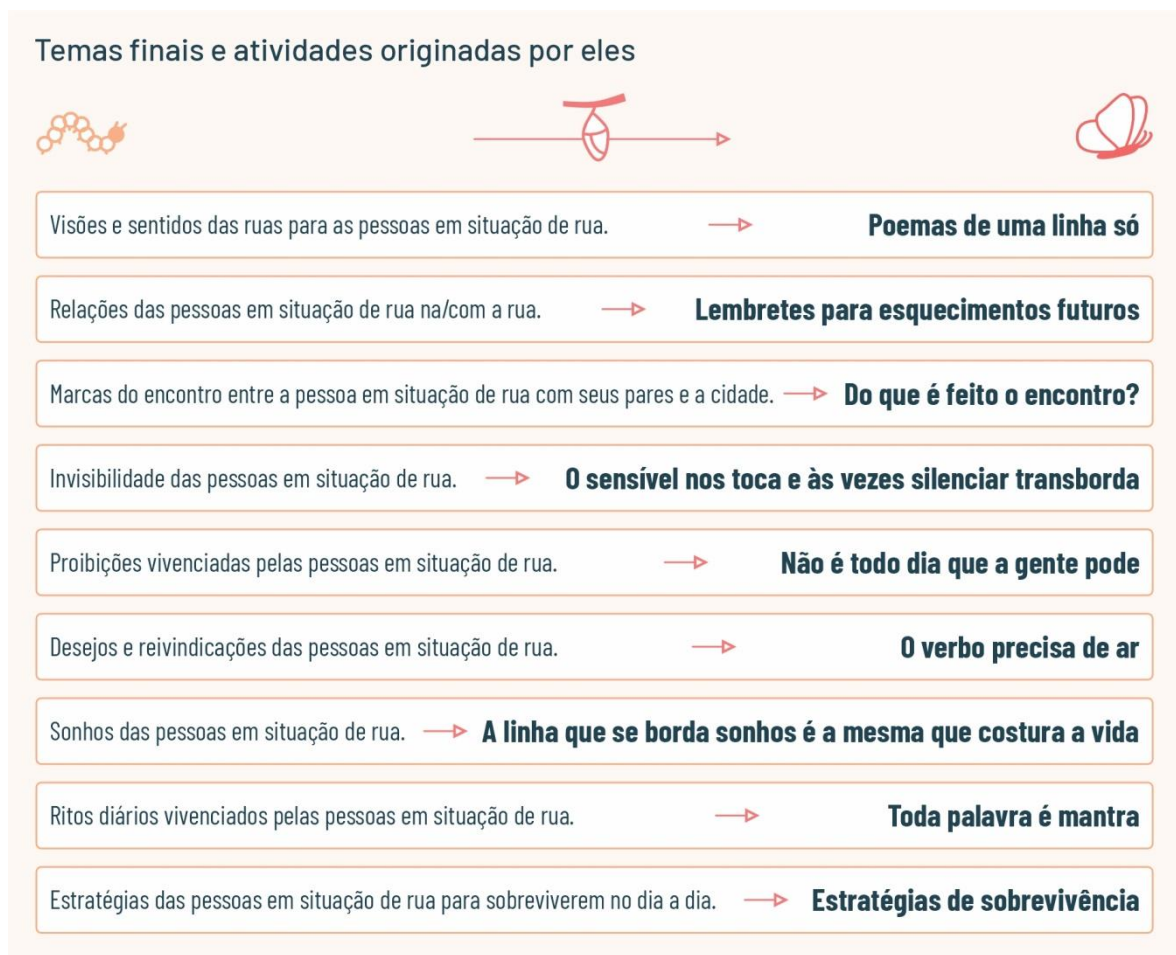
O bloco a) Conjunto de oficinas com temáticas distintas, foi planejado para ocorrer em oito encontros, visando à expressão e criação singular/coletiva por meio de um

grupamento de proposições artísticas permitindo-nos obter, pelo menos, uma visão geral do cotidiano dessas pessoas em situação de rua.

Inicialmente, definimos as temáticas dos encontros após a leitura da publicação de Silva e Pinho (2022), intitulada “RUA: Aprender a contar”, que apresenta os dados do Relatório Síntese do I Censo da População em Situação de Rua de São Carlos 2019, o qual acompanhei por meio de um projeto de ensino, pesquisa, extensão e cultura, que fazia parte do evento quando me aproximei do AHTO.

No infográfico 2 é possível identificar as temáticas que foram incorporadas às oito atividades artísticas planejadas para o primeiro bloco de ações, bem como uma proposta adicionada posteriormente - temática e objetivo. Essas nove temáticas/oficinas foram distribuídas ao longo dos quatro meses em que a pesquisa de campo aconteceu.

Infográfico 2- Temáticas e atividades propostas para o bloco a).



Fonte: Criação de Mazzon Gil a partir dos dados produzidos pela pesquisadora, 2024.



Concebemos que seria importante desenvolver essas atividades inicialmente nas instituições parceiras e nos espaços públicos onde havia concentração de pessoas em situação de rua para fortalecer os vínculos. Posteriormente, convidaríamos os participantes para as caminhadas por seus territórios vivos.






Para cada temática, propusemos uma oficina artística que acreditávamos dialogar ou potencializar a expressão dos participantes da pesquisa. No processo de seleção das atividades, consideramos os seguintes critérios:

- O recurso material que melhor consistia com a temática e, a nosso ver, potencializaria a expressão dos participantes;
- A acessibilidade dos processos, considerando os diferentes lugares nos quais a atividade seria oferecida, como praças, por exemplo;
- O tempo necessário para a execução das atividades, visando não ser um impeditivo para a participação, uma vez que essas pessoas possuem hábitos diversos, e alguns estariam conosco durante sua atividade de trabalho;
- Os contextos de vida e trajetórias dos participantes para que se mesclassem objetos, expressões e técnicas conhecidas e outras talvez não conhecidas, mas que a forma também pudesse despertar interesse, curiosidade e desejo de participação;
- Os custos, já que conduzi a atividade sem financiamento, utilizando recursos materiais de meu próprio acervo de trabalho e oriundos do AHTO.

Diante destes critérios pré-estabelecidos, integramos essa etapa da produção de dados as seguintes atividades:

Infográfico 3- Apresentação das atividades que compuseram o bloco I. metodologias visuais aplicadas em oficinas de atividades.

Apresentação das Atividades		
ícone	título da atividade	intenções, questões levantadas e materialidade da proposta artística
	Poemas de uma linha só	Intenção: realizar um mapeamento das visões e dos sentidos das ruas para as pessoas em situação de rua. Materiais: carretel de madeira cilíndrico reutilizado, tiras de tecido de algodão cru com 6 cm de largura, canetas para tecido, linha de meada e agulha para bordado.
	Lembretes para esquecimentos futuros 1	Intenção: realizar um mapeamento das experiências da população em situação de rua, explorando as seguintes perguntas-chave: O que desejo recordar? O que prefiro esquecer? Materiais: cartão com <i>layout</i> personalizado recortado em papel kraft 300g, caneta esferográfica e hidrocor jumbo, giz pastel oleoso, revista para recorte, tesoura, cola, ilhós, furador de papel, pregadora de ilhós.

	Lembretes para esquecimentos futuros 2	<p>Intenção: mapear quais são as narrativas compartilhadas pelos seus pares e/ou pelas pessoas que não vivenciam a situação de rua, explorando a pergunta-chave "Como eu me sinto?"</p> <p>Materiais: Tecido de algodão cru, giz pastel e canetas para tecido, moldes em formato de balões.</p>
	Do que é feito o encontro?	<p>Intenção: realizar um mapeamento das marcas, rastros, e texturas que nascem do encontro entre a pessoa em situação de rua com seus pares e a cidade.</p> <p>Materiais: argila, base de Eucatex, saco plástico, estecas, pote para água e pano para limpeza.</p>
	O sensível nos toca e às vezes silenciar transborda	<p>Intenção: realizar um mapeamento das marcas sensíveis registradas nos corpos da população em situação de rua deixadas pela invisibilidade. "Quando eu sou invisibilizado?"</p> <p>Materiais: tecido "voal" e outros com transparência, canetas para tecido, esferográfica e hidrocor, linha de meada, agulha para bordado, giz pastel para tecido, giz de cera, folha A4 120g, tesoura, cola para tecido, câmera fotográfica.</p>
	Não é todo dia que a gente pode	<p>Intenção: realizar um mapeamento das proibições vivenciadas por um corpo em situação de rua. "Quando eu sou censurado?"</p> <p>Materiais: vinil adesivo branco, caneta para retroprojetor, base de PS com 2mm em formato e escala de uma placa de sinalização similar as placas de "proibido".</p>
	O verbo precisa de ar	<p>Intenção: realizar um mapeamento dos desejos e das reivindicações das pessoas em situação de rua. "O que eu gostaria de pedir? O que eu poderia propor?"</p> <p>Materiais: base com layout personalizado impresso em papel 180g com formatos de folhas de árvores, caneta esferográfica e hidrocor, revista para recorte, tesoura e cola; argila, base de Eucatex, saco plástico, estecas, pote para água, pano para limpeza.</p>
	A linha que se borda sonhos é a mesma que costura a vida	<p>Intenção: realizar um mapeamento dos sonhos e aspirações das pessoas em situação de rua.</p> <p>Materiais: tecido de algodão (tricoline), linha de meada, agulha para bordado, caneta apagável, caneta para tecido, bastidor e tesoura.</p>
	Toda palavra é mantra	<p>Intenção: realizar um mapeamento dos ritos diários praticados em seus cotidianos. Quais são as atividades diárias?</p> <p>Materiais: papel branco gramatura 180, caneta hidrocor e esferográfica, fitas de cetim, furador de papel.</p>
	Estratégias de sobrevivência nas ruas	<p>Intenção: realizar um mapeamento das estratégias utilizadas pelas pessoas em situação de rua para sobreviverem no seu dia a dia.</p> <p>Materiais: retalhos de tecido de algodão, caneta para tecido, base de Eucatex com cola permanente e tesoura.</p>

Fonte: Criação de Mazzon Gil a partir dos dados fornecidos pela pesquisadora, 2023.

Para viabilizar os recursos materiais para essa etapa da produção de dados, foram utilizados materiais e recursos da Constelação AHTO UFSCar, assim como recursos próprios do meu acervo, pois sou artista visual e membra de um coletivo de artistas do qual sou cofundadora.

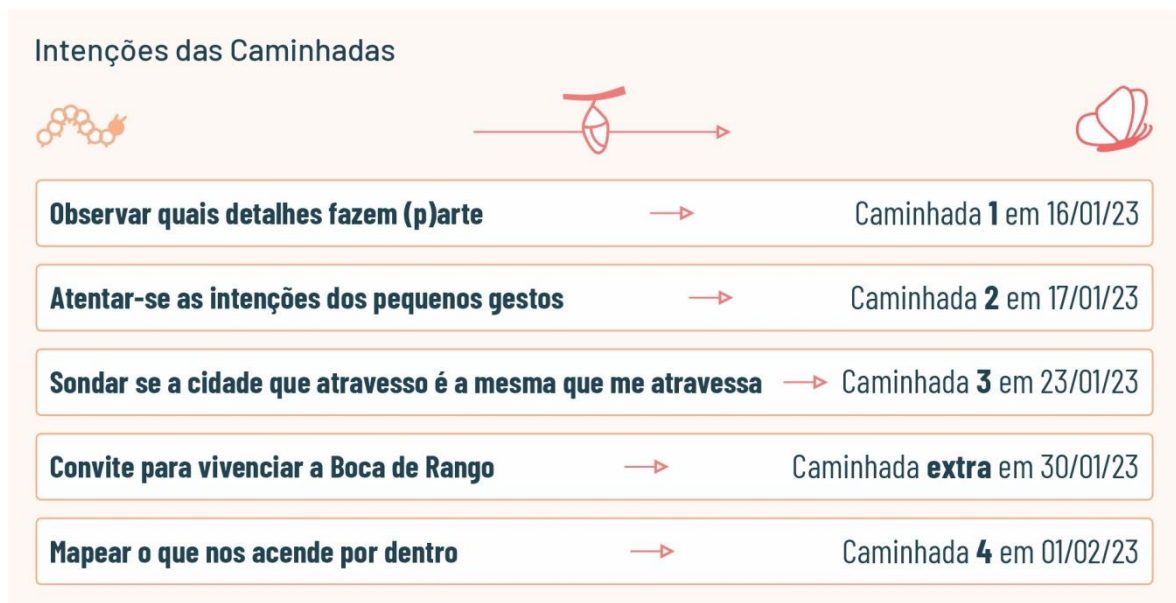
Todas as atividades foram oferecidas nas duas instituições parceiras e ao menos uma vez nos territórios vivos.

Bloco b): Conjunto de caminhadas com diferentes intencionalidades

O bloco b) Conjunto de caminhadas com diferentes intencionalidades, foi planejado para ser realizado através do acompanhamento de quatro caminhadas e trajetórias nos percursos feitos pelas pessoas em situação de rua na cidade de São Carlos-SP.

No infográfico 3, é possível identificar as intenções por trás das quatro caminhadas planejadas como um segundo bloco de ações, que seriam realizadas a partir dos vínculos já estabelecidos. Além disso, uma caminhada foi adicionada posteriormente, após o convite de dois participantes, para que pudéssemos acompanhá-los em busca de alimentação (almoço). Isso nos permitiu experimentar a dinâmica dessa atividade diária das pessoas em situação de rua, que consome muito tempo do dia delas, impedindo-as de realizar trabalhos neste horário.

Infográfico 4 – Intencionalidades das caminhadas propostas para o bloco b).



Fonte: Criação de Mazzon Gil com dados apresentados pela pesquisadora, 2024.

As atividades foram oferecidas nas duas instituições parceiras e, ao menos uma vez, nos territórios vivos. Sendo assim, duas caminhadas se iniciaram a partir do Centro POP e

outras duas a partir da Casa de Passagem, que no momento das caminhadas estava funcionando em um local provisório devido ao comprometimento estrutural do prédio. Uma das caminhadas, que aconteceu a convite dos participantes, iniciou-se a partir da república em que eles viviam.

Bloco c): Quatro encontros para outras ações

Foram reservados quatro encontros para a repetição de ações anteriores ou a proposição de novas ações que dialogassem com questões de interesse ou aprofundamento da pesquisa, meu (pesquisadora), ou do grupo populacional em estudo, que poderiam ser necessárias após o início da produção de dados.

Isso ocorre porque compreende-se que a pesquisadora, agindo como cartógrafa, aprende com os eventos à medida que os acompanha, reconhecendo suas singularidades (ALVAREZ E PASSOS, 2020). Esses encontros proporcionam oportunidades para que se absorva informações valiosas e se adapte às situações que surgem ao longo do processo de pesquisa.

Portanto, a repetição das ações ou a proposição de novas ações é uma forma de aprendizado contínuo e de adaptação, permitindo que a pesquisa avance de maneira mais sensível e participativa.

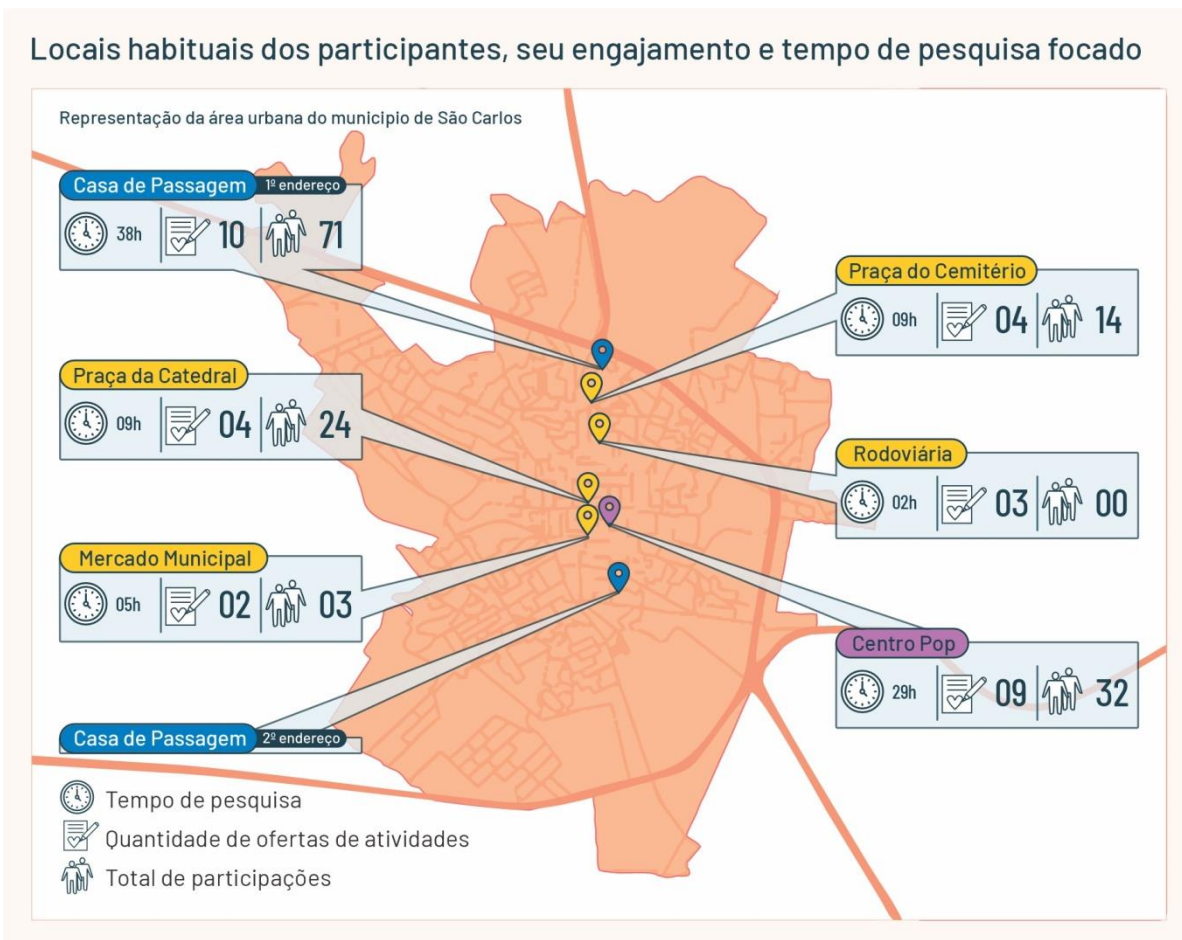
Por isso, caso houvesse repetição ou proposição de novas ações nos itens a) ou b), essas atividades poderiam ser desenvolvidas em colaboração com os participantes da pesquisa, seguindo a perspectiva de que "juntos aprendemos uns com os outros" (Barros et al., 2013, p. 593).

Nessa ótica, habitar um território, conforme Barros e Kastrup (2020) destacam é entrar em relação com as pessoas e elementos diversos que estão envolvidos no contexto da pesquisa, agindo e escrevendo junto com eles. Uma abordagem que enfatiza a interação e a colaboração como aspectos fundamentais da pesquisa sensível e participativa.

Diante dessa possibilidade, ao longo da pesquisa, dos 16 encontros previstos, representados aqui pelos tópicos a), b) e c), foram realizados 24 encontros, sendo 19 para a realização de oficinas artísticas e 5 para caminhadas, totalizando 32 proposições para os diversos grupos nos sete territórios de pesquisa.

Através do infográfico a seguir, é possível observar o engajamento dos participantes nas atividades oferecidas e, conseqüentemente, sua contribuição com a pesquisa. Não há, nesta pesquisa, a intenção de realizar comparações entre os perfis das pessoas em situação de rua e os locais habituais de encontro com os grupos na cidade de São Carlos.

Infográfico 5 – Dados das proposições realizadas no campo.



Fonte: Criação de Mazzon Gil a partir dos dados produzidos pela pesquisadora, 2024.

As ações foram conduzidas com diferentes grupos de pessoas em situação de rua que frequentavam o Centro POP, a Casa de Passagem, as praças do cemitério e da Catedral, além do Mercado Municipal. Houve também algumas tentativas de envolver o grupo de pessoas que se concentrava em um terreno baldio próximo à rodoviária, mas não houve adesão por parte delas.

Observamos uma disposição dos sujeitos em se colocarem como parceiros da pesquisadora, em se exporem para a experiência da pesquisa. A esse respeito, Jorge Larrosa acredita que:

O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem a im-posição (nossa maneira de impor-nos), nem a pro-posição (nossa maneira de propor-nos), mas a exposição, nossa maneira de expor-nos, **com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco.**

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se expõe. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere (LARROSA, 2004, p. 161 – grifo nosso).

Corpos atuantes

Os habitantes seguem realizando pequenos e grandes feitos cotidianos, protagonistas de uma narrativa subterrânea, que representa, ao fim e ao cabo, o próprio tecido da cidade.
(Luiz Ruffato, 2012)

Ao longo dessa prática de pesquisa, foram realizados 24 encontros com a POP RUA, sendo 19 dedicados a oficinas e cinco a caminhadas pelos territórios. Essas ações ultrapassam o planejamento inicial, mas estão respaldadas pelos procedimentos da pesquisadora cartógrafa, que no contexto da pesquisa, é alguém que mapeia ou registra as experiências e territórios, e compreende que precisa "inventar" seus procedimentos de mapeamento com base no que é exigido pelo contexto específico em que está inserido (ROLNIK, 1987). Em vez de seguir procedimentos padronizados e pré-estabelecidos, ela adapta e cria suas abordagens de acordo com as demandas e nuances do ambiente de pesquisa.

É importante ressaltar, que o termo "inventar" implica uma abordagem criativa e flexível, pois a cartógrafa reconhece que cada contexto é único e, portanto, requer estratégias personalizadas, respondendo de maneira dinâmica e criativa às complexidades dos territórios em que estava atuando.

Nesse contexto, em que se destaca a prevalência da sensibilidade da cartógrafa (ROLNIK, 1987), dos dezesseis encontros originalmente planejados, outros oito encontros foram adicionados ao final. Esses foram organizados da seguinte maneira: incluiu-se mais uma oficina para o mapeamento das estratégias de sobrevivência cotidiana das pessoas em situação de rua, realizou-se uma caminhada extra a convite de dois participantes da pesquisa para vivenciar a busca pela alimentação diária e repetiram-se temáticas em territórios que ainda não haviam sido abordados.

Segundo Rolnik, a cartógrafa quer:

é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo. Para que isso seja possível, el[a] se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido (ROLNIK, 1987, p 2).

É preciso ressaltar que todos os procedimentos envolvidos nesta pesquisa buscaram manter a percepção ativa e crítica sobre os processos hegemônicos de dominação, sobretudo nós que vivemos em um país que sofreu com a colonização exploratória e com as colonialidades do presente (MIGNOLO, 2020; AVILA, 2021).

Quando nos referimos às desigualdades e às exclusões sabemos que todo processo histórico, político, econômico e social deixou marcas irreparáveis refletidas nas trajetórias de nossos participantes. Essa “herança” interfere diretamente nos processos materiais da produção e reprodução da vida, mas também tem o potencial de confundir ou distorcer os processos pelos quais as pessoas constroem sua autonomia e identidade, ou seja, sua capacidade de se entenderem e definirem por si mesmas.

Ao abraçar a experiência de participar e se expressar, os participantes envolvidos com a pesquisa não apenas aceitaram os convites, mas absorveram e incorporaram as oportunidades oferecidas, posicionando suas criações de uma maneira que está simultaneamente próxima e distante da interseção entre a expressão individual, a herança cultural e a consciência do contexto macro e coletivo, especialmente no que diz respeito às práticas de ocupação de espaços públicos.

A cada novo trabalho, ocorria uma exposição renovada de suas origens, trajetórias, cotidianos e vida, destacando elementos que nos revelam a necessidade de considerar a relação intrínseca entre seus corpos/ações com seus contextos de vida, como sujeitos latinos, miscigenados, periféricos, que vivenciam diariamente as desigualdades e exclusões.

Criar diante desse cenário é mais do que simplesmente realizar uma ação; é uma postura. Não é apenas uma expressão artística, mas pode ter implicações e significados mais amplos, especialmente relacionados a questões sociais e políticas. Dessa maneira, entendemos que a criação nesta pesquisa se trata de “Autopoiética”. Para a artista e docente Marly Meire, a autopoiética trata-se de:

Nova postura científica (conexionismo) que considera o sujeito dentro do contexto em que realiza suas cognições. Termo usado por Humberto Maturana e Francisco Varela para se referir à dinâmica interativa da metamorfose criadora do conhecimento. Todo conhecer é fazer e todo fazer é conhecer. Esse aforismo central condiciona tudo o que uma pessoa é ou pensa. Esse fazer está ligado ao emocional que define as formas de comunicação. Como observadores, em qualquer domínio do conhecimento, é o que constitutivamente consideramos como ações - distinções, operações, comportamentos, pensamentos ou reflexões adequadas como operacionais para atuar como um ser vivo (MEIRE, 2003, p. 27).

Propomos esta sequência de ações sustentadas por atos criadores, que qualificam as interações humanas (MEIRE, 2003) e buscam dar visibilidade aos apagamentos sofridos por essas pessoas em situação de rua.

Na contramão da perspectiva hegemônica que insiste em perpetuar um imaginário coletivo sobre a pop rua a partir de uma "história única", sem se responsabilizar pelo fato de que o poder é também "a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva" (ADICHIE, 2019, p. 23).

Reconhecer a potência criativa das pessoas em situação em situação de rua é um dos objetivos desta pesquisa por meio da proposição deste conjunto de atividades que valorizam os saberes desse grupo populacional. Tais atividades constituem-se como dispositivos, compreendidos por Deleuze como "máquinas que fazem ver e falar" (apud PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020, p. 78).

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DA PESQUISA NO CAMPO

*A memória é uma ilha de edição.
(Waly Salomão, 1996, p.12)*

"A memória é uma ilha de edição", conforme Waly Salomão (1996) é apropriada para descrever como me sinto em relação ao processo de produção de dados no campo e a subsequente seleção e edição das experiências vivenciadas.

Em relação à memória, esta cumpre um papel relevante em nossa identidade como seres históricos e em nossa capacidade de sobrevivência. Ela é uma parte dinâmica e ativa de nossas vidas, apresentada como um elemento formador tanto a nível individual quanto coletivo ao longo do tempo, sendo essencial para a construção de nossa narrativa pessoal e coletiva, proporcionando uma sensação contínua de existência.

Compreendemos, em consonância com Bosi (2003), a relevância da narrativa individual e das experiências do dia-a-dia no processo de construção da identidade. Nesse contexto, reconhecemos a presença de uma narrativa específica que se destaca como um foco central nesta pesquisa: a história pessoal de cada participante, desenvolvida ao longo da vida por meio de eventos cotidianos. Esses eventos, muitas vezes tidos como rotineiros e por vezes negligenciados, assumem, para nós, uma importância significativa.

Essa abordagem ampliada reconhece a importância não apenas dos grandes acontecimentos, mas também das nuances do cotidiano na formação de quem somos. As imagens, sensações e palavras destacadas neste texto não são apenas componentes das lembranças; são também meios pelos quais organizamos e estruturamos nossas experiências. Consideramos que:

O [artista] depõe para lembrar. Ao fazê-lo, tenta aproximar sua mítica pessoal da nossa mítica como humanidade. Expõe e se arrisca na tentativa de dizer ou fazer algo particular e interessante, pessoal e universal. O [artista] atualiza a virtualidade da memória no próprio corpo, que já é em si memória. Não há memória sem vida [...]. (CORADESQUI, s.d)

Este processo não se limita apenas à minha vivência como pesquisadora, mas se estende às experiências das pessoas em situação de rua durante suas participações, aos "artistas" desta etapa da pesquisa.

Somados a isso, o diário de campo, como um inventário das experiências, é uma ferramenta valiosa, mas a intensidade das lembranças varia, e nem tudo pode ser lembrado da mesma forma. No entanto, as conversas e marcas deixadas pelas lembranças,

desempenham um papel significativo na redação dessa dissertação, agindo como um fermento que enriquece o texto e a reflexão.

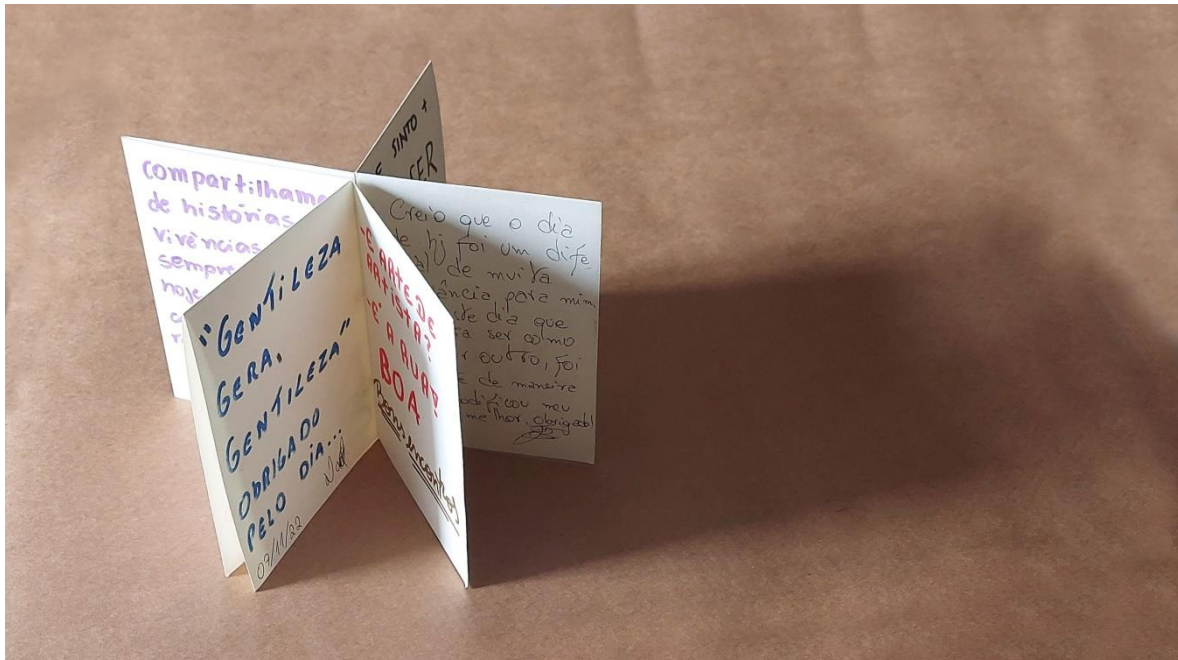
É, então, a partir dessas marcas que escrevo, dando vida e profundidade ao conteúdo da pesquisa, “uma vez que posta em circuito, uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento, [por ter] a potencialidade de voltar a reverberar quando atraindo e é atraída por ambientes onde encontra ressonância” (ROLNIK, 1993, p. 242).

Registros, criações e memórias

Todo o processo foi documentado por meio dos seguintes registros:

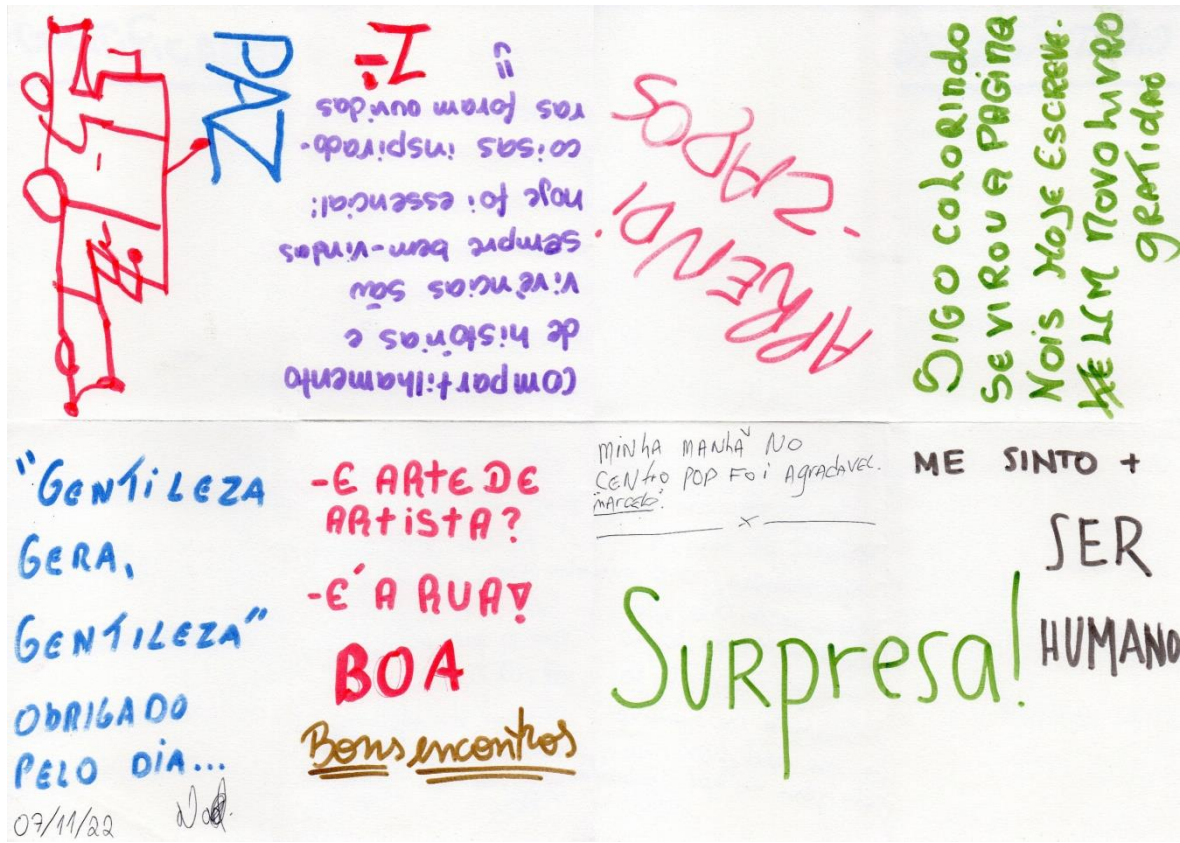
a) Uma série com nove livros de artistas para cartografar os afetos dos encontros. Cada livro contém os afetos mobilizados por cada uma das nove temáticas das oficinas. Ao final de cada encontro das oficinas artísticas os/as auxiliares, os participantes que permaneceram juntos até o final do encontro e eu registrávamos nossas emoções por meio de texto e/ou imagem.

Figura 7 – Cartografia das emoções do 1º. encontro na Casa de Passagem – livro semi aberto.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

Figura 8- Cartografia das emoções do 1º. encontro na Casa de Passagem – detalhes das páginas.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

b) Mapas de percurso foram criados após as caminhadas. A intenção era registrar todas as caminhadas por meio desses mapas, mas devido a questões de logística e espaço, somente em dois momentos foi possível fazer esse registro – ambos nas caminhadas que aconteceram junto das pessoas que estavam na Casa de Passagem;

Figura 9 – Mapa de percurso da caminhada realizada no dia 17/01/23.



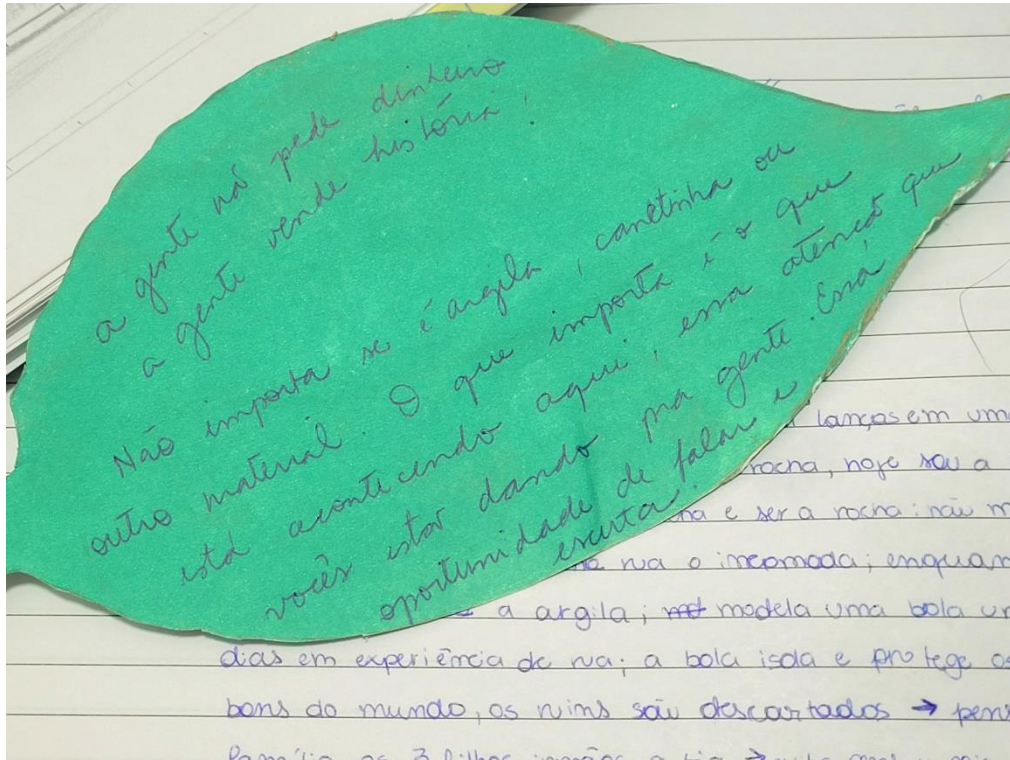
Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

c) Por meio do diário de campo mantido pela pesquisadora cartógrafa e por cada um dos/as auxiliares de pesquisa nos encontros em que participaram, foi possível registrar e documentar as experiências vivenciadas.

O diário de pesquisa desempenha um papel essencial, possibilitando recordar e revisitar o percurso realizado, além de aprimorar as estratégias metodológicas do estudo (ARAÚJO et al., 2013), pois ao refletir sobre as experiências registradas, a pesquisadora pode identificar aspectos a serem melhorados e ajustar sua abordagem metodológica.

Ele funciona também como um dispositivo que estimula novas reflexões e desdobramentos na pesquisa (BARROS; PASSOS, 2020). Ao escrever no diário, a pesquisadora pode gerar insights, questionamentos e ideias que impulsionam o desenvolvimento da pesquisa, levando-a a novas direções ou aprofundamentos.

Figura 10 – Registro do diário de campo feito por mim e pela auxiliar de pesquisa, Mariana Viana.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

d) Os textos imagéticos, que atuam como uma “ferramenta do pensamento” (KIRST, 2003, p. 44), juntamente com os textos verbais provenientes das oficinas artísticas e dos acompanhamentos das caminhadas, assim como o diário de campo, são considerados narrativas individuais e coletivas.

Figura 11 – Registros de peças da coleção “O verbo precisa de ar”.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2022.

Essas narrativas foram organizadas em coleções que futuramente estarão disponíveis para visualização por meio de um catálogo virtual e digital. Dessas coleções, foram feitos recortes que sustentassem a reflexão e a expressão da experiência sob a

perspectiva da pesquisadora. Esses recortes serão apresentados na próxima etapa de produção de dados e subsequente análise dos dados.

e) Micronarrativas em prosa poética⁴⁰. São textos criados por mim para acomodar meus sentimentos após retornar para casa depois de cada dia de produção de dados. Na tentativa de acolher a angústia que sentia e expressar ao participante como eu compreendia o que havíamos vivenciado juntos ou escutado dele/a, me sentava em frente ao meu computador e digitava textos em prosa livre. Era como se eu estivesse escrevendo cartas para aqueles que estiveram comigo naquele dia e que, de alguma maneira, me marcaram. São metáforas que nos deslocam e nos convidam a acessar a história de alguém por outro viés.

São textos criados por mim para acomodar meus sentimentos após retornar para casa depois de cada dia de produção de dados. Na tentativa de acolher a angústia que sentia e expressar ao participante como eu compreendia o que havíamos vivenciado juntos ou escutado dele/a, sentava-me em frente ao meu computador e digitava textos em prosa livre. Era como se eu estivesse escrevendo cartas para aqueles que estiveram comigo naquele dia e que, de alguma maneira, me marcaram. São metáforas que nos deslocam e nos convidam a acessar a história de alguém por outro viés.

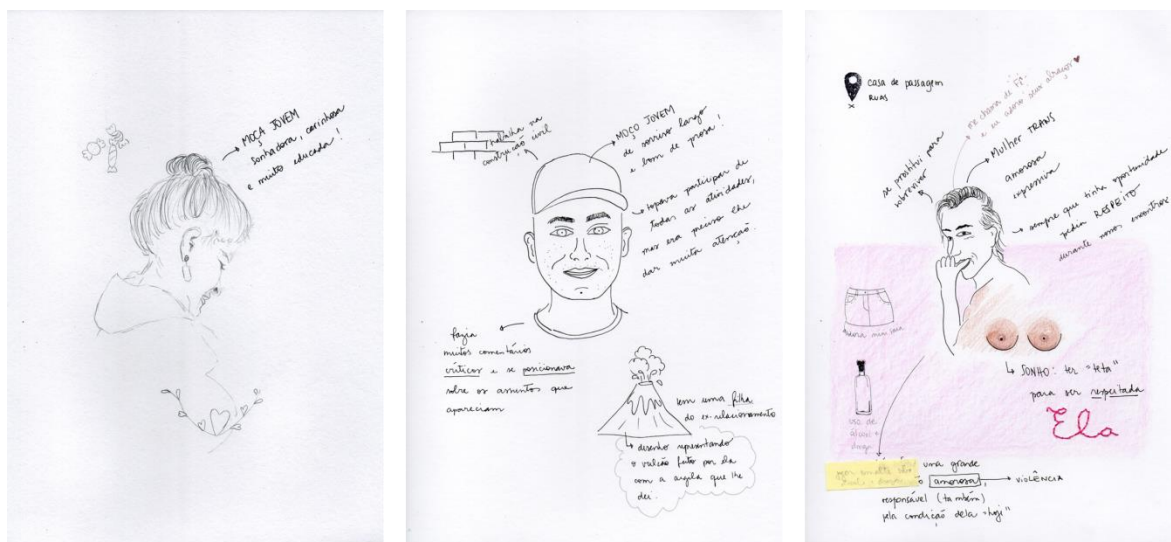
f) PELE MUNDO⁴¹: Cada pessoa carrega um universo dentro de si. Durante a pesquisa, realizei uma série de desenhos com o objetivo de retratar e mapear os participantes envolvidos na produção de dados. Essas imagens foram incorporadas ao meu diário de campo, ilustrando seus rostos e capturando detalhes e fatos relevantes sobre cada indivíduo. Essa materialidade não apenas serviu como uma forma de expressão artística, mas também como uma estratégia para estabelecer uma conexão mais profunda e empática com as pessoas, mesmo à distância. Por meio desses desenhos, procurei me aproximar ainda mais do grupo de participantes, buscando compreender suas histórias e experiências de forma mais significativa.

⁴⁰ Algumas narrativas serão apresentadas junto do acompanhamento de caminhadas.

⁴¹ Imagens disponíveis em:

https://drive.google.com/drive/folders/1wHEh0S6HbW_AZ4ob20m0pINcshrhzyIn?usp=drive_link

Ilustração 3 – Desenhos dos participantes.



Fonte: Criação da pesquisadora, 2023.

Considerando que a pesquisadora não está sozinha na produção de interpretações sobre grupos sociais, comunidades ou os significados de trajetórias pessoais (BARROS; GALVANI, 2016), está sendo planejada a criação de um produto artístico coletivo como síntese dos processos vivenciados. A forma final desse produto será determinada pelos desdobramentos do processo, alinhando-se aos desejos dos envolvidos na pesquisa em ter suas criações apresentadas por meio de uma exposição artística.

Por fim, tendo em mente que esta pesquisa é de base qualitativa, priorizou-se a reflexão junto dos/com os participantes sobre suas visões quanto aos contextos das pessoas em situação de rua, expressas durante as ações propostas através do compartilhamento das criações e histórias de cada participante.

Além disso, devido à implicação da pesquisadora, que também é artista, está em desenvolvimento uma série de imagens que receberão intervenções criativas e serão expostas em bastidores de madeira, usados como suporte para bordado, intitulada "Bastidores da Pesquisa".

Para essa série, escolhi um registro fotográfico de cada temática das oficinas e caminhadas, que será impresso em tecido de algodão usando o processo foto-artístico de cianotopia⁴². Posteriormente, farei intervenções inscrevendo sobre as imagens minhas impressões/expressões da experiência vivenciada nos encontros.

⁴² "A cianotopia é uma técnica feita à mão para imprimir negativos monocromáticos. É realizada através de uma emulsão [química] que revela as imagens em qualquer suporte absorvente em diferentes tonalidades de azul. [é uma invenção de] John Herschel, que em 1842, inventou este

Neste processo criativo, que está em andamento, me proponho a convocar para compor com esta pesquisa duas linguagens da arte bastante familiar a mim, o bordado e a colagem. Busco refletir sobre como a arte pode influenciar a produção de subjetividade, isto é, como a expressão artística pode impactar a maneira como as pessoas constroem suas identidades, pensamentos e emoções.

Ao mergulhar nesse processo, considero também os deslocamentos que a arte é capaz de gerar, provocando mudanças significativas na perspectiva e na experiência das pessoas. De acordo com Roberta Stubs:

[...] precisamos buscar e agenciar saídas, criar condições para que um gosto pela vida ganhe passagem.

Fazer da vida obra de arte. Intensificar nossos vínculos com o mundo. Saber que existem vários modos de viver e que não precisamos de hierarquia para nos estabelecer. Criar condições para outro agora. Exercitar outra sensibilidade com as coisas. Assumir como necessária uma política de afetos. Ter no molecular uma fonte de transformação e resignificação micropolítica. [Fazer] da arte um dispositivo de subjetivação produtor de zonas de experimentação mais abertas, plurais e afeitas ao devir (STUBS, 2019, p. 62).

RESULTADOS

Participantes da pesquisa

Na situação de rua coexistem diferentes grupos de pessoas: aqueles que vivem permanentemente nas ruas e se identificam como moradores de rua, os que estão temporariamente nessa condição, indivíduos que utilizam a rua como espaço de convívio social, além de trabalhadores migrantes que percorrem cidades ou diversas regiões do país para empregos na construção civil ou na agricultura (VIEIRA et al., 2004).

Nessa pesquisa, os participantes são as pessoas em situação de rua que usam logradouros públicos na cidade de São Carlos-SP, e também os serviços oferecidos pela Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS) da mesma cidade, especificamente a Casa de Passagem e o Centro POP, que prestam assistência a essas pessoas. Consoante a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, "constituem público destes serviços: jovens, adultos, idosos e famílias que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência" (Brasil, 2011, s/p.).

Os participantes que estavam nas instituições parceiras foram convidados a participar da pesquisa de duas maneiras: primeiro, por meio de convites individuais feitos pela pesquisadora durante visitas às instituições, com apoio da equipe de profissionais dos serviços; e segundo, por meio de abordagem direta realizada pela própria pesquisadora no momento da atividade.

As pessoas em situação de rua que utilizam a rua como espaço de sobrevivência ou sociabilidade e estavam presentes nas praças da Catedral, do cemitério, do Mercado Municipal (Mercadão) e na rodoviária foram convidadas no momento da atividade. Os convites foram feitos por meio de abordagem direta realizada pela pesquisadora e, em alguns casos, pela equipe de auxiliares da pesquisa. Também, foram feitas caminhadas pelos logradouros públicos como parte do processo de convidar os participantes.

Não houve pré-seleção dos participantes, e todos que demonstraram interesse em participar das atividades propostas foram acolhidos, respeitando a diversidade e a dignidade, sem discriminação. No entanto, foram seguidos os critérios de inclusão descritos definidos para a pesquisa. Quando as atividades realizadas pelos participantes não se encaixavam na intenção proposta para o encontro, eram alocadas no grupo denominado "Outras Expressões".

Para garantir a acessibilidade ao estudo e a preocupação com a equidade no acesso dos participantes à pesquisa, não houve custos para nenhum dos noventa e três

participantes da pesquisa, já que a pesquisadora e a equipe de auxiliares de pesquisa se deslocaram até as instituições parceiras e os logradouros públicos onde o grupo em situação de rua se concentrava.

No momento da submissão do projeto ao Comitê de Ética, estimava-se 80 (oitenta) participações de pessoas com 18 anos de idade ou mais durante a realização da pesquisa. No entanto, ao final da produção de dados no campo, efetivamente participaram das atividades 93 (noventa e três) pessoas. Algumas delas retornaram para participar de novos encontros, totalizando 144 (cento e quarenta e quatro) participações no geral, sendo que continuidade no projeto ou participação múltipla somaram 51 vezes.

Dos participantes, pode-se afirmar que todos os envolvidos na pesquisa eram maiores de idade, em virtude do estabelecimento desse critério de exclusão. Entretanto, é importante observar que informações como idade, orientação sexual e identificação de gênero e/ou racial apenas estão presentes aqueles fornecidas voluntariamente pelos participantes, porque não foram solicitadas aos envolvidos. A ausência da obrigatoriedade dessas informações precisa ser considerada, dada a importância para a pesquisa. De forma geral a maioria das pessoas eram homens adultos com participação significativa de pessoas jovens e idosas, pretos e pardos, com participação de algumas mulheres cis e trans, cerca de 10% do grupo, brasileiros de diferentes regiões, com maior predomínio da região sudeste.

A cartografia como um método de pesquisa traz como uma das principais características a atenção que devemos dar às perguntas que surgem durante o processo. Desta maneira, o pesquisador se torna parte integrante da pesquisa, estando presente em todas as etapas. Em vez de se fixar em resultados ou conclusões definitivas, o método valoriza a própria trajetória da pesquisa, incluindo seus desvios e até mesmo os chamados "erros", pois esses aspectos podem conter potencial para a pesquisa.

Essa abordagem permite uma investigação mais profunda e orgânica dos temas, reconhecendo a complexidade inerente à pesquisa. Isso pode ser especialmente valioso ao lidar com questões sociais e humanas, como as relacionadas à vida de pessoas em situação de rua, onde a investigação contínua e a compreensão da complexidade são essenciais, e as respostas não são simples e muitas vezes envolvem múltiplas perspectivas e nuances.

O método cartográfico, conforme descrito, destaca a importância da subjetividade do pesquisador no processo de pesquisa. Em vez de buscar apenas resultados objetivos, ele se concentra na experiência do pesquisador e na compreensão do próprio processo de pesquisa. Isso pode enriquecer a pesquisa, permitindo uma investigação mais profunda e flexível dos tópicos e contextos em estudo.

É importante reconhecer a relevância da autorreflexão sobre a própria identidade e privilégios, especialmente no contexto de pesquisa, para entender como isso pode afetar as dinâmicas e resultados. Compreendo que, devido às limitações do contexto da pesquisa de campo e à mobilidade das pessoas em situação de rua, não tenha sido possível retomar essa questão com os participantes.

Entendo que essa conscientização sobre meus privilégios e a franqueza em abordar essas questões na pesquisa mostram um compromisso com a reflexão crítica e a ética na pesquisa. Essa consciência pode contribuir para uma análise mais sensível e informada dos dados, mesmo que não tenha sido possível coletar informações detalhadas sobre a identidade racial e orientação sexual dos participantes.

A cartografia, uma abordagem que valoriza a complexidade e a multiplicidade de perspectivas, reconhece que a pesquisa não é um processo linear, mas sim um terreno complexo e em constante evolução. Isso pode ser particularmente relevante quando se lida com questões sociais e humanas, onde a subjetividade e as interpretações desempenham um papel fundamental. No futuro, em um novo estudo, talvez seja possível explorar essas questões com mais profundidade, considerando o contexto e as condições dos participantes.

Esperava-se abranger o maior número possível de perfis diferentes de sujeitos que se reconheçam como pessoas em situação de rua. A diversidade dos participantes na pesquisa é notável, abrangendo uma variedade de características demográficas, sociais e de saúde. Isso potencializou a pesquisa, permitindo uma compreensão mais abrangente das experiências e realidades das pessoas em situação de rua em São Carlos.

A inclusão de participantes com diferentes gêneros, orientações sexuais, idades, históricos familiares, condições de saúde e motivações para a situação de rua é fundamental para uma análise mais completa das complexas dinâmicas envolvidas nesse contexto. Na pesquisa, contamos com uma variedade de participantes, a saber:

- Diversidade de perfis: Os participantes da pesquisa apresentavam uma ampla diversidade em termos de identidades de gênero e orientações sexuais. Essa diversidade também se manifestou em suas personalidades, incluindo indivíduos com comportamentos mais agressivos e outros mais companheiros.
- Histórico de violência: Os participantes relataram experiências de violência em vários contextos: a) Familiar: violência física, psicológica e simbólica sofrida no ambiente doméstico; b) Institucional: violência dentro das

instituições socioassistenciais; c) Pública: violência nas ruas, praticada tanto por civis quanto por policiais.

- Vínculos Familiares e Comunitários: Os vínculos com familiares, seja em São Carlos ou em outras localidades, variavam de fragilizados a rompidos. Muitos participantes utilizavam os serviços socioassistenciais do município, como Centro POP, CAPS e CAPS AD, e frequentavam a Casa de Passagem.
- Condições de saúde: Os participantes apresentavam uma variedade de condições de saúde, incluindo comorbidades e diferentes graus de problemas de saúde, além de deficiências físicas ou intelectuais. Baixa autoestima era comum, refletida na forma como falavam sobre si mesmos e suas experiências.
- Escolaridade e Consciência Política: A maioria dos participantes era alfabetizada, embora alguns tivessem baixa ou nenhuma escolaridade. Os níveis de compreensão e consciência política variavam amplamente entre eles.
- Religiosidade: A maioria dos participantes se identificava como católicos cristãos. Havia um número expressivo de praticantes de religiões de matriz africana e um menor número de simpatizantes de outras religiões ou ateus.
- Motivos que leva a situação de rua: Os motivos que levaram os participantes a viverem em situação de rua foram variados: a) econômicos: Falta de trabalho e apoio familiar; b) dependência Química: Uso de substâncias, necessitando de assistência da rede socioassistencial; c) utilização da Rua: Alguns utilizavam a rua como local de permanência, enquanto outros tinham um local para dormir mas dependiam da rua para alimentação, socialização ou trabalho informal; d) desemprego e Subemprego: Pessoas em busca de oportunidades de trabalho dignas, muitas vezes trabalhando em subempregos ou funções sem carteira assinada e acesso limitado aos direitos trabalhistas; e) Perda de sonhos e sentido de viver: Algumas pessoas perderam seus sonhos e o sentido de viver, enquanto outras encontraram na rua melhores condições de acolhimento em comparação com suas casas ou familiares.

Essa ampla gama de perfis demonstra a complexidade das pessoas em situação de rua e destaca a importância de uma abordagem cuidadosa ao lidar com questões

relacionadas a esse grupo. Cada indivíduo tem suas próprias circunstâncias e necessidades, e compreender essas nuances é essencial para a criação de políticas e intervenções eficazes, que possam ajudar a melhorar as condições de vida e a reintegração social dessas pessoas.

Nesta pesquisa, foi priorizado um enfoque inclusivo e sensível à diversidade dos participantes, reconhecendo a importância desse aspecto para a obtenção de insights significativos, visto que cartografar é compor um território existencial e “não se trata de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com alguém ou algo” (ALVAREZ; PASSOS, 2020, p. 135).

Oficinas artísticas

*Inventar não é colorir o mundo, mas corar-se de mundos.
(PRECIOSA, 2010, p. 75)*

As etapas propostas para a realização das oficinas foram integradas e fluidas, ocorrendo simultaneamente e interconectadas. De maneira geral, elas se desdobraram da seguinte forma:

- I. No início, realizamos a chegada aos espaços e fizemos convites individuais, tanto eu quanto a equipe, especialmente para aqueles com os quais o grupo de auxiliares já havia um vínculo estabelecido.
- II. Em seguida, organizamos o ambiente de trabalho. Essa tarefa se mostrava mais desafiadora na instituição Casa de Passagem, uma vez que não dispunha de espaço disponível para atividades desse tipo. No Centro POP, contávamos com uma sala específica para oficinas, além de um refeitório com espaço generoso e um quintal, que eram normalmente utilizados para os trabalhos com os usuários. Nas praças, transportávamos os materiais em um carrinho e também carregávamos parte deles em nossos próprios colos;
- III. No terceiro momento, procedemos à apresentação do enunciado coletivo. Esse passo aconteceu após os convites e a formação dos grupos com os participantes. Nessa etapa, facilitamos a atividade lendo um poema ou apresentando uma pergunta-convite que orientava a atividade em curso;
- IV. O momento de criação das atividades, que constituía a essência do encontro e ocupava a maior parte da dinâmica. Nesse instante, os participantes

experimentavam e se expressavam, seja em resposta ao convite proposto ou de forma livre;

- V. Prosseguíamos com a socialização das narrativas individuais e criações, permitindo que todos compartilhassem suas experiências e produções;
- VI. Mantínhamos conversas informais, as quais podiam abordar temas do dia, questões livres ou expressões dos desejos dos participantes;
- VII. Realizávamos os registros dos encontros em um livro de artista, que incluía as contribuições dos auxiliares de pesquisa;
- VIII. Seguíamos com a etapa de (des)organização do espaço, preparando-nos para a despedida;
- IX. Por fim, estabelecíamos a data para o próximo encontro e reforçávamos o compromisso de retorno dos participantes.

Foi promovida a expressão e a produção de narrativas de diversas formas, como narrativa oral, escrita, imagética e audiovisual, em todas as atividades, incentivando o grupo a identificar elementos e construções que fazem parte de suas histórias.

Essas histórias variam desde experiências individuais até narrativas coletivas, e o grupo empregou diversas linguagens, como escrita, desenhos, colagens, modelagens, performances e criação de objetos, para criar registros que se tornaram fontes e referências para suas histórias.

Considerando que essas expressões e narrativas são criações realizadas em uma pesquisa na interface entre a arte e a terapia ocupacional, compreendemos a potência dessas narrativas conforme Galheigo (2009) nos apresenta:

[...] os tempos contemporâneos estão deslocando a ação do terapeuta ocupacional do mundo biológico da doença e da disfunção para o mundo humano dos motivos, valores e crenças – isto é, o mundo do significado e do sentido. O essencial se localiza na disponibilidade da escuta das necessidades e desejos – isto é, a busca de entender e interpretar histórias individuais e coletivas e construir, em conjunto, desfechos possíveis (GALHEIGO, 2009, p. 9).

Partindo da premissa de que a ênfase está na construção conjunta de desfechos possíveis, refletindo uma abordagem centrada no significado na prática da terapia ocupacional e da arte nos dias de hoje, a socialização desempenhou um papel fundamental ao longo de todo o processo, permitindo que as expressões produzidas pelo grupo fossem compartilhadas e acessadas por todos os participantes.

Dessa forma, a socialização possibilitou o estabelecimento de novas conexões entre o grupo, promovendo a reflexão sobre as produções expressivas. Essa reflexão deve considerar a diversidade de expressões, a interseção de diferentes temporalidades e a descentralização das diretrizes, reconhecendo o papel dos participantes em um contexto no qual cada ação demanda compreensão ou enfrentamento do modo de estar no mundo (MIRANDA, 2015).

Ainda segundo Miranda, o compartilhamento de experiências artísticas tem uma relevância significativa no desenvolvimento do pensamento crítico individual dentro da coletividade, destacando a ideia de que apreciar a arte é uma experiência estética simultaneamente singular e universal.

Para isso, um cuidado diário foi essencial: os convites. Inicialmente, eu era responsável por convidar os participantes para cada atividade, e após o início da mesma, essa tarefa poderia ser assumida pelas/os auxiliares de pesquisa, muitas vezes de forma individual. Sempre que um novo participante se integrava ao grupo após o início da atividade, tão logo fosse possível, eu me apresentava como pesquisadora e reforçava o convite para que contribuísse com sua expressão no contexto do meu trabalho – uma fusão de saberes entre a pesquisadora e as pessoas em situação de rua.

Em algumas situações, deslocávamo-nos até a pessoa para convidá-la, enquanto em outras, recebíamos aqueles que chegavam curiosos para saber o que estava acontecendo. Essa atitude da pop rua, inicialmente surpreendente, tornou-se cada vez mais comum tanto para os participantes individualmente quanto para os grupos ao longo do tempo.

Em cada contexto, a partir de horários específicos ou eventos que antecederiam nossa chegada ao campo, desenrolavam-se situações singulares que geravam respostas igualmente singulares. De maneira geral, as pessoas se disponibilizavam a participar por um intervalo de tempo, geralmente indicado pelo/a participante, e em diversas ocasiões, as conversas e as trocas se estendiam por mais tempo do que inicialmente previsto.

Era comum a expressão de gratidão dos participantes, pela oportunidade de fala e manifestaram alegria pela possibilidade de terem suas vozes amplificadas por meio da pesquisa e pelos desdobramentos desse processo.

Diante da sobreabundância de informações, foi necessário efetuar escolhas quanto ao que incorporar e ao que excluir, uma tarefa delicada de curadoria a ser realizada pelas pesquisadoras. Dado o contexto do mestrado, compreendemos que alguns dados couberam neste texto e outros vão compor outras produções e elaborações derivadas da pesquisa

Diante do exposto, apresentamos as atividades realizadas considerando, neste processo, a profusão de informações e a complexidade dos dados. Fizemos uma curadoria delicada e cuidadosa dos dados produzidos no campo junto aos participantes da pesquisa.

Apresentamos os fragmentos mais significativos dessas experiências até o momento, em composição com sua produção estética-sensível realizada em consonância com suas vivências, decorrente da implicação da pesquisadora-cartógrafa, que se coloca “ao lado da experiência” e à disposição para um “saber com” o grupo que está trabalhando (ALVAREZ; PASSOS, 2020, p. 143). Elementos que são tão importantes quanto aqueles que não serão apresentados.

Optamos por mostrar os dados produzidos no campo por meio das atividades/temáticas, nomeadas por “coleções”. Durante a leitura, é possível perceber que algumas atividades estão fora de ordem cronológica, o que não atrapalhou a produção de dados, realizada respeitando premissas básicas da pesquisa cartográfica, tais como o primeiro princípio, conexão, para o qual “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado com qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 15); o quarto princípio, ruptura a-significante, afirmando que “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas” (p. 18); e o quinto princípio, cartografia, “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (p. 21).

Na elaboração de cada seção, foram escolhidas imagens das criações dos participantes que me permitissem (como pesquisadora) explorar uma característica essencial da cartografia: a reflexão das intensidades do objeto, perceptíveis apenas ao longo da pesquisa. Isso ocorre porque o rizoma tem a capacidade de conectar pontos de diversas naturezas por ser composto por “Platôs”, espaços de multiplicidades conectados pelo meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

No infográfico a seguir é possível compreender como as atividades foram apresentadas.

Infográfico 6 - Apresentação da Estrutura de apresentação das atividades (primeiro bloco).

Estrutura de Apresentação das Atividades

Nome da atividade e epígrafe introdutória

Breve texto apresentando a proposta artística (acompanhado do ícone criado para a atividade)

Marcadores com descrição objetiva da atividade

Montagem fotográfica com assunto processo

Montagem fotográfica com assunto produto

Narrativa poética e/ou reflexiva inspirada pela vivência (abaixo dos marcadores)

Fonte: Criação de Mazzon Gil a partir dos dados produzidos pela pesquisadora, 2024.

Atividade 1: “Poemas de uma linha só”

... Afinal de contas, o que são as palavras? As palavras são símbolos para memórias compartilhadas. Se uso uma palavra, então vocês devem ter alguma experiência do que essa palavra representa. Senão a palavra não significa nada para você. [...]
(Jorge Luis Borges, 2000, p. 122)



Poemas de uma linha só

Atividade do acervo do Coletivo Unsquepensa Arte. Consiste na criação de uma obra coletiva na forma de um poema de uma só linha em grande carretel. O fazer, em muitos uma miudeza gigante, livro sem capa de todos e de ninguém, tomando espaços enquanto o texto se desenrola.

As pessoas são convidadas a escrever o que quer que sua experiência lhe inspire, encorajadas a continuar a frase ou o pensamento do último participante ou iniciar uma nova “linha de pensamento”, sempre na mesma linha. O *na mesma linha* é conceitual, como a linha do caderno pautado ou um texto, e literal como linha de costura. O efeito é conseguido usando como suporte para escrita um fio feito com tecido cortado com 6 cm de altura e um carretel preparado para essa escala.

O “Poemas de uma linha só” foi inspirado pela obra de Manuel de Barros e o carretel *ready-made*⁴³ e a linha de pano simples, pensadas para “casarem” com sua estética. No decorrer da ação poética, a linha que se desenrola com as palavras dos participantes escritas ou bordadas se espalham pelo ambiente criando linhas no chão, subindo em árvores e móveis, poetizando o espaço. No fim da ação, o resultado é um carretel com um imenso poema de uma linha ou vários poemas em uma linha só, dependendo disso de quem o lê.

⁴³ Termo das artes visuais, criado pelo artista Marcel Duchamp (1887-1968) “para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa [...]. Os *ready-mades* de Duchamp constituem manifestação cabal de certo espírito que caracteriza o dadaísmo. Ao transformar qualquer objeto em obra de arte, o artista realiza uma crítica radical ao sistema da arte. Assim, objetos utilitários sem nenhum valor estético em si são retirados de seus contextos originais e elevados à condição de obra de arte simplesmente ao ganhar uma assinatura e um espaço em exposições”. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>. Acesso em: 22 nov. 2023.






 	 Centro Pop  7h30 às 12h  12	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol, Laura, Leo e Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das visões e dos sentidos das ruas para as pessoas em situação de rua.</p> <p>Materiais: carretel de madeira cilíndrico reutilizado, tiras de tecido de algodão cru com 6 cm de largura, canetas para tecido, linha de meada e agulha para bordado.</p>
---	--	---

Figura 12 – Colagem digital com fotos da atividade “Poemas de Uma Linha Só”, realizada no Centro POP.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Iniciamos em uma manhã ligeiramente gelada de uma segunda-feira, um típico dia de primavera, e optamos por colocar a mesa onde aconteceria a atividade no centro da área externa, um local descoberto ao fundo do Centro POP, próximo do refeitório, do tanque e dos varais.

Chegávamos (a pesquisadora e a equipe auxiliar de pesquisa) ao campo com muita ansiedade. Em meu corpo, além da ansiedade, a insegurança e o medo. Tinha a intenção de fazer um rito para o início da atividade, quando, na verdade, percebi que o rito já estava dado, pois os corpos das pessoas presentes por ali, à espera de um banho, ativos pelo exercício do trabalho manual de lavar a roupa ou sendo alimentado pela comida e pelas trocas com os companheiros/as, também se afetaram com nossa presença.

Tínhamos um grupo! Curioso. Ativo. Disposto a compreender melhor o que estava acontecendo e a abrir espaço para o meu convite, que naquele momento, se somava as urgências de cuidados básicos de uma vida que havia sido negligenciada por alguns dias devido ao fechamento da instituição em consequência de dois feriados prolongados na cidade. Glauber Coradesqui, pesquisador e dramaturgo, compartilha sua visão de grupo a

partir da experiência do quarto “ensaio curto” criado pelo grupo Teatro do Concreto⁴⁴, que me soa bastante familiar:

Um grupo é um desejo que converge no tempo: uma ousadia. Um grupo é o universo infinito das múltiplas partes que o constituem, sendo cada parte em si já um universo infinito de outras múltiplas convergências. O tempo de um grupo é necessariamente o presente: seus dilemas, seus avessos, suas impaciências, suas conquistas e seu desejo de futuro – até não ser. Em um grupo, coloco a minha mão sobre a sua para que possamos fazer juntos aquilo que eu não sei fazer sozinho (CORADESQUI, s/d).

Talvez seja um pouco de tudo isso que estivesse acontecendo naquele momento. Uma ousadia de pausar as urgências que nos convocam diariamente para sobrevivermos nessa lógica excludente daquilo que nos afeta e traz sentido para o nosso viver; a expressão de pessoas múltiplas, vivendo em um mundo plural, estabelecendo “múltiplas convergências” com o outro, com o local em que estão em determinado momento, com a cidade de São Carlos e, naquela manhã, comigo, uma pesquisadora interessada em seus modos de vida e suas visões sobre a complexidade de estar em situação de rua.

Essa atividade foi selecionada para inaugurar e encerrar minhas práticas no campo, porque, para além da potência que eu sabia que ela poderia ser, enxergar as pessoas ansiosas por um espaço na fita para se expressarem me trouxe a certeza de que a atividade não poderia se encerrar ali, e, por ela, guardei um carinho enorme.

O formato dessa atividade proposta mostrou-se também muito eficiente como uma prática com as pessoas em situação de rua. É de curta duração, compondo com o tempo dos afazeres diários, mas aqueles que desejavam poderiam ficar pelo tempo que quisessem, como foi o caso de vários participantes que escreveram mais de uma vez na *linha*. É uma obra que desloca o corpo do participante e o convida ao gesto singular, ao mesmo tempo que apresenta uma visão do coletivo e, durante sua realização, é um convite aberto a leitura e fruição por parte de todos que por ela passam – uma nova (outra) forma de participação, não? Afinal, essa leitura mobilizou conversas e debates expandindo-se para além dos escritores de palavras.

Com essa atividade, afirmamos, assim como Liberman e Maximino (2015, p. 127), sobre “a importância da acessibilidade estética; a potência e as questões que envolvem as

⁴⁴ Grupo de teatro fundado em 2003 na cidade de Brasília, que reúne artistas interessados em dialogar com a cidade e seus significados simbólico e real por meio da criação cênica.

práticas artísticas e os processos e procedimentos para o estar em grupo [...] e certos modos de fazer que temos inventado em nosso cotidiano”.






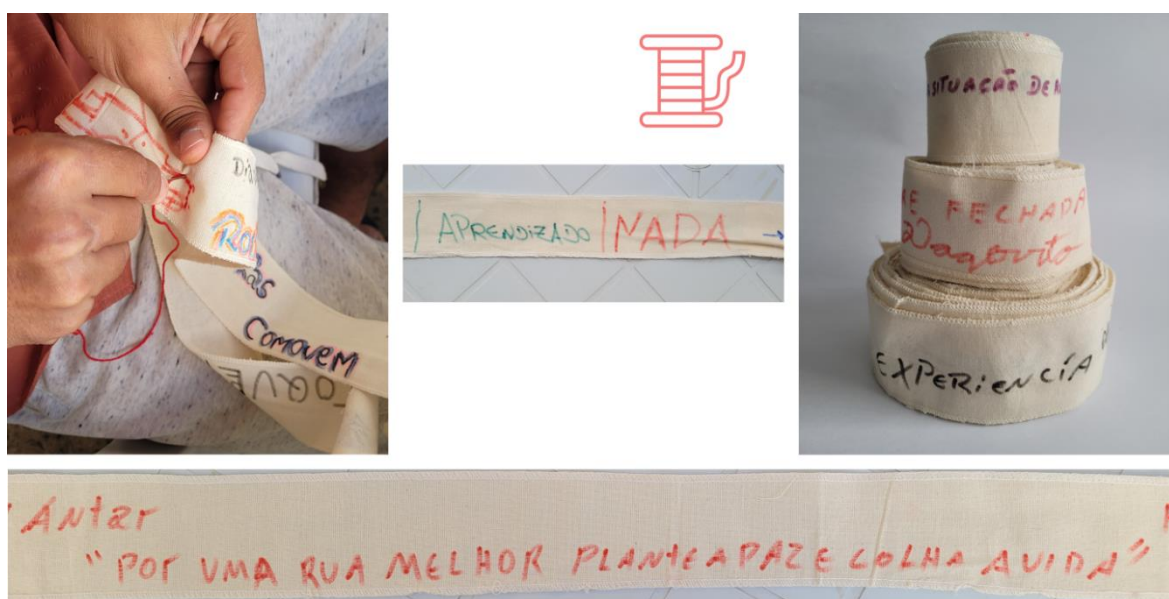
 	<p> Casa de passagem</p> <hr/> <p> 14h às 17h30</p> <hr/> <p> 9</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Isadora e Leo</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das visões e dos sentidos das ruas para as pessoas em situação de rua.</p> <p>Materiais: carretel de madeira cilíndrico reutilizado, tiras de tecido de algodão cru com 6 cm de largura, canetas para tecido, linha de meada e agulha para bordado.</p>
---	--	---

Figura 13 – Colagem digital com fotos da atividade “Poemas de Uma Linha Só”, realizada na Casa de Passagem.








Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Na fita, a inscrição dos gestos de cada participante. Gestos compreendidos na perspectiva de Vilém Flusser, onde “gesto é o movimento no qual se articula uma liberdade, a fim de se revelar ou de se velar para o outro” (2014, p. 16-17). As letras, sejam minúsculas ou maiúsculas, transmitem ao leitor o tom que a voz do participante desejaria alcançar; a escrita à mão, seja em letras cursivas ou de forma, realizada pelo próprio participante ou com a ajuda de alguém do grupo (a pesquisadora, um auxiliar de pesquisa ou outro participante); e as cores, por sua vez, simbolizam a emoção e a verdade do conteúdo expresso.

Esse é um convite para cada participante registrar, por meio da escrita, do desenho ou do bordado, o seu próprio pensamento. Pode-se enfatizar um pensamento alinhado ao seu, ou há espaço para discordar e dialogar, criando uma composição com aqueles que

compartilham a experiência de viver nas ruas e no albergue, num gesto linear que se dirige para o outro, de natureza comunicativa, conforme destacado por Flusser (2014).

Um trabalho em grupo, que proporciona aos seus participantes, possibilidades de experiências estéticas como apostas de que estas podem colocá-los em movimento, desencadeando processos de criação e invenção que engendram novos territórios existenciais (LIBERMAN; MAXIMINO, 2015).

	 Praças (Catedral e cemitério)	Auxiliares de pesquisa: nenhum
	 18h às 00h	Intenção: realizar um mapeamento das visões e dos sentidos das ruas para as pessoas em situação de rua.
 7	Materiais: carretel de madeira cilíndrico reutilizado, tiras de tecido de algodão cru com 6 cm de largura, canetas para tecido, linha de meada e agulha para bordado.	

Sentada no chão na praça, afastada de uma confusão que se formara no centro, junto a um grupo de senhores, numa noite fresca de verão, um deles me faz uma pergunta: *_como é que você pensa em expor essa fita aí?* Em resposta, explico o formato baseado no que já havia feito em intervenções anteriores. Ele me olha com uma cara desconfiada e um sorriso no rosto, e refaz a pergunta: *_mas como você vai expor essa fita que nós fizemos junto com você?*

Percebo, então, que era preciso um deslocamento⁴⁵ importante. Precisava sair do lugar de quem possui o saber, para habitar um lugar de “produção de conversa, escuta e fazer junto que nos ensina sobre os desconfortos, como espaços e afetos potentes para ressignificar as relações consigo mesmo e com os outros” (LIBERMAN et al, 2017, p.118).

Percebo, então, que era preciso um deslocamento importante. Não tinha respostas, mas cogitei pensarmos juntos. E ao abrir-me para o campo coletivo, ganhei uma frase-presente *_você devia expor isso na forma de um labirinto, pois as pessoas em situação de rua estão todas procurando uma saída.* Sorri e comecei a argumentar sobre estratégias que vislumbrava serem possíveis para realizar sua ideia.

Poderíamos colocar a fita em formato de labirinto no chão, para as pessoas andarem “por dentro dela”; mas, ao perceber sua inquietação, apresentei rapidamente outra alternativa: podemos colocar esse labirinto pregado em uma grande parede. Isso seguido das considerações sobre os problemas técnicos e de legibilidade do texto com a disposição da fita dessas maneiras. E mais uma vez, sou surpreendida, *“a população em situação de rua*

⁴⁵ “O modo como conhecemos é sempre metafórico, porque acontece por deslocamentos – a palavra grega *metaphorai* significa, literalmente, transporte” (GREISNER, 2020, p. 136).

está do lado de fora. Essa fita poderia ser trançada entre as árvores, formando um grande labirinto". Gosto muito da ideia. Visualizo a instalação artística⁴⁶ exatamente onde estamos.

Continuo a refletir sobre como podemos efetivamente criar esse labirinto ou, como diria Derdyk (2012), essa paisagem que, de alguma maneira, pulsa em algum lugar, e como tornar vivo esse "instante-insight" (p. 67).

Atividade 2.1: "Lembretes para esquecimentos futuros" (parte 1)

*Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável.
Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação [...].
(LISPECTOR, 1994, p. 17)*



Lembretes para esquecimentos futuros

Essa atividade foi desenvolvida como parte integrante da pesquisa, consistindo na criação de uma obra coletiva sob a forma de instalação artística. As peças dessa instalação estão catalogadas como "Coleção 2".

O ato de recordar é caracterizado como um instinto fundamental para nossa sobrevivência. Ao recordar eventos passados, experiências e conhecimentos, é possível aprender com eles e tomar decisões informadas para enfrentar desafios presentes e futuros.

Os participantes são convidados a escrever sobre memórias que, no momento de sua participação, possam ser revividas e/ou compartilhadas, explorando as experiências que os constituem. Esses encontros podem ser tanto com lembranças que estão adormecidas e que, em um futuro próximo, desejamos esquecer, ao mesmo tempo em que nos aproximamos das memórias que nos fortalecem e auxiliam em nosso caminho.

Ao longo da ação poética, cada pessoa preenche uma ou duas tags com suas lembranças, utilizando texto e/ou imagem como componentes da memória. Ao final da

⁴⁶ "O termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando *assemblage* ou ambiente construído em espaços de galerias e museus. As dificuldades de definir os contornos específicos de uma instalação datam de seu início [...]. Modalidade de produção artística que lança a obra no espaço, com o auxílio de materiais muito variados, na tentativa de construir um certo ambiente ou cena, cujo movimento é dado pela relação entre objetos, construções, o ponto de vista e o corpo do observador. Para a apreensão da obra é preciso percorrê-la, passar entre suas dobras e aberturas, ou simplesmente caminhar pelas veredas e trilhas que ela constrói por meio da disposição das peças, cores e objetos". Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3648/instalacao>. Acesso em: 22 mar. 2024.

atividade, o resultado é um conjunto de etiquetas que podem ser apresentadas como lembretes dos corpos que carregam as marcas de suas histórias, trajetórias e subjetividades.






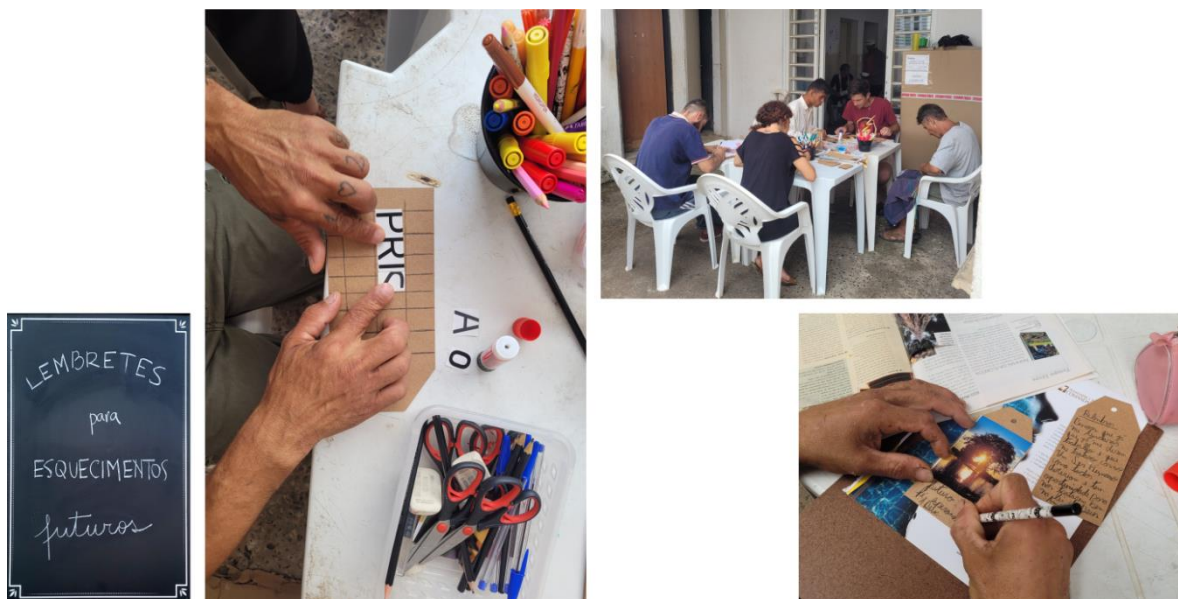
	 Centro Pop	Auxiliares de pesquisa: Carol, Laura e Robson
	 8h30 às 12h	Intenção: realizar um mapeamento das experiências da população em situação de rua, explorando as seguintes perguntas-chave: O que desejo recordar? O que prefiro esquecer?
 4	Materiais: cartão com <i>layout</i> personalizado recortado em papel kraft 300g, caneta esferográfica e hidrocor jumbo, giz pastel oleoso, revista para recorte, tesoura, cola, ilhós, furador de papel, pregadora de ilhós.	

Figura 14 - Colagem digital com fotos da atividade “Lembretes para esquecimentos futuros”, realizada na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Na atividade proposta, a palavra tag foi escolhida intencionalmente, uma vez que em inglês significa etiqueta ou rótulo. No universo da moda, é frequentemente utilizada para identificar a marca de uma empresa, aparecendo junto à etiqueta da peça de vestuário. Essas etiquetas possuem diferentes formatos e tamanhos e são comumente descartadas pelos consumidores. Além disso, o termo também é associado à assinatura do artista que se identifica com a estética do grafite.

Na nossa atividade, fazemos uma paródia da ideia de marca como identidade de um produto. Convidamos os participantes a "imprimirem" sobre a superfície de uma TAG registros textuais e visuais que representem fragmentos que marcaram suas vidas. Nesse

contexto, esses registros não apenas compõem o cerne das memórias, mas também são ferramentas que usamos para organizá-las e dar significado às experiências passadas.

A capacidade de lembrar e a forma como organizamos nossas lembranças desempenham um papel importante em nossa sobrevivência e desenvolvimento como indivíduos e como espécie. Essa habilidade não apenas nos permite aprender com o passado, mas também revelar nuances e complexidades que podem estar submersas nas experiências, bem como abordar aspectos desafiadores e “marginais” da vida.



 	<p>Casa de Passagem</p> <hr/> <p>14h às 18h</p> <hr/> <p>9</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Leo</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das experiências da população em situação de rua, explorando as seguintes perguntas-chave: O que desejo recordar? O que prefiro esquecer?</p> <p>Materiais: cartão com <i>layout</i> personalizado recortado em papel kraft 300g, caneta esferográfica e hidrocor jumbo, giz pastel oleoso, revista para recorte, tesoura, cola, ilhós, furador de papel, pregadora de ilhós.</p>
--	---	---

Figura 15 - Colagem digital com fotos da atividade “Lembretes para esquecimentos futuros”, realizada na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: Para Lembrar - Aprendi a ser mais objetivo e focar nos meus objetivos. | TRABALHOS MANUAIS | PRISÃO | Presente - Fé | Lembrar - ISAbelly

A palavra apropriada e ressignificada ou a elaboração autoral dão forma às memórias dos participantes. A escolha predominante pela opção de tamanho da TAG que oferecia a maior área revela a necessidade dos participantes de que sua expressão "seja vista". Seja por

meio de uma imagem, colagem, palavra, frase, lista ou texto, todas essas formas são sínteses daqueles que carregam um universo em seu cotidiano.

Essa variedade de expressões destaca a riqueza e a diversidade das experiências e emoções que cada participante carrega consigo, contribuindo para a construção coletiva de memórias significativas, um verdadeiro corpo criador que costura “laços entre as interioridades e as exterioridades” (DERDYK, 2012, p. 19). Isso também nos permite refletir que:

O sentido do artístico [nas criações dos participantes] não está dado em alguns objetos, em algumas obras ou em algumas ações, mas se dá em uma complexa rede de significações tecidas a partir de tramas e lógicas diversas, como os sistemas simbólicos, as relações econômicas, as relações sociais e as experiências pessoais e sociais, entre outras (CAMNITZER, 1995, p. 109).

Atividade 2.2: “Lembretes para esquecimentos futuros” (parte 2)

A palavra associa o traço visível à coisa invisível, à coisa ausente, à coisa desejada ou temida, como uma frágil passarela improvisada sobre o abismo. Por isso o justo emprego da linguagem é, para mim, aquele que permite o aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com discrição, atenção e cautela, respeitando o que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem o recurso das palavras.
(Italo Calvino, 1990, p. 90-91)



Lembretes para esque- cimentos futuros

Essa atividade foi desenvolvida como parte integrante da pesquisa, consistindo na criação de uma obra coletiva.

A criação e variação dessa atividade neste momento da pesquisa caracterizam-se como um prolongamento do momento anterior, decorrente da processualidade presente na prática cartográfica. Durante a atividade de criação das tags (atividade 2.1), parte das expressões dos participantes foi revelada nos momentos de socialização e vivência na proposta.

Optamos, então, por criar um novo convite-dispositivo que “desse conta” das modulações desse fenômeno (BARROS; KASTRUP, 2020), viabilizando que essas falas fossem plasticamente representadas.

Os participantes foram convidados a transcrever frases que escutavam das pessoas que não estão em situação de rua e também de quem vivencia a situação de rua sobre a

condição de estar nas ruas. Essas frases podiam ser escritas à caneta ou com giz para tecido “dentro” de balões que possuíam tamanhos diferentes, adotando o formato/significado semelhante aos balões utilizados nas Histórias em Quadrinhos, representando a fala, o grito e o sussurro. Como nos lembra Kastrup (2010, p. 40), “a experiência estética não é aquela meramente divertida ou que gera entretenimento, mas sim aquela que é marcada por sensações intensas”, como o próprio sofrimento.







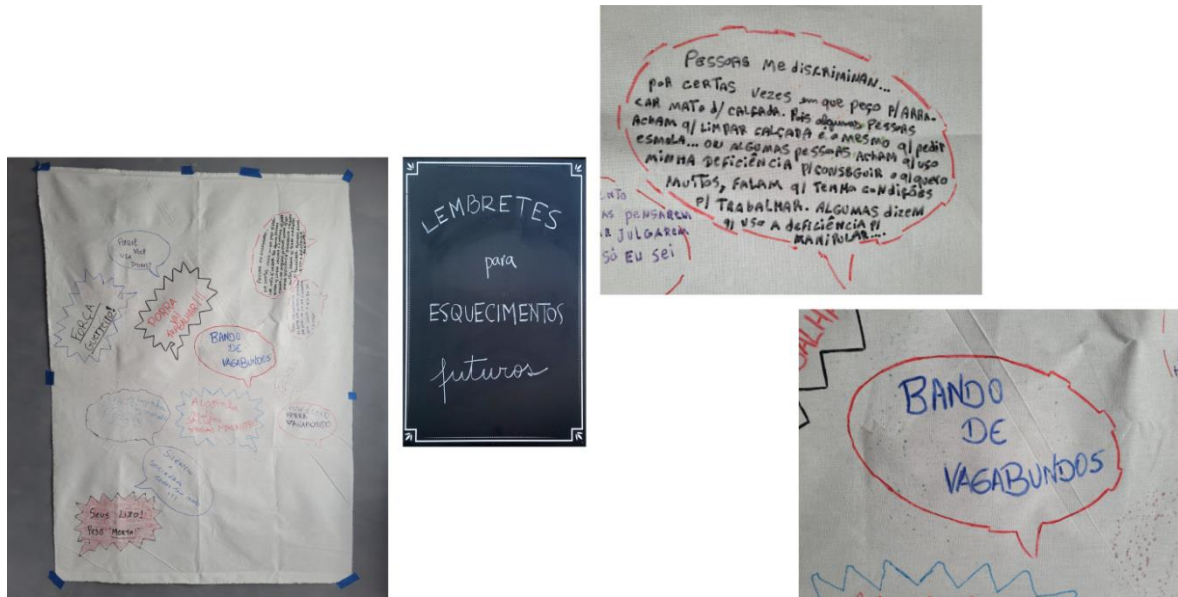
 	<p> Casa de passagem</p> <hr/> <p> 17h30 às 20h30</p> <hr/> <p> 4</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Robson</p> <p>Intenção: mapear quais são as narrativas compartilhadas pelos seus pares e/ou pelas pessoas que não vivenciam a situação de rua, explorando a pergunta-chave “Como eu me sinto?”</p> <p>Materiais: Tecido de algodão cru, giz pastel e canetas para tecido, moldes em formato de balões.</p>
 	<p> Casa de passagem</p> <hr/> <p> 18h às 21h</p> <hr/> <p> 1</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol, Leo, Robson e Thianara</p> <p>Intenção: mapear quais são as narrativas compartilhadas pelos seus pares e/ou pelas pessoas que não vivenciam a situação de rua, explorando a pergunta-chave “Como eu me sinto?”</p> <p>Materiais: Tecido de algodão cru, giz pastel e canetas para tecido, moldes em formato de balões.</p>
 	<p> Centro POP</p> <hr/> <p> 8h às 10h</p> <hr/> <p> 1</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura e Robson</p> <p>Intenção: mapear quais são as narrativas compartilhadas pelos seus pares e/ou pelas pessoas que não vivenciam a situação de rua, explorando a pergunta-chave “Como eu me sinto?”</p> <p>Materiais: Tecido de algodão cru, giz pastel e canetas para tecido, moldes em formato de balões.</p>

Figura 16- Colagem digital com registros da atividade “Lembretes para esquecimentos futuros” (parte 2).



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

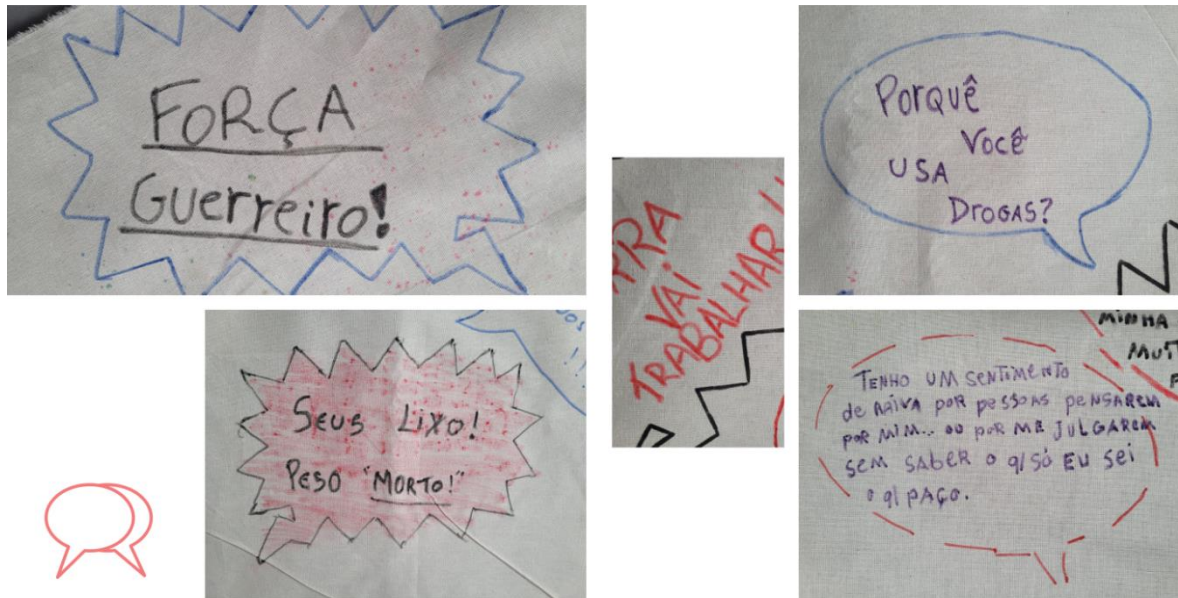
TRANSCRIÇÃO: Porquê você usa drogas? | Pessoas me discriminan⁴⁷... Por certas vezes em que peço p/ arrancar mato d/ calçada. Pois algumas pessoas acham q/ limpar calçada é o mesmo q/ pedir esmola... ou algumas pessoas acham q/ uso minha deficiência p/ conseguir o q/ quero. Muitos falam que eu tenho condições p/ trabalhar. Algumas dizem q/ uso minha deficiência p/ manipular... | Tenho um sentimento de raiva por pessoas pensarem por mim... ou por me julgarem sem saber o q/ só eu sei o q/ paço. | FORÇA Guerreiro! | PORRA VAI TRABALHAR!!! | BANDO DE VAGABUNDOS | lojinha molou | A lojinha molhou. SALVE VAGA MALANDRO | ESSE É LOKO PORRA VAGABUNDO | Silêncio a Sociedade todos tão indo!!! | Seus Lixo, Peso “Morto!”

Quem escreve e quem lê o que está escrito nesse tecido aí?

Na realização desta atividade, não ocorreu uma apropriação e discussão mais “considerável” da temática, nem uma permanência significativa no espaço. Em vez disso, observou-se a repetição das frases “_mas posso mesmo escrever o que eu escuto?”, “_você tem certeza que eu posso escrever como as pessoas falam?” ou “_vou escrever para te ajudar, porque é verdade, mas você não ia/vai querer ouvir isso”, seguidas por uma breve participação.

Figura 17- Colagem digital com detalhes da atividade “Lembretes para esquecimentos futuros” (parte 2).

⁴⁷ Os textos presentes nas criações dos participantes foram transcritos respeitando a grafia original.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Pessoas que utilizavam os serviços da Casa de Passagem e do Centro POP foram convidadas a participar da atividade. Enquanto algumas liam o que os demais participantes haviam escrito; outras se justificavam e pediam desculpas por não aceitarem o convite; alguns comentavam superficialmente sobre a violência que experimentavam nas ruas. Em comum, todos os envolvidos, direta ou indiretamente, demonstraram sentimentos claros de tristeza, vergonha, irritação ou indignação.

Diante dos convites para essa atividade, realizados de maneira semelhante aos encontros anteriores, utilizando a lousinha para anunciar a proposta, organizando os materiais no espaço e com nossos chamamentos pessoais que traziam algo de familiar, houve uma resposta peculiar, se comparada as nossas vivências anteriores com os grupos. Corpos que se retesavam diante de um acontecimento súbito que os emudeciam, passos para trás, olhares expressivos sem nenhuma palavra dita, pausas.

Embora tenha havido curiosidade por parte de várias pessoas na Casa de Passagem e no Centro POP sobre a atividade, poucas se sentiram confortáveis para participar. Mesmo com três convites realizados em dias e horários diferentes, apenas seis pessoas decidiram partilhar suas experiências. Isso nos convida a refletir: quantas histórias estão sendo contadas pelo silêncio de quem optou por não envolver-se ou, em outra perspectiva, por aqueles que escolheram deixar o registro do vazio como marca no tecido?

Cecília Bajour (2019), pesquisadora e professora argentina, destaca que as narrativas não se limitam às palavras, pois também se desdobram no silêncio. Nos textos artísticos, os

momentos de silêncio não são passivos, mas sim elementos que envolvem os leitores, incentivando-os a participar ativamente na construção de significados.

Nesse sentido, os “vazios” deixados no tecido carregam consigo o silêncio dos corpos violentados, que optam por não reproduzir a violência que sofreram. Assim, os silêncios que ocorrem nos espaços não ocupados pelas palavras representam aquilo que não é explicitamente dito ou revelado. Essa dinâmica de silêncio não é apenas a ausência de palavras, mas é moldada pelos espaços vazios, permitindo que cada pessoa interprete de forma única; um “silêncio fundante, [...] espaço diferencial da significação” (ORLANDI, 2007, p. 68).

Bajour sugere que, ao falarmos sobre silêncio, consideremos sua pluralidade, reconhecendo que há diferentes tipos e formas de silêncio. Para a autora,

Así como hay diversidad de voces encarnadas en personas y textos, puede haber diversos silencios disponibles para ser percibidos por nuestros sentidos. [...] Así como con la escucha, trato de reflexionar sobre los lenguajes y los silencios como parte de una trama dialógica que nos involucra a todos.

Además del carácter social del silencio, su pluralidad, su no esencialidad provienen de la diversidad de silencios que no son una entelequia ni una abstracción (BAJOUR, 2019, p. 18).

Nesse contexto, o que a obra artística produz? Entendemos que dentre tantas possibilidades, ela produz um chamado para reconhecer que o silêncio é, por si só, uma forma de expressão. A ausência de discurso não significa ausência de significados; pelo contrário, pode conter uma riqueza de significados que não podem ser totalmente capturados pela presença ou ausência de palavras.

Parte significativa da nossa expressão e identidade tem origem no que não é explicitamente expresso. O silêncio, as lacunas, as nuances não ditas e os gestos corporais contribuem para formar a complexidade da nossa voz e da nossa forma de nos comunicarmos com o mundo. Segundo Bajour, ser sensível não apenas ao que é falado, mas também ao que permanece não dito, reconhecendo o poder e a voz contida no silêncio contribui para construir conexões significativas com os outros (BAJOUR, 2019).

Diante do que foi apresentado e considerando a potencialidade dessa abordagem para uma intervenção mediada por um/a profissional das artes ou da terapia ocupacional, algumas reflexões se fazem necessárias: como podemos valorizar o silêncio como um meio expressivo válido para os participantes? Como podemos dar forma a esse acontecimento? Quais critérios orientam a escolha das temáticas a serem abordadas com as pessoas em

situação de rua? Como nos posicionamos diante das problemáticas que estamos propondo? Qual é o nosso nível de envolvimento com o tema em questão?

Ao explorar a complexidade das dinâmicas sociais e desafios enfrentados pelas pessoas em situação de rua, identificamos a necessidade de uma abordagem sensível e adaptativa. Esses insights não apenas orientam a abordagem atual, mas também apontam para caminhos promissores para o desenvolvimento futuro de estratégias eficazes de ação com esse grupo populacional, ressaltando que não pretendemos apresentá-las como "alternativas para a prática".

Ao refletir sobre a inclusão desta atividade e ressaltar a importância da temática a partir da minha perspectiva e experiência, que nunca vivenciei diretamente essa forma de violência, reconheço que subestimei a devida consideração pelos efeitos que as dores podem provocar nos corpos feridos. Isso destaca a necessidade de uma abordagem mais sensível e inclusiva, considerando não apenas a minha visão, mas também as experiências diversas e, muitas vezes, dolorosas enfrentadas por aqueles que vivenciam tais formas de violência. Este reconhecimento reforça a importância de uma abordagem empática e informada ao lidar com questões sensíveis e complexas.

Este estudo não busca fornecer respostas definitivas para as inquietações que surgem a partir das experimentações, mas aponta para pistas que podem nos orientar em direção a novas oportunidades de trabalho com essas pessoas. Nesse sentido, um dos aprendizados significativos dessa atividade está relacionado à compreensão da alteridade.

O filósofo Jean Baudrillard (2000) propõe que, ao perdermos a capacidade de reconhecer e considerar a alteridade, que é a condição de ser outro ou diferente, nos voltamos intensamente para dentro de nós mesmos, afundando em uma autorreferência. Nessa condição, ocorre uma completa ausência de consideração pelas perspectivas e experiências distintas das nossas, o que pode levar nossas ações a uma prática desvinculada da realidade do outro. Esse estado resulta em isolamento e, conseqüentemente, na falta de interação com o outro.

Assim, tomo a liberdade de emprestar algumas indagações de Carlos Skliar em seu livro *Pedagogia (improvável) da diferença* e adaptá-las a este contexto: "[...] que vozes podem surgir dessa relação? [...] silenciar-se é continuar falando?" (2003, p. 108).

Atividade 3: “Do que é feito o encontro?”

Todas as formas de arte incorporam conteúdos existenciais. Estes se referem à experiência do viver, a visões de mundo, a estados de ser, a desejos, aspirações e sentimentos, e aos valores espirituais da vida. Enfim, são conteúdos gerais da própria consciência humana [...].
(Fayga Ostrower, 2002, p. 11)



Do que é feito o encontro?

A atividade foi desenvolvida como parte integrante da pesquisa, consistindo na criação de um conjunto de esculturas feitas pelos participantes, nomeado posteriormente como “Coleção 3”.

Os participantes são convidados a expressar metaforicamente, por meio da modelagem em argila, quais são as marcas e as texturas deixadas em seus corpos pelos encontros vividos com/na a rua e as pessoas que estão ou não em situação de rua.

A intenção é uma inscrição poética, em diálogo com o sensível, podendo ser figurativa ou abstrata, que no momento de sua participação, possa ser acessada a partir das experiências que os constituem e posteriormente compartilhada com o grupo. Para aqueles que a materialidade – argila – não agradava, propusemos o uso de ferramentas para manuseio da massa ou a expressão utilizando papel e lápis de cor.



Casa de Passagem



18h às 21h



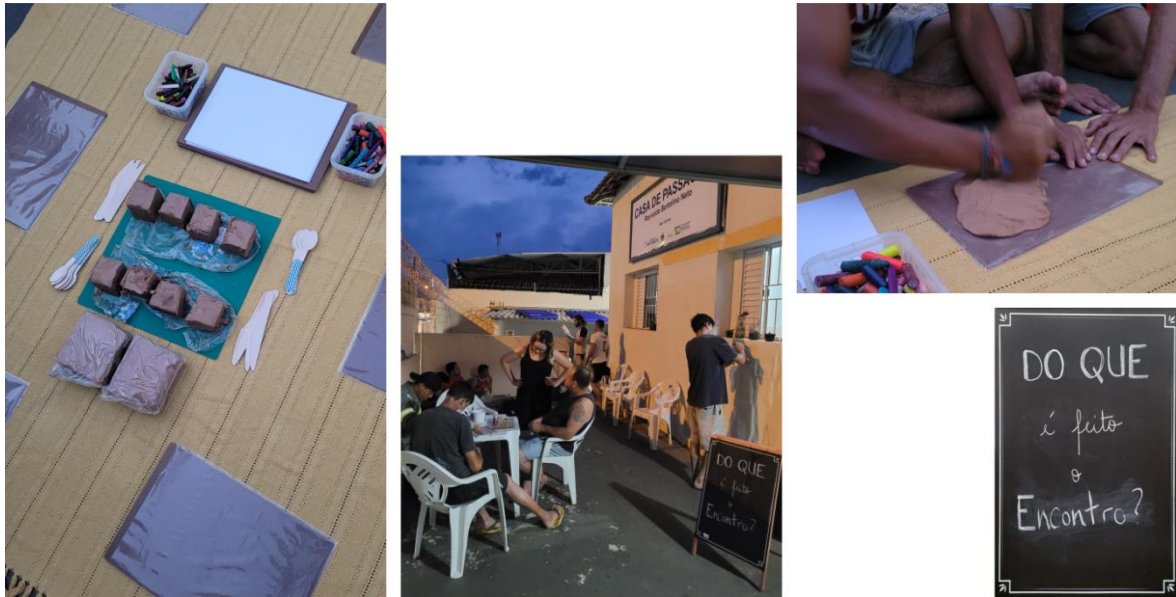
7

Auxiliares de pesquisa: Carol, Leo, Robson e Thianara

Intenção: realizar um mapeamento das marcas, rastros, e texturas que nascem do encontro entre a pessoa em situação de rua com seus pares e a cidade.

Materiais: argila, base de Eucatex, saco plástico, estecas, pote para água e pano para limpeza.

Figura 18 – Colagem digital com registros da atividade realizada na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Era fim de tarde na primavera. Chegamos à Casa de Passagem e decidimos experimentar a proposta em um local que ficasse próximo à entrada dos usuários, permitindo que mais pessoas participassem da atividade, conforme solicitado pelos gestores da Casa de Passagem e desejado pela equipe de pesquisa.

Estendemos uma manta no chão e posicionamos blocos de argila ao centro. Disponibilizamos instrumentos para manusear a massa, bases de eucatex de tamanho A4 dentro de saquinhos plásticos e potes para água. Além disso, visando acomodar participantes com mobilidade reduzida, organizamos uma mesa com quatro cadeiras ao lado desses materiais sobre a manta.

Os convites eram realizados tanto por mim quanto pelos auxiliares de pesquisa, frequentemente de maneira individual. Em certas ocasiões, nos dirigíamos pessoalmente até a pessoa para convidá-la, enquanto em outras, acolhíamos aqueles que se aproximavam curiosos para entender o que estava ocorrendo. Um diálogo com o participante Le.⁴⁸, que chegou após o início da atividade com um pequeno grupo, provocou em mim uma reflexão mais profunda sobre esse processo, resultando em algumas modificações que eu decidi implementar nos encontros seguintes.

- Le., não quer sentar aqui com a gente?
- Eu não sento no chão! Posso ficar aqui na mesa?

⁴⁸ Utilizamos apenas iniciais para salvar a identidade dos participantes.

- Claro! Te convidei para sentar aqui para ficarmos todos juntos.

- Me desculpa. Não me leve a mal, Fernanda, mas eu não sento no chão.

- Está tudo bem. A mesa também é um espaço para essa atividade. Pensei em propor a atividade dessa forma, porque precisávamos de mais espaço hoje e achei que não seria um problema, pois eu adoro sentar no chão.

- Você fala isso, porque nunca precisou viver nesse lugar. Você nunca teve que dormir no chão. O chão é o último lugar que nos resta. Por isso, não vou sentar aí. Se eu puder, não sento no chão.

A conversa com Le. gerou uma transformação que continua a ecoar em mim. A percepção que temos da vida pode não refletir completamente a verdadeira natureza do mundo ao nosso redor, sugerindo uma possível desconexão entre a aparência e a realidade. Reflito sobre a importância de estarmos atentos às nossas ações nos diferentes contextos em que atuamos.

Após o encontro com esse participante na Casa de Passagem, fiquei em reflexão sobre como poderia conduzir os encontros de forma a evitar desconfortos como aquele e outros dos quais eu talvez não estivesse ciente. Percebi que estar em seu território não era o bastante para estarmos verdadeiramente “juntos”, pois havia uma lacuna em nossas experiências, especialmente, nas marcas que carregávamos em nossas subjetividades. Compreendi a importância desses dispositivos como pistas que me confrontam com a realidade, revelando a cada dia o distanciamento entre minha vida e a vida dessas pessoas.

Ao longo da pesquisa, busquei fomentar rupturas em meu pensamento linear e abrir espaço para a construção de outros sistemas de significado. Isso envolveu permitir lacunas de sentido que não necessariamente precisam ser preenchidas, mas sim consideradas. Dessa forma, minha intenção é ativar uma força micropolítica, indicando a presença singular de um corpo-pesquisador disposto a caminhar e se posicionar no mundo com maior flexibilidade e criatividade.

Figura 19 - Colagem digital com registros da atividade realizada na Casa de Passagem e no Centro POP.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Figura 20 - Colagem digital com registros da atividade realizada na Casa de Passagem e Centro POP.

Imagem

Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

	Centro POP 8h às 11h 7	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol, Mariana e Thianara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das marcas, rastros, e texturas que nascem do encontro entre a pessoa em situação de rua com seus pares e a cidade.</p> <p>Materiais: argila, base de Eucatex, saco plástico, estecas, pote para água e pano para limpeza.</p>
--	------------------------------	--

Lembranças são como vertigens do tempo. As lembranças não são estáveis ou lineares, mas podem ser envolventes e até mesmo perturbadoras ao nos transportarem para diferentes momentos do passado. Ela expressa a ideia de que as recordações têm o poder de nos fazer sentir como se estivéssemos temporariamente fora do presente, imersos nas experiências passadas.

Foi por meio da apropriação dessas variáveis que os participantes realizaram a atividade. Utilizando formas visuais expressivas e comunicativas, alguns optaram por uma expressão mais abstrata, representando as marcas deixadas pelas experiências nas ruas por meio de formas e texturas, como *“em cacos, trincado, como um vaso quebrado”*, *“vivo dias de altos e baixos... Nem todos os dias são ruins”*, e *“a permanência na rua faz com que a gente aprenda a se moldar e seguir, “rolar”*

Outro grupo de participantes escolheu representações figurativas, utilizando imagens ou cenas que simbolizavam a suspensão temporária do presente e a revisitação da vida que desejam retomar. Por outro lado, houve aqueles que problematizaram, por meio de cenas, situações vivenciadas por pessoas em situação de rua que deixam marcas profundas em seus corpos e subjetividades, expressando sentimentos como “*não confio mais no ser humano*”, “*eu estou morto para a sociedade*”, “*eu não consigo ser atendido no hospital quando chego passando mal, porque estou com fome. Eu sei que preciso comer, mas nem sempre a gente tem o que comer. Chego lá muito fraco e tremendo e aí eles não me atendem, porque dizem que vou passar mal. Eles não entendem que eu preciso fazer a hemodiálise para viver. Se bem que eu preferia morrer logo, porque viver na rua só piora o meu sofrimento. É muita humilhação*”.

Diferentes interpretações dos participantes revelaram a diversidade de experiências e perspectivas diante das complexidades da vida nas ruas, destacando a riqueza das narrativas emergentes por meio dessa proposição artística. Fayga Ostrower (2002) destaca a capacidade intrínseca da arte em refletir aspectos essenciais da existência humana. No contexto desta atividade, as expressões artísticas foram autênticos meios para transmitir experiências profundas e visões de mundo complexas, contribuindo para uma compreensão mais ampla e empática das realidades enfrentadas por aqueles que vivem nas ruas.

Atividade 4: “O sensível nos toca e às vezes silenciar transborda”

*Quais retalhos-verdade estão costurados em nossos corpos?
(Razão Inadequada, 2023)*



**O sensível
nos toca e
às vezes
silenciar
transborda**

A atividade foi desenvolvida como parte integrante da pesquisa e envolveu a criação de um conjunto de imagens denominado “Coleção 4”. Essa coleção engloba registros visuais de performances, textos e colagens produzidos pelos participantes, caracterizando-se pelo uso recorrente do material “tecido fino com transparência”.

A proposta consiste num convite-guia para explorar algo além do habitual, encorajando a pessoa a buscar uma forma diferente de se expressar. O desafio está em ousar fazer, pois é no ato de realizar, com suas inúmeras possibilidades, que podemos reformular o imaginário que alimenta estereótipos sobre as pessoas em situação de rua. Este

convite sugere não apenas ação, mas também reflexão, convidando a questionar e transformar ideias preexistentes que moldam nossos anseios, apontando para um caminho potencialmente mais significativo de viver.

Os participantes são convidados a se expressarem por meio da performance, da escrita e da colagem, revelando situações e contextos nos quais se sentem invisibilizados, bem como as emoções que transbordam de seus corpos nessas circunstâncias. O processo é documentado através de fotografias que capturam gestos corporais, possivelmente combinados com textos verbais. Para aqueles que não se sentem confortáveis com a performance, há a opção de se expressarem por meio da escrita, da colagem e do bordado.



 	<p>Casa de Passagem</p> <hr/> <p>9h às 12h</p> <hr/> <p>9</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das marcas sensíveis registradas nos corpos da população em situação de rua deixadas pela invisibilidade. "Quando eu sou invisibilizado?"</p> <p>Materiais: tecido "voal" e outros com transparência, canetas para tecido, esferográfica e hidrocor, linha de meada, agulha para bordado, giz pastel para tecido, giz de cera, folha A4 120g, tesoura, cola para tecido, câmera fotográfica.</p>
--	--	--

Figura 21- Colagem digital com registros da atividade realizada na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Figura 22- Colagem digital com registros da atividade realizada na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: SOLIDÃO | Na vida sou enusive na sociedade e familiar com o sou um / cara umilde / honesto / é um cara que gosta de todo mundo/ assim / nen todos / são / considerado / mas / vai não tenho / medo da morte. Sempre tem brigas gosto / de / cozinhar / gosto / de agitar é o que / ajuda o prócimo / e / gosto de ser / o / que sou / tem / muitos que tem inveja da minha pessoa mas / a gente / como eu / relevo / porque / sou um / cara / humilde, só / que / oque eu / saio para mangiar / o pessoal / fica / com / iveja tenho / tenho / ums / acontecimentos / que aconteceu / em / minha vida / tipo / brigas entrigas zoio gordos que / meu / pai / e / minha / mãe / quem / são. Renata e/ Junior amo vcs / Léu.

A escolha de variar a materialidade proposta para esta atividade teve como objetivo assegurar a participação de todas as pessoas que se sentissem motivadas a expressar-se. Reconhecemos a sensibilidade da temática abordada neste encontro, imaginando que poderia suscitar desconforto. Diante disso, antevimos que o convite para a performance poderia adicionar um nível de dificuldade para algumas pessoas.

Essa associação de linguagens e materialidades acrescenta uma dimensão particular à expressão artística, fortalecendo a coesão estética e proporcionando uma interpretação distinta e identificável na análise dos elementos visuais. A diversificação visa oferecer a cada participante uma maneira autêntica de compartilhar suas experiências e perspectivas.

Uma das proposições dessa atividade ocorreu em uma manhã de sábado do mês de novembro e havia muitas pessoas na Casa de Passagem. Com a ajuda de algumas das pessoas que estavam abrigadas na casa, organizamos um espaço de trabalho na “varandinha do fundo”, um local acessado pela porta de saída da única sala disponível e também pelo corredor lateral direito. Este espaço é cercado pelas portas dos dois banheiros externos, pelo bebedouro e por um dos tanques, próximo a quem lava suas roupas e zela pelas peças estendidas no varal ou sobre as mesas no quintal.

De imediato, surgiu grande curiosidade. Alguns participantes indicaram aceitar a proposta, reservando seus lugares nas cadeiras disponíveis ao redor da mesa, enquanto outros iniciavam diferentes assuntos na tentativa de desviar do que estava sendo proposto. Com expressões desconfiadas, exploravam o material disposto sobre a mesa, particularmente os tecidos, que rapidamente se transformaram em retalhos, envolvendo as escritas, as mãos, os braços e os corpos.

É nesse cenário que surge um corpo-escrita em movimento. Um corpo-escrita que solicita um registro para ser preservado além da memória do grupo. Um corpo-escrita que se cobre e veste as palavras, com seus gestos insistindo em atravessar o não dito, o silêncio ao qual esses corpos estão subjugados, o ocultamento das diferenças e as existências invisibilizadas.

Ao atribuir novos significados à própria existência, a pessoa em situação de rua passa por uma transformação pessoal e subjetiva. Isso implica uma mudança na forma como ela percebe a si mesmo, aos outros e ao mundo ao seu redor. Essa transformação não é apenas intelectual, mas envolve todo o ser do indivíduo, incluindo aspectos racionais e emocionais.

Ao refletir sobre os significados criados durante essa experiência/transformação, essa pessoa (em situação de rua) é capaz de se desprender de uma visão limitada de si mesmo. Ela passa a enxergar o ser humano de maneira mais ampla, transcendendo suas próprias experiências individuais.

Isso se dá porque o conhecimento não é apenas uma atividade mental, mas está enraizado no corpo do indivíduo, implicando em uma aprendizagem como uma experiência integral que envolve tanto aspectos físicos quanto mentais, além de ser uma experiência estética. A estética aqui refere-se à apreciação e à sensibilidade, destacando que a aprendizagem vai além da mera absorção de informações, pois é uma experiência sensível e subjetiva desse corpo-escrita visível. Meira afirma que:

No estético encontra-se a possibilidade de perceber e pensar sobre tudo aquilo que qualifica a experiência humana, porque essa qualificação é o resultado da integração de todas as capacidades humanas para dialogar com o meio. O meio ambiente, qualificado pela experiência estética, deixa de ser uma simples materialidade, convertendo-se num potencial e diversificado universo de relações significativas (MEIRA, 2001, p. 133).

Para o filósofo e esteta Dufrenne, "o objeto estético significa certa relação do mundo com a subjetividade" (2004, p. 53) e, em vez de fornecer uma verdade definitiva, revela o

mundo ao observador de uma maneira que se torna uma fonte de verdade pessoal. Observamos, assim, a riqueza e complexidade das interpretações individuais em relação à arte – e as produções criadas pelos participantes nesta pesquisa.

Retomamos a epígrafe apresentada nesta coleção: “Quais retalhos-verdade estão costurados em nossos corpos?”⁴⁹, sendo a metáfora dos “retalhos-verdade” apropriada a este texto para transmitir a complexidade da verdade e da experiência humana, especialmente em contextos vulneráveis e marginalizados.

O termo “retalhos-verdade” sugere que a verdade não é única ou absoluta, mas composta por fragmentos ou aspectos variados. A metáfora de costurar esses “retalhos-verdade” em nossos corpos implica que essas diferentes facetas da verdade estão entrelaçadas em nossa existência, formando parte integrante de quem somos.

A frase sugere uma abordagem pluralista da verdade, reconhecendo que diferentes perspectivas e experiências contribuem para a compreensão completa da realidade. Além disso, ao relacionar esses “retalhos-verdade” aos nossos corpos, há uma possível conexão com a subjetividade e a experiência pessoal, indicando que a verdade é, em parte, construída através das vivências individuais e da interpretação única de cada pessoa.

Considerando os corpos de pessoas em situação de rua, quais verdades são essas? Inicialmente, ponderamos sobre a uniformização desses corpos vulnerabilizados; em seguida, nos atentamos para a potência dessa coleção, que revela uma perspectiva desconcertante da invisibilidade que envolve esse grupo populacional.

Rafael Trindade, em seu texto “Foucault – o filósofo costureiro”, apresenta a ideia de que:

[...] nossos corpos são disciplinados dentro da verdade, como melancias quadradas, adaptadas para não ocupar muito espaço. Os sujeitos crescem em um campo de veridicção restrito pelo reconhecimento. Nós sequer percebemos esse processo de assujeitamento, justamente porque as Verdades lhe emprestam ares de naturalidade. Quando olhamos bem, percebemos que os corpos foram vestidos em roupas apertadas, assim como nossos pensamentos foram costurados em adereços excessivamente formais. Estamos o tempo todo incomodados com algo que nem sabemos o que é, nos acostumamos com a gravata nos sufocando. [...](TRINDADE, 2023).

⁴⁹ Frase de autoria do escritor Rafael Trindade, publicada no instagram “Razão Inadequada”. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cwm7H8lPbP6/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA

Tais práticas subsistem devido às verdades aceitas pela sociedade, as quais limitam as possibilidades de compreensão e reconhecimento para além desse ponto de vista. Ou seja, somos condicionados a aceitar certas "verdades" sem questionar as normas sociais que moldam e restringem nossas experiências, muitas vezes sem percebermos.

A referência a corpos preguiçosos, vestidos em roupas rasgadas e/ou sujas, barba e/ou cabelo por fazer, denota, de certa maneira, uma imagem degradante associada a uma pessoa em situação de rua. Isso demonstra como nossos corpos e mentes são influenciados por normas sociais que muitas vezes não questionamos, aceitando-as como "naturais", alimentando um imaginário preconceituoso. Da mesma forma, a invisibilização também incide sobre aqueles cujos corpos se conformam à "normalidade social", mas que também estão em situação de rua, levando a um agravamento da situação dessas pessoas.

Em uma sociedade em que práticas políticas higienistas são frequentemente observadas, é possível identificar, por meio das exteriorizações dos participantes, uma tendência à naturalização de corpos invisibilizados.

A invisibilização é praticada pelo próprio sistema social no qual essas pessoas estão inseridas e, na grande maioria das vezes, são dependentes. Essa prática ocorre através de ações realizadas por trabalhadores de instituições socioassistenciais públicas ou privadas, proprietários e funcionários de estabelecimentos comerciais, e por pessoas que transitam nas ruas e não estão em situação de rua. Às vezes, ela ocorre até por parte daqueles que compartilham da mesma condição social, como podemos ver na poesia escrita por Gil Rosa⁵⁰ (2023) ao participar desta atividade:

"Olhar pelo espelho e não se ver
Abrir os olhos e acordar dormindo
Pelas calçadas chorando e sorrindo
Nos delírios das madrugadas
Entre chuvas e o sol
Que esquentar 'mais' não acalenta
O seu grito de dor,
Que não se ouve
E no silêncio caminha
[...]
Procura se encontrar no olhar vazio,

⁵⁰ Gil Rosa é um poeta de rua da cidade de São Carlos e foi um dos participantes da pesquisa, acompanhando o grupo em três encontros.

Como as águas dos rios sem onde chegar
 Só corre e desliza como uma 'briza' em direção ao mar
 [...]

 Quem se importa?"











Para confabular com o poeta de rua Gil Rosa, trago fragmentos do texto do jornalista e escritor Otto Lara Resende (1992), que acredita que "o poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de tão visto, ninguém vê":

"De tanto ver, a gente banaliza o olhar... Vê não-vendo...
 [...]

 O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...
 Mas há sempre o que ver... Gente, coisas, bichos... E vemos? Não, não vemos...
 [...]"

Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos... É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença..."

Encerro a apresentação dessa atividade e coleção me apropriando novamente das palavras desse mesmo texto de Resende para, neste momento, propor um convite: "[se] o que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade... O campo visual da nossa rotina é como um vazio. [...] Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver... Parece fácil, mas não é..." (RESENDE, 1992, s/p.)

 	 Centro POP <hr/>  8h às 10h <hr/>  2	<p>Auxiliares de pesquisa: Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das marcas sensíveis registradas nos corpos da população em situação de rua deixadas pela invisibilidade. "Quando eu sou invisibilizado?"</p> <p>Materiais: tecido "voal" e outros com transparência, canetas para tecido, esferográfica e hidrocor, linha de meada, agulha para bordado, giz pastel para tecido, giz de cera, folha A4 120g, tesoura, cola para tecido, câmera fotográfica.</p>
 	 Praça (Mercadão) <hr/>  9h30 às 12h <hr/>  2	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura e Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das marcas sensíveis registradas nos corpos da população em situação de rua deixadas pela invisibilidade. "Quando eu sou invisibilizado?"</p> <p>Materiais: tecido "voal" e outros com transparência, canetas para tecido, esferográfica e hidrocor, linha de meada, agulha para bordado, giz pastel para tecido, giz de cera, folha A4 120g, tesoura, cola para tecido, câmera fotográfica.</p>

Atividade 5: “Não é todo dia que a gente pode”

*Minhas desequilibradas palavras são o luxo do meu silêncio.
Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas –
escrevo por profundamente querer falar.
Embora escrever só esteja me dando a grande medida do
silêncio.
(Lispector, 1998, p. 12-13)*



**Não é todo
dia que a
gente pode**

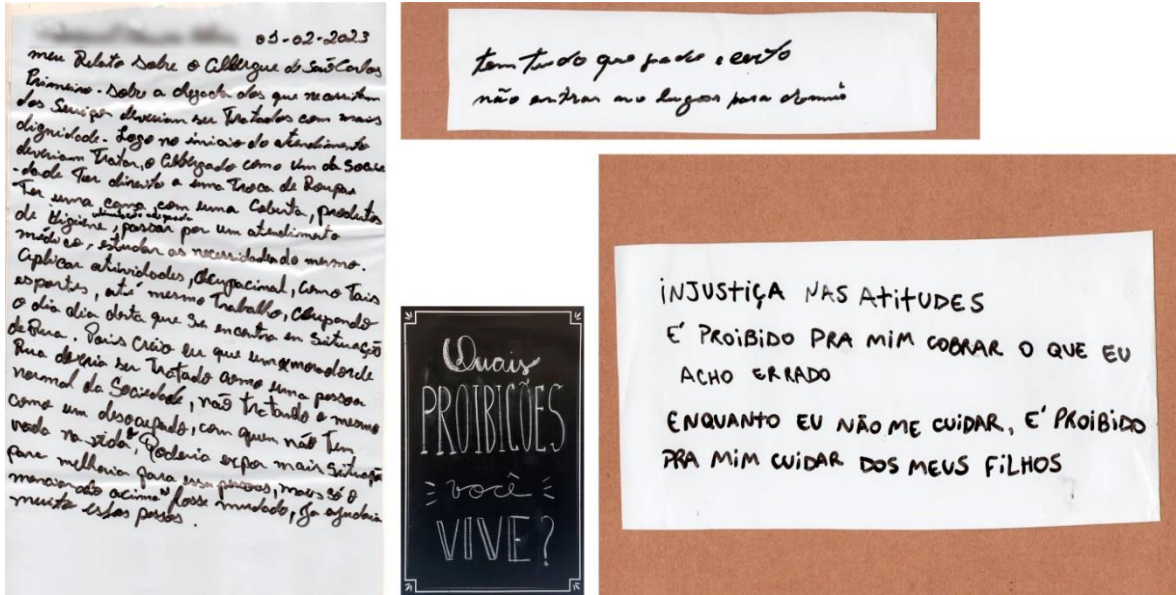
Atividade desenvolvida como parte integrante da pesquisa, envolvendo a criação de um conjunto de expressões denominado “Coleção 5”, que futuramente será disposto em uma obra coletiva sob a forma de um objeto artístico⁵¹.

Essa proposta surge da necessidade de expor algumas das proibições vividas por um corpo em situação de rua e de instaurar um lugar de escuta e de visibilidade por meio de uma obra artística coletiva. Ela busca reverberar as vozes dessas pessoas que, por vezes, são silenciadas e apartadas do convívio social.

Para a realização desta atividade, cada participante foi convidado a escrever ou descrever situações vivenciadas no cotidiano em que sua presença, expressão ou participação não é permitida. A escrita foi feita com caneta permanente sobre retalhos de adesivo vinil na cor branca. Posteriormente, esses adesivos serão recortados e colados sobre uma base de PS (o poliestireno é um plástico que pode ser moldado, semelhante ao vidro e ao acrílico) em formato de placa de sinalização, com layout semelhante ao de uma placa de trânsito, contendo o símbolo de proibido.

Figura 23 - Colagem digital com registros da atividade realizada na Casa de Passagem.

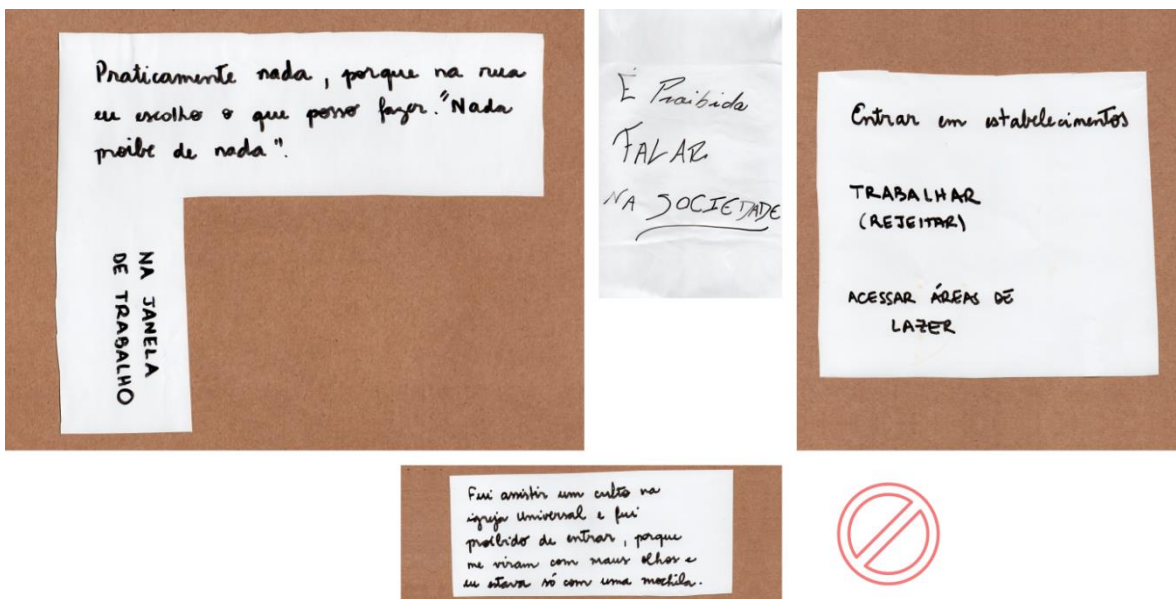
⁵¹A definição de objeto artístico é ampla, variando de acordo com as diferentes abordagens e concepções artísticas ao longo da história e em diferentes contextos culturais. Neste estudo, entendemos o objeto artístico como uma criação física elaborada por um artista com o propósito de comunicar uma mensagem, expressar emoções ou provocar uma experiência estética no espectador. Essas criações podem ser confeccionadas a partir de uma ampla gama de materiais e assumir uma diversidade de formas. Para ler mais a respeito do uso de objetos na arte: <https://arteref.com/arte-contemporanea/tudo-pode-ser-considerado-arte/>



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: (esquerda) Meu relato sobre o Albergue de São Carlos. Primeiro, sobre a chegada dos que necessitam dos serviços deveriam ser tratados com mais dignidade. Logo no início do atendimento deveriam tratar, o albergado como um da sociedade ter direito a uma troca de roupas. Ter uma cama com uma coberta, produtos de higiene, alimentação adequada, passar por um atendimento médico, estudar as necessidades do mesmo. Aplicar atividades, ocupacional, como tais esportes, até mesmo trabalho, ocupando o dia dia desta que se encontra em situação de rua. Pois creio eu que um morador de rua deveria ser tratado como uma pessoa normal da sociedade, não tratando o mesmo como um desocupado, com quem não tem nada na vida e poderia expor mais situação para melhoria para essas pessoas, mais só o mencionado acima fosse mudado, já ajudaria muito essas pessoas.

Figura 24 - Colagem digital com registros da atividade realizada nas Praças.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: (inferior central) Fui assistir um culto na igreja universal e fui proibido de entrar, porque me viram com meus olhos e eu estava só com uma mochila.

 	<p>Praça (Mercadão)</p> <hr/> <p>9h30 às 12h</p> <hr/> <p>2</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura e Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das proibições vivenciadas por um corpo em situação de rua. "Quando eu sou censurado?"</p> <p>Materiais: vinil adesivo branco, caneta para retroprojeter, base de PS com 2mm em formato e escala de uma placa de sinalização similar as placas de "proibido".</p>
 	<p>Casa de passagem</p> <hr/> <p>18h às 21h</p> <hr/> <p>6</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura e Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das proibições vivenciadas por um corpo em situação de rua. "Quando eu sou censurado?"</p> <p>Materiais: vinil adesivo branco, caneta para retroprojeter, base de PS com 2mm em formato e escala de uma placa de sinalização similar as placas de "proibido".</p>
 	<p>Praças</p> <hr/> <p>6h30 às 12h</p> <hr/> <p>12</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol, Laura e Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das proibições vivenciadas por um corpo em situação de rua. "Quando eu sou censurado?"</p> <p>Materiais: vinil adesivo branco, caneta para retroprojeter, base de PS com 2mm em formato e escala de uma placa de sinalização similar as placas de "proibido".</p>

A mesma pergunta foi feita repetidas vezes ao longo de duas manhãs e um entardecer. "Mas a gente pode mesmo falar a verdade?" Cada vez que convidamos para participar dessa atividade, recebemos essa pergunta, revelando uma presença latente de censura e a prevalência do silêncio que envolve essas pessoas, sugerindo uma falta de oportunidade ou espaço para expressarem suas vozes e necessidades. Por que elas não poderiam compartilhar suas experiências?

A epígrafe deste tópico, citando Clarice Lispector ("[...] escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio" - 1998, p. 12-13), aliada a essa vivência, nos convida a refletir sobre a intensidade do desejo dessas pessoas em situação de rua em se expressarem sobre os desafios de suas vidas. Ao mesmo tempo, isso evidencia o ensurdecido silêncio que as cerca.

Isso nos leva a ponderar sobre os obstáculos que essas pessoas enfrentam, os quais as impedem de questionar as restrições e injustiças no acesso a espaços e direitos básicos. Por que elas precisam desafiar o padre e os fiéis para entrar em uma instituição religiosa para assistir ao culto? Por que não têm o direito de percorrer os corredores do supermercado, mesmo tendo dinheiro para comprar o que desejam? Por que são proibidos de sentar-se e alimentar-se em um restaurante compatível com sua condição financeira naquele dia?

Essas questões convocam à reflexão sobre as barreiras estruturais e sociais que perpetuam a marginalização dessas pessoas e a necessidade de enfrentar esses problemas de forma significativa e humana. Além do óbvio desafio da falta de moradia e condições básicas de sobrevivência, há uma dimensão menos visível, mas igualmente importante, que é a exclusão social e a negação de voz e dignidade. A pergunta repetida, "Mas a gente pode mesmo falar a verdade?", ressalta essa realidade, indicando que essas pessoas muitas vezes se sentem caladas, proibidas de serem ouvidas sobre essas proibições, seja por questões de estigma social, discriminação ou falta de oportunidades.

Considerando que essas restrições são um reflexo dos racismos, aporofobias, acirradas com as desigualdades sociais e econômicas profundas que permeiam nossa sociedade, tomo emprestado o subtítulo de um livro que o poeta Gil Rosa deixou aos meus cuidados e como indicação de leitura, para pensar um pouco mais sobre isso: *Quão livre é a transposição de limites entre tecidos [humanos] e urbanos distintos?*⁵²

Essa frase suscita uma questão sobre a liberdade ou facilidade com que os limites entre os espaços urbanos e as pessoas que habitam esses espaços podem ser atravessados ou transpostos. Sugere-se uma reflexão sobre até que ponto os indivíduos estão livres para se moverem entre diferentes contextos urbanos e humanos, e como essa transição pode ser fluida ou restrita. Em essência, este pensamento questiona a permeabilidade dessas fronteiras e as implicações dessa interação para as pessoas e as comunidades urbanas (CARERI, 2013; 2017).

Ao observarmos as expressões dos participantes nessa atividade, podemos considerar não apenas as dificuldades materiais que enfrentam, mas também a privação emocional e psicológica de serem reconhecidos e valorizados como seres humanos. De acordo com Paulo Freire,

Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. Dessa forma, consciência de ação sobre a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação (FREIRE, 2002, p. 78).

Destaca-se, assim, a necessidade de ações concretas para enfrentar esses problemas em sua complexidade e promover uma sociedade mais justa e inclusiva para

⁵² Reflexão inspirada na leitura do livro "Muros de Ar", que estava nas mãos do participante da pesquisa e também poeta.

todos, de forma que acolha, agregue e produza “potência em meio uma racionalidade contemporânea que fragmenta, insiste na individualização e desvalorização de grande parte da vida humana, tais abordagens podem representar resistência às hegemonias que nos guiam” (SILVESTRINI et al, 2019, p. 930).

Atividade 6: “O verbo precisa de ar”

Escrevo porque não compreendo. Para repetir de novo e de novo essa encruzilhada de palavras com a qual não consigo decifrar o tempo. Escrevo para recordar sons que de outro modo se perderiam no lodo vertical da memória. Para invocar e provocar gestos de amor aos quais não seria capaz se não escrevesse. Escrevo porque ao despertar gostaria de agradecer pelos meus olhos abertos. Para olhar de pé o que está longe. Para escutar o que é que ficou na ponta da língua. Escrevo para renunciar ao abandono e para tocar com as mãos sigilosas as costas mornas de alguém que ainda não morreu. Escrevo. E ainda não sou capaz de dizer nada.
(Skliar, 2012, p. 14)



O verbo precisa de ar

Atividade desenvolvida como parte integrante da pesquisa e consiste na criação de um conjunto de expressões denominado “Coleção 6”. Este conjunto formará uma instalação artística, juntamente com um dos objetos coletados durante a “Caminhada 4”, que será utilizado como suporte.

Esta proposta mapeia os desejos e necessidades das pessoas em situação de rua. Enfatiza a importância da interação com essas pessoas de forma a romper estereótipos e preconceitos, evitando enxergá-las apenas como um grupo homogêneo sem vontades individuais. Ao mapear desejos e pedidos, busca-se reconhecer a singularidade de cada indivíduo e suas aspirações, desfazendo a visão simplista e desumanizadora que muitas vezes é voltada para essas pessoas.

A atividade consistiu em convidar cada participante a expressar seu desejo através de uma palavra, escrevendo-a em uma superfície de argila em formato de folha de árvore. Para aqueles que não se sentiam confortáveis em manipular a argila, foi oferecida a opção de trabalhar com papel e recortes de texto. Essa experiência destaca que a escrita, ao atribuir sentido à experiência individual, pode conferir significado às vivências pessoais, independentemente de sua correspondência com fatos objetivos.

Figura 25 - Colagem digital com registros da atividade realizada na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Figura 26 - Colagem digital com registros das atividades realizadas na Casa de Passagem, Centro POP e na Praça.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: Oportunidade - Humanidade - Dignidade - Respeito | Qualificação | Sair da Rua | Empatia + Amor! - Guerra | Prosperidade - Humildade | União

 	<p> Casa de Passagem</p> <hr/> <p> 8h às 11h30</p> <hr/> <p> 4</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura e Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos desejos e das reivindicações das pessoas em situação de rua. "O que eu gostaria de pedir? O que eu poderia propor?"</p> <p>Materiais: base com layout personalizado impresso em papel 180g com formatos de folhas de árvores, caneta esferográfica e hidrocor, revista para recorte, tesoura e cola; argila, base de Eucatex, saco plástico, estecas, pote para água, pano para limpeza.</p>
 	<p> Centro POP</p> <hr/> <p> 8h às 10h30</p> <hr/> <p> 3</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos desejos e das reivindicações das pessoas em situação de rua. "O que eu gostaria de pedir? O que eu poderia propor?"</p> <p>Materiais: base com layout personalizado impresso em papel 180g com formatos de folhas de árvores, caneta esferográfica e hidrocor, revista para recorte, tesoura e cola; argila, base de Eucatex, saco plástico, estecas, pote para água, pano para limpeza.</p>

Es(COLHER)crever uma palavra. Tantas dúvidas ao mesmo tempo em que tantas certezas estavam presentes. Se algo os motivou a participar da atividade oferecida, foi a possibilidade de que esse ato de expressão, essa experiência em gestos, lhes permitiu libertar-se de certezas preestabelecidas, abrindo espaço para enxergar além do que estavam vendo. Conforme Stubs (2019) destaca, "a aproximação entre arte e gesto é sem dúvida um elo entre vida e arte, entre arte e produção de subjetividade" (p. 66).

Escrever para Skliar, autor da epígrafe deste tópico, é encarado como um meio de trazer à tona aspectos esquecidos da consciência, conferindo-lhes forma e significado. Nesta atividade, empregamos a escrita como uma ferramenta para transpor barreiras emocionais e resgatar memórias ou pensamentos à beira do esquecimento para os participantes. Assim, a escrita se revela como uma forma de evitar o sentimento de abandono, possivelmente conectando-se com os outros ou com partes de si mesmo que de outra forma seriam negligenciadas.

A escrita tem o poder de desafiar e questionar ideias que são aceitas como verdadeiras ou imutáveis pela sociedade. Ao escrever, podemos explorar diferentes perspectivas, examinar criticamente nossas próprias crenças e compreender melhor o mundo ao nosso redor. Dessa forma, a escrita não apenas nos permite ampliar nossos horizontes de pensamento, mas também nos capacita a desenvolver uma visão mais crítica e reflexiva sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos.

Trata-se, portanto, de apresentar uma escrita-expressão que ajude os participantes a se desvincularem das concepções pré-estabelecidas sobre a condição de pessoa em situação de rua, as quais foram ensinadas e internalizadas ao longo do tempo. Renata Stubs sugere a invenção de "novas relações no e com o mundo, novas suavidades e contornos para o real; relações intensivas e potentes que deem passagem às diferenças e à multiplicidade

que pulsa e faz pulsar nossos territórios de vida.” (2019, p. 18). Por sua vez, Jacques Rancière (2009) argumenta que a compreensão do real, ou seja, das coisas como elas são na realidade, muitas vezes requer uma abordagem criativa ou imaginativa. Para o autor:

O real precisa ser ficcionado para ser pensado. [...] A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem “ficções”, isto é, rearranjos *materiais* de signos e das imagens, das relações entre o que se vê e que se diz, entre o que se faz, e o que se pode fazer (RANCIÈRE, 2009, p. 58-59).

Diante dos convites recebidos pelos participantes, surge a pergunta: como condensar tanto a dizer em uma única palavra? Para alguns, essa tarefa exigiu a repetição da palavra elegida nos diferentes suportes, buscando afirmar e expandir seus pedidos como, por exemplificado pela palavra RESPEITO, escrita por uma mulher trans. Outros participantes sentiram a necessidade de se expressar mais de uma vez para transmitir completamente seus desejos.

Desde os desejos de rever entes familiares até solicitações por novas oportunidades e respeito, a atividade mobilizou um corpo disposto a se arriscar a refletir sobre esses anseios em um contexto que muitas vezes nega sua existência, evidenciando a falta de espaço para as singularidades dessas pessoas. Um corpo que se encontra às margens e que se permite experimentar o transbordamento simpatizando com a abundância da vida, valorizando as diferenças e demonstrando sua capacidade de se unir em um movimento dinâmico e criativo, onde “as dissidências ganham voz e passagem sem a sombra da negação do que julga e exclui” (STUBS, 2019, p. 18).

Além disso, durante os encontros, torna-se evidente a presença de uma conduta imposta externamente, que limita a expressão plena desses indivíduos. Nesse contexto, concordamos com Gayatri Spivak (2010) ao afirmar que os intelectuais têm o dever de investigar e compreender os discursos dos grupos marginalizados na sociedade, uma posição na qual nos colocamos como pesquisadoras.






Concordar com a afirmação de Gayatri Spivak implica reconhecer a importância de entender e criar mecanismos que ecoem a vozes dessas pessoas ou grupos marginalizados na sociedade. Como aponta Alana Moraes, “[...] não nos basta mais constatar a insuficiência das formas ideológicas; precisamos saber reconhecer o que tem nos tornado vulneráveis, o que tem conseguido capturar nossas possibilidades de experimentar outras formas de viver juntos e de viver bem” (2020, p. 3).

Essa abordagem crítica, que busca compreender as diferentes perspectivas e experiências, desafiando assim as estruturas de poder e as narrativas dominantes, ao

reconhecer e valorizar os discursos dos 'Outros' (SPIVAK, 2010), oferece aos intelectuais e indivíduos a oportunidade de promover uma maior justiça social e uma compreensão mais completa das complexidades humanas. A valorização das vozes marginalizadas é fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

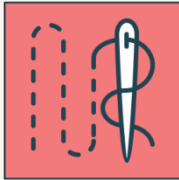
Revisitando as características dessa atividade, observamos que a diversidade de materiais e abordagens visuais correspondeu às necessidades específicas dos contextos em que as atividades foram realizadas. Segundo Tim Ingold, "os materiais são ativos" (2015, p. 45). Para o autor, aprenderíamos mais ao nos envolver diretamente com os materiais, acompanhando suas transformações ao circular, se misturarem, se solidificarem e se dissolverem na criação de objetos mais ou menos duráveis. Na Casa de Passagem e no Centro POP, por exemplo, utilizamos argila e colagem de recortes de texto, enquanto nas praças, optamos por fita rotuladora e escrita manual.

Essas adaptações foram feitas para acompanhar os fluxos de intensidade dos participantes, que, como descrevem Deleuze e Guattari (1996), incluem seus contínuos, conjunções de afetos e até mesmo micropercepções que, por vezes, substituem a realidade do sujeito. A variedade de formas de expressão empregadas nesses ambientes reflete a diversidade e complexidade das experiências dos participantes, ressaltando a importância de criar espaços inclusivos e acessíveis para todos

 	 Praças (Cemitério e Catedral) <hr/>  6h30 às 11h30 <hr/>  9	<p>Auxiliares de pesquisa: Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos desejos e das reivindicações das pessoas em situação de rua. "O que eu gostaria de pedir? O que eu poderia propor?"</p> <p>Materiais: base com layout personalizado impresso em papel 180g com formatos de folhas de árvores, caneta esferográfica e hidrocor, revista para recorte, tesoura e cola; argila, base de Eucatex, saco plástico, estecas, pote para água, pano para limpeza.</p>
--	--	---

Atividade 7: “A linha que se borda sonhos é a mesma que costura a vida”

*Matar o sonho é matarmo-nos.
É mutilar a nossa alma.
O sonho é o que temos de realmente nosso,
de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso.
(Fernando Pessoa, 1982, p. 371)*



A linha que se borda sonhos é a mesma que costura a vida

Atividade desenvolvida como parte integrante da pesquisa, envolveu a criação de um conjunto de imagens denominado "Coleção 7". Essa coleção engloba dois conjuntos de criações: um bloco de tecidos com desenhos e bordados, apresentadas em bastidores; e outro com textos e bordados sem bastidor.

Ela pode ser caracterizada por um convite que encoraja as pessoas em situação de rua a sonhar conscientemente, explorando sua essência e experiências. Sugere imaginar novas conexões com o mundo e redefinir a realidade, abraçando as diferenças e a complexidade da vida. Acreditamos que os sonhos estão entrelaçados com a jornada diária e é por meio de nossas ações que tornamos nossas aspirações realidade.

Cada participante foi convidado a expressar um sonho por meio da escrita textual e/ou visual, utilizando caneta para tecido sobre tecido de algodão (tricoline) na cor branca. Em seguida, com pontos de bordado livre, ensinados pela pesquisadora, bordaram sobre sua primeira inscrição. Uma variação foi feita com um dos grupos para acolher todos os interessados em participar dentro do tempo disponível que tínhamos para o encontro. Neste caso, manteve-se o convite para que o bordado destacasse uma palavra-chave de sua expressão.

Figura 27 - Colagem digital com registros das atividades realizadas na Casa de Passagem.








Fonte: Registros da pesquisadora, 2022-3. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.
TRANSCRIÇÃO: TRABALHO | A ESPERANÇA DO SOL QUE NUNCA SE APAGUE

Figura 28 - Colagem digital com registros das atividades realizadas na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022-3. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

 	 Casa de Passagem <hr/>  17h30 às 22h <hr/>  4	<p>Auxiliares de pesquisa: Leo e Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos sonhos e aspirações das pessoas em situação de rua.</p> <p>Materiais: tecido de algodão (tricoline), linha de meada, agulha para bordado, caneta apagável, caneta para tecido, bastidor e tesoura.</p>
---	---	---

Iniciamos esse tópico com uma metáfora, envolvendo a ideia de bordar para transmitir uma mensagem mais profunda sobre a relação entre sonhos e realidade. "A linha que se borda os sonhos" se refere à imaginação e às aspirações que temos na vida, representadas pelos sonhos que buscamos realizar; "é a mesma que costura a vida" sugere que os esforços, a dedicação e as escolhas que fazemos para alcançar esses sonhos estão integrados a nossa vida real.

Carregando o conjunto de materiais guardados em minha caixa-carrinho já conhecida por todos e com Paul Valéry (1991, p. 206) a ideia de que os sonhos não se distinguem do viver, fundindo-se à simplicidade da existência e permeando nossas ações cotidianas, chegamos à Casa de Passagem no dia 8/12/22, uma quinta-feira, ao entardecer.

Organizamos o espaço mais uma vez, contando com a colaboração das pessoas abrigadas na Casa. Desta vez, optamos por realizar a atividade no espaço livre logo na entrada da instituição, à direita do portão, um local de passagem para a maioria dos que buscariam os serviços naquele dia. Nossa intenção era convidar o maior número possível de participantes.

Percebemos que, naquele horário, muitas pessoas estavam interessadas, mas também estavam com pressa. Era um dia quente de dezembro, e a prioridade para os cuidados básicos, que envolvia o jantar, era bastante evidente. Respeitamos essa necessidade.

À medida que as pessoas chegavam, escolhiam seus lugares ao redor da mesa. Nesse momento, dois processos ocorriam simultaneamente: enquanto os materiais junto com cada participante eram preparados – separação do retalho de tecido, fixação no bastidor, obtenção da agulha, ensino/aprendizado para passar a linha na agulha e dar nó, investigação do gesto ao usar as canetas para riscar e desenhar no tecido –, os convites eram feitos por mim e pelos auxiliares de pesquisa, Thainara e Leo.

Durante esse início, identificamos o primeiro desafio: despertar o sonho e permitir-se imaginar novas conexões com o mundo, abrindo espaço para o que impulsiona a existência, restaurando o poder ativo da vida. Experimentamos o deslocamento proposto por Nêgo Bispo (2023) que nos convida a substituir a palavra "sonhos" por "imaginários", e

sugere uma mudança na percepção, onde os sonhos não são efêmeros, mas podem ser direcionados e concretizados de acordo com nossa vontade.

Nesse momento, o fragmento da poesia do poeta André Gravatá (2020, p. 17), que acompanhou esta pesquisa desde o início, ressoou profundamente: “flores arrancadas murcham rápido / pessoas arrancadas de suas histórias também [...]”. Essas palavras nos levam a refletir sobre a transitoriedade da vida quando desvinculada de suas narrativas. Esse insight nos inspirou a manter o foco na atividade, começando por resgatar as histórias individuais dos participantes e, em seguida, buscar materializar os sonhos de cada um através da expressão artística.

Com nossa mediação e orientação, à medida que cada participante identificava um sonho para expressar, começávamos a dar vida aos textos visuais, inspirados pela reflexão de Octavio Paz (1982) sobre a imagem. Ele sugere que a imagem não é apenas um meio; ela sustenta-se em si mesma, sendo seu próprio significado, onde termina e começa. Cada letra era desenhada como se procurasse preencher as palavras com sentimentos: o tamanho, o formato e a cor foram cuidadosamente selecionados.

Essa atenção aos detalhes ressoa com a ideia de Deleuze (1992) de que criar não se resume apenas a comunicar, mas também a resistir. O autor ressalta a profunda conexão entre os signos, os eventos e a vitalidade da vida, enfatizando “a potência de uma vida não orgânica, que pode existir numa linha de desenho, de escrita ou de música” (p. 167).

Os signos podem representar ou simbolizar eventos na vida, enquanto esses eventos, por sua vez, podem influenciar e dar significado à própria vida. Mariana Guimarães (2017) define o cotidiano como um espaço praticado, contribuindo para a configuração de espaços, lugares e paisagens. Notavelmente, entre os elementos cotidianos que emergiram nas expressões bordadas de dois participantes, observou-se uma similaridade: símbolos que traduzem a história de corpos violentados decorrentes de preconceito. Segundo Guimarães,

Em uma leitura poética, apropriando-me de diversas experiências com a linguagem, compreendo o bordado como nome, o bordar como um ato e a bordadura como uma condição, um modus de estar no mundo; vincula, aproxima, cria redes e conexões. É presença, permite-se a liberdade, mesmo quando segue o risco. Possui avesso e direito, como a própria experiência, como a própria vida. É travessia. O bordado é linguagem, é expressão, é comunicação. Bordar é desenhar com a linha, marcar o suporte, e desenhar não é apenas representação gráfica; é organização de pensamentos, de ideias, é origem da escrita. É repetição e ritmo, é recursividade, produz sentido (GUIMARÃES, 2017, p. 2513).

Corroborando com Guimarães, Richard Sennett (2009), em seu livro *O Artífice*, destaca que o pensamento e os sentimentos estão intrinsecamente presentes no processo manual. Da mesma forma, Louise Bourgeois (2017), durante a exposição *An Unfolding Portrait*, comenta que a vida é composta por experiências e emoções, e os objetos que ela cria as tornam tangíveis.

Considerando isso, podemos entender que os bordados fazem parte da materialidade deste encontro para produção de dados, desafiando assim a ordem e o seu significado convencional, assumindo uma função disruptiva ou subversiva e, conseqüentemente, se manifestando como uma "materialidade desobediente", segundo Thaís Brito (2022).

Ainda que permaneçam as técnicas de bordar, os estilos e, até mesmo, a circulação e o uso das peças, esta prática criativa, ao assumir perspectivas políticas insurgentes, ressignifica os bordados em contexto, alterando-se o seu propósito usual (BRITO, 2022, p. 277).

Simioni (2010) destaca que o bordado está imerso em uma estratégia de ação e reação estética, e que o caráter intimista do bordado é transformado pelo significado social que as imagens podem carregar. Um saber fazer que é possível ser apropriado e reinventado, cativante e provocador, capaz de seduzir e conscientizar.

Bordar é um ato que supera meramente a técnica, abrindo espaço para que vozes antes silenciosas (ou silenciadas?) encontrem expressão. Sendo o bordado uma prática artística carregada de significado, por meio dessa forma de arte, os sonhos de participantes emergem, como os de uma mulher trans que anseia pelo reconhecimento de sua verdadeira identidade de gênero, e de um homem homossexual que almeja o respeito de sua família, especialmente por parte de seu pai. Para ele, representa a possibilidade de reintegração nas celebrações familiares e nos encontros sociais.

A análise de Suely Rolnik sobre a escrita como um instrumento do pensamento, capaz de penetrar em marcas, neutralizar seu impacto negativo e nos "fazer recuperar nossa potência" (1993, p. 10), sugere que a escrita possui um poder transformador. Essa reflexão compreende o movimento repetitivo da agulha no bordado, que parece buscar desesperadamente algo que precisa ser encontrado, descoberto. A alternância entre o avesso e o direito, aliada à persistência dos saberes compartilhados entre as pessoas, revela-se como um testemunho de resiliência, originado de um processo de aprendizado que transcende o âmbito individual, adentrando também o político.

Cada ponto entrelaçado leva pelos labirínticos e complexos caminhos das experiências e emoções que compõem a vida. Assim como tecemos ou bordamos um

padrão, esses pontos nos conduzem por caminhos difíceis e desafiadores, nos levando a confrontar aquilo que preferimos não encarar ou que tentamos ocultar por não suportar. Essa descrição retrata como nossas experiências e emoções são entrelaçadas, formando a tapeçaria única de nossas vidas, com todas as suas complexidades e nuances.

No que diz respeito aos participantes, conversar sobre a homofobia enfrentada por eles através das várias camadas de leitura em uma obra foi doloroso, porém, quando estamos dispostos a viver os processos em sua essência e em estado de escuta, torna-se possível abordar essas questões de forma mais profunda. Essa reflexão me parece tão urgente quanto à própria pergunta que buscamos responder ao explorar os sonhos: quem somos nós e o que realmente queremos?

A fragilidade das pessoas em situação de rua frequentemente é intensificada pela homofobia e discriminação devido à sua identidade de gênero ou orientação sexual. Como sujeitos sociais participantes ativos da sociedade, as pessoas LGBTQIA+ estão suscetíveis a essas formas de preconceito. Integrantes de uma população já vulnerável, os indivíduos LGBTQIA+ em situação de rua enfrentam desafios adicionais, incluindo o temor de violência, o acesso restrito a serviços de apoio e a falta de abrigo seguro que respeite sua identidade e autonomia. Essa vulnerabilidade os expõe a várias expressões da questão social contemporânea, como desigualdade, discriminação e injustiças que afetam a sociedade moderna (MACHADO, 2022).

Segundo os participantes, há serviços que não os recebem devido à falta de estrutura para acomodá-los ou por sustentarem visões discriminatórias em relação a esse grupo. A homofobia e a discriminação de gênero contribuem para o isolamento social e a exclusão dessas pessoas, dificultando ainda mais sua capacidade de acessar recursos básicos, como moradia, emprego e assistência médica.

Além disso, é comum observarmos problemas de saúde mental entre os indivíduos LGBTQIA+ em situação de rua, os quais muitas vezes estão relacionados à rejeição social e ao trauma decorrente da discriminação. Durante nossos encontros, essa condição tornou-se evidente nas trocas que tivemos no tempo de realização das atividades.

Portanto, combater a homofobia não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma questão de saúde pública e direitos humanos. Criar ambientes inclusivos e seguros para pessoas LGBTQIA+ em situação de rua é essencial para ajudá-las a reconstruir suas vidas e superar os desafios enfrentados. Destaca-se, assim, a importância de buscar soluções que promovam uma sociedade mais inclusiva, equitativa e satisfatória para todas as pessoas, enquanto encontramos significado nas experiências cotidianas.

Nesse desdobrar do fio, a vida se desenrola e assume novas formas, sendo constantemente reescrita. Conforme Suely Rolnik nos indica, o desejo é a própria criação de mundo. Assim, bordar esse sonho é tornar tangível essa criação, é manifestar em cada ponto a expressão viva desse universo em constante transformação.

“Sonhar é verbo, é seguir,
é pensar, é inspirar,
é fazer força, insistir,
é lutar, é transpirar.











São mil verbos que vêm antes
do verbo realizar.

[...]

Sonhar é ser meio doido
é ser meio trapaceiro,
trapaceando o real
pra ser meio verdadeiro.

[...]

(Bráulio Bessa)

 	<p> Centro POP</p> <hr/> <p> 8h às 10h30</p> <hr/> <p> 2</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol e Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos sonhos e aspirações das pessoas em situação de rua.</p> <p>Materiais: tecido de algodão (tricoline), linha de meada, agulha para bordado, caneta apagável, caneta para tecido, bastidor e tesoura.</p>
 	<p> Casa de Passagem</p> <hr/> <p> 15h às 18h30</p> <hr/> <p> 9</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos sonhos e aspirações das pessoas em situação de rua.</p> <p>Materiais: tecido de algodão (tricoline), linha de meada, agulha para bordado, caneta apagável, caneta para tecido, bastidor e tesoura.</p>

Atividade 8: "Toda palavra é mantra"

*[...] o cotidiano é um tesouro [...]
(Adélia Prado, 2008, s. p.)*



Toda palavra é mantra

Atividade desenvolvida como parte integrante da pesquisa e consiste na criação de um conjunto de expressões denominado "Coleção 8". Este conjunto formará, posteriormente, uma instalação artística. Através da 'Coleção 8', pretendemos oferecer um olhar sensível e respeitoso sobre os hábitos diários realizados pelas pessoas em situação de rua, convidando o público a refletir sobre as múltiplas formas de vida e resiliência presentes nesse contexto.

Esta proposta mapeia as narrativas emergentes a partir da descrição dos acontecimentos presentes no cotidiano desses grupos de pessoas, sendo estas narrativas também contextualizadas nos cotidianos que compartilhamos. Ao mapear esses hábitos, esperamos promover uma maior compreensão e empatia em relação às suas realidades.

Para a realização desta atividade, cada participante foi convidado a selecionar uma sequência de hábitos que se repete com mais frequência em seu cotidiano, descrevendo-a ao longo de um período de 24 horas. Cada hábito era escrito em um retângulo de papel e, ao final, todos os retângulos contendo as anotações eram organizados em uma fita de cetim, criando um fio que seguia a ordem cronológica dos hábitos, desde o amanhecer até o horário de dormir. Como estratégia para acolher todos os interessados em participar, mas que possuíam alguma dificuldade com a escrita, eu ou uma pessoa da equipe conduzíamos essa ação.

Figura 29 - Colagem digital com registros das atividades realizadas na Praça da Catedral e na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Figura 30- Colagem digital com registros das atividades realizadas na Casa de Passagem, no Centro POP e nas praças.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: (por "fitas") **1**) Acordou - Café da Daia - Fui ao médico - Vou olhar carro - Depois comprar remédio - Restaurante São Carlos - Tomar Banho - Vim catedral doação - Vou dormir **| 2**) Acordo discutindo - Vou visitar meus filhos - Almoço com eles - Depois do almoço vou fazer "dinheiro" - Vou olhar carro, essas coisas - A noite, dou uma relaxada - bebo, uso droga, to cansado, estressado e preciso dormir... **| 3**) Acordar. Pedir café da manhã - Trabalho com a minha irmã - Espero chegar a hora do almoço Almoçar - Trabalhar com a minha prima - Tomo café da tarde com o vizinho - Jantar, assistir TV, dormir **| 4**) Acordo tremendo (abstinência) - Brigo com a mulher (Pouca paciência) - Sai para a rua

brigando até eu admitir e concordar com o que ela disse – Manipular ela para tomar mais uma – almoçar e ir à missa na igreja N. S. de Fátima – Buscar mais comida no restaurante – Vamos para casa, brigas, vizinho enchendo o saco. **15)** Ando o dia todo – vendendo balinha – almoço no bom prato – volto para o cemitério vendendo balinha – durmo aqui (praça do cemitério) **16)** Acordo. Vai para o corre do café – Manguear! Olhar carro – Procura alimentação – Beber. Ir na biqueira – Volta para a praça do cemitério: bebendo, brigando **17)** Tomar café da manhã quando “vem” – Tomar pinga – Olhar carro para ganhar dinheiro – ir nos restaurantes pegar marmitta – Tomar pinga na praça e manguear – voltar para a praça do cemitério **18)** Manhã. Igiene pessoal. Tomar café – Dar uma volta pela manha – Tarde. Almoço. Uma igiêne pessoal – Tiro um cochilo depois um lazer com as amigas(o) – Noite. Igiêne pessoal. Faço programa e durmo. **19)** Manhã. Higiene pessoal – Tomo café da manhã – Ajudo a limpar a casa – Tarde almoço – Saio para resolver os meus problemas – Saio com a minha mulher – Noite tomo banho – Janto – Fico conversando com minha mulher – E finalmente vou descansar, dormir **10)** Higiêne – Refeição, organização – Circular – Trabalho com pintura – 4:20Z – Esper??? **11)** Manhã. Higiêne pessoal – Tomo café da manhã – Ajudo a limpar a casa – Almoço e durmo – Acordo e tomo outro banho – A noite janto – Acisto televisão com meu marido.

 	<p> Centro POP</p> <hr/> <p> 8h às 10h30</p> <hr/> <p> 2</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol e Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos ritos diários praticados em seus cotidianos. Quais são as atividades diárias?</p> <p>Materiais: papel branco gramatura 180, caneta hidrocor e esferográfica, fitas de cetim, furador de papel.</p>
 	<p> Casa de passagem</p> <hr/> <p> 15h às 18h30</p> <hr/> <p> 9</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos ritos diários praticados em seus cotidianos. Quais são as atividades diárias?</p> <p>Materiais: papel branco gramatura 180, caneta hidrocor e esferográfica, fitas de cetim, furador de papel.</p>
 	<p> Praças (Cemitério e Catedral)</p> <hr/> <p> 6h40 às 11h</p> <hr/> <p> 11</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol, Laura e Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento dos ritos diários praticados em seus cotidianos. Quais são as atividades diárias?</p> <p>Materiais: papel branco gramatura 180, caneta hidrocor e esferográfica, fitas de cetim, furador de papel.</p>

Narrativas emergem das descrições variadas dos contextos, circunstâncias e problemas presentes em nossas vidas, entrelaçadas com nossos próprios cotidianos. O mesmo acontece com as pessoas em situação de rua.

Ao percorrer os textos nas fitas, somos convidados a compreender os diferentes hábitos que compõem o cotidiano das pessoas que vivem nas ruas, utilizando esse espaço tanto para sobrevivência quanto para sociabilidade. Essa experiência revela a diversidade de formas de viver e motivações desses indivíduos. Além disso, essa leitura nos convida a reconsiderar nossas percepções, ajustando algumas e mantendo outras, destacando a

oportunidade que esses relatos oferecem para compreendermos a riqueza dos conhecimentos e práticas que caracterizam essas vidas.

Essa riqueza não é reconhecida por grande parte dessas pessoas. Durante a fase de convites para a participação na atividade, uma resposta comum era: "Mas sobre o que eu vou falar?". "Não tenho nada interessante para dizer". "Não faço nada importante!". Essa reação destaca a falta de reconhecimento das próprias experiências e conhecimentos por parte dessas pessoas, evidenciando a necessidade de criar espaços onde elas possam compartilhar suas histórias e serem ouvidas.

A atividade "Toda palavra é mantra" não apenas oferece essa oportunidade de expressão, mas também ressalta a importância de valorizar e celebrar a diversidade de vivências e perspectivas presentes na sociedade.

As palavras têm uma influência significativa em nossos pensamentos, emoções e realidade, e nesta atividade, foram escolhidas com cuidado e intenção. Assim como um mantra, cada palavra que usamos pode ter um efeito profundo em nossa vida e na vida daqueles ao nosso redor.

O historiador Michel de Certeau, em sua obra *A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer* (2014, p. 133) sugere que existem histórias que conferem às práticas cotidianas uma estrutura narrativa, transformando essas ações em elementos de uma história maior. Essas histórias podem não descrever toda a complexidade das práticas cotidianas, mas oferecem fragmentos ou metáforas delas.

Apesar das possíveis interrupções ou mudanças ao longo do tempo, essas histórias representam uma nova adição à coleção de relatos narrativos que revelam as várias maneiras de realizar atividades, apresentando assim, uma perspectiva dinâmica sobre essas práticas.

No convívio com os participantes durante as ações desta atividade, observamos o anseio de muitos por uma nova rotina, como se fosse necessário reiniciar do zero. Concordo com Guimarães Rosa (1984, p. 19), quando ele afirma:

"O senhor... mire veja:
o mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas –
mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior.
É o que a vida me ensinou. [...]".

A mudança é uma parte intrínseca da condição humana e cada indivíduo está em um constante estado de fluxo e desenvolvimento. Essa noção nos leva a refletir sobre a importância de reconhecer a diversidade de experiências e a individualidade de cada pessoa.

Ao abordar o cotidiano, é comum destacarmos apenas as "ações relevantes", aquelas consideradas importantes para a regularidade e integração social das pessoas, negligenciando as nuances e particularidades das atividades diárias e contextos específicos.

No entanto, é fundamental considerar todas essas variantes, pois cada uma contribui de maneira única para a inserção e permanência dos indivíduos na sociedade. Ao focarmos apenas nos hábitos, corremos o risco de perder a compreensão das diversas formas como as atividades são vivenciadas por diferentes grupos.

Essa ampliação de perspectiva é vital, pois uma visão limitada pode levar a uma compreensão estereotipada da vida cotidiana e das experiências das pessoas. Como ressaltado por Ailton Krenak (2018), os hábitos mudam significativamente com a interação entre culturas, e a tendência de diluir diferenças em uma suposta comunidade global pode resultar em empobrecimento cultural e social.

Conforme propõe Walter D. Mignolo (2020, p. 444), é necessário transcender a "longa história do mundo colonial/moderno, a colonialidade do poder, a subalternização do conhecimento e a diferença colonial", adotando perspectivas de pensamento e lógicas que possibilitem uma compreensão mais ampla e inclusiva das experiências humanas.

Aníbal Quijano (1998; 2005), um dos pensadores latino-americanos que aborda o conceito da colonialidade do poder, sustentado por Mignolo, argumenta que as estruturas de poder coloniais persistem mesmo após a independência política das antigas colônias. As relações de poder estabelecidas durante o período colonial continuam a influenciar as dinâmicas sociais, políticas e econômicas das sociedades contemporâneas.

Diante dos apelos desses autores, somos desafiadas a reexaminar as narrativas predominantes em nossas práticas, buscando integrar outras referências e narrativas em interação, sem estabelecer hierarquias entre elas. Isso implica em tensionar as formas como as relações coloniais produzem e perpetuam desigualdades com base em características como raça, etnia, classe e cultura. A colonização não apenas explorou recursos econômicos, mas também criou hierarquias sociais e culturais que persistem até hoje.

Esses conceitos estão interconectados e moldam as estruturas de poder globais, influenciando profundamente as relações entre diferentes grupos sociais e culturais em todo o mundo. Reconhecer e preservar as diferenças sociais e culturais em meio à globalização é uma tarefa desafiadora, especialmente para grupos marginalizados, como as

peças em situação de rua, frequentemente subjugados em relação aos tradicionalmente considerados dominantes. Essas peças enfrentam uma série de obstáculos que tornam essa missão ainda mais árdua, tais como:

- A vulnerabilidade social é um desses desafios. Devido a suas circunstâncias socioeconômicas precárias, elas têm dificuldade em preservar suas identidades culturais em um mundo cada vez mais globalizado. Além disso, o acesso limitado a recursos, educação e espaços culturais restringe sua capacidade de manter suas tradições em meio a essa dinâmica global.
- O estigma e a exclusão social também são problemas significativos enfrentados pelas peças em situação de rua. Essas peças muitas vezes são marginalizadas e alienadas de suas identidades culturais devido à discriminação e ao preconceito que enfrentam, dificultando ainda mais o reconhecimento e a preservação de suas diferenças culturais.
- Por fim, as prioridades de sobrevivência dominam a vida diária dessas peças, como vemos nos relatos impressos nas fitas. Enfrentando desafios imediatos, como encontrar abrigo, comida e emprego, elas têm pouca condição e oportunidade de se envolver em atividades que promovam a preservação de suas culturas.

Esses fatores combinados tornam a tarefa de reconhecer e preservar as diferenças culturais uma verdadeira batalha para aqueles que vivem à margem da sociedade.

Entretanto, ao nos libertarmos das convenções que limitam nossa visão da realidade, somos capazes de perceber a diversidade e criatividade nos modos de vida, abrangendo não apenas a nossa própria maneira de viver, mas também as formas de existência das peças que pertencem a outros grupos sociais, especialmente aquelas marginalizadas ou vulnerabilizadas dentro do sistema capitalista burguês.

José Machado Pais (2007), especialista no estudo do cotidiano contemporâneo, identifica uma tendência crescente na sociedade atual em direção a uma reflexividade mais profunda e ativa, denominada pelo autor como "reflexividade transformadora". Nessa perspectiva, os indivíduos desempenham um papel mais proeminente na transformação das estruturas sociais, utilizando o cotidiano como um espaço propício para práticas reflexivas capazes de gerar mudanças significativas na sociedade.

Essa postura reflexiva implica em uma análise crítica das normas e práticas sociais existentes, permitindo aos agentes sociais exercerem maior controle sobre suas vidas e o ambiente ao seu redor. Assim, é essencial que esses agentes estejam preparados para

questionar suas próprias crenças e preservar sua individualidade como destacado por Deleuze e Guattari (1996), a fim de responder de forma autêntica às demandas desse ambiente.

Essa reflexão contínua sobre o cotidiano também é fundamental para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea. Ao imaginar outras realidades possíveis, destacamos a importância da resistência, da criatividade e da reflexão sobre as práticas cotidianas como formas de enfrentar e superar situações opressivas e adversidades. Inspirados por Certeau (2014), autor que se dedicou a desenvolver uma epistemologia das práticas cotidianas, argumentando que estas são fundamentais para compreender a dinâmica e a evolução da sociedade - destacando as artes de fazer como um ato de politização. De acordo com Lacerda,

[...] Sem desprezar a existência de uma força hegemônica, a curiosidade certeuniana persegue o desmonte cotidiano, microscópico e multiforme desta força. Como resistência às "estratégias" previstas pelo "forte" - aquele que configura e domina um campo -, o "fraco" tece "táticas" que "vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas" (p. 45). O ato político cotidiano, portanto, não guarda qualquer relação com uma ação planejada, centralizada e verticalizada: ele acontece quando se configura uma ocasião. Contrário às lógicas que presidem as ações ordenadas, o ato político cotidiano é um acontecimento, pois que se faz em seu acontecer (LACERDA, 2017, p. 121-122).

Discutindo as ideias de Certeau, Lacerda (2017) destaca a importância de desarticular as estratégias hegemônicas por meio de táticas cotidianas, que promovem uma politização das práticas do dia a dia. Esse exame minucioso das ações cotidianas, ainda que aparentemente insignificantes, revela uma dinâmica política que ocorre nas margens, fora das estruturas dominantes.

Por outro lado, Certeau (2014) defende que, apesar das tentativas de sequestro das práticas cotidianas, os praticantes encontram maneiras de reinventar a vida e escapar à ordenação hegemônica. Essa reinvenção cotidiana pode ser vista como uma forma de resistência e criatividade diante das imposições do sistema.

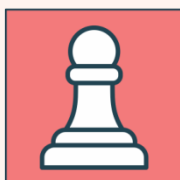
O processo de criação e pensamento levantado não segue uma linha reta ou sequencial, mas sim uma abordagem intensiva, caracterizada pela atenção constante às minúcias e pequenas percepções. Essa constante reflexão gera novas imagens que, por sua vez, alimentam um ciclo interminável de pensamentos e criação.

Essa abordagem reflexiva e criativa, em consonância com as ideias de Certeau e Lacerda, revela a importância das práticas cotidianas na resistência e na reinvenção diante das imposições hegemônicas. Deleuze (1988, p. 115) complementa essa visão ao afirmar que as “pequenas percepções, obscuras, confusas, que integram as macrop percepções”, evidenciam a autonomia dos modos visível e invisível da realidade, permitindo desvendar e responder às demandas reais que emergem.

Portanto, a ênfase na importância da diversidade e da singularidade das práticas cotidianas também está alinhada com a crítica aos processos de padronização e homogeneização, que visam invisibilizar culturas, histórias e subjetividades em prol de uma agenda capitalista e neoliberal.

Atividade 9: Estratégias de sobrevivência nas ruas

*[...] daquilo que cada um faz
o que é que se escreve?
(Michel de Certeau, 2014, p. 100)*



Estratégias de sobre- vivência nas ruas

Atividade desenvolvida como parte integrante da pesquisa e contém um conjunto de expressões denominado “Coleção 9”. Estas criações serão reunidas, posteriormente, sobre uma peça de vestuário doada por um dos participantes da pesquisa, criando-se, assim, um objeto artístico.

Durante as atividades de criação realizadas com as pessoas em situação de rua, conforme apresentado anteriormente (atividades 1 a 8), observamos a constante presença da temática “estratégias de sobrevivência nas ruas”. Considerando a natureza processual da prática cartográfica, reconhecemos a importância de incluir essa atividade neste estágio da pesquisa, a fim de ampliar nossos registros e compreender melhor as diversas realidades dessas pessoas em situação de rua.

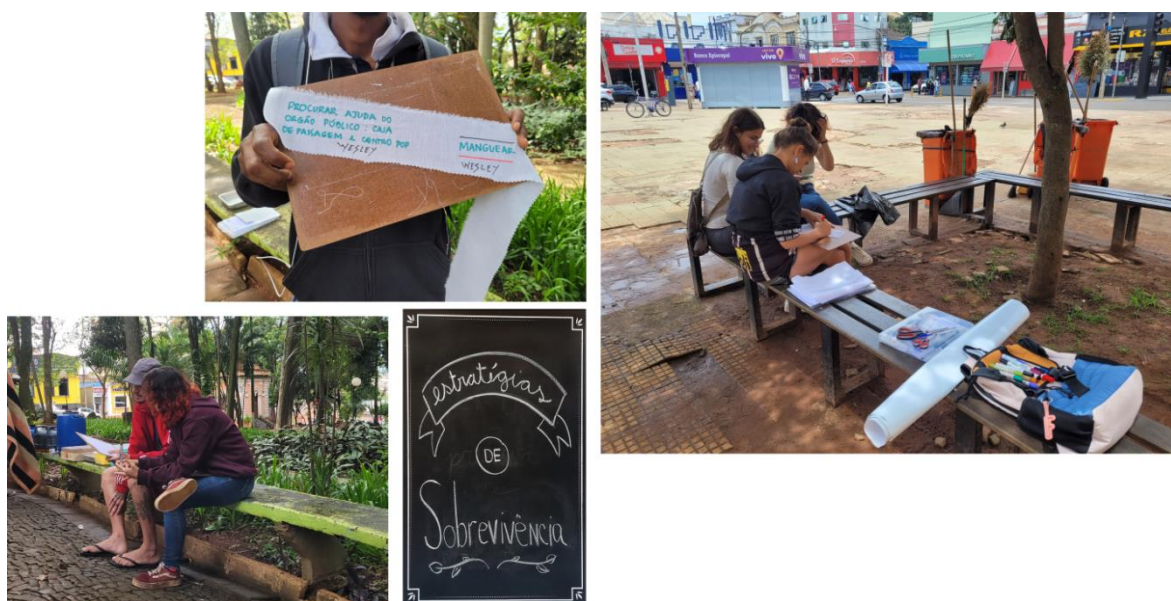
Por meio das expressões da “Coleção 9”, foi possível mapear estratégias de sobrevivência adotadas por essas pessoas, oferecendo uma perspectiva mais abrangente das complexidades envolvidas em suas vidas. Essa fase da pesquisa se mostrou complementar aos nossos registros e aprofundou nossa compreensão das intrincadas dinâmicas de sobrevivência que permeiam a existência desses indivíduos marginalizados.

Os participantes desta atividade foram convidados a utilizar canetas para tecido para registrar em um retalho de tecido de algodão as ações que realizam diariamente para

garantir sua sobrevivência nas ruas, repúblicas ou albergues. Esses registros podiam abranger tanto ações físicas quanto posturais, levando em consideração o relacionamento com o grupo e a sociedade. Para garantir a participação de todos os interessados, inclusive aqueles com alguma dificuldade de escrita, eu ou um membro da equipe auxiliamos na condução dessa atividade.

 	<p>Praça (Mercadão Municipal)</p> <p>9h30 às 12h</p> <p>2</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura e Mariana</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das estratégias utilizadas pelas pessoas em situação de rua para sobreviverem no seu dia a dia.</p> <p>Materiais: retalhos de tecido de algodão, caneta para tecido, base de Eucatex com cola permanente e tesoura.</p>
 	<p>Casa de Passagem</p> <p>18h às 21h</p> <p>6</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Laura e Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das estratégias utilizadas pelas pessoas em situação de rua para sobreviverem no seu dia a dia.</p> <p>Materiais: retalhos de tecido de algodão, caneta para tecido, base de Eucatex com cola permanente e tesoura.</p>
 	<p>Praças</p> <p>6h30 às 12h</p> <p>12</p>	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol, Laura e Thainara</p> <p>Intenção: realizar um mapeamento das estratégias utilizadas pelas pessoas em situação de rua para sobreviverem no seu dia a dia.</p> <p>Materiais: retalhos de tecido de algodão, caneta para tecido, base de Eucatex com cola permanente e tesoura.</p>

Figura 31 - Colagem digital com registros das atividades realizadas nas praças da Catedral e do Mercado.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Figura 32 - Colagem digital com registros das atividades realizadas nas praças da Catedral e do Mercado, e na Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: (Centro inferior) Humildade - Cuidado atenção - Persistência a mudança mesmo com as dificuldades - cuidado amizades - procurar motivos para vida - procurar oportunidades - desconfiar de tudo e todos

Ao ler o convite provocativo de Certeau (2014), expresso na epígrafe deste tópico, somos movidos a refletir sobre a interseção entre nossas atividades cotidianas e a forma como as transformamos em palavras ou escrita. Ao tomarmos emprestada a frase "daquilo que cada um faz o que é que se escreve?", voltarmos-nos para nossas ações e experiências diárias, questionando como esses eventos se manifestam e são comunicados através da linguagem escrita.

É nesse contexto de reflexão que adentramos o compartilhamento desta atividade, explorando as narrativas íntimas e as estratégias de sobrevivência compartilhadas pelos participantes. Essas estratégias, moldadas pelas experiências cotidianas e pelas pressões do ambiente, encontram na escrita uma forma de expressão iminente. Os relatos pessoais transcendem a mera documentação para se tornarem narrativas de escapismo, delineando algumas linhas de fuga da vida.

O gesto de escrever, nesse cenário, revela-se como mais do que simplesmente registros de palavras; é um evento significativo, um acontecimento em si mesmo. Grande parte da complexidade da relação do criador com a matéria-prima reside na intensa mobilização interior exigida por esse encontro. Como observado pela artista Fayga Ostrower (1978), decidir sobre uma pincelada, a tonalidade precisa de uma cor, o peso de uma palavra, ou a nota musical correta, demanda um custo emocional considerável.

Da mesma maneira, as estratégias de sobrevivência dos participantes desta atividade se entrelaçam com a expressão criativa, refletindo não apenas a luta pela sobrevivência, mas também a busca por significado e, em certa medida, esperança, em meio às adversidades de seu cotidiano.

Essas criações não se limitam a simples composições visuais, compostas por cores, linhas e grafias; vão além de experiências estéticas. Elas incorporam uma força interna poderosa que não apenas confirma e testemunha a própria existência, mas também reforça a importância e a realidade da vida (LAPOUJADE, 2017).

Nesse sentido, os textos-imagens produzidos pelas pessoas em situação de rua, concebidos como manifestações criativas, refletem suas experiências diárias e a profunda conexão entre arte e a realidade externa. Essa perspectiva ecoa as ideias de Salles (2011), que destaca como a criação artística surge como uma representação ficcional da realidade, moldada pelas escolhas e necessidades específicas de cada criador.

As expressões registradas nos tecidos durante a atividade emergem como parte inerente das trajetórias individuais dessas pessoas, mas também se manifestam como uma expressão autêntica capaz de transcender as limitações impostas pela vida nas ruas. São como testemunhos visíveis das experiências únicas vivenciadas por esses indivíduos, funcionando não apenas como reproduções dos fatos e saberes, mas como escavações profundas, revelando camadas de significado através da força das palavras.

O filósofo David Lapoujade (2017, p. 93) ilustra essa ideia ao afirmar que “é preciso toda uma arte para fazer ver aquilo que vimos”, destacando o poder dessas expressões em proporcionar visibilidade às vivências desses indivíduos e, ao mesmo tempo, evidenciar as deficiências do sistema assistencial municipal em atender às suas necessidades.

Portanto, ao analisarmos os textos-imagens produzidos pelos participantes da pesquisa, podemos vislumbrar não apenas as estratégias de sobrevivência, mas também as complexas interações entre a realidade externa e a expressão artística. Nesse sentido, o criador estabelece uma ligação íntima “entre a verdade da obra e sua própria verdade” (SALLES, 2011, p. 140). Para a autora,

A verdade da arte é construída ao longo do processo, à medida que a obra vai ganhando materialidade com modos de funcionamento próprios. Esse processo de construção de verdades revela-se, assim, como um percurso sensível de criação de uma realidade transformada, que tem o poder de aumentar a compreensão do mundo. A criação pode, assim, ser vista como processo de produção de conhecimento (SALLES, 2011, p. 141).

Tendo isso em mente, indagamos quais dispositivos surgem na vida em situação de rua e investigamos as práticas comuns vivenciadas por essas pessoas, tanto quando estão acompanhadas quanto quando não estão. Buscamos compreender como essas estratégias contribuem para a realização de desejos compartilhados, especialmente no ambiente desafiador em que as pessoas desse grupo se encontram.

Diante do exposto, é relevante observar as práticas cotidianas das pessoas em situação de rua não apenas como atividades triviais, mas como formas de expressão e produção de sentido para suas vidas. Ao compartilhar suas estratégias de sobrevivência, os/as participantes desta pesquisa nos ajudam a reconhecer como tais práticas individuais se inserem em padrões culturais mais amplos e como podem ser interpretadas como formas de resistência ou subversão dentro desses padrões.

O foco dessas inscrições-expressões não está nas pessoas individuais em si, mas nas maneiras pelas quais elas escapam das estruturas convencionais ou dos espaços socialmente definidos e se desprendem de seus territórios habituais. As criações materializadas através dos retalhos de tecido não representam diretamente as pessoas como indivíduos, mas sim seus esforços para transcender ou desafiar limitações físicas, sociais ou emocionais impostas a elas.

Esses esforços podem envolver a tentativa de escapar de normas sociais estabelecidas, superar a marginalização ou buscar novas formas de identidade e pertencimento. Por exemplo, relatos incluem práticas como “manguear⁵³”, que consiste em buscar recursos ou ajuda nas ruas, “procurar ajuda do órgão público”, para acesso a serviços sociais, e “selecionar as amizades” que ofereçam apoio mútuo e solidariedade. Além disso, compartilhar recursos como forma de reciprocidade também é uma estratégia comum observada entre as pessoas em situação de rua.

Entre essas camadas de significado, destacam-se as diferentes necessidades de agenciamento diário, frequentemente realizadas de forma solitária, visando sobreviver às violências impostas pelo ambiente urbano. Tais estratégias incluem “evitar andar em grupos para não chamar a atenção” e “evitar conflitos com a polícia”, “buscar abrigo em locais iluminados e movimentados” para se proteger da violência, especialmente as mulheres, “selecionar cuidadosamente suas companhias” e “demonstrar respeito pelo próximo”.

⁵³ Expressão comumente empregada por pessoas em situação de rua como uma estratégia de sobrevivência. Essa prática cotidiana envolve o poder de persuasão por meio de narrativas emocionais, com o objetivo de sensibilizar transeuntes e comerciantes nas ruas, resultando na obtenção de recursos financeiros.

Ao observarmos as estratégias de sobrevivência adotadas por esses participantes, somos instigados a refletir sobre nossa própria capacidade de perceber e compreender o mundo que nos cerca. Essas práticas demonstram que estamos sujeitos a várias formas de limitações em nossa percepção e experiência do mundo, destacando a importância de reconhecer e compreender essas limitações.

Somada a essa percepção, entendemos que criar é, essencialmente, testemunhar, conforme Lapoujade: “estamos talvez tocando naquilo que, para Souriau, faz a essência da arte: criar é antes de tudo testemunhar. Cada obra é obra de uma testemunha (que não se confunde com seu autor)” (LAPOUJADE, 2017, p. 93). Se cada estratégia de sobrevivência e expressão artística se tornam testemunhos únicos da experiência humana de sobreviver nas ruas, podemos questionar: quais são as expectativas em relação ao sistema assistencial municipal para atender às necessidades desse grupo populacional que precisa se fazer ver?

Assim, nas ruas, pessoas em situação de vulnerabilidade enfrentam uma série de desafios para garantir sua sobrevivência diária, desafios estes que são moldados não apenas por questões socioeconômicas, mas também pela diversidade cultural e experiências individuais de cada indivíduo.

A pluralidade de origens culturais e perspectivas individuais torna evidente que não há uma abordagem única para lidar com a vida nas ruas. Cada pessoa desenvolve estratégias de sobrevivência únicas, influenciadas por sua bagagem cultural, crenças e experiências pessoais. Por isso, ao discutir as estratégias de sobrevivência nas ruas, é necessário considerar como a diversidade cultural e as experiências individuais influenciam as abordagens adotadas por quem está em situação de vulnerabilidade e enfrenta esses desafios cotidianos.

Nessa condição multifacetada, resgatamos a visão de Lapoujade (2011), que enfatiza como a compreensão da pluralidade de modos de existência nos conduz a perceber como essas diversas formas de viver influenciam a construção das subjetividades. Cada indivíduo encara a vida em distintas dimensões, e é por meio dessas singularidades que se lança à jornada única de descoberta da existência.

Outras expressões

*A arte não cabe.
Sempre vai além.
(Flavio Motta, 1997, p. 41)*



Outras expressões

Conjunto de expressões criadas ao longo das interações promovidas pelos encontros entre os participantes da pesquisa e outras pessoas presentes nos espaços, utilizando os materiais oferecidos durante as oficinas propostas.

Com o intuito de acolher a todos/as/es que se aproximavam dos espaços preparados para as atividades, os/as participantes que demonstraram interesse em experimentar além das propostas dos encontros, foram bem recebidos, a fim de evitar a invisibilização de realidades que vão além de nossas próprias perspectivas.

Afirmamos que em um ambiente de encontro permeado pelas subjetividades, onde cada momento é influenciado por referências pessoais, surge a necessidade de proporcionar espaço para a diversidade, especialmente em interações com grupos de pessoas em situação de rua, que são marcadas pela sua pluralidade.

Acolher aqueles que optam por não participar da atividade é igualmente uma forma de cuidado; permitir que permaneçam junto do grupo representa uma manifestação de presença e inclusão.



Todos



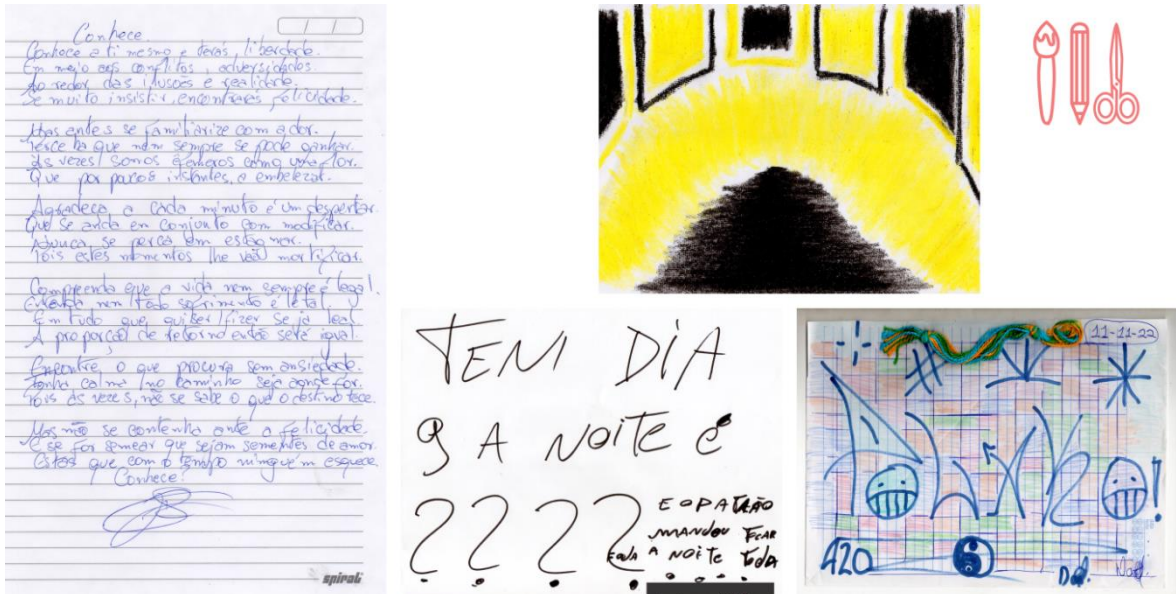
De repente



Espontâneo

Manifestações espontâneas de criatividade e usos diversos dos materiais oferecidos nas atividades.

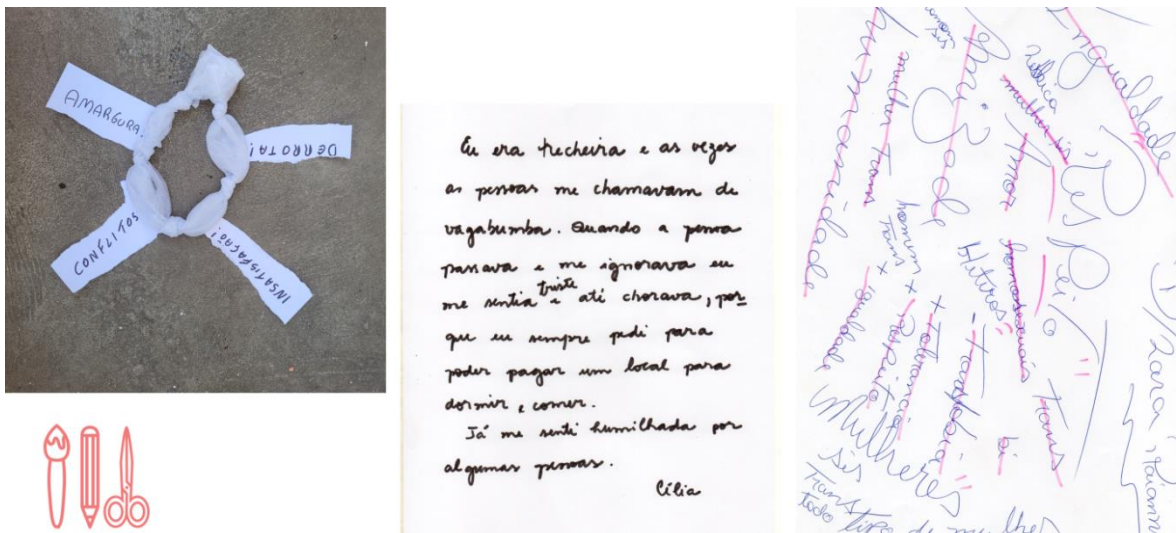
Figura 33 - Colagem digital com registros de expressões dos participantes na Casa de Passagem e do Centro POP.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022-3. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

TRANSCRIÇÃO: (esquerda) Conhece. Conhece a ti mesmo e terás liberdade. Em meio aos conflitos, adversidades. Ao redor das ilusões e realidade. Se muito insistir, encontrarás felicidade. - Mas antes se familiarize com a dor. Perceba que nem sempre pode ganhar. Às vezes somos efêmeros como uma flor. Que por poucos instantes, a embelezar. - Agradeça, a cada minuto é um despertar. Que se anda em conjunto com modificar. Nunca se perca em estagnar. Pois esses momentos lhe vão mortificar. - Compreenda que a vida nem sempre é legal! Entenda, nem todo sofrimento é letal. Em tudo que quiser/fizer seja leal. A proporção de retorno então será igual. - Encontre o que procura sem ansiedade. Tenha calma no caminho seja onde for. Pois às vezes, não se sabe o que o destino tece. - Mas não se contenha ante a felicidade. Se for semear que sejam sementes de amor. Estas que com o tempo ninguém esquece. - Conhece?

Figura 34 - Colagem digital com registros de expressões dos participantes na Casa de Passagem e na praça do cemitério.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2022-3. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Reconhecer a importância da produção simbólica das pessoas em situação de rua envolvidas nessas atividades artísticas, mesmo que não estejam diretamente engajadas na temática proposta, ampliou nossas concepções sobre a realidade que investigamos. Ao refletir aspectos da sociedade, essa produção está intrinsecamente ligada aos contextos que a cercam, incluindo o contexto de vida das pessoas em situação de rua.

Isso se dá porque a arte tem a capacidade de questionar a sociedade ao espelhar seus problemas e virtudes, e pode ser uma poderosa ferramenta para explorar e entender questões complexas que afetam tanto contextos locais quanto globais. No entanto, ela não existe isoladamente; é moldada pelos contextos ao seu redor, enquanto também influencia esses mesmos campos.

Nesta pesquisa que se constrói na interseção entre arte e terapia ocupacional, reconhecemos o papel das práticas artísticas nas sociedades contemporâneas e futuras, especialmente em ambientes caracterizados pela diversidade. Através dessas práticas, acessamos expressões que refletem as estratégias de vida adotadas por aqueles que vivem em situações de vulnerabilidade, como também são oportunizados meios de expressão e resistência, contribuindo para a construção de identidades e narrativas diversas.

Ao reconhecermos a importância da diversidade e dos encontros autênticos, somos levados a refletir sobre como as macropolíticas contemporâneas tendem a invisibilizar tudo o que está além da nossa perspectiva. Diante das vivências dessa pesquisa, acreditamos que uma ação possível seja sustentar o envolvimento (KRENAK, 2020; SANTOS, 2023) e valorizar a diversidade como elementos fundamentais.

Os encontros, dentro deste contexto, assumem uma importância singular, oferecendo espaços propícios para conexões genuínas, tanto com nosso próprio eu quanto com os outros. Além disso, proporcionam uma oportunidade única para reconhecer e valorizar as diversas perspectivas que contribuem para a riqueza do nosso tecido social. Conforme compartilhado pelo líder quilombola e ativista político brasileiro Nêgo Bispo (SANTOS, 2023, p. 36), somos "seres compartilhantes", ressaltando a profunda interconexão e interdependência que caracterizam nossas interações e comportamentos humanos.

Outra ação que ponderamos ser vital para o enfrentamento da invisibilização dos grupos marginalizados é apoiar iniciativas que busquem ampliar o espaço para a expressão cultural e artística desses grupos. Como afirmou Tim Ingold (2015, p. 236), "conhecer alguém ou alguma coisa é conhecer a sua história, e ser capaz de juntar essa história a sua". Para Ingold, o mundo narrativo:

trata se de um mundo de movimento e devir, no qual qualquer coisa - capturada em lugar e momento determinados - envolve dentro da sua constituição a história das relações que a trouxeram até aí. [...] Onde as coisas se encontram, as ocorrências se entrelaçam na medida em que cada uma se torna ligada à história da outra. [...] É nesta ligação que o conhecimento é gerado.

E na história, como na vida, é no movimento de lugar a lugar - ou de tópico a tópico - que o conhecimento é integrado (INGOLD, 2015, p. 236-237).

Ao acessar as narrativas dos participantes em situação de rua desta pesquisa, apresentadas na coleção **Outras Expressões**, mergulhamos em suas formas de existência e comportamento. Testemunhamos como seus corpos interagem com o mundo, conferindo significado a objetos e eventos cotidianos.

Esse processo, descrito por Derdyk (2012) como uma transformação da matéria inerte em fontes ricas de significado, desafia os limites entre arte e vida, conforme observado por Flávio Motta na epígrafe, e provoca uma reavaliação dos valores em relação ao sistema estabelecido, abrindo espaço para explorar múltiplas dimensões e temas de interesse que estão além do planejado para o escopo desta pesquisa, mas que são igualmente relevantes tanto no presente quanto no futuro das sociedades em todo o mundo.

Acompanhamento de caminhadas e trajetórias

*Dentro de cada um de nós existem ruas onde corremos,
avenidas sem alma, barulho, mas também há espaços
tranquilos, poéticos.*

*Devemos proteger esses espaços a todo custo,
multiplicá-los, pois todos temos o direito, desde a mais tenra
idade, ao "essencial inútil", ao devaneio, aos jardins.
(Michèle Petit, 2023, s/p.)*



Caminhadas

O caminhar é atávico, ancestral. Assim, o caminhante é um acumulador de histórias que traduzem um modo de vida e de existência que só pode ocorrer com um corpo no território. O caminhante aprecia, conecta-se ao inesperado, realizando pequenas intervenções em resposta aos convites do caminho, conferindo-lhe novos contornos.

O relato do caminhante é aquilo que permanece para estabelecer um texto de cumplicidade – fatos e pequenas narrativas que podem se configurar em mais um relato, reconquistando-nos os desejos dos destinos que se entrelaçam.

Ao caminhar, a presença se instala lentamente em nosso corpo, aproximando-nos de uma paisagem rica em sabores, texturas, cores e aromas, que revelam as densidades de um corpo-experiência no espaço habitado. A materialidade no/do caminhar convoca a percepção de uma presença mais humana e cartografa uma experiência sensível na cidade, ainda que “a cidade, apesar de pública, apresente uma série de mecanismos invisíveis que ditam as diferenças nos modos que os sujeitos irão habitá-la” (GIL; GONÇALVES, 2019, p. 2609).

Para o professor e arquiteto Francesco Careri⁵⁴,

O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência, mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa forma simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo (CARERI, 2013, p. 27).

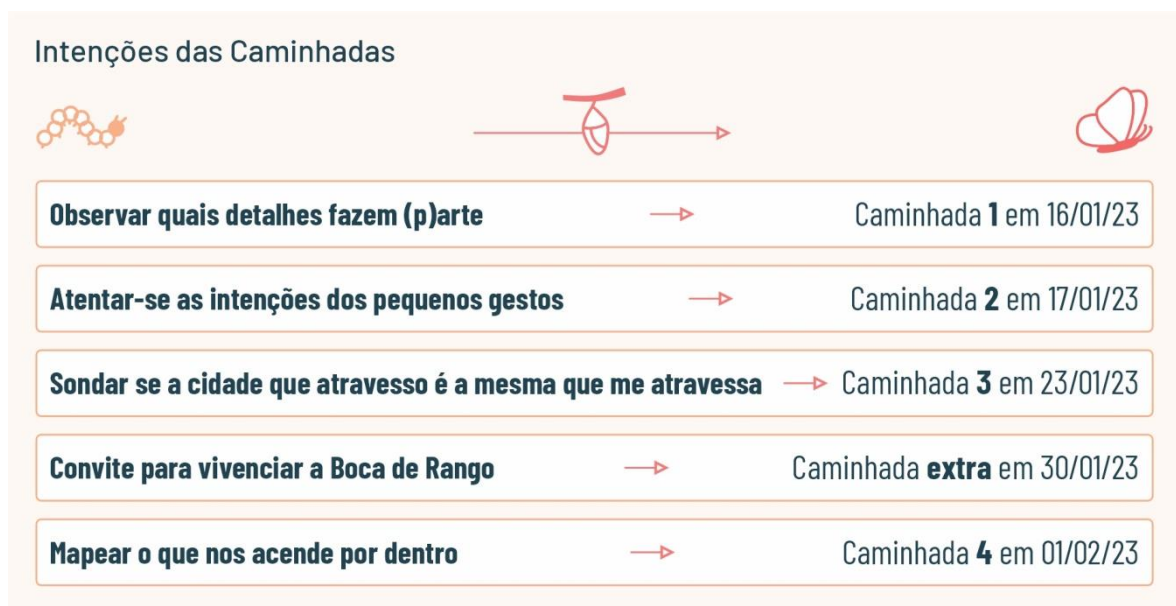
Explorando a conexão entre pessoas e lugares proposta por Careri, o arquiteto e filósofo Juhani Pallasmaa (2017) destaca que o ato de habitar é fundamental para a forma

⁵⁴ Careri é cofundador do grupo *Stalker / Nomade Observatory*, com quem vem experimentando ações urbanas e práticas de intervenção criativa na cidade desde 1995; autor de dois livros publicados no Brasil: “Walkscapes. O caminhar como prática estética” e “Caminhar e Parar”.

como nos relacionamos com o mundo. Ele descreve essa relação como um evento que engloba aspectos mentais, experimentais e simbólicos, organizando a totalidade do mundo do habitante, incluindo seus corpos, necessidades físicas, mentes, memórias, sonhos e desejos.

Transbordando na tentativa de compreender o corpo como dispositivo poético para entender os modos de vida e subjetividade das pessoas em situação de rua em seus territórios, e reatualizar uma experiência que é viva, foram propostas quatro caminhadas pelos territórios da cidade de São Carlos. Posteriormente, a convite de dois participantes da pesquisa, realizamos uma caminhada adicional para conhecer a dinâmica vivida por algumas pessoas em situação de rua para conseguir o almoço.

Organograma 3 - Intenções das caminhadas



Fonte: Criação de Mazzon Gil a partir dos dados da pesquisadora, 2024.

De acordo com Alvarez e Passos (2020), o conhecimento não é apenas uma descoberta unilateral do pesquisador, mas uma troca dinâmica entre ele e o objeto de estudo, onde ambos são influenciados e transformados no processo de pesquisa. Sob uma abordagem de outros contornos e em consonância com os autores,

O 'saber com', diferentemente, aprende com os eventos à medida que os acompanha e reconhece neles suas singularidades. Compreende de modo encarnado que, mais importante que o evento em geral, é a singularidade deste ou daquele evento. Ao invés de controlá-los, os aprendizes-cartógrafos agenciam-se a eles, incluindo-se em sua paisagem, acompanhando os seus ritmos. Nesse sentido, os aprendizes-cartógrafos estão interessados em agir de acordo com esses diversos eventos, atentos às suas diferenças (ALVAREZ; PASSOS, 2020, p. 143).

Caminhamos, os participantes da pesquisa, junto ao grupo de auxiliares e à pesquisadora-aprendiz-cartógrafa, que estava ativamente envolvida na experiência de forma mais flexível, receptiva e atenta ao ambiente da pesquisa. Observamos e absorvemos o que acontece sem um foco rígido predefinido (ALVAREZ e PASSOS, 2013), percorrendo espaços impregnados de camadas de emoções, recordações e marcas do passado, além dos constantes estímulos sensoriais, afetivos e cognitivos presentes a cada momento.

Nessa perspectiva, o conhecimento é construído por meio de uma relação mútua entre a pesquisadora e os acontecimentos, estabelecendo uma dinâmica e interativa produção de conhecimento. Essa visão nos conduz à reflexão sobre as experiências que carregamos desses eventos, muitas vezes imperceptíveis. Até que ponto a presença do corpo no território se torna uma ação revolucionária? Como podemos criar uma narrativa diferente a partir dessas vivências corporais no território? Quais são as potencialidades que essa experiência nos instiga?

A dinâmica entre corpo e espaço desempenha um papel fundamental na construção de nossa compreensão do mundo e na formação de aspectos essenciais de nossa identidade. A partir dessa inter-relação, desenvolvemos conceitos importantes, como referência, que utilizamos para entender e navegar no mundo ao nosso redor; memória, pois os lugares que vivenciamos se tornam parte de nossa história e influenciam nossas lembranças; imaginação, uma vez que a experiência dos espaços pode inspirar nossa criatividade e influenciar nossas visões e aspirações futuras.

Lapoujade (2017) ressalta a interdependência entre nós e as coisas que nos sustentam, destacando como essa relação mútua é essencial na construção e manutenção de nossa existência. A interação entre corpos, sendo eles humanos ou não-humanos, influencia diretamente as respostas ou reações que surgem como resultado dessa interação.

Os conceitos mencionados podem ser observados nos relatos dos eventos desta etapa II da pesquisa no campo - caminhadas (1 a 5), apresentados por meio de uma sequência contendo cada uma os seguintes conteúdos:

Infográfico 7 – Apresentação da estrutura de apresentação das caminhadas.

Estrutura de Apresentação das Caminhadas

Título e epígrafe introdutória

Marcador de dia/encontro com dados da caminhada

Descrição objetiva do encontro/caminhada com mapa de registro do trajeto

Poesia lida para ativação poética da caminhada

Imagens-resumo do percurso

Narrativas em formato de prosa poética, retratando cenas vivenciadas (sob títulos rosa)

Lista de achados poéticos (fundo preto)

Representação da criação artística inspirada pela caminhada

The infographic illustrates the structure of a walking presentation, organized into a grid of six panels. Each panel is connected to a legend on the left by colored lines. The legend items are: 1. Title and introductory epigraph (red line), 2. Meeting marker with walking data (yellow line), 3. Objective description of the meeting/walk with a trajectory map (orange line), 4. Poetry read for poetic activation (purple line), 5. Images summarizing the route (blue line), and 6. Artistic creation inspired by the walk (green line). The panels contain: 1. A title and epigraph, 2. Meeting details (date, time, location, participants), 3. A map showing the walking route, 4. A poem, 5. A collage of photos from the walk, and 6. A piece of art featuring a footprint and the word 'Caminhada'.

Fonte: Criação de Mazzon Gil a partir dos dados da pesquisadora, 2024.

- a) Um quadro com a descrição objetiva dos dados do encontro/caminhada, contendo: data, local, horário da atividade, número de participantes, nomes dos auxiliares que acompanharam a atividade, intencionalidade da caminhada e materiais utilizados.
- b) Um mapa com o registro do trajeto, que pode ser o registro do percurso criado pelos participantes da caminhada após a caminhada ou impresso com o trajeto demarcado por meio do uso do recurso do *Google Maps* junto de um breve texto descritivo sobre o contexto e os combinados da caminhada.
- c) A poesia lida com/para o grupo como ativação poética da nossa caminhada. Para esta etapa da pesquisa, foram escolhidos cinco poemas do livro “O jogo de ler o mundo”, do escritor e poeta André Gravatá. A escolha desse material tem o objetivo de ampliar os sentidos para além da palavra e, assim, convidar o grupo para ler o mundo em nosso percurso.

d) Uma colagem digital com algumas fotografias, como um resumo visual do percurso;

e) Uma ou duas narrativas em formato de prosa poética, explorando termos e ideias em um jogo entre sentido literal e metafórico, e retratando cenas vivenciadas sob a perspectiva da pesquisadora⁵⁵. Durante o desenvolvimento da produção de dados, na tentativa de expressar o sentimento de viver povoada por quase silêncios, criei um dispositivo chamado “Testemunhas de micronarrativas inventadas”.

f) Lista com a relação dos objetos encontrados no percurso, nomeados por mim como Achados Poéticos⁵⁶, que serão transformados em uma instalação artística.

g) Uma representação imagética⁵⁷ e sensível feita por mim, pesquisadora-cartógrafa-artista, ou pelos participantes, como registro do que foi vivenciado durante a caminhada.

Caminhamos por espaços impregnados de emoções, lembranças e marcas do passado, além dos contínuos estímulos sensoriais, afetivos e cognitivos que surgem a cada momento. Esses elementos reunidos nos levam à reflexão sobre as experiências que trazemos desses momentos, muitas vezes sutis e imperceptíveis. É importante buscar as coisas e nelas, observar onde estão e estar aberto para elas.

⁵⁵ Nas narrativas, o termo “você” refere-se ao participante.






⁵⁶ Nome dado a uma ação poética que criei no ano de 2010, inspirada pela obra do poeta Manoel de Barros, e desenvolvo desde então como parte do meu processo criativo e junto ao Coletivo Unsquepensa Arte. Consiste em recolher materiais de qualquer natureza que estejam abandonados nas ruas ou em outro espaço, e utilizá-lo como elemento disparador na criação de uma imagem.

⁵⁷ Disponível no drive:
https://drive.google.com/drive/folders/1wHEh0S6HbW_AZ4ob20m0pINcshrhzyIn?usp=sharing

Caminhada 1: “Observar quais detalhes fazem (p)arte”

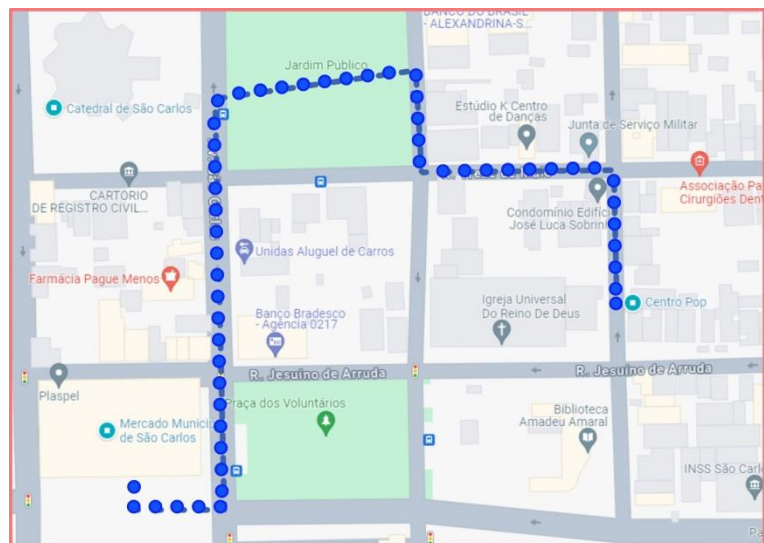
A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa, como se estivessem abertos diante de nós todos os caminhos do mundo.

Não importa que os compromissos, as obrigações, estejam ali... Chegamos de muito longe, de alma aberta e o coração cantando! (Mário Quintana, 1989, p. 649)

 	 Centro POP  10h às 13h  2	Auxiliares de pesquisa: Mariana Intenção: observar quais detalhes fazem (p)arte Materiais: nenhum.
--	--	---

Nossa primeira caminhada, nosso primeiro desafio ao incorporar a esse estudo um novo alfabeto, aqui denominado como circulação pelos *territórios vivos*, provoca estranhamento no grupo.

O poeta André Gravatá (2020), que nos acompanhou⁵⁸ em todas as caminhadas com seus poemas, nos convida ao



estranhamento. Esse sentimento se aplica a Mariana, auxiliar de pesquisa, a mim, na qualidade de pesquisadora-cartógrafa, mesmo tendo a caminhada como prática poética, e às pessoas em situação de rua no Centro POP, após esclarecermos nosso desejo de percorrer com eles os trajetos que costumavam fazer.

Sáimos por volta das 10h para nossa primeira caminhada, partindo do Centro POP, nosso ponto de encontro neste dia, que deveria se encerrar até as 12h. Nosso destino era o Mercado, outro local com concentração de pessoas em situação de rua. No percurso escolhido, fizemos uma parada na Praça da Catedral, um “cenário” repleto de histórias.

Assim como nos convida Mário Quintana na epígrafe deste tópico, caminhamos de *alma aberta* percorrendo rotas significativas para as pessoas em situação de rua de São

⁵⁸ Os poemas do escritor e poeta André Gravatá em seu livro “O jogo de ler o mundo” foram utilizados como ativação poética durante as nossas caminhadas e algumas atividades.

Carlos. Nos arredores do Centro POP, encontram-se a praça e a igreja da Catedral, além do Mercado.

Abandonamos temporariamente os demais compromissos e as obrigações, prolongando o tempo. Ganhamos momentos de conexão genuína, permitindo que as narrativas dos espaços e das pessoas se entrelaçassem conosco, enriquecendo nossa compreensão e experiência compartilhada.

ler plutões

o estranhamento é um alfabeto novo
 a incorporar
 praticar estranhamento
 é duvidar das fotografias do mundo na nossa cabeça
 é anunciar para as pessoas e coisas
 o direito de se apresentarem de novo para nós
 praticar estranhamento
 é aumentar a intensidade
 dos seus olhos
 para ver sua própria mão
 como quem aterrissa sem saber
 na superfície de plutão
 (André Gravatá, 2020, p. 10)

Figura 35 - Colagem digital com registros da caminhada realizada a partir do Centro POP.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Cada passo é semente

O portão do serviço abre às 8 horas. Por ele adentram funcionários e usuários. Entre 8h30 e 9h o café fica pronto! Num intervalo de tempo que se assemelha à eternidade para muitos, enquanto a garrafa de café e a bacia de bolacha água e sal não são servidas, há uma intensa expectativa e muita falação. Poucos são aqueles que conseguiram dormir e continuam sonolentos, em silêncio, encostados em algum canto – não podemos nos esquecer deles! Sentindo-me estrangeira por não compartilhar das vivências das horas que antecederam o estar ali, coloco-me junto àqueles que abrem espaço para que eu me acheque e sigo o fio da conversa. O café está atrasado! Sentada em um ponto do refeitório que me permitia enxergar a todos que chegavam, de repente, vejo um senhor entrar carregando três livros nas mãos: “Muros de Ar”, “Gestão de pessoas, não de pessoal” e “La Traviatta”. E, com uma voz suave e sem arestas, em tom educado, escuto – “Bom Dia”. Fico presa nessa figura. Com uma rapidez que só mesmo as sinapses para dar conta, escarafuncho minha memória buscando responder à dúvida que me tomava: quem poderia ser essa pessoa que parecia familiar? E, no mesmo instante que ouço do Jo. o cumprimento ao “Poeta”, concluo que não haveria outra possibilidade a não ser o “famoso” Gi.. Afinal, que outro homem em situação de rua na cidade de São Carlos, iria ler Verdi ou carregaria livros daquela natureza nos braços? Apresento-me com a expectativa de que ele se lembre de nosso curto encontro em 2021. A lembrança destrava a prosa e seguimos para o convite à participação da atividade do dia. O aceite e a ressalva vinda do poeta já dão o tom especial desse encontro – “mas antes me empresta um pedaço de papel e uma caneta que eu vou fazer uma poesia!”. Teve poesia com letras, desenhos e texto-imagem; contação de histórias vividas que, nas palavras dele, alimentam aquele “pobre homem”; caminhada e projetos de vida compartilhados; ensinança e uma pinguinha para aquecer as doses de memória. Houve vontade de viver e sentido de vida.

Enfeitar memórias para doerem menos

Você alterna entre um caminhar calmo e alguém muito apressado, ora com passos firmes, ora com um corpo dançante. Essa dança se estende até à sua fala! Na pressa que te envolve no dia a dia, há uma brecha para o sorriso, o cumprimento e a disposição para a escuta dos convites a serem analisados. De pronto a resposta vem em forma de verbo: preciso manguear⁵⁹! Mas a curiosidade de um menino persiste, e você se permite uma pausa para experimentar. Que sorte a minha, naquele dia, você misturou o caminhar calmo com a dança do corpo! Sentou-se junto ao grupo e, com olhos brilhantes, tomando o lugar das palavras, expressou sua admiração pelo poeta. O tempo passou, o café acabou. Decidimos experimentar a narração de histórias enquanto caminhávamos pelas ruas. Segui atenta às curiosidades partilhadas durante o percurso: os detalhes históricos da cidade de São Carlos, a arquitetura colonial presente nos antigos casarões, as calçadas ornamentadas, a igreja fechada, as necessidades de reparo nos pisos do caminho, a escultura feita pelo poeta de rua e as oportunidades de capturar fotografias, os bancos da praça da Catedral com suas narrativas ocultas e um convite sedutor para nos apropriarmos das ruas a cada travessia. Sua intimidade com as ruas era tanta que tornava impossível alcançá-la. Não sei se um dia terei a confiança de me lançar da calçada “no meio da rua” e reivindicar o direito de passagem somente com um gesto da mão em punho. Naquele momento, compreendi que tal proeza demandava não apenas habilidade, mas também um corpo flexível e autoconfiante, tal como o seu! Um corpo que tem a rua como lugar de pertencimento! Finalizamos nosso encontro no local determinado para esta jornada, o Mercado. Comemoramos com uma coca-cola gelada e um croissant. O poeta, por sua vez, optou por uma dose de cachaça para harmonizar com suas lembranças. No mesmo bar que, um dia, marcou o início da história das violações de sua infância, as palavras romperam o silêncio para construir novos sentidos.

**VOLTO PARA CASA COM DESENHOS E POESIAS PESSOAIS. HISTÓRIAS E
FOTOGRAFIAS.**

⁵⁹ Na linguagem das ruas, manguear é o ato de pedir com jeito e, também, um dos meios de sobrevivência.

Livro de artista – Caminhada 1

Figura 36 – Montagem apresentando o conteúdo do livro de artista.








Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Link para acesso ao vídeo apresentando o "Livro de artista – Caminhada 1"

<https://drive.google.com/file/d/1QvU50UXqTmPA1DIE4YDkTpzFNzkFFj09/view?usp=sharing>

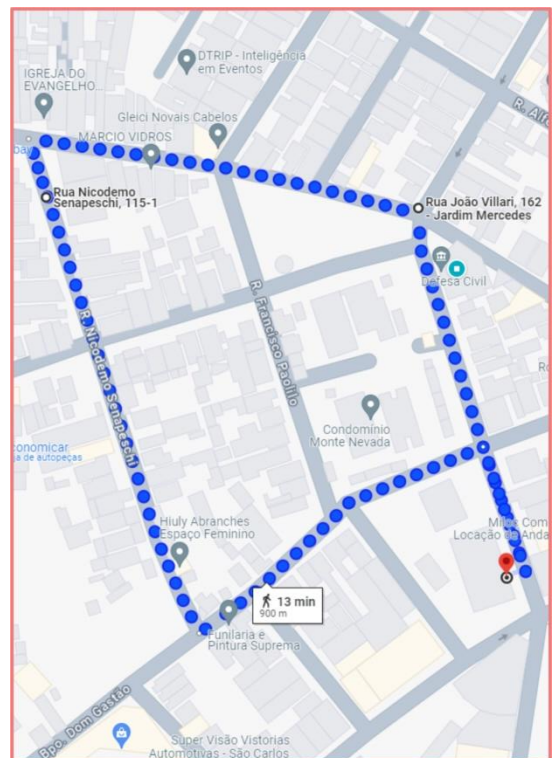
Caminhada 2: “Atentar-se às intenções dos pequenos gestos”

Gestos denotam formas de habitar que envolvem a escala do corpo e a subjetividade. O habitar não acontece apenas quando se fala de tijolos ou concreto. Significa também ocupar, criar e inventar formas de existir⁶⁰.
(Agnès Varda, 2008)

 	 Casa de passagem <hr/>  16h às 18h <hr/>  6	Auxiliares de pesquisa: Thainara Intenção: atentar-se as intenções dos pequenos gestos Materiais: nenhum.
--	---	--

Devido ao comprometimento do telhado causado pelas intensas chuvas de dezembro e janeiro de 2023, a Casa de Passagem estava operando temporariamente em um espaço em um bairro distante de sua localização original. A dinâmica nesse novo imóvel ainda estava em processo de estabelecimento. Às 16h, obtive autorização para sair em uma caminhada com no máximo seis pessoas, assumindo o compromisso de trazê-las de volta.

Iniciei o convite por aqueles que eu já conhecia. Assim, um foi puxando o outro, e nosso grupo se formou. Dentre todos os presentes, o poeta Gi. se prontificou a fazer leitura da poesia que escolhi como ativação poética para este encontro:



⁶⁰ Fragmento do texto publicado pelo grupo de pesquisa Estudos da Paisagem (FAU/UFAL) na divulgação da linha de investigação “Gestos”. Disponível em: <
https://www.instagram.com/p/C115ujqL8LK/?img_index=1>. Acesso em: 04 abr. 2024.

ler coleções

peessoas colecionam quedas

de bicicleta

de braço

de cachoeira

peessoas colecionam calos

de tédio

de teimosia

de ternura

peessoas colecionam figurinhas

rimas

cactos

e orquídeas

peessoas colecionam perplexidades

um caminhão-pipa

trazia água nos dias

de torneira vazia

o bico dos cisnes

se esconde nas penas das asas

para um descanso na água

os sapatos empilhados

milhares e milhares de sapatos

de pessoas que não existem mais

(André Gravatá, 2020, p. 10)

Fizemos nossos acordos: respeito às histórias pessoais de cada um e ao grupo composto por pessoas de diferentes gêneros e idades, definição do tempo de percurso e esboço do trajeto, além de estabelecer nossas intenções para essa caminhada.

Caminhamos por duas quadras e nos deparamos com nosso primeiro desafio. O encontro com outras pessoas em situação de rua, consumindo álcool na pracinha, foi um gatilho desafiador. Superamos esse obstáculo com muita força, diálogo, firmeza e resiliência, mantendo a atividade em andamento. No percurso escolhido, os detalhes e

objetos encontrados pelo caminho evocavam narrativas de fragmentos de histórias vividas, pausas para fotos em um quase ensaio tão desejado e a descoberta de sonhos e decepções.

Dos seis participantes, apenas três estiveram presentes na foto final, uma composição entre os caminhantes e as coletas do trajeto. Ao cair da noite, atravessamos o portão da Casa de Passagem mais empáticos e emotivos. O desejo de permanecermos juntos nos levou a nos reunirmos no refeitório para a construção de um mapa mental simbólico e afetivo do percurso (fig. 28).

Figura 37 - Colagem digital com registros da caminhada realizada a partir da Casa da Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

O que você vê quando me vê?

Você deu um passo para trás na roda de poesia, mas escolheu caminhar ao meu lado durante o percurso daquela tarde. Compartilhou as frutas colhidas na rua com todos, discordou das histórias que estavam sendo contadas, cuspiu no cachorro e ao ver o gato deitado no muro daquela velha casa diminuiu o passo. Eu, com medo de uma ação contra o felino, tentei protegê-lo. Usei meu tempo para criar um hiato em nossa presença. Você foi se calando aos poucos, enquanto o grupo seguia seu próprio ritmo. Ficamos os três imóveis. No seu olhar distante, a tristeza era tão grande que me convidava a agir, a fazer algo para tentar atenuá-la. Colocar-me ao seu lado e entregar meu olhar ao que você via nos colocou em sintonia. O suficiente para atravessar a diferença de nossas vivências. O silêncio que preencheu o espaço entre nossos corpos foi rompido pela frase "se eu tivesse um quintal desses, ficaria sentado nesse banco e não sairia mais daí". Respirei fundo e sorri com face de

nostalgia. Quis saber mais sobre o tempo que te trouxe até esse momento e você foi espaçando sua fala. Gradualmente fui absorvendo suas palavras, procurando entender as frases que, ao mesmo tempo, tentava não ouvir, não processar, não julgar.

Apanhar com a mão a lembrança que escorre

Sua altura, o corpo cambaleante em passos lentos e o olhar vazio, me instigaram a não desviar meu olhar de você. Foi necessário insistir para que você fosse liberado do que era para ser seu abrigo para caminhar com o grupo, e fico aliviada por não ter desistido. Sua presença foi profundamente significativa naquela tarde. A lágrima em seu rosto me convida a mergulhar na vastidão de sua história, e uma lágrima escorre pelo meu rosto em resposta. Ao sentir o gosto salgado do meu próprio choro, tempero mais e mais o desejo de gritar ao mundo que “quem sabe bater, um dia aprendeu a apanhar”. A dor se intensifica. Não sei se você se lembra do nosso encontro. Pela entonação de sua voz, suspeito que você estava sob o efeito de medicação. Por outro lado, recordo vividamente todos os detalhes – suas escolhas ao longo do caminho e as palavras que compartilhou, especialmente a memória evocada pela foto de nossos pés:

Aos poucos você foi deixando de brincar, de estudar, de fazer as coisas que gostava e de ser somente filho. O pó, que vinha da brincadeira, passou a cobrir os pés calçados para o trabalho. A lágrima que escorria pela dor que sentia se transformou em marca na pele e virou símbolo do afeto negligenciado. A indiferença encobriu seus gestos. E a esperança foi se apagando. Em poucos anos esqueceu a voz do pai morto e passou a desejar a morte do “pai” vivo. Após anos sem ter ou se dar o direito de existir em um lar amoroso, cansou da violência sendo violento. Aprendeu coisas importantes nesse dia: para quem é diariamente violentado, há violências que são como recompensas, e a mais difícil delas, que algumas violências são mais normalizadas do que outras. Ele, um menino que se cansou de ver a mãe apanhar, foi apanhado pelo sistema e deixou de ser visto. Virou sombra.

**VOLTO PARA CASA COM UMA BEXIGA VAZIA, UM LIMÃO, UM PÉ DE MÓVEL, UMA RODA
DE BRINQUEDO, UM LÁPIS DE ESCREVER, HISTÓRIAS E FOTOGRAFIAS.**

Figura 38 - Entre palavras e imagens: registros do nosso percurso.



Fonte: Criado pelo grupo após a caminhada, 2023.

TRANSCRIÇÃO: Terapia em movimento - É na rua que os encontros acontecem - pé de limão - portaria - as fotos - praça - maravilhosa conversa - "tudo que nois tem é nois" - pé de acerola - Deus é fiel - Terapia Ocupacional

Caminhada 3: “Sondar se a cidade que atravesso é a mesma que me atravessa”

É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, é um ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. (Paulo Freire, 2019, p. 55)

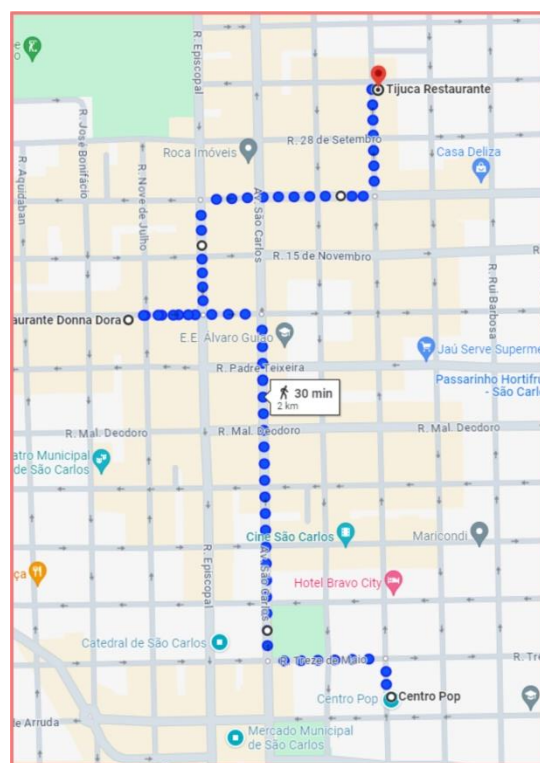
	Centro POP	Auxiliares de pesquisa: Carol
	8h às 11h30	Intenção: Sondar se a cidade que atravesso é a mesma que me atravessa.
2	Materiais: nenhum.	

Nos encontramos no Centro POP por volta das 7h45, como de costume desde o início das nossas atividades no campo. Preferimos chegar antes da abertura da instituição e esperar do lado de fora junto com as pessoas em situação de rua. Acreditamos que essa maneira seja uma boa forma de iniciar nossa interação em uma relação horizontalizada, que estendemos para as atividades propostas.

Acompanhamos o café da manhã e participamos das conversas do grupo. Fizemos nosso convite insistindo algumas vezes, até que dois participantes próximos afetivamente a nós aceitaram. O curso escolhido por eles foi caminhar pelas ruas que transitam no dia a dia,

habitando este território de forma literal, o que os coloca em contato direto com sua materialidade e com todas as sensações e experiências que esse ambiente proporciona (KASTRUP, 2001).

Subimos ladeiras, passamos por algumas ruas planas e descemos outras, explorando os lugares frequentemente acessados por eles na busca diária por estratégias de enfrentamento das necessidades básicas. Durante o trajeto, encontramos outro participante vendendo bala no farol, e paramos para ouvir suas histórias - histórias de quem está em busca de se reestruturar e por isso não tem frequentado Centro POP ou a Casa de Passagem, da saudade da filha, da violência policial e causos das ruas.



No percurso de ida, as conversas revelam a vida que dói, despindo-a para ser vista. Cada caminhada é uma jornada onde os participantes enfrentam suas próprias realidades e se confrontam consigo mesmos enquanto transitam pelas ruas e vivenciam suas experiências. De acordo com Jorge Larossa (2009), a experiência não é apenas um momento estático; é um processo dinâmico de passagem e travessia, onde o sujeito se move através dela, "se prova e se ensaia a si mesmo" (p. 57).

Na volta, enquanto caminhamos, os caminhos se delineiam, mapeando a vida vivida. Essa experiência nos conduz às ruas e lugares físicos percorridos, e também às experiências, relacionamentos e emoções que encontramos ao longo do caminho.

Ao cartografarmos esses elementos, que imprimem sentidos e significados em nossos corpos – nossas marcas (ROLNIK, 1993) –, é possível entender melhor nossa própria vida e as influências que moldam quem somos, contribuindo para que cada pessoa alcance sua verdadeira essência, confrontando e superando suas próprias limitações e adversidades. Segundo Kastrup,

Aprender não é somente ter hábitos, mas habitar um território. Habitar um território é um processo que envolve "perder tempo", que implica errância e também assiduidade [...]. Não basta o decorrer do tempo cronológico, embora a repetição da experiência ao longo do tempo seja uma condição necessária. O habitante de um território não precisa passar pela representação. O habitat resulta numa corporificação do conhecimento envolvendo órgãos dos sentidos e também músculos (KASTRUP, 2001, p. 22).

Assim, olhar os próprios processos não é tarefa fácil ou ágil. Durante as caminhadas nosso objetivo não é encontrar um fim, mas vivenciar o caminho. Conforme Deleuze (1990) afirma, "desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada passo, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas" (p. 1).

Ier despretensões

"somos feitos
de substâncias antigas"
disse o tio joãozinho para mim
enquanto caminhávamos
num chão de terra de uma manhã
de quinta-feira

todas as frases
 que ecoam de um jeito
 despretensioso
 e carregam um mundo no colo
 merecem ser anotadas
 mais pela sua
 despretensão
 do que por carregarem
 um mundo no colo
 (André Gravatá, 2022, p. 30)

Figura 39- Colagem digital com registros da caminhada realizada a partir do Centro POP.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Ouvir conversas (pouco) despretensiosas

“em casa todos usavam droga de forma recreativa. Foi ali que começou meu vício. Um dia percebi que precisava de ajuda e decidi me internar em uma clínica para reabilitação, mas ao sair da clínica minha família me abandonou... não pude mais voltar para a casa, porque eu era um drogado”.

“temos dificuldade para conseguir ajuda, porque estamos com roupas limpas, de chinelo ou tênis e com a barba feita. Para a sociedade existe um perfil de pessoas em situação de rua e enquanto não chegamos nesse ponto, não merecemos ajuda”.

“não basta estar na m..., é preciso estar atolado na m... para ser notado. E não é porque as pessoas se preocupam com a gente, mas porque incomodamos e elas não querem a gente por perto”.

“Não quero ficar nessa situação para sempre, por isso alugamos um quarto para dividir e fomos morar juntos. Sei que vou conseguir vencer de novo e ter uma vida melhor da que eu tinha antes. Mas isso leva tempo e precisamos começar de algum ponto. Eu estudo todos os dias. Estou começando de novo e preciso estar antenado.”

“A rua toma nosso tempo, porque precisamos fazer as coisas no tempo da rua. Às vezes gastamos a tarde toda para garantir a comida.”

“A gente não passa fome. Sempre tem alguém que doa alguma coisa.”

“Tem que tomar cuidado com os “homens” [polícia], porque eles não querem nem saber. Batem primeiro e depois perguntam.”

“O álcool é a pior droga que existe, porque ela está dentro de casa. É fácil de encontrar e todo mundo oferece pra gente.”

“Tem dia que eu preciso mentir para conseguir dinheiro para comer. É mais fácil conseguir dinheiro para o vício do que pra comida.”

“A gente sabe quem é que vai nos ajudar e pra quem temos que pedir o que queremos. Quando você vê um carrão com boyzinho dentro, pode pedir para a droga que ele te dá facinho. Mas se pedir pra comida às vezes eles xingam. Se for uma mulher granfina às vezes ela ajuda, mas quem mais ajuda mesmo é quem menos tem. Só que ajuda com pouco.”

(Registro do Diário de Campo, 23/01/23)

ler Caio Fernando Abreu despretensiosamente






“Primeiro você cai num poço. Mas não é ruim cair num poço assim de repente? No começo é. Mas você logo começa a curtir as pedras do poço. O limo do poço. A umidade do poço. A água do poço. A terra do poço. O cheiro do poço. O poço do poço. Mas não é ruim a gente ir entrando nos poços dos poços sem fim? A gente não sente medo? [...] A gente morre um pouco em cada poço. [...] E depois: no fundo do poço do poço do poço do poço você vai descobrir quê”

(Abreu, 2001)

**VOLTO PARA CASA COM UMA ARMAÇÃO DE ÓCULOS QUEBRADA, DUAS PEÇAS DE
LEGO, UM LIMÃO, UM PÉ DE MÓVEL, UMA RODA DE BRINQUEDO, UM LACRE
ESTOURADO, UM LÁPIS HB, HISTÓRIAS E FOTOGRAFIAS.**

Caminhada extra: “Vivenciando a Boca de Rango por um dia”

*Em cem metros de caminhada,
cabem infinitos territórios possíveis de sonho, suor e vida.
Ao final, reconhecer em meio à multidão a própria identidade.
(Cia Mungunzá, 2022)*

 	 Centro POP  13h30 às 16h  2	<p>Auxiliares de pesquisa: Carol e Laura</p> <p>Intenção: "Rolê do rango": vivenciar a busca por alimentação.</p> <p>Materiais: nenhum.</p>
--	--	--

Há uma falsa ideia de que as pessoas que estão em situação de rua podem estar (ou se colocar) ausentes do cotidiano das cidades. Da mesma maneira, também é falsa a noção de que essas pessoas estão disponíveis a todos os momentos.

Tal percepção contribui para desconstruir estereótipos e enfatizar a importância de reconhecer a presença e os desafios enfrentados por essas pessoas.

Aceitar o convite para caminhar junto de dois participantes da produção de dados pelo *território vivo* experimentando a dinâmica de busca por alimentação em 3 restaurantes da

cidade e a apreensão do tempo nesta atividade nos possibilitou olhar com mais empatia para a realidade dessas pessoas.

Nosso trajeto teve início na frente da república onde os dois participantes estavam vivendo na época e a rota estabelecida teve como critério o horário pré-estabelecido pelos estabelecimentos para as doações, sendo: às 14h, o restaurante São Carlos; em seguida, entre 14h30 e 15h, o Donna Dora Restaurante; e por último, após as 15h, o restaurante Tijuca.

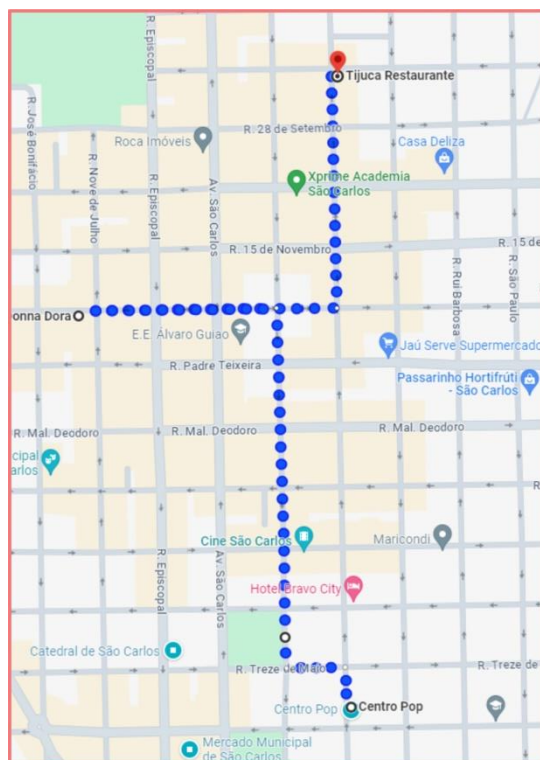


Figura 40 - Colagem digital com registros da caminhada realizada no centro da cidade/trajeto dos restaurantes.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Caminhar é valioso como uma joia






Você me estende a mão e eu te dou um abraço. Percebo sua inquietude, o corpo tenso, mas confesso que não consegui conter meu impulso de alegria ao te reencontrar e, agora, caminhando sem o auxílio do andador. Andava pensando muito em você nos últimos anos. Preocupada com a sua saúde e o desfecho do seu tratamento. Não havia possibilidade de eu recusar teu convite – *se quer conhecer mesmo o que acontece na nossa vida, vem andar com a gente na “boca de rango”*. Após o seu convite, os dias ganharam um passo lento, enquanto a ansiedade corria por dentro de mim. Passei a semana imaginando de que forma tudo aconteceria e como essa experiência iria “reprogramar”, como diria você, a noção de tempo que se vive quando se está em situação de rua. Eu só não fazia ideia de que a experiência que me marcaria ou o que eu precisava mesmo era sentir também as sensações de quem fica exposto durante essa caminhada. EX-posto. EX-posição, palavras que agora se somam a ideia de EX-ótico⁶¹ para mim. Que representa o visível e o invisível ao mesmo tempo, o medo e a coragem, a vergonha e a ousadia de sustentar um corpo vivo buscando por formas de viver no território da urbe. Corpos em fila nas calçadas e em uma espécie de não lugar. Como é possível para alguém ficar (IN)visível? Confesso que entre essas duas tarefas, vestir a roupa da invisibilidade me doeu demais. Doeu mais do que quando o garçom

⁶¹ Palavra usada para representar algo ou alguém que está fora de ótica, fora do campo de visão do outro.

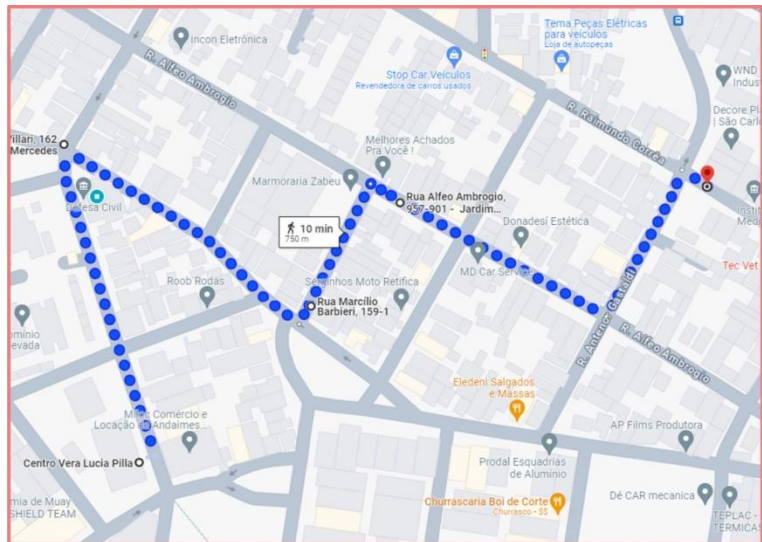
nos disse que a comida havia acabado naquela tarde. Doeu mais do que saber que a refeição não sobraria para o jantar. Doeu mais do que ver seu amigo escolher a dor e o silêncio. Doeu demais sentir o desprezo de uns e a vergonha de vocês reverberando pelos corpos engraçados, animados, cansados, doloridos, desanimados, envergonhados... Uma dor brilhante como a pedra do seu anel, que se fosse pintura sangraria vermelho carmim, vivo assim.

Caminhada 4: “Mapear o que nos acende por dentro”

*Meus territórios estão fora de alcance,
e não porque sejam imaginários:
ao contrário, porque eu os estou traçando.
(Gilles Deleuze, 1996, p. 67)*

 	 Casa de Passagem <hr/>  16h às 18h <hr/>  6	Auxiliares de pesquisa: Laura e Thainara Intenção: Mapear o que nos acende por dentro Materiais: nenhum.
--	---	---

Desta vez, formamos um grande grupo! Embora pudéssemos ser ainda mais numerosos, ficou acordado que eu poderia sair com até 6 pessoas que estavam na Casa de Passagem. Além das duas auxiliares de pesquisa, Thainara e Laura, novos participantes se juntaram a mim. Enquanto passávamos pela praçinha, a duas quadras de onde partimos, mais uma pessoa se juntou ao grupo. Agora somos 10 caminhantes!



Decidimos seguir um trajeto diferente do da nossa última caminhada. Em vez de descermos a rua da praça, optamos por contornar a esquina à direita e subir a rua. No caminho, a primeira parada foi marcada por flores e textos nos muros, que irrompem as partilhas do grupo. Seguimos em frente. A cada esquina, surgia uma pequena discussão: alguns queriam virar à esquerda, enquanto outros preferiam seguir à direita. Definimos que cada um teria sua vez de escolher e, seguindo os nomes escritos nas placas familiares, fomos definindo nossa travessia.

Houve momentos de birra e separação do grupo, mas também de agrupamento e troca de saberes. Muitos nomes científicos de plantas foram mencionados, houve desvio de rota, observação de elementos arquitetônicos, sonhos revelados e histórias da vida que um dia ocupou aquelas ruas compartilhadas. No momento da foto, a água brotou do céu como

um alerta para que precisássemos voltar. Corremos como maratonistas, revezando nossas coletas-suportes de exposição.

Ao retornarmos à Casa de Passagem, o desassossego com o fim do encontro nos animou para uma nova reunião, desta vez na quadra. Ao som da chuva forte batendo no telhado de zinco e do vento frio que estremecia nossos corpos, abrimos espaço para a quietude, compartilhamos nossas impressões sobre a caminhada e acolhemos outras pessoas que quiseram se achegar. Demoramo-nos em nossa despedida. Esse seria nosso último encontro dessa jornada de pesquisa.

ler recortes

no trem

o sol entra pelas janelas

já recortado

pelos folhos das árvores

ninguém sabe recortar melhor

a luz do sol

do que as folhas

das árvores

(André Gravatá, 2020, p. 33)

Figura 41 - Colagem digital com registros da caminhada realizada a partir da Casa de Passagem.



Fonte: Registros da pesquisadora, 2023. Montagem feita por Mazzon Gil, 2023.

Espiar pelas frestas onde vive acesa a chama da memória

Observo você mover-se insistentemente para equilibrar o corpo esguio que tem dificuldade em se manter em pé após a ingestão de algumas doses. Doses de álcool ocupam o mesmo volume das doses de saudade, de abandono, de desencontro do homem que um dia viveu naquela rua, do sentido da vida que habitava aquela alma. Você atravessa nossos limites com os gestos e as palavras, mas quais são os limites para um corpo que transita pelo mundo em estado de abandono? Quando foi que você chegou ao limite e seu copo transbordou?

Observando o corredor que poderia nos levar até a casa que morava naquele fundo de quintal, fico imaginando quão fundo estão enterradas as suas dores e me pergunto quantos passos seriam precisos para atravessarmos o corredor que nos levaria até a superfície que te permita respirar tranquilo novamente. Seguimos nosso trajeto. Enquanto o grupo nos espera, mais uma parada, agora para espiar pela fresta do muro lateral a sombra da mangueira. Queria te agradecer por me permitir espiar também a história que te traz até esse momento. Agradeço pela generosidade de me mostrar o carro dormitório que guardava seu sono quando saiu para viver na rua e de onde vinha o som dos passarinhos que insistiam em demarcar mais um entardecer ou amanhecer de dia naquela condição. Obrigada por escutar meu desejo de compartilhar uma refeição contigo em sua sala de jantar ao ar livre, localizada embaixo da frondosa mangueira. Espero que nossos passos neste dia tenham te conduzido não só pelas pedras de paralelepípedo da rua, mas também pelas avenidas sossegadas que habitam sua memória.

Um caminho também é passagem

Durante nossa caminhada, descubro que em terras mineiras vivem nossos antepassados. Mas é no presente que transcende a paisagem e germina nossas memórias do olhar. Observo seus passos atentos à atenção ao grupo, às inscrições nos muros, à copa da árvore florida, aos nomes das ruas dispostos nas placas e ao caminho que aos poucos vamos definindo, acolhendo os desejos de todos e, antes, acalmando os desgostos de alguns. Na bifurcação das querências, alinhavada à nossa percepção, a capela existente naquela esquina, desde que era menino, tece uma narrativa afetuosa de quando sua avó o levava à igreja. Lembrança de um tempo que habita seu corpo-memória e estabelece uma relação direta com seu repertório de vida. Neste jogo de ver o invisível que se esconde no visível, brilham faíscas do homem que carrega as lembranças da casa de vó pelas ruas que correm em seu peito e que corre conosco da chuva que chega para nos levar de volta ao ponto de partida. Deveria ter dito a você que eu acredito que sempre há pontos de partida e que podemos traçar novas rotas!

VOLTO PARA CASA COM UM ADESIVO, UMA SOBRA DE CORTINA, RETALHOS DE UMA
TELA CHAMADA SOMBRITE, UM TRONCO DE ÁRVORE, UM LACRE ESTOURADO, UM
LÁPIS HB, HISTÓRIAS E FOTOGRAFIAS.

Caminhos Investigativos: Arte e Terapia Ocupacional trilhando territórios expressivos e sensíveis

*Já não somos subjetividades de confinamento,
mas existências a céu aberto,
expostas a toda contingência.
(Val Flores, 2023)*

Trilha I: caminhos investigativos

Nesta pesquisa, que se originou da intersecção entre as artes e a terapia ocupacional, visando semear territórios criativos e de cuidado junto à pessoas em situação de rua, houve uma integração entre diferentes áreas do conhecimento, além da colaboração com comunidades e instituições assistenciais da cidade de São Carlos-SP. A parceria entre as pesquisas de graduação, pós-graduação, extensão, ensino, arte e cultura também foi valorizada pela Constelação AHTO - laboratório ao qual esta pesquisa de mestrado está vinculada - como uma estratégia fundamental para incorporar novas perspectivas e enriquecer os resultados deste estudo.

Foi possível, então, perceber como essa terapia ocupacional e minha perspectiva das artes visuais podem se entrelaçar, estabelecendo cooperações com os mundos e em suas relações, desviando-se da norma ou do padrão estabelecido.

Conforme Dewey (1979), o mundo físico ao nosso redor é o cenário onde ocorrem nossas experiências, constituindo o ambiente dinâmico no qual nos movemos e agimos, sujeitos a uma constante mudança e interação mútua. Esse entendimento é complementado pela perspectiva de Cauquelin (2007), que destaca a influência da cultura e das representações simbólicas na percepção da realidade, ideia de que essas pessoas se percebem também na relação com o outro.

A esse respeito, Danilo Miranda (2014, s/p) acredita que a arte, apresentada como uma participante ativa nesse cenário simbólico, desempenha um papel fundamental ao proporcionar uma oportunidade para as pessoas diversificarem suas formas de interpretar o mundo.

Mayo e Beltrán (2014), responsáveis pelo Guia da 31ª. Bienal de Artes de São Paulo, nos convidam a pensar sobre a capacidade que uma produção artística tem de perturbar o status quo e provocar mudanças significativas, desafiando convenções sociais e culturais, abrindo espaço para novas ideias e experiências. Segundo os autores:

[...] Em seu melhor estado, a arte é uma força disruptiva. Na medida em que ela permite imaginar o mundo diferente, ela cria situações em que o rejeitado pode se tornar aceito e valorizado. Por sua vez, a transformação pode então ser entendida como uma forma de efetivar mudanças, apontando para novas direções de virada – valendo-se de transgressão, transmutação, transcendência, transgênero e de outras ideias transitórias que agem contra a imposição de uma única e absoluta verdade. De fato, essas “trans-” palavras oferecem maneiras de se aproximar de coisas que não podem ser inteiramente ditas ou escritas, mas dependem de outras linguagens (MAYO; BELTRÁN, 2014, s/p.).

Neste contexto, a transformação é percebida como um processo de mudança que aflora da capacidade da arte de desafiar as normas estabelecidas e apontar para direções diferentes. Essas mudanças podem ocorrer tanto em nível individual quanto social, resultando em novas abordagens e visões.

Nas atuais condições da práxis artística, marcada por transformações significativas na arte, a reflexão e as ações que se desprendem do sistema tradicional da arte desempenham um papel fundamental na criação de espaços produtivos para a prática artística e na constituição de sentidos para a arte (FERREIRA, 2010). Acreditamos que essa seja uma dimensão estética e ética que permeia esta pesquisa de mestrado, que incorpora essas dimensões transformadoras na interseção entre arte e terapia ocupacional ao influenciar e moldar a investigação acadêmica.

Nesse contexto, as criações artísticas não apenas refletem essas transformações, mas também continuam provocando reflexão e mudança. Em essência, trata-se de criações que possam transcender os limites da simples observação estética para impactar o outro em um nível mais profundo (VILLA, 2018).

Com isso, esperamos não apenas compartilhar o conhecimento produzido, mas também inspirar ao próprio grupo novas formas de pensar e agir em relação às questões abordadas, levando-o a descobrir algo novo e a confrontar sua realidade “local, global e interpessoal” (VILLA, 2018, p. 113).

Compreendemos que essas criações possuem o poder singular de “sugerir, dissentir, irromper ou indicar algo” (VILLA, 2018, p. 113), não apenas dentro da própria obra de arte, mas também na vida cotidiana das pessoas, desempenhando um papel central na formação da identidade individual e coletiva, além de moldar as práticas culturais (MAFFESOLI, 1996).

Considerando a influência desses aspectos na moldagem das práticas culturais, identifico abordagens colaborativas entre terapia ocupacional e arte (SILVA et al., 2015; SILVA et al., 2016; SILVA et al., 2018; RIBEIRO et al., 2020; PEGORARO et al., 2020; SILVA;

SHIRAMIZO, 2022) como eficazes para enfrentar questões sociais complexas. Ambos os campos atuam dentro do contexto de práticas culturais e, ao unir suas forças, proporcionam novas perspectivas para os problemas enfrentados pelas pessoas em situação de rua em São Carlos, foco desta pesquisa.

Ao compreendermos a complexidade das experiências vividas por essas pessoas, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem que considere não apenas os aspectos objetivos, mas também as dimensões subjetivas de suas vidas. Para apreender a subjetividade das pessoas em situação de rua, é necessário levar em conta não apenas as condições materiais (como a falta de moradia, comida, etc.), mas também os aspectos simbólicos (significados, crenças, valores) e emocionais (sentimentos, experiências pessoais).

No entanto, é preciso reconhecer que os encontros entre as pessoas são profundamente influenciados pelas subjetividades de cada sujeito. Essas subjetividades moldam e definem a qualidade e a intensidade de cada momento compartilhado. Esses momentos possuem um "tempo específico", único e significativo para cada pessoa envolvida. Esse "tempo propício do encontro" é uma ocasião especial que permite uma conexão profunda tanto consigo mesmo quanto com os outros, baseada nas experiências e referências individuais.

Portanto, entender a subjetividade das pessoas em situação de rua requer uma abordagem abrangente que considere tanto as condições materiais quanto os aspectos simbólicos e emocionais, e reconheça a complexidade dinâmica desse fenômeno - viver nas ruas. Os encontros, moldados pelas subjetividades individuais, geram momentos únicos e significativos que fomentam uma conexão intensa e pessoal.

É essencial, então, estar plenamente disponível para esses encontros, mantendo-se receptivo para absorver as experiências que transcendem nossa percepção visual, reconhecendo que os processos estão em constante reconfiguração, habitando a esfera dos afetos (LIBERMAN; POZZANA; DOMINGUES, 2022).

Nesse contexto e, partindo da ideia de que a arte e a criação não são apenas formas de expressão estética, mas também poderosas ferramentas para explorar e revelar novas dimensões e entendimentos sobre a vida real (CASTRO; SILVA, 2002), força política e ética, reconhecemos a cumplicidade da parceria entre arte e terapia ocupacional, assim como a importância da terapia ocupacional nos processos criativos.

Além dos conhecimentos artísticos e das expressões singulares que são moldadas nesses momentos de criação, há, também, uma atenção às sensibilidades, a qualidade da

presença e ao cuidado. Esses aspectos são fundamentais no momento da experiência comum, uma vez que a produção de conhecimento ocorre através das interações dos sujeitos com o mundo (INFORSATO et al, 2022).

Durante os encontros para coleta de dados desta pesquisa, foi possível ouvir relatos sobre as doações que chegam a essas pessoas. Além da gratidão, percebe-se uma clara compreensão de que, em certa medida, a sociedade civil está desempenhando um papel que caberia ao poder público. Demonstram, ainda, sentir que tanto o poder público quanto a sociedade parecem desconhecer as necessidades mais profundas do grupo, que vão além da mera sobrevivência. Essas necessidades incluem o cuidado pessoal e a atenção às suas subjetividades enquanto seres humanos pensantes, que anseiam por uma realidade diferente.

Para enfrentar essa realidade complexa, nesta fase da pesquisa, adotamos abordagens que integram a terapia ocupacional e as artes visuais, reconhecendo a importância do cuidado integral. Essa abordagem integrada incluiu oficinas de arte, realizadas tanto em instituições parceiras desta pesquisa, como o Centro POP e a Casa de Passagem, quanto nas ruas, onde as pessoas em situação de rua podem se sentir mais confortáveis. Essas atividades foram complementadas por caminhadas pelos territórios, junto e conduzidas por essas pessoas.

Através dessas atividades, conseguimos criar um ambiente de apoio e respeito, onde cada indivíduo foi valorizado e encorajado a explorar suas potencialidades. Nesse contexto, a arte e a terapia ocupacional colaboraram para restaurar a dignidade e a autonomia dos participantes, promovendo atividades que incentivam a autoexpressão e o desenvolvimento de habilidades práticas. Simultaneamente, essas disciplinas ofereceram um meio poderoso de expressão e comunicação, permitindo que os participantes contassem suas histórias, revelassem suas emoções e reivindicassem suas identidades.

Ainda dentre essas abordagens, destaca-se a conexão e a coexistência entre palavra, experiência, expressão e pertencimento. Quando integrados, esses elementos ganham forma e humanizam os rastros e percursos expressivos das pessoas envolvidas nesta pesquisa. Adicionalmente, alinhamos nossa visão à de Ana Godoy (2011) sobre a necessidade de construir narrativas que desafiem e revelem a complexidade e a singularidade das experiências humanas, rompendo com a tendência de reduzir e homogeneizar a vida.

Trilha II: territórios e cuidado

Território.

Aos poucos fui aprendendo a ampliar as formas de convite. Às vezes, bastava um “Olá! Bom dia!” ou “Boa tarde!” para que a conexão se estabelecesse. Para alguns, ouvir o “seu nome” era como receber um abraço; para outros, era preciso uma explicação detalhada do projeto (que já seria feita de qualquer maneira). Aqueles mais desconfiados exigiam uma longa explicação, incluindo até repetições. Em outros momentos, era necessário praticar o exercício da empatia, paciência e foco.

Aos poucos, fui compreendendo que, ao convidar, eu também recebia convites! Era convidada por cada uma dessas pessoas menos favorecidas de nossa sociedade a ouvir mais do que falar, a escutar sem julgar, a adentrar com cuidado e respeito um território particular, seja ele físico ou subjetivo. Recebi convites preciosos! Fui convidada a “entrar” e “sentar” na sala que tem as estrelas como teto, a dividir o cobertor prensado com restos de tecido que encobre as histórias, a estar junto, a caminhar lado a lado, a respeitar a pausa e esperar o tempo do silêncio, a me emocionar, a tocar e a aceitar que minha presença interferia na dinâmica de suas vidas.

Cuidado de mim e do outro.

O que acontece quando percebemos que, mais do que qualquer coisa, tudo o que precisamos oferecer é a inteireza da nossa presença? Aprendi, nessa experiência, que as durezas e as delicadezas presentes nas miudezas do cotidiano vivido pelas pessoas em situação de rua nos ensinam tanto quanto, ou mais, do que horas em frente a um livro. Adentrar esses territórios me possibilitou vivenciar, junto dessas pessoas, a vida na sua essência! Como artista-aprendiz-cartógrafa, sigo me perguntando – e talvez essa seja a pergunta que mais exija de mim coragem para enfrentá-la: o que fica quando percebemos que todas as nossas estratégias se esgotaram e o que temos para oferecer não é o suficiente?

Trilha III: Arte e Terapia Ocupacional trilhando territórios de expressão e cuidado junto à POP Rua

Esta pesquisa é sobre aprendizados.

A partir da convivência com as pessoas em situação de rua e dos aprendizados no campo da terapia ocupacional, aprendi que a vulnerabilidade não se restringe aos outros; ela também reside em mim. Como um aspecto intrínseco à experiência humana, é essencial reconhecê-la e cuidar desse processo. Segundo Zango-Martín (2021), a vulnerabilidade,

frequentemente silenciada e rejeitada, possui um valor imenso em nossas vidas. Por isso, deveríamos abordá-la com mais naturalidade, refletindo profundamente sobre seu impacto e buscando formas de apoiar a nós mesmos e aos outros.

Chego ao fim desse caminho. Mas será que há palavras possíveis para falar sobre o fim de uma trilha? Segundo Viviane Mosé (1997) "A palavra não sabe o que diz. A palavra delira. [...]". Inspirada por esse convite, decido me arriscar a trilhar um último território expressivo para cuidar das emoções que ainda reverberam em mim:

Breve delirar poético

Quantos quilos pesa uma história?

Quantos quilômetros percorrem as palavras que traduzem os acontecimentos?

Quantos nós se formam com a emoção que se prende na garganta?

Quantas lágrimas são necessárias para molhar a tinta da aquarela que colore as vivências?

Quantos metros abarcam os abraços dos corpos emocionados?

Qual é a velocidade do som das palavras quando há escuta?

Qual é a textura das palavras que acolhem?

Qual é a profundidade da presença quando nos entregamos por completo?

Qual é a área da casa-corpo frequentemente violentada?

Qual é a espessura da noite que se derrama sobre os corpos que ficam para fora?

Qual é o volume do silêncio?

Qual é o logradouro da resistência?

Com o que se ocupam os desejos atrofiados?

Como vivem os sonhos desfeitos?

É possível medir uma experiência?

Se eu pudesse mensurar os atravessamentos das interações e experiências vivenciadas junto das pessoas em situação de rua, eu iniciaria por esta cartografia. Quando se vive em situação de rua, a linguagem sofre alterações significativas. O vocabulário se transforma, a sintaxe se inverte, e a língua que antes conectava aos outros passa a separar, por vezes emudece.

Diante da dificuldade de se comunicar, surgem algumas possibilidades. Dentre elas: o silêncio absoluto ou o grito desesperado. Experimentei ambas as condições. Eu, que sou falante, gritava em silêncio ao final de cada encontro. Por mais que tentasse, não conseguia dar voz aos sons que me atravessavam. Ao me afastar da cidade cheia de vozes e ecos, também me distanciava das pessoas e de suas histórias de vida, que tendiam a se ocultar e

resistir a serem compartilhadas. E, assim, voltava para casa carregando as histórias comigo, guardadas em minha alma.

Essas histórias constroem narrativas. Que narrativas, então, minhas histórias apresentariam? Considerando que o silêncio também é político, o que minhas histórias não ditas revelariam?

Essas histórias se conectam com uma provocação na banca de qualificação, que me levou a um estado de profunda reflexão e transformação pessoal. Essa experiência agora reverbera diante dessa escrita e se alinha com meu propósito nesta pesquisa: conferir visibilidade aos diferentes modos de vida das pessoas em situação de rua e destacar os processos vivenciados ao longo da pesquisa que perpetuam a violação de direitos dessas pessoas vulnerabilizadas.

...Há poética na construção narrativa dessa dissertação e nos encontros promovidos junto da POP Rua... Mas onde estão os problemas?

Assim, como artista-pesquisadora-cartógrafa, em parceria com o campo da terapia ocupacional, continuo buscando um caminho seguro para mencionar as violências e as violações de direitos que presenciamos, tomando o cuidado de não expor nenhuma das pessoas que participaram desta pesquisa.

Novamente, recorro às ideias de Viviane Mosé (2006, p. 19) que captura a essência do silêncio em suas palavras:

O silêncio não quer ser sozinho então ele fala.

Quem escreve ouve porque cala.

Quem escreve escava

O que o silêncio palavra.

Silêncio.

Inspirada por esses versos, caminho junto de Carlinha e da Constelação AHTO pela trilha pulsante das experiências desta pesquisa, que ainda vibram em mim. Essas experiências me afetam, deslocam, potencializam e me provocam a encontrar outras formas de ampliar as reflexões e as vozes das pessoas em situação de rua, coautores desta jornada. Nosso desafio é ultrapassar as palavras comuns e dar voz às coisas que são frequentemente silenciadas pela fala cotidiana, transformando essa escrita em um ato simultaneamente poderoso e delicado, capaz de impactar com cuidado e sensibilidade (GODOY, 2011).

Silêncio.

Observando com atenção, percebo que o que parece ordinário na vida, na verdade, revela-se extraordinário (BRUM, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESACOSTUMAR AS LÓGICAS

Todo tempo de incerteza é também um tempo aberto à criação, então esses momentos de esgotamento são os momentos privilegiados de instituição prática de novas ficções. Por isso, não devemos pensar noutra coisa, devemos pensar de outro modo.
(Val Flores, 2023)

Neste estudo, observamos as singularidades das experiências vividas pelas pessoas em situação de rua que cocriaram esta pesquisa conosco. Nosso objetivo foi mapear perspectivas plurais sobre/com essas pessoas, a partir do convite e da percepção de expressões criativas de seus cotidianos, e criar um repositório subjetivo e sensível sobre essa temática. Procuramos, assim, fazer uma síntese de nossas percepções e aprendizados, sustentados pelas trocas intersubjetivas.

Ao falar sobre relações de troca e a possibilidade de tecer com a realidade, nos inspiramos na ideia de dialogicidade proposta por Paulo Freire (2011). No contexto acadêmico, considerando que a pesquisa se revela uma poderosa ferramenta de reflexão e transformação, nos aliamos a Nêgo Bispo ao compreendermos que há “modos de vida fora da colonização” (SANTOS, 2023, p. 47). Movimentos nesse sentido buscam descolonizar o conhecimento e os modos de agir, reconhecendo que, por serem modos, podem ser transformados (SANTOS, 2023).

Em consonância com Freire e Nêgo Bispo, trazemos Grada Kilomba (2019), que reforça a importância de reconhecer as subjetividades (nossas e dos participantes desta pesquisa) e a emoção como elementos essenciais do discurso teórico. Afinal, a teoria é sempre elaborada por indivíduos situados em contextos específicos, que trazem suas vivências e emoções às análises.

Neste estudo, compreendemos a emoção como um componente fundamental da interlocução entre os campos da arte e da terapia ocupacional, fundamentando-nos nos pensamentos de Dewey (1980) e Kastrup (2010) e na noção de experiência estética, que se manifesta na vida cotidiana.

Segundo Dewey qualquer teoria estética deve tomar como base que a experiência estética é o desenvolvimento clarificado e intensificado da experiência em geral. Ela existe frente à arte, mas também emerge na vida cotidiana. Ela se define, entretanto, como uma experiência especial, que faz com que a vida não se apresente como uma corrente homogênea e uniforme de fatos banais. Ela surge entrecortada por experiências marcantes. [...] A experiência

estética se caracteriza ainda por surgir como a consumação de um movimento, a culminância de um processo (KASTRUP, 2010, p. 39).

Nesse contexto, ao mapear uma variedade de pontos de vista e experiências das pessoas em situação de rua, reconhecendo a complexidade e a diversidade de suas vidas, buscamos também fortalecer tanto a individualidade de cada participante quanto o sentimento de pertencimento ao coletivo (BARROS et al., 2013). Utilizando a prática cartográfica como metodologia, acompanhamos os processos vividos por essas pessoas em seus cotidianos (BARROS; KASTRUP, 2020), convidando-as a participar e expressar suas vivências de maneira criativa, posicionando-nos como mediadores (terminologia usual no campo das artes) ou interlocutores diante de expressões que podem revelar aspectos importantes de suas identidades e resistências.

Desenvolvendo-se através da interdisciplinaridade entre arte e terapia ocupacional, esta pesquisa procurou cultivar a interação, sustentada nas diferenças culturais, sociais e individuais em um contínuo processo de negociação e adaptação. Esse processo inclui diversas formas de entender e perceber a realidade. Quando essas diferentes maneiras de perceber o mundo dialogam entre si, criam-se múltiplas possibilidades de ação dentro do contexto social e cultural em que estão inseridas, propondo outras abordagens para compreender a história e as contradições do presente.

No cenário cultural contemporâneo, é evidente a persistência das influências coloniais no pensamento, muitas vezes promovidas pelas grandes potências através de uma visão imperialista. O modelo econômico dominante, com sua lógica fria de eficiência, ignora a história e a cultura locais, invisibilizando e subalternizando determinados grupos e pessoas, suprimindo assim, a condição delas como protagonistas de suas próprias vidas.

No entanto, paralelamente a esse fenômeno, observamos que movimentos contra hegemônicos buscam contestar e desafiar essa lógica, convidando-nos a outros modos de agir e as formas de ser e estar no mundo. A reconstrução das trajetórias de vida e a superação dos estereótipos e preconceitos, especialmente em relação às pessoas em situação de rua, contribuem para a percepção da complexidade dessas experiências. Este estudo considera a importância de entender essas histórias, revelando formas singulares para práticas sociais mais inclusivas e pautadas na realidade vivida por essas pessoas.

Desacostumar as lógicas

A escrita desta dissertação está intrinsecamente permeada de emoção e subjetividade, rompendo com o academicismo tradicional ao adotar uma linguagem mais pessoal e poética, que não apenas reflete nossa realidade e posicionamento, mas é, simultaneamente, uma expressão política e pessoal. Esse enfoque sublinha a necessidade de reconhecer a subjetividade e a emoção como componentes fundamentais do discurso teórico, desafiando as convenções da linguagem acadêmica e promovendo um discurso mais autêntico e expressivo.

Assim, a escrita se revela não apenas como um meio de registro, mas como uma poderosa ferramenta de descoberta e comunicação. Nessa jornada, os relatos e expressões dos participantes transcendem meras palavras ou imagens em suportes variados; eles são reflexos autênticos das experiências cotidianas, testemunhos vívidos dos desafios enfrentados e das estratégias adotadas para superá-los. Revelam as urgências de pessoas que vivenciam a precariedade da vida, exacerbada pela crise socioeconômica e cultural contemporânea. Em um contexto em que muitas pessoas em situação de rua já perderam a confiança em si mesmas, é crucial um trabalho efetivo e sistemático para reconstruir essa confiança.

No entanto, percebe-se através dos relatos que um ponto importante é a delicadeza requerida na abordagem das pessoas nas ruas. É essencial avaliar a disponibilidade dos indivíduos no momento do encontro, entender suas condições relativas a dependências e vícios, e cuidar do espaço que habitam para evitar invasões e outras formas de violência. É preciso um enfrentamento constante à violação dos direitos e a violência praticada e perpetrada contra seus corpos.

Diante da naturalização do estado de violência que vivemos atualmente nas sociedades dominadas pelo capital, é primordial reforçar a atenção junto a essas pessoas, que já possuem seus direitos constantemente violados. Nesta perspectiva, é necessário um exercício constante e esforço tanto dos agentes públicos ou instituições privadas, quanto da sociedade civil para superar a opressão impressa sobre essas pessoas.

Percebe-se, ainda, por meio das expressões apresentadas nos resultados uma rica pluralidade de sentimentos, modos de viver, interesses e relações com os territórios onde a pesquisa ocorreu. Esses aspectos são tão variados que seria inadequado generalizá-los ou usá-los como um único ponto de partida para propor ações de cuidado a essas pessoas.

As expressões das pessoas em situação de rua também revelam as contradições entre os grupos e seus territórios, fornecendo insights valiosos que podem orientar a

formulação de políticas públicas mais eficazes para essa população heterogênea, frequentemente negligenciada pelos setores públicos e sujeita a práticas de cuidado homogêneas.

A partir desse contexto, “pensar com”, “estar com”, “fazer junto”, “estar presente” buscando desalienar-se ao reconhecer a capacidade de cada um de refletir sobre sua realidade (GALVANI, 2015), pode ser um caminho significativo no cuidado com as pessoas em situação de rua. Isso inclui desenvolver projetos que continuamente priorizem suas necessidades e interesses. Porém, Galvani nos alerta que:

Este percurso reflexivo coloca-nos diante de um ponto nevrálgico no trabalho da terapia ocupacional [e da arte], sobretudo nos contextos de conflitos e de tensão sociais decorrentes da experiência de comunidades ou de grupos sociais que vivem constantes situações de desqualificação pessoal, social e/ou cultural, como é o caso da população em situação de rua. Quais são suas necessidades segundo sua própria formulação? Como definem suas prioridades? As respostas a tais questões são de base relacional, dinâmica e historicamente enraizadas na narratividade e na singularidade, não podendo ser concebidas a priori (GALVANI, 2015, p. 137).

As produções carregam consigo densas camadas de simbolismo, entrelaçadas historicamente ao cotidiano das pessoas em situação de rua. Por meio de seus trabalhos inventivos, atordoantes e críticos, transformam os acontecimentos em matéria pulsante. Suas criações não se limitam a apresentar fatos; elas abrem fendas, convidando a uma reflexão profunda.

As atividades cotidianas dessas pessoas criam, então, um registro simbólico ou cultural que é capaz de revelar aspectos importantes sobre a sociedade, a cultura e a experiência humana. Enfatizamos a importância dos encontros e da diversidade em contextos de interação humana, particularmente em atividades que envolvem pessoas em situação de rua. O envolvimento direto de pesquisadores com o território, a utilização de métodos transdisciplinares que atravessam diferentes áreas e meios de comunicação, bem como o compromisso com o engajamento público, são fundamentais para o desenvolvimento de práticas que desafiam as noções de verdades fixas e promovem a adaptação e a evolução contínua na busca por conhecimento.

Com Krenak (2020), acreditamos que defender a diversificação de epistemologias e práticas imaginativas têm o potencial de transformar o mundo, não apenas nos incentivando a criar um mundo paralelo, mas também possibilitando a manifestação de outras potências,

conforme sugere o autor. A interface entre arte e terapia ocupacional junto às pessoas em situação de rua une sua potência estética-narrativa a uma articulação comunitária, manifestando-se através da vivência e maturidade política, social e territorial. Diante desta perspectiva, a adoção de uma ecologia de práticas⁶² baseada no diálogo, na escuta e nos afetos têm o potencial de enfrentar a alienação enraizada no sistema capitalista global.

No que diz respeito a esta pesquisa, investimos na perspectiva de que toda criação é essencialmente um processo de transformação (OSTROWER, 1981), acreditando que empregar processos criativos e artísticos com pessoas em situação de vulnerabilidade pode transformar a realidade desses territórios. Isso ocorre através da relação, do afeto e do pertencimento que emergem das possibilidades de eventos relacionais, todos intrinsecamente ligados à qualidade do agir humano, criador por natureza (BOURRIAUD, 2009; MONSALÚ; ALICE, 2021).

De acordo com Quilici (2021), as propostas artísticas podem se adaptar às novas formas de subjetividade, transformando o cotidiano das pessoas através da criação de novos vínculos sociais baseados em considerações éticas e nas dimensões micro e macropolíticas. No contexto macropolítico, Rancière (2012) nos lembra da importância de criar espaços para o dissenso, onde as diferenças sejam não apenas aceitas, mas também ativamente envolvidas e integradas, garantindo que essas diferenças não sejam apagadas ou diluídas.

Os resultados desta pesquisa geram reflexões e inspiram a criação de novas condições de vida e encanto (SIMAS; RUFINO, 2021). Tanto a terapia ocupacional quanto a arte utilizam a criatividade como uma maneira de se expressar e se afirmar no mundo. A criatividade é vista como uma forma de lidar com a vida, de encontrar sentido e de se conectar com outras pessoas. Nesta trajetória, promovemos oficinas artísticas que deram mais importância ao processo criativo, às interações sociais e ao que emergiu dessas relações, sem focar apenas no produto final ou na obra criada. Investimos no caminho percorrido e nas conexões feitas durante as atividades.

Diante do exposto, almejamos o fortalecimento de uma rede que nos permita tecer cada vez mais conexões entre arte, terapia ocupacional, universidade, poder público e pessoas em situação de rua. Isso contribuirá para a melhoria da qualidade de vida e o empoderamento desses sujeitos, possibilitando o avanço na proteção dos direitos

⁶² Termo que a autora Isabelle Stengers (2013) usa para descrever modos maleáveis e inventivos de pesquisa.

frequentemente negligenciados dessas pessoas e o desenvolvimento de novas estratégias de enfrentamento e produção de vida.

Desejamos que essas ações sejam pautadas em uma perspectiva ao mesmo tempo sensível, crítica, ética, estética, política e cultural. Elas devem acolher e valorizar as diferentes formas e percepções de mundo de cada pessoa, oferecendo suporte técnico e afetivo para a realização de atividades, desvelando sonhos, afetos, desejos e forças, ao mesmo tempo que tocam nas violências, faltas, inseguranças e dores. Que essas ações priorizem a humanidade e se fundamentem na força dos encontros, sem anular as singularidades e mantendo a consciência da força do coletivo e da coletividade. Todos têm uma história e a trajetória de cada um merece ser reverenciada.

Para finalizar tomo emprestado **e customizo** um fragmento do texto de Suely Rolnik, apresentado no livro "Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetizada", p. 95:

[...] pelo fato de que tem se tornado cada vez mais difícil praticar o pensamento de uma perspectiva ético-estético política também nas ações no campo da arte [e da terapia ocupacional], muitos artistas [e terapeutas ocupacionais] têm se dedicado a práticas que fazem da problematização desse estado de coisas a matéria prima de sua obra. Tais práticas tendem a transbordar as fronteiras do campo da arte [e da terapia ocupacional] para habitar uma transterritorialidade onde se encontram e desencontram com práticas ativistas de toda espécie – feministas, ecológicas, antirracistas, indígenas, assim como os movimentos dos LGBTQI, **os que lutam pelo direito à moradia** e contra a gentrificação, entre outros. Nesses encontros e desencontros entre práticas distintas, produzem-se devires singulares de cada uma delas na direção da construção de um comum (ROLNIK, 2018, p. 95 + intervenções gráficas da pesquisadora).

POSFÁCIO: QUANDO É QUE A EXPERIÊNCIA ACABA?

*De onde vêm as histórias
elas não estão escondidas como tesouro na gruta de Aladim
ou num baú que permaneceu no fundo do mar.
Estão perto, ao alcance de sua mão... Abra os olhos e apure os
ouvidos. É só prestar atenção.
Ao pintor que, do alto da escada, com seu gorro de jornal, vai colorir as
paredes da casa. Ao padeiro que hoje se inspirou e fez pães com
forma de dragão e tartaruga (não passe indiferente pela vitrine).
Você testemunha grandes e pequenos episódios que estão
acontecendo a sua volta. Um dia será chamado a contar também.
Então verá que o tecido das vidas mais comuns é atravessado por um
fio dourado: esse fio é a história.
(BOSI, 2003, p. 51)*

Como será que esta história, ou melhor, esta dissertação, chega ao fim? Será que ela realmente tem um fim?

O término de uma história ou dissertação pode variar dependendo do conteúdo e do propósito do texto. Em muitos casos, uma história ou dissertação pode não ter um final definitivo, especialmente se estiver aberta a interpretações ou se deixar questões em aberto para a continuidade da reflexão do leitor.

O fim pode ser uma conclusão que resume os pontos principais discutidos ao longo do texto, ou pode ser uma sugestão de continuidade do tema para futuras considerações ou investigações. A decisão sobre como terminar esta história ou dissertação cabe a mim, pesquisadora e minha orientadora, mas também é influenciada por diversos fatores, como o estilo de escrita, o público-alvo, o objetivo do texto e o tempo disponível.

Agora, esta história chega ao fim. Não porque as questões se encerram, mas pela própria necessidade de contornos que a experiência acadêmica solicita. Encerramos esta dissertação com a esperança de que ela sirva como um convite para desacostumar das lógicas estabelecidas e transbordarmos.

Inspiradas pelo pensamento de Nêgo Bispo, já mencionado nesta dissertação, ousamos imaginar formas viáveis de compartilhar a experiência desta pesquisa. Estes compartilhamentos, neste momento, servem como inspiração e ação continuada de uma investigação que ainda pulsa em nós. Atendendo ao convite de Bosi (2023) na epígrafe, “não passe indiferente” por esse tópico, pois ele pode ser bastante inspirador. Em especial, recomendamos o material “Livreto”, que está disponível para acesso livre.

Projetos de extensão/2023-2024

Figura 42 – Capa do Projeto de Extensão.



Fonte: criação da pesquisadora e Mazzon Gil, 2023.

Com o crescente reconhecimento da necessidade de um diálogo mais aberto entre a produção acadêmica e a sociedade, observa-se uma tendência na academia em direção a projetos de pesquisa interdisciplinares que priorizam o envolvimento do público em suas estratégias de difusão. Além disso, há uma valorização crescente do engajamento público nas humanidades como uma contribuição valiosa ao cenário acadêmico.

Projetos com essas características são embasados em discussões críticas, que ressaltam a necessidade de diversificar as fontes de conhecimento e transcender a predominância do pensamento ocidental. Eles buscam integrar diferentes perspectivas e epistemologias, com o objetivo de inspirar e refletir sobre a importância de uma compreensão mais ampla e inclusiva do conhecimento e da ética em um contexto global contemporâneo.

Assim, considerando que as proposições artísticas desta pesquisa desempenham um papel ativo na construção de significados e na reflexão sobre a realidade, tornando-se também uma ferramenta educativa e transformadora para a sociedade, sentimos o impulso

de elaborar um projeto de extensão que pudesse organizar e divulgar a produção de dados da pesquisa, composta tanto pelas reflexões da pesquisadora quanto pelas expressões dos participantes, reconhecendo a importância igualitária de ambos os elementos para o enriquecimento do estudo e para o diálogo com a comunidade.

Das zonas de silêncio à visibilidade ruidosa, nossas ativações desdobram-se em plataformas criativas, borrando as fronteiras entre arte e ciência. De acordo com a curadora Solange Farkas, ações dessa natureza reafirmam as ideias de resistência, alteridade e dissenso, em sua capacidade transformadora, opondo-se ao esmagamento progressivo de nossos horizontes. Oferecem sua contribuição para a distensão dos nossos horizontes e para o alargamento, ainda que por um instante, de nossas perspectivas de futuro (FARKAS, 2019, p. 7).

O grupo, composto pela pesquisadora, pela orientadora, discentes dos cursos de graduação em Terapia Ocupacional e Imagem e Som da UFSCar, e dois voluntários - um estudante do curso de Sistemas de Informação da USP e um designer gráfico - tem se dedicado, desde meados de 2023, à criação dos seguintes materiais:

a) **Catálogo** utilizando metadados das produções imagéticas da pesquisa. Esse trabalho visa organizar, sistematizar e divulgar todo o material e acervo criado. Esses materiais se apresentam como elementos destinados a oferecer aos participantes do processo, bem como a organizações, serviços e parceiros setoriais, uma maneira organizada e acessível de explorar o conteúdo produzido. Além disso, buscam ampliar as possibilidades de acesso ao acervo, incluindo a sociedade em geral.

b) **Livreto** em tamanho A6 (148x105mm), que contém uma breve apresentação da pesquisa de mestrado e do projeto de extensão, além de apresentar as proposições realizadas e algumas reflexões.

Este material está finalizado e acessível através de compartilhamento por link⁶³. Atualmente, o grupo está buscando alternativas para imprimir e distribuir este material em larga escala à sociedade, especialmente às pessoas em situação de rua e aos serviços que as atendem no município de São Carlos.

Acreditamos que ao oferecer este material como uma forma de atividade cultural, é possível criar uma perspectiva de alcance para a arte não apenas como um objeto de contemplação, mas como um agente capaz de multiplicar e catalisar reflexões e conexões dentro de um processo de conscientização e identificação cultural (VERGARA, 2018). Essa

⁶³ Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Vi4mHuhhOIFv4QNx6_f--qWuFwa0EtBg/view

abordagem pode ter um impacto significativo na forma como as pessoas se relacionam com sua própria cultura e sociedade (DEWEY, 2010).

Figura 43 – Visualização de algumas páginas do livreto.



Fonte: Montagem feita pelo designer, 2024.

c) **Catálogo Digital/E-BOOK** composto de um arquivo acessível e abrangente, que reunirá além das obras produzidas, reflexões críticas e análises relevantes geradas ao longo da pesquisa, proporcionando aos interessados uma imersão profunda no universo da pesquisa, estimulando a reflexão e o debate sobre questões pertinentes.

Embora o livreto e o catálogo possam ser disponibilizados por meio de compartilhamento de dados de forma digital, há a intenção de fazer a impressão de ao menos uma tiragem baixa para que o laboratório AHTO, a UFSCar e os serviços parceiros tenham este conteúdo em mãos.

d) **Exposição Virtual**⁶⁴ criada em um espaço dinâmico e interativo, projetado para conectar a pesquisa acadêmica com a sociedade de forma acessível e envolvente. Além de servir como uma exposição virtual, o site apresentará o catálogo digital e poderá oferecer recursos adicionais, como entrevistas com a pesquisadora, a orientadora ou os estudantes auxiliares de pesquisa, vídeos explicativos e artigos relacionados.

⁶⁴ Domínio do site: www.in-visibilidades.com

Nas imagens a seguir (figuras 45-46), pode-se ver dois *mockups*⁶⁵ com a disposição dos elementos na página, incluindo cabeçalho com o título de uma das atividades da pesquisa "O Verbo Precisa de Ar", o menu de navegação, as seções de conteúdo, os botões de rolagem e outros elementos interativos. As áreas destacadas em verde indicam os pontos de interação ou funcionamento específico, proporcionando orientação ao programador durante o desenvolvimento do site.

Figura 44- Mockup da tela principal.



Fonte: Registro feito pelo designer do projeto, Carlos Gil.

⁶⁵ *Mockups* são representações visuais da interface e de seus elementos, sem nenhuma função de navegação, servindo de referência para o programador durante a criação do site, garantindo consistência no layout e funcionamento dos elementos conforme planejado.

Figura 45 - Representação visual da interface e elementos da página “o verbo precisa de ar”



Fonte: registro feito pelo designer do projeto, Carlos Gil.

Além dos projetos de extensão que pulsam às continuidades desejantes, outros produtos acadêmicos, artísticos e culturais serão gestados para dar vazão à potência do vivido, criado, sistematizado, refletido e por fim, compartilhado.

REFERÊNCIAS

ABIB, L. T. **Crônicas urbanas**: Consultório na rua, população em situação de rua, clínica menor e outras histórias. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

ABREU, Caio Fernando. **O ovo apunhalado**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGNOLI, M. D. **Modos de vidas e o cotidiano da população em situação de rua de São Carlos** – SP. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos. Orientadora: Carla Regina Silva.

ALF, Johnny. **Eu e a brisa**. 1976. Disponível em: <http://qualdelas.com.br/eu-e-a-brisa-2/>. Acesso em: 22 set. 2023.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 131-149.

ANONIMATO, Ato-espetáculo musical de rua da Cia. Mungunzá de Teatro. [anonimATO: São Paulo, 2022]. Direção: Rogério Tarifa.

ARAÚJO, L. F. S. de. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 15, n. 3, p. 53-61, 2013.

ARGILES, M. S. **População adulta em situação de rua**: Da invisibilidade social ao direito a ter direitos. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

ASTH M. Ingredientes do Banquete. In: MONSALÚ, F.; ALICE, T. (Orgs.). **Arte Relacional no Brasil**: o que se faz, o que se come. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021. p. 31.

AVILA, M. A. Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos? **Politize!**, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade-voce-conhece-esses-conceitos/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

BAJOUR, C. A voz nasce do silêncio. **Emília**, 2018. Disponível em: < <https://emilia.org.br/a-voz-nasce-do-silencio-2/> >. Acesso em: 10 out. 2023.

_____. **Cartografia dos encontros**: literatura, silêncio e mediação. São Paulo: selo Emília, 2023.

BAJOUR, C. et al. Silenciografías: marcas de lo no dicho en lecturas, textos y mediaciones. **Revista Entreletras**, Araguaína, v. 10, n. 2, p. 17-23, 2019. Jul/Dez. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/issue/view/360>. Acesso em: 10 out. 2023.

BANDEIRA, M. O bicho. In: _____. **Belo Belo**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1948.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARROS, D. D.; ALMEIDA, M. C.; VECCHIA, T. C. Terapia Ocupacional Social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v.18, n. 3, p. 128-134, 2007.

BARROS, D. D.; et al. Cultura, economia, política e saber como espaços de significação na terapia ocupacional social: reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 583-594, 2013.

BARROS, D. D.; GALVANI, D. Terapia Ocupacional – Social, Cultura? Diversa e Múltipla! In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: EDUFSCar, 2016. p. 83-116.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 52-75.

BARROS, M. de. Retrato do artista quando coisa. In: _____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 172-200.

BISHOP, Claire. A virada social: colaboração e seus desgostos. **Revista Concinnitas**, [S. l.], v. 1, n. 12, p. 144-155, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/22825>. Acesso em: 10 maio. 2024.

BORGES, J. L. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BORRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOSI, E. **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOURGEOIS L. **An Unfolding Portrait**. Exhibited: September 24, 2017 – January 28, 2018, New York. Louise Bourgeois: An Unfolding Portrait. New York: The Museum of Modern Art.

BRANCO, A. C.; TIERNO, G. Apresentação. In: A Casa Tombada (Org.). **Abrigar a Im permanência**: chão e telhado para o estudo e a pesquisa. São Parulo, Diálogos embalados, 2023. p. 21-24.

BRASIL, Presidência da República. **Lei Orgânica da Assistência Social**, Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, publicada no DOU de 8 de dezembro de 1993.

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Art. I. Parágrafo único. **Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. SUAS e População em Situação de Rua. **Perguntas e Respostas**: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), Brasília, DF, v. II, 2011. 50p.

BRITO, T. F. S. Do enfeite à festa: o uso do bordado como narrativa, ação e engajamento em duas festas tradicionais brasileiras. **Etnográfica** [Online], vol. 26, nº 1, 2022. Publicado online em 25 de fevereiro de 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/11564>. Acesso em: 10 de março de 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.11564>.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CALVINO, I. **Seis proposta para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

----- **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAMNITZER, L. **Reflexiones sobre Pedagogía**: Memorias, Seminario Taller Nuevas Tendencias em la Enseñanza del Arte. Santiago de Cali: Instituto Departamental de Bellas Artes, 1995.

CAMPOS, M. A. R. **Sob o céu da cidade**: Representações sociais da população em situação de rua no município de Araguari. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

CAMPOS, R. B. C. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. **Análise Social**, Lisboa, v. XLVI (2º), n. 199, p. 237-259, 2011. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1317831186G5cUQ8iz4Gt87C19.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CARDOSO, P. T. **(R)existências afirmadas em terapia ocupacional: vestígios e fabulações**. 2023. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17455>.

CARERI, F. **Walkscapes, O andar como prática estética**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

----- **Caminhar e parar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017.

CASTRO, E. D.; SILVA, D. M. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2002.

CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CICERO, A. **Guardar**: Poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996. p. 337

COELHO, B. P. M. Epistemologia e pesquisa acadêmica em ciências sociais: entrelaçamentos e possibilidades. In: COELHO, B. P. M.; LEITE, M. C. L. (Org.). **Por uma epistemologia relacional e das inquietações**. Autobiografia, 2022. p. 12-30

COSTA, B. C. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, ed. 15, p. 10-35, 2020.

----- Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>. Acesso em: 10 out. 2022.

COSTA, L. A. A Terapia Ocupacional no contexto de expansão do sistema de proteção social. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). **Terapia Ocupacional Social**: desenhos teóricos e contornos práticos. São Carlos: EDUFSCar, 2016. p. 135-153.

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. **Metodologia da pesquisa**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: Dos Autores, 2019.

DA SILVA, T. L. da. População em situação de rua e a linguagem dos direitos: reflexões sobre um campo de disputas políticas, definições de sentidos e práticas de intervenção. In: **Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Natal, 2014.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

----- O que é um dispositivo? In: ----- **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vega, 1996. p.83-96.

----- A Imanência: uma vida... **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.
Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/31079>.
Acesso em: 20 nov. 2023.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1.

----- **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1996. v. 3.

----- **O que é a filosofia?** São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2010.

DERDYK, E. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. 2ª. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

DEWEY, J. **Democracia e Educação**. Introdução à Filosofia da Educação. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

----- **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2010.

DUFRENNE, M. **Estética e Filosofia**. Tradução Roberto Figurelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

ECO, U. **Seis passos pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FÉLIX-SILVA, A. V.; SALES, R. C. M.; SOARES, G. P. Modos de viver e fazer arte de pessoas em situação de rua. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.21, n. 1, p. 46-57, 2016.

FERIGATO, S. H. **Cartografia dos centros de convivência de Campinas: produzindo redes de encontros**. 2013. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/906645>. Acesso em: 16 abr. 2024.

FERREIRA, G. Em meio aos sentidos da arte. In: SARI, M.; MARX, D. (Org.). **Meio**. 1ª. ed. Porto Alegre: Ed. Panorama Critico, 2010. p. 5-6.

FLORES, V. Escrever contra si mesma: uma microtecnologia de subjetivação política. **Feminismos Sul-Sur**, 2023. Disponível em: <http://feminismossulsur.n-ledicoes.org/escrever-contrasi-mesma/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

----- **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

----- **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

----- **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FLUSSER, V. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

----- Narrativas contemporâneas: significado, diversidade e contexto. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 8-12, 2009.

----- Perspectiva crítica y compleja de terapia ocupacional: actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético-político. **TOG (A Coruña)** [revista em Internet]. 2012. pp. 176-187. Disponível em: <http://www.revistatog.com/mono/num5/compromiso.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

----- Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: EDUFSCar, 2016. p. 49-68.

----- Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 5-25, 2020.

GALVANI, D. **Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: Itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades**. 2009. 261 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

----- **Circuitos e práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo**. 2015. 199 f. Tese (Doutorado em Ciências da Reabilitação) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GALVANI, D.; *et al.* Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 859-868, 2016.

GIL, C. R.; GONÇALVES, E. A. Fotografar e apagar: deslocamentos de uma artista, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. **Anais [...]** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2607-2619.

GODOY, A. Uma escrita para um combate incerto. In: AMORIM, A. C.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (Orgs.). **CONeXões: Deleuze e vida e fabulação e...** Petrópolis: De Petrus; CNPQ; Campinas: ALB, 2011.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GRAVATÁ, A. **O jogo de ler o mundo**. São Paulo: SM Paradidático, 2020.

GREINER, C. O mistério do conhecimento, os segredos do corpo. In: **Primeiros Ensaio**s: publicação educativa da 34ª. Bienal de São Paulo, São Paulo: Bienal de São Paulo, 2020. p. 131-136.

GUIMARÃES, M. O fio como paisagem na mediação casa, corpo e obra. In: Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, **ANPAP**, 26, 2017, Campinas: [s.i.], 2017, v. 1, pp. 1-11.

HAN, B.-C. **A crise da narração**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

HISSA, C. E. V.; NOGUEIRA, M. L. M. Cidade-corpo. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 54-77, 2013.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INFORSAT, E. A.; *et al.* Arte, saúde e cultura na formação em Terapia Ocupacional: atividades, corpo e produção de subjetividade na experiência do PACTO. In: SILVA, C. R. (Org.). **Atividades Humanas & Terapia Ocupacional**: saber-fazer, cultura, política e outras resistências. 1a ed. São Paulo: HUCITEC; São Carlos (SP): AHTO Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, 2019. p. 131-156.

INGOLD. T. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

----- . Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação – Revista Quadrimestral**. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21690/15179>. Acesso em: 18 abr. 2024.

----- . **Fazer**: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

JACQUES, P. B. Prefácio. In: CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 1. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

KASTRUP. V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/NTNFsBzXts5GHp4Zk8sBbyF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

-----. Experiência Estética Para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, jul./dez. 2010.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 76-91.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIRST, P. G.; Redes do Olhar. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto alegre: editora da UFRGS, 2003. p. 43-52.

KIRST, P. G.; GIACOMEL, A. E.; COSTA, L. A.; ANDREOLI, G.S. Conhecimentos e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G. (Org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto alegre: editora da UFRGS, 2003. p. 91-101.

KRENAK, A. O mapa não é o território: o redesenho da fronteira. [Entrevista concedida a] Gabriel Kozłowski, Laura G. Fierro, Marcelo M. Rosa, Sol Camacho. In: **Muros de Ar: Pavilhão do Brasil**, São Paulo: Bienal de São Paulo, 2018. p. 174-177.

-----. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LACERDA, M. P. Traços do cotidiano, essa vida de “Pouco Caso”. **Momento: Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 118-142, 2017. DOI: 10.14295/momento.v26i1.5640. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/5640>. Acesso em: 23 fev. 2024.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LARROSA, J. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

-----. Prólogo: uma experiência sensível com a língua. In: SKLIAR, C. **Experiências com a palavra: notas sobre linguagem e diferença**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

-----. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª ed. 5ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LIBERMAN, F.; MAXIMINO, V. (Org.). Planos grupais e experiência estética: friccionando ideias, emoções e conceitos. In: -----. **Grupos e Terapia Ocupacional, formação, pesquisas e ações**. São Paulo: Summus, 2015. p. 115-127.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. de A.; MAXIMINO, V. S.; CARVALHO, Y. M. Práticas corporais e artísticas, aprendizagem inventiva e cuidado de si. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 118-126, maio-ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2163>.

LIBERMAN, F.; DOMINGUES, A. R.; POZZANA DE BARROS, L. “Eu não quero mais pensar a não ser com o meu corpo”: práticas para aterrar e cultivar presença(s). **Educação em Foco**, [S. l.], v. 25, n. 47, 2022. DOI: 10.36704/eef.v25i47.6891. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/6891>. Acesso em: 28 set. 2023.

LIMA, E. M. F. A. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 64-71, 2003.

----- A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 42-48, 2004. DOI: 10.11606/issn.2238-6149.v15i2p42-48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13938>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

----- **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

----- **Água viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

----- **As palavras:** Nada têm a ver com as sensações, palavras são pedras duras e sensações delicadíssimas, fugazes, extremas. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

MACHADO, Ricardo William Guimarães. População LGBTQI+ em situação de rua: assistência social em debate. **Gênero**, Niterói, v. 22, n. 2, p. 29-51, 1. sem. 2022.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v. 2, n. 16, p. 47-58, 2004.

MATTOS, R. M. **Situação de rua e modernidade:** A saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

MAYO, N. E.; BELTRÁN, E. Conflito, coletividade, imaginação, transformação. In: MAYO, N. E.; BELTRÁN, E. (Orgs.). **Guia 31ª. Bienal de São Paulo:** como (...) coisas que não existem. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014. s/p.

MEIRA, M. R. Educação Estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, A. D. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001. P. 119-140.

----- **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MENDES, K. T.; RONZANI, T. M.; PAIVA, F. S. População em Situação de Rua, Vulnerabilidades e Drogas. **Psicologia & Sociedade**, v. 31. Disponível em: <https://www.redalyc.org/revista.oa?id=3093>. Acesso em: 11 jul. 2021.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: (Org); DESLANDES S. F.; GOMES R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. cap. 3.

----- O desafio da pesquisa social. In: (Org); DESLANDES S. F.; GOMES R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. cap. 1.

MIRANDA, D. S. Apresentação. In: MAYO, N. E.; BELTRÁN, E. (Orgs.). **Guia 31^ª. Bienal de São Paulo**: como (...) coisas que não existem. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2014. s/p.

----- Reescrituras da subjetividade. In: Moura, S. (Org.). **Panoramas do Sul: Leituras**: Perspectivas para outras geografias do pensamento. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Associação Cultural Vídeo Brasil, 2015.

MONSALÚ, F.; ALICE, T. Uma cortesia da casa! In: ----- **Arte Relacional no Brasil**: o que se faz, o que se come. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021. p. 37-40.

MONTEIRO, A. R.; VERAS, A. T. de R. A questão habitacional no Brasil. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, e16015, 2017. <https://doi.org/10.4215/RM2017.E16015>. Acesso em 07 abr. 2023.

MORAES, A. Política como prática de experimentação. **Nossa Voz**, ano LXXII, n. 1020, 2019. Disponível em: <http://www.casadopovo.org.br>. Acesso em: 26 fev. 2024. p. 2-6.

MORÁN, J. P.; ULLOA, F. Perspectiva crítica desde latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporânea. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 421-427, 2016.

MOURA, F. J. C.; OLIVEIRA, L. A cartografia como método de pesquisa filosófica. **Revista Lampejo**. Fortaleza, v. 9, nº. 1, p. 142-162, 2020.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MOSÉ, V. **Sobre a arte de lidar com as palavras**. [Vídeo]. 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XbwYWruSo3o>. Acesso em 18 mar. 2023.

----- **Toda Palavra**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MOTA, F. L. Textos Informes: Emigração Universitária. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 19, p. 7-14, 1977. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i19p7-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69961>. Acesso em: 29 nov. 2022.

Ocupacionar_te. (2021). **Vulnerabilidades Cotidianas**. [Post no Instagram]. Recuperado de <https://www.instagram.com/p/CNdOgwVJegy/>

OLIVEIRA, L. M. F. **Circulação e fixação**: O dispositivo de gerenciamento dos moradores de rua em São Carlos e a emergência de uma população. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela resolução 217A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: < <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos> >. Acesso em: 06 dez. 2023.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

OSTROWER, F. **A Arte como Processo na Educação**, FUNARTE, Rio de Janeiro, 1981.

----- Por que criar? In: **Fazendo artes**. FUNARTE, 1983, nº. zero.

----- **A sensibilidade do intelecto**: visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

----- **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

----- Arte e artistas. In: FARIA, H.; GARCIA, P. (Orgs.). **O reencantamento do mundo**: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo: Pólis, 2002.

PAIS, J. M. Cotidiano e Reflexividade. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 23-46, 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 06 jan. 2024.

PALLASMAA J. **Os olhos da pele**: A arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

----- **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Apresentação. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 7-16.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016. 2v.

PAULON, S. M.; ROMAGNOL R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, p. 85-102, 2010.

PAZ, O. A imagem. In: **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 134.

PEGORARO, A. C. et al. **O cuidado à população em situação de rua do município de São Carlos em contexto pandêmico**. In: VIII Semana da Saúde do Campus Realengo, 2020, Rio de Janeiro. Anais da VIII Semana da Saúde do Campus Realengo, 2020.

----- **Projeto vozes das ruas**: Cader-Ninhos volumes 1 e 2. São Carlos: UFSCar/CPOI, 2021.

PETIT, M. **El arte de preservar un espacio poético**: Sempé. Jardín LAC. Lectura, arte y conversación en (y para) el espacio público. 2023. Disponível em: <<https://www.jardinlac.org/post/el-arte-de-preservar-un-espacio-po%C3%A9tico-semp%C3%A9>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – PNAS, aprovada pelo Conselho Nacional de Assistência Social por intermédio da Resolução nº 145, de 15 de outubro de 2004, e publicada no Diário Oficial da União – DOU do dia 28 de outubro de 2004.

PRADO, A. **Adélia Prado no Sempre um Papo** – 2008. [s. l.], 2008. 1 vídeo (40 min). Canal Sempre um Papo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sisSITXY6bM>. Acesso em: 05 mai. 2023. Canal Sempre um Papo.

PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade**: sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

QUARENTEI, M. Atividades: territórios para expressão e criação de afectos. **Boletim de Psiquiatria**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 26-27, 1994.

----- Terapia ocupacional e Produção de Vida. In: VIII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. **Anais [...]**. Porto Alegre: Abrato, 2001.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina (Análisis). In: **Ecuador Debate**. Descentralización: entre lo global y lo local, Quito: CAAP, n. 44, 1998, pp. 227-238. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/6042>. Acesso em: 14 jan. 2024.

----- . Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO – Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, 2005. p. 117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.

QUILICI, C. A presença receptiva do artista relacional: proposições para o cultivo de uma sensibilidade. In: MONSALÚ, F.; ALICE, T. (Orgs.). **Arte Relacional no Brasil: o que se faz, o que se come**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021. p. 25.

----- .Arte Relacional em tempos difíceis: crítica e proposições em construção A presença receptiva do artista relacional: proposições para o cultivo de uma sensibilidade. In: MONSALÚ, F.; ALICE, T. (Orgs.). **Arte Relacional no Brasil: o que se faz, o que se come**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2021. p. 43-58.

QUINTANA, M. **A cor do invisível**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1989.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009.

----- . **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RazãoInadequada. (2023). "**Quais retalhos-verdade estão costurados em nossos corpos?**". [Post no Instagram]. Recuperado de https://www.instagram.com/p/Cwm7H8lpbP6/?img_index=1

REIS, M. S. **Centro de referência especializado para população em situação de rua (Centro POP): uma análise a partir da perspectiva do usuário**. 2014. 171 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESENDE, O. L. **Vista cansada**. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 fev. 1992. Acervo: Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/autores/5895/otto-lara-resende>. Acesso em 21 dez. 2023.

RIBEIRO, F. C. et al. Vozes das ruas: narrativas e memórias da população em situação de rua de São Carlos. In: VIII Semana da Saúde do Campus Realengo, 2020, Rio de Janeiro. **Anais da VIII Semana da Saúde do Campus Realengo**, 2020.

RICHTER, I. Z.; OLIVEIRA, A. M. Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em Artes Visuais. **Revista Paralelo 31**, v. 8, 2017.

RILKE, R. M. **Cartas do poeta sobre a vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROLNIK S. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**. In: Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC. São Paulo, 1987. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>.

----- **Cartografia sentimental**: Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulinas, Editora da UFRGS, 2016.

----- **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 Editora, 2018.

----- **Pensamento, Corpo e Devir: Uma perspectiva Ético/Estético/Política no Trabalho Acadêmico. Cadernos de Subjetividade**, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, 1993. v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. DOI: <https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>. Acesso em: 02 mai. 2023.

ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

RUFFATO, L. **Eles eram muitos cavalos**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

SALLES, C. A. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Intermeios, 2011.

SALOMÃO, W. Carta Aberta A John Ashbery. In: SALOMÃO, W. (Org.). **Algaravias**. São Paulo: Editora 34, 1996.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SARMENTO, I. V. M. **Ineficácia das políticas públicas destinadas à População em Situação de Rua**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006.

SENNETT, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SHIRAMIZO, C. da S. **Corpo e formação: uma pesquisa encarnada em terapia ocupacional**. 2023. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18339>.

SILVA, C. R. Oficinas. In: PARK, M. B.; FERNANDES, R. S.; CARNICEL, A. (Orgs). **Palavras-chave em educação não-formal**. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp; CMU, 2007. p. 213-214.

----- . As atividades como recurso para a pesquisa. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 461-470, 2013.

SILVA, C. R.; CARDINALLI, I; SILVESTRINI, M. S. Arte e Cultura: Produzindo Deslocamentos Sensíveis. In: SILVA, C. R. (Org.). **Direitos Humanos para a Diversidade: construindo espaços de arte, cultura e educação**. São Carlos: São Jorge, 2014. p. 29-35.

SILVA, C. R.; SILVESTRINI, M. S.; AVELAR, M.; OLIVEIRA, D. H. Um Corre inusitado: arte, cultura e a população em situação de rua. **EXPRESSA EXTENSÃO**, v. 20, p. 72-79, 2015.

SILVA, C. R. et al. Memória viva: histórias de vida de população em situação de rua como patrimônio da Humanidade. In: **XVI Sudeste PET**, 2016, São Carlos. In: XVI SUDESTE PET: DA SALA DE AULA À FORMAÇÃO. São Carlos: USP, 2016. v. 1. p. 55-58.

SILVA, C. R. et al. Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 26, n. 2, p. 489-500, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1128>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SILVA, C. R. et al. Proposições da Terapia Ocupacional na Cultura: processos sensíveis e demandas sociais. In: SILVA, C. R. (Org.). **Atividades Humanas & Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1ª ed. São Paulo: HUCITEC; São Carlos (SP): AHTO Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, 2019. p. 235-261.

SILVA, C. R.; PINHO, R. J. **RUA: Aprender a contar**. São Carlos: UFSCar/CPOI, 2022. 47 p. (Relatório Síntese do I Censo da População de em Situação de Rua de São Carlos 2019). Disponível em: <https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/cpoi/rua-aprender-a-contar.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SILVA, C. R.; SHIRAMIZO, C. S. Experiências com a população em situação de rua: a extensão universitária como aprendizagem dialógica e compromisso. In: CORDEIRO, L.; ALMEIDA, D. E. R. G. (Org.). **A Extensão Universitária em Terapia Ocupacional: participação, transformação social e integração com ensino e pesquisa**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2022. p. 165-181.

SILVA, M. L. L. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. 2006. 220 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, W. N.; HÜNING, S. M. De morador de rua a criminoso. **Athenea Digital**, Barcelona, v.15, n. 2, p. 141-165, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1479>. Acesso em: 24 jul. 2021.

SILVESTRINI, M. S.; SILVA, C. R.; ALMEIDA PRADO, A. C. S. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 4, p. 929-940, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMIONI, A. P. C. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. In: **Proa – Revista de Antropologia e Arte** [on-line], ano 2, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/anasimioni.html>. Acesso em: 14 mar. 2024.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

----- **No tienen prisa las palabras**. Barcelona: Editorial Candaya, 2012.

SNOW, D.; ANDERSON, L. **Desafortunados**: um estudo sobre o povo da rua. Tradução de Sandra Vasconcelos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STUBS, R. **Devires de um corpo-experiência**. Curitiba: Appris, 2019.

TRINDADE, R. Foucault: filósofo costureiro. **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2023/04/10/foucault-filosofo-costureiro/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

----- Deleuze: o que é arte? **Razão Inadequada**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2017/12/13/deleuze-o-que-e-arte/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

VALÉRY, P. Poesia e pensamento abstrato. In: BARBOSA, J. A. (Org.). **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 205-206.

VARDA, A. **As Praias de Agnès** (*Les plages d'Agnès*). França, 2008. Documentário.

VIEIRA, M. A. da C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. 3a ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

VERGARA, L. G. Curadoria educativa: percepção imaginativa/consciência do olhar. In: CERVETTO, R.; LÓPEZ, M. A. (Orgs.). **Agite antes de usar**. Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 39-45.

VILLA, M. Uma ponte não é uma ponte até que alguém a atravesse. Reflexões sobre a arte contemporânea e diálogos significativos. In: CERVETTO, R.; LÓPEZ, M. A. (Orgs.). **Agite antes de usar**. Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 110-122.

WEIL, S. **O Enraizamento**. Belo Horizonte. Âyné, 2022.

WELLER, W.; BASSALO, L. M. B. Imagens: documentos de visões de mundo. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 284-314, 2011.

Sites:

CORADESQUI, G. Seis ensaios curtos. **Teatro do Concreto**, s/d. Disponível em: <
<https://www.teatrodoconcreto.com.br/>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

APÊNDICE A – CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES NO CAMPO

LEGENDA			
Segunda-feira	Manhã	Tarde	Noite
Terça-feira	Manhã	Tarde	Noite
Quarta-feira	Manhã	Tarde	Noite
Quinta-feira	Manhã	Tarde	Noite
Sexta-feira	Manhã	Tarde	Noite
Sábado	Manhã	Tarde	Noite
Domingo	Manhã	Tarde	Noite
Casa de passagem		Rua Rotary Clube, nº 10 - Vila Marina	
Centro POP		R. São Joaquim, 818 - Vila Monteiro	
Territórios		Rodoviária	Praças: cemitério / catedral / Mercado

	QUANDO	HORÁRIO	ONDE	ATIVIDADE
	A ser definido	A ser definido	Remoto	Reunião: 1. compartilhamento do desenho do campo 2. organização dos horários 3. divisão das tarefas 4. dúvidas
	07/11 (segunda-feira)	8h-12h (Atividade das 8h30 às 12h)	Centro POP	Poemas de uma linha só (mapear as visões e os sentidos das ruas para a população em situação de rua)
		14h-18h	Casa de passagem	
	11/11 (sexta-feira)	8h-12h (Atividade das 8h30 às 12h)	Casa de passagem	Lembretes para esquecimentos futuros (mapear vivências da população em situação de rua: o que eu quero lembrar? O que eu quero esquecer? O que escuto dos meus pares e/ou das pessoas que não estão em situação de rua)

		14h-17h	Centro POP Praça próx. Pop	e como eu me sinto?)
	16/11 (quarta- feira)	18h-21h	Casa de passagem	Do que é feito o encontro? (mapear quais são as marcas, rastros, texturas que nascem do encontro entre a pessoa em situação de rua com seus pares e a cidade)
	17/11 (quinta- feira)	8h-11h30	Centro POP	
	21/11 (segunda- feira)	18h-22h	Casa de passagem	O sensível nos toca e às vezes silenciar transborda (mapear quais são as marcas sensíveis registradas nos corpos da população em situação de rua deixadas pela invisibilidade. Quando eu sou invisibilizado?)
	25/11 (sexta- feira)	8h-12h	Centro POP	Não é todo dia que a gente pode - aqui é proibido não tocar, não cheirar, não escutar e não sentir (mapear quais são as proibições vivenciadas por um corpo em situação de rua. Quando eu sou censurado?)
	26/11 (sábado)	14h-18h	Casa de passagem	O verbo precisa de ar (mapear quais são os desejos e as reivindicações das pessoas em situação de rua. O que eu gostaria de pedir? O que eu poderia propor?)
			Rodoviária	
	28/11 (segunda- feira) Jogo às 13h	8h-12h	Centro POP	A linha que se borda sonhos é a mesma que costura a vida (mapear os sonhos das pessoas em situação de rua)
	02/12	8h-12h	Casa de	Toda palavra é mantra. (mapear quais são os ritos diários para a

	(sexta-feira)		passagem	sobrevivência na rua. De que são feitos os dias?)
		14h-18h	Cemitério	
	05/12 (segunda-feira)	8h-12h	Casa de passagem	Caminhada 1 Os detalhes fazem (p)arte
		14h-18h	A definir	
0	07/12 (quarta-feira)	18h-21	Casa de passagem	Caminhada 2 Atentar-se as intenções dos pequenos gestos
1	09/12 (sexta-feira)	8h-12h	Centro POP	Caminhada 3 Mapear o que nos acende por dentro
		14h-18h	A definir	
2	12/12 (segunda-feira)	8h-12h	Centro POP	Caminhada 4 A cidade que atravesso é a mesma que me atravessa

APÊNDICE B – CHAMAMENTO PARA PARTICIPAÇÃO COMO AUXILIAR DE PESQUISA

Convidamos estudantes do curso de Terapia Ocupacional para participar como auxiliar de pesquisa durante a produção de dados da pesquisa de mestrado “A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível”, que será realizada entre 31/10 e 12/12/2022, em São Carlos.

Nesta etapa da pesquisa serão propostos 12 encontros para a realização de 8 Oficinas/intervenções artísticas + 4 caminhadas pelo território. Sua participação será muito importante, especialmente, no apoio com os registros visuais e textuais.

Local: os encontros acontecerão na “Casa de Passagem” e “Centro POP”, instituições que atendem a população em situação de rua, e em espaços da cidade que haja a concentração desse grupo populacional.

Horário: para que possamos ter contato com diversos perfis dessa população, as atividades acontecerão em diferentes horários, de forma escalonada, no decorrer da pesquisa:

Segundas-feiras: manhã / tarde / noite

Quintas-feiras: manhã / tarde / noite

Na semana que houver jogo do Brasil (Copa do Mundo) combinaremos com antecedência outra data. É possível acompanhar a pesquisa nos dois dias ou apenas em um deles, conforme sua disponibilidade.

A atividade é não remunerada, mas com certificação, inserção em grupo de pesquisa e possibilidade de participação em artigos ou trabalhos acadêmicos e/ou culturais.

Para se inscrever ou tirar dúvidas, entre em contato!

fandinha.fe@gmail.com ou (16) 981279143

Obrigada!

Fernanda Ribeiro e Carla Silva (prof^ª. do DTO e orientadora da pesquisa)

APÊNDICE C – CERTIFICADO EMITIDO AS/AOS AUXILIARES DE PESQUISA



CERTIFICADO

Certificamos para os devidos fins que a aluna Thainara Caroline da Silva Palhares participou da **pesquisa de mestrado "A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível"** desenvolvida pela mestranda Fernanda de Cássia Ribeiro, como auxiliar de pesquisa atuando no acompanhamento e registro das atividades de pesquisa de campo no município de São Carlos. A pesquisa foi desenvolvida pelo grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional – AHTO, do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação da prof^a. Dra Carla Regina Silva, no período de novembro de 2022 a janeiro de 2023, com carga horária total de 60 horas.

São Carlos, 04 de setembro de 2023.

Profa. Dra. Carla Regina Silva
Coordenadora do AHTO



APÊNDICE D – PLANEJAMENTO DAS OFICINAS DE ATIVIDADES (ETAPA I)

Uma das etapas da pesquisa de campo é o emprego das metodologias visuais aplicadas em *oficinas de atividades*, que revelam modos de existir que se configuram para criar outras narrativas de vida e/ou outras vidas possíveis.

Sete criações artísticas estão definidas até o momento e terão os seguintes eixos temáticos: a) visões e sentidos da rua para a população em situação de rua; b) relações na/com a rua; c) marcas e rastros que nascem do encontro com/entre as pessoas em situação de rua e a cidade; d) a invisibilidade desse grupo populacional; e) proibições e censuras experimentadas pela população em situação de rua; f) desejos e reivindicações das pessoas em situação de rua; g) mapeamento dos sonhos das pessoas em situação de rua.

Cada temática será apresentada junto de uma proposta de *oficina de atividade*, a saber:

a) Atividade: Poemas de uma linha só

Materiais: carretel de madeira cilíndrico reutilizado, tiras de tecido de algodão cru com 6 cm de largura, canetas para tecido e canetas hidrográficas, linha de meada e agulha sem ponta para bordado.

Intenção: mapear as visões e os sentidos das ruas para a população em situação de rua.

b) Atividade: Lembretes para esquecimentos futuros

Materiais: cartão com *layout* personalizado impresso em papel 180g, caneta esferográfica, caneta hidrocor, revista para recorte, tesoura e cola.

Intenção: mapear vivências da população em situação de rua: o que eu quero lembrar? O que eu quero esquecer? O que escuto dos meus pares e/ou das pessoas que não estão em situação de rua e como eu me sinto?

c) Atividade: Do que é feito o encontro?

Materiais: tecido de algodão cru, caneta para tecido, caneta esferográfica, caneta hidrocor, linha de meada, agulha sem ponta para bordado, giz pastel para tecido, revista para recorte, tesoura e cola.

Intenção: mapear quais são as marcas, rastros, texturas que nascem do encontro entre a pessoa em situação de rua com seus pares e a cidade.

- d) Atividade: O sensível nos toca e às vezes silenciar transborda
Materiais: tecido “voal”, caneta para tecido, caneta esferográfica, caneta hidrocor, linha de meada, agulha sem ponta para bordado, giz pastel para tecido, giz de cera e tesoura.
Intenção: mapear quais são as marcas sensíveis registradas nos corpos da população em situação de rua deixadas pela invisibilidade. Quando eu sou invisibilizado?
- e) Atividade: Não é todo dia que a gente pode – aqui é proibido não tocar, não cheirar, não escutar e não sentir
Materiais: a ser definido
Intenção: mapear quais são as proibições vivenciadas por um corpo em situação de rua. Quando eu sou censurado?
- f) Atividade: O verbo precisa de ar
Materiais: base com *layout* personalizado impresso em papel 180g em formato de uma folha de árvore, caneta esferográfica, caneta hidrocor, revista para recorte, tesoura e cola.
Intenção: mapear quais são os desejos e as reivindicações das pessoas em situação de rua. O que eu gostaria de pedir? O que eu poderia propor?
- g) Atividade: A linha que se borda sonhos é a mesma que costura a vida⁶⁶
Materiais: retalhos de tecido, linha de meada, agulha para bordado, tesoura e cola.
Intenção: mapear os sonhos das pessoas em situação de rua.
- h) Atividade: Toda palavra é mantra.
Materiais: papel sulfite, lápis de cor, giz de cera e caneta hidrocor.
Intenção: mapear quais são os ritos diários para a sobrevivência na rua. De que são feitos os dias?

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

⁶⁶ Frase por Edna Frigato

DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução CNS 510/2016)

A RUA PELA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS NA
PRODUÇÃO DO SENSÍVEL

Eu, Fernanda de Cássia Ribeiro, estudante do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa "A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível", orientada pela Profa. Dra. Carla Regina Silva.

No cenário atual, a concentração de pessoas que têm a rua como lugar de subsistência vem se acentuando devido ao agravamento da crise humanitária que tem se estabelecido em nosso país, decorrente da precarização das relações de trabalho, do desemprego e das transformações socioeconômicas.

As maneiras como as pessoas em situação de rua são compreendidas vêm se transformando ao longo do tempo e estar em situação de rua pode representar diferentes concepções para cada pessoa que faz dela seu lugar de vivência. Os modos de existir, ser e estar nas ruas são plurais e conceber essa heterogeneidade se faz necessário para a compreensão dos modos de vida dessa população, que mesmo sofrendo políticas higienistas e de exclusão das cidades, desenvolve estratégias e vínculos sociais de modo a sobreviverem nos espaços que ocupam.

Há uma variedade de tipos de pesquisas e os estudos acadêmicos adotam diferentes perspectivas de análise quanto à população em situação de rua: alguns priorizam as vulnerabilidades e necessidades desse grupo populacional, outros têm como foco as potencialidades e as estratégias que possibilitam o enfrentamento das dificuldades cotidianas, que criam uma visão geral concreta sobre aspectos dessa população. No projeto "A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível" propomos levantar dados sensíveis e subjetivos sobre/com a mesma população, complementando assim as pesquisas existentes, colaborando para uma compreensão ainda mais abrangente desse grupo populacional.

O seu convite se deve ao alinhamento de suas características com as delimitadas na pesquisa para a seleção de participantes, que foca nas pessoas em situação de rua usuárias

dos serviços assistenciais oferecidos pelo município de São Carlos-SP (Centro POP, Casa de Passagem Reynaldo Bertolino Neto e Casa De Nazaré) e nas pessoas em mesma situação que fazem uso de logradouros públicos e outras áreas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, no mesmo município. Caso concorde com o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), você poderá participar de uma ou mais atividades nesta pesquisa, com duração variada de acordo com a atividade proposta, que será acordada com o grupo e lhe informada.

Para isso, vamos empregar principalmente a linguagem da arte e serão desenvolvidas *oficinas de atividades* para criações artísticas singulares e coletivas, respeitando as especificidades e as escolhas de cada participante, que contemplem a reflexão sobre suas experiências de vida na/com a rua, e o acompanhamento de caminhadas e trajetórias pelos espaços percorridos na cidade, oportunizando assim, maior contato da pesquisadora com o território habitado pelas pessoas em situação de rua. As experiências vividas durante essas atividades serão registradas por escrito e pictoricamente em um diário de pesquisa, pela pesquisadora e participantes do projeto.

Ainda sobre a produção de dados, está prevista para acontecer em dois momentos, que são complementares, no entanto, você poderá participar da atividade que se sentir convocado, sem prejuízo para você ou à pesquisa. O primeiro momento, nomeado de etapa I, consiste na proposição de um grupamento de atividades artísticas com temáticas pré-definidas, que tem o intuito de mapear os pontos de vistas da população em situação de rua, que resultem em um panorama de seus modos de vida e seus cotidianos; o segundo momento, etapa II, se dará por meio de caminhadas como estratégia de aproximação e experiência que proporciona a escrita coletiva de histórias que traduzem um modo de vida e de existência que só pode encontrar-se com um corpo em território. Intenciona-se documentar os trabalhos realizados no que toca as preferências, referências estéticas e intenções dos criadores dos objetos artísticos e criar um produto artístico coletivo como síntese dos processos reflexivos e criativos vivenciados no decorrer da pesquisa.

Os temas que serão abordados estão ligados às experiências pessoais de cada participante, suas histórias de vida e desejos. Sendo assim, vale lembrar que ao participar desse projeto existe o risco de sensação de desconforto gerado pelos temas ligados à memória, como, por exemplo, lembranças de experiências que podem levar a sentimentos desagradáveis e, por vezes, essas histórias pessoais serão compartilhadas para criações de trabalhos artísticos pelo grupo. A participação no projeto não o(a) obriga de nenhuma forma a compartilhar memórias e histórias que não se sinta confortável em fazê-lo e é possível a

qualquer momento optar por não participar parcialmente ou completamente da atividade proposta, cessar a participação no projeto e mesmo solicitar a exclusão de dados registrados no diário de pesquisa e quaisquer outros registros gerados durante o estudo envolvendo sua participação, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo.

Se houver algum incômodo provocado pela participação nas atividades do projeto, a pesquisadora responsável se prontifica a acolher as questões individuais do/a participante e auxiliar no encaminhamento para os seguimentos competentes, se necessário.

Para exteriorizar dúvidas, as questões levantadas acima ou quaisquer outras relacionadas ao projeto, você poderá se comunicar com a pesquisadora a qualquer momento e será atendido o mais brevemente possível.

Participar dessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Terapia Ocupacional e na contribuição para uma visão ampliada da população em situação de rua, com a proposta de uma pesquisa-intervenção cartográfica voltada para a compreensão do cotidiano dessas pessoas por e junto a elas mesmas. Além disso, as considerações sobre as necessidades dessa população, suas expressões e vulnerabilidades poderá contribuir no desenvolvimento de políticas públicas e na compreensão de seus direitos, que se faz cada vez mais urgente. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

A sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo ou outras consequências negativas. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras ou palavras que podemos combinar previamente, de acordo com o modo como você deseja ser "chamado", com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação. Todos os dados produzidos tem a finalidade de compor a pesquisa e este material ficará sob a guarda da pesquisadora por prazo indeterminado, com o fim específico de divulgação da pesquisa e outros produtos acadêmicos, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

Solicito sua autorização para registro de imagens e áudios dos encontros do grupo. Os registros realizados durante as atividades poderão servir como referência para relatos posteriores no diário de pesquisa e transcrição de trechos para uso na pesquisa.

Não há previsão de custos para o participante. Todos os materiais serão fornecidos pela pesquisadora e as atividades acontecerão em lugares que as pessoas em situação de rua estejam presentes, sejam eles logradouros públicos ou instituições parceiras desta pesquisa.

Você receberá uma via deste termo impressa no momento do aceite para a participação na pesquisa, rubricada em todas as páginas pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada deste termo por e-mail. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@UFSCar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/CONEP. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Págin

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Fernanda de Cássia Ribeiro

Endereço: Avenida Santa Adélia, 900, apto 24, Vila Joinville, Araraquara-SP.

Contato telefônico: (16) 981279143

E-mail:

fernandacr@estudante.UFSCar.br

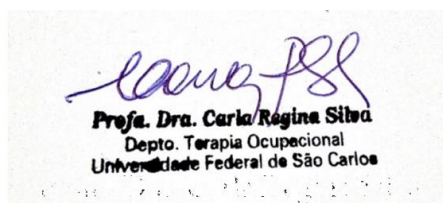
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Regina Silva

Contato Telefônico: (16) 3551-8743

E-mail: carlars@UFSCar.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, _____ de _____ de 202_____.



Orientadora da Pesquisa

Fernanda de Cássia Ribeiro

Pesquisadora Responsável

Participante da Pesquisa

Nome:

CPF:

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/: _____, CPF: _____, declaro que li as informações contidas neste documento, fui devidamente informado(a) pela pesquisadora Fernanda de Cássia Ribeiro dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro, ainda, que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento.

Este documento consta de 02 (duas) vias de igual teor e forma.

São Carlos, _____ de _____ de 202____.

Assinatura da pessoa como sujeito

Fernanda de Cássia Ribeiro (Pesquisadora Responsável)

Fone: (16) 98127-9143

E-mail: fernandacr@estudante.UFSCar.br

**APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REGISTRO E UTILIZAÇÃO DE
IMAGEM, SOM DE VOZ E ARTEFATOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REGISTRO E UTILIZAÇÃO DE IMAGEM, SOM DE VOZ E
ARTEFATOS

A RUA PELA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS NA
PRODUÇÃO DO SENSÍVEL

Eu, _____, portador(a)
do RG/CPF nº. _____, **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz,
constante nas fotos/filmagens da pesquisadora responsável, Fernanda de Cássia Ribeiro,
com o fim específico de divulgação da pesquisa "A rua pela população em situação de rua:
perspectivas múltiplas na produção do sensível" e outros produtos acadêmicos, sem
qualquer ônus e em caráter definitivo.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com
relação às imagens e/ou som de voz e/ou artefatos são de responsabilidade da pesquisadora
e estudante Fernanda de Cássia Ribeiro, do Programa de Pós-Graduação em Terapia
Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, orientada pela Prof.^a Dr^a Carla
Regina Silva.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora
autorizada ou a qualquer outro.

Este documento consta de 02 (duas) vias de igual teor e forma.


São Carlos, _____ de _____ de 202____

Assinatura do participante da pesquisa

Fone:

 Fernanda de Cássia Ribeiro (Pesquisadora Responsável)
 Fone: (16) 98127-9143
 E-mail: fernandacr@estudante.UFSCar.br

ANEXO A - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Departamento de Terapia Ocupacional Rod. Washington Luís, Km.235 - C.P. 676 CEP 13565-905-São Carlos-SP Tel: (0xx16) 3351-8358</p>
--	--

São Carlos, 25 de julho de 2022.

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Cara Sra. Ilma. Vanessa Soriano Barbuto,

Venho por meio deste, solicitar a autorização para a realização da pesquisa de Mestrado: "A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível", sob a minha orientação e com a participação da discente Fernanda de Cássia Ribeiro, do curso de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos.

O objetivo desta pesquisa é mapear visões plurais sobre/com a população em situação de rua, a partir do incentivo e da percepção de expressões criativas dos cotidianos desse grupo populacional e criar um repositório subjetivo e sensível sobre a temática.

A coleta de dados será realizada pela mestrandia Fernanda de Cássia Ribeiro por meio da metodologia de pesquisa intervenção cartográfica em conjunto com metodologias visuais para a proposição de atividades artísticas e acompanhamento de processos de criação

singulares, respeitando as especificidades e as escolhas de cada participante, que contemplem a reflexão sobre suas experiências de vida na/com a rua.

A pesquisa será realizada com os usuários no Centro de Referência Especializada de Assistência Social (Centro POP), na Casa de Passagem Reynaldo Bertolino Neto, na Casa De Nazaré e com as pessoas em situação de rua que utilizam os logradouros públicos e outras áreas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente no município de São Carlos /SP.

Os encontros para a realização das atividades artísticas e o acompanhamento de caminhadas e trajetórias junto à população em situação de rua acontecerão semanalmente de forma intercalada nos quatro espaços citados acima, durante dezesseis semanas, entre os meses de outubro de 2022 a janeiro de 2023, construindo com esse grupo populacional reflexões coletivas sobre os modos de produção de sentidos sobre o habitar as ruas, questionando representações e estereótipos sociais.

A participação é voluntária, sem transação financeira de qualquer espécie. Ressaltamos que esta pesquisa se compromete a manter o sigilo quanto à identidade dos participantes, e a atender os requisitos éticos, conforme preconiza o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

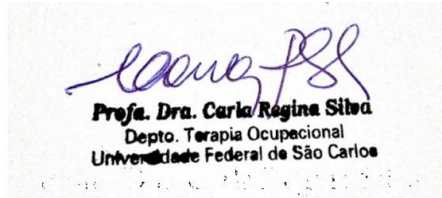
Informo que o referido projeto será submetido à avaliação ética junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, e me comprometo a encaminhar a vossa senhoria uma cópia do parecer ético após a sua emissão.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com as Resoluções vigentes relacionadas com pesquisas com seres humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados somente para a realização deste estudo.

Desde já, coloco-me à disposição para esclarecimentos de qualquer dúvida que possa surgir.

Antecipadamente agradeço à colaboração.

Atenciosamente,



Orientadora da Pesquisa

Fernanda de Cássia Ribeiro


Pesquisadora Responsável

Participante da Pesquisa

Nome:

CPF:

ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Departamento de Terapia Ocupacional Rod. Washington Luís, Km.235 - C.P. 676 CEP 13565-905-São Carlos-SP Tel: (0xx16) 3351-8358</p>
---	--

São Carlos, 25 de julho de 2022.

CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISADORA

Cara Sra. Ilma. Vanessa Soriano Barbuto,

Venho por meio desta apresentar a mestrandia Fernanda de Cássia Ribeiro, do Curso de Mestrado Acadêmico em Terapia Ocupacional, devidamente matriculada sob RA: 758103, com pesquisa intitulada “A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível”, sob minha coordenação, selecionada e aprovada no edital do Processo Seletivo de 2021 do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

O objetivo desta pesquisa é mapear visões plurais sobre/com a população em situação de rua, a partir do incentivo e da percepção de expressões criativas dos cotidianos desse grupo populacional e criar um repositório subjetivo e sensível sobre a temática.

A produção de dados será realizada pela mestrandia Fernanda de Cássia Ribeiro e será utilizada a metodologia de pesquisa intervenção cartográfica em conjunto com metodologias visuais, para a proposição de atividades artísticas e acompanhamento de processos de criação singulares, respeitando as especificidades e as escolhas de cada participante, que contemplem a reflexão sobre suas experiências de vida na/com a rua, questionando representações e estereótipos sociais.

Ainda sobre a produção de dados, está prevista para acontecer em dois momentos, que são complementares. O primeiro momento consiste na proposição de um conjunto de atividades artísticas com temáticas pré-definidas, que possibilitem acessar as visões plurais do grupo populacional em estudo; o segundo momento se dará por meio do acompanhamento de caminhadas e trajetórias da população em situação de rua pelos espaços percorridos na cidade, oportunizando assim, maior contato da pesquisadora com o território habitado por esse mesmo grupo.

Intenciona-se documentar os trabalhos realizados no que toca as preferências, referências estéticas e intenções dos criadores dos objetos artísticos e criar um produto artístico coletivo como síntese dos processos reflexivos e criativos vivenciados no decorrer da pesquisa.

Após a produção de dados, será realizada uma análise documental para investigar e examinar as reflexões coletivas sobre os modos de produção de sentidos sobre o habitar as ruas, possibilitando interpretação criteriosa do assunto, sintetização de informações e possíveis interferências no campo da terapia ocupacional. Além disso, as considerações sobre as necessidades dessa população, suas expressões e vulnerabilidades poderá contribuir no desenvolvimento de políticas públicas e na compreensão de seus direitos, que se faz cada vez mais urgente em um Estado cada vez mais pautado pelo capitalismo neoliberal.

Uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento da pesquisadora em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa. Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa e outros produtos acadêmicos, preservando sigilo e ética.

Desta forma, a presente pesquisa se compromete em atender todos os requisitos de caráter ético, assegurando a manutenção do sigilo e a preservação da identidade das pessoas participantes, conforme Termo de Consentimento Livre Esclarecido e Termo de Consentimento de Participação da Pessoa como Sujeito, que serão assinados pelo participante, caso o mesmo tenha interesse em participar da pesquisa. Esclarecemos que a participação é voluntária, sem qualquer remuneração ou benefício, não implicando em qualquer problema legal ao Centro POP, a Casa de Passagem e a Casa De Nazaré pela adesão ou não.

Sendo o Centro POP, a Casa de Passagem e a Casa De Nazaré serviços de referência no município para a promoção do cuidado da população em situação de rua e enxergando as potências da integração, acreditamos na articulação desta rede e no fortalecimento da interação entre ensino, pesquisa e sociedade. Portanto, introduzimos a aluna ao Centro POP, a Casa de Passagem e a Casa De Nazaré, e solicitamos a autorização para que a mesma possa realizar *oficinas de atividades* do campo da Terapia Ocupacional nas dependências das três instituições e acompanhar caminhadas e trajetórias pelo território com os usuários dos serviços, de acordo com o cronograma de pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta futura profissional e da pesquisa acadêmica em nossa região. Em caso de dúvida você pode procurar a coordenação do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar pelo telefone: (16) 3351-8342 ou pelo e-mail: carlars@UFSCar.br.


Antecipadamente agradeço à colaboração.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Carla Regina Silva
(Orientadora da pesquisa)

Fernanda de Cássia Ribeiro
(Pesquisadora responsável)

ANEXO C - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Departamento de Terapia Ocupacional Rod. Washington Luís, Km.235 - C.P. 676 CEP 13565-905-São Carlos-SP Tel: (0xx16) 3351-8358</p>
---	--

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, Fernanda de Cássia Ribeiro, portador do CPF: 275.495.558-50, sou pesquisador responsável do projeto de pesquisa intitulado, "A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível" comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes em especial a 466/12 e a 510/16, do Conselho Nacional de Saúde;
- Apresentar dados para o CEP da UFSCar ou para a CONEP a qualquer momento, inclusive uma cópia dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos participantes, caso sejam solicitados;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação;
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP da UFSCar ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- Elaborar e apresentar os Relatórios parciais e o Relatório final ao CEP da UFSCar;

- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período indeterminado após o término da pesquisa.
- Responsabilizo-me civil e criminalmente pela veracidade das informações declaradas acima.

São Carlos, 25 de julho de 2022.

Fernanda de Cássia Ribeiro

Pesquisador responsável

ANEXO D – CARTA DE ANUÊNCIA



Prefeitura Municipal de São Carlos
Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social
 Estado de São Paulo

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA USUÁRIOS DO CENTRO DE REFERÊNCIA E ATENDIMENTO A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA –CENTRO POP – CASA DE PASSAGEM E CASA DE NAZARÉ

Conforme análise realizada na documentação apresentada e parecer favorável do setor responsável. Fica a Senhora: **Fernanda de Cassia Ribeiro** RA: 15611906, RG nº 29.045.082-2 CPF nº 275.495.558-50; regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, ministrado no campus da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. **Autorizada** a realizar o Projeto de Mestrado “**A rua pela população em situação de rua: perspectivas múltiplas na produção do sensível**”. no Centro de Referência e Atendimento à População em Situação de Rua – Centro Pop, Casa de Passagem e Casa de Nazaré, que são vinculados a esta Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, com coleta de dados sob a supervisão da Orientadora da pesquisa Profa. Dra. Carla Regina Silva, por meio de “metodologia de pesquisa intervenção cartográfica em conjunto com metodologias visuais para a proposição de atividades artísticas e acompanhamento de processos de criação singulares respeitando as especificidades e as escolhas de cada participante, que contemplem a reflexão sobre suas experiências de vida na rua/com a rua”. Os encontros acontecerão semanalmente de forma intercalada entre os espaços durante 16 semanas entre os **meses de outubro/2022 à janeiro/2023**.

Destaca-se a relevância de ao final um documentário deverá ser entregue à Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social para fins de complementação e finalização do processo.

São Carlos, 08 de agosto de 2022.

Roberta Justel do Pinho

ROBERTA JUSTEL DO PINHO
 Chefe da Seção de Atenção à Proteção Social Especial – Média Complexidade

Vanessa Soriano Barbutto

VANESSA SORIANO BARBUTO
 Secretária Municipal de Cidadania e Assistência Social

CIENTE E DE ACORDO:

(tu)

Assinatura do(a) aluno(a)

**SECRETARIA MUNICIPAL
 DE CIDADANIA E
 ASSISTÊNCIA SOCIAL**

Rua Conde do Pinhal, 2228 – CEP 13560-648 – São Carlos – SP
 Fones / Fax: (16) 3371-2290 / 3371-1122
social@saocarlos.sp.gov.br

ANEXO E - TABELA: HORÁRIO DO CAMPO

	Data	Onde	Atividade	Tempo no local	Tempo atividade	Quem
NOVEMBRO 2022						
01	07/11/22	Centro POP	1. Poemas:	4h30 (7h30 - 12h)	3h15 (8h15 - 11h30)	Leo, Mari, Laura, Carol
02		Casa de passagem	Sentidos das ruas	3h30 (14h - 17h30)	3h15 (14h15 - 17h30)	Isa
10/11/22		Google-meet	Reunião remota	2h30	2h30	
03	11/11/22	Centro POP	2.1. TAG:	3h30 (8h30 - 12h)	2h (9h - 11h)	Robson, Laura, Carol
04		Casa de passagem	lembretes	4h (14h - 18h)	3h30 (14h30 - 18h)	Leo
16/11/22		Google-meet	Reunião remota	2h30	2h30	
05	18/11/22	Casa de passagem	2.2. Lembretes	3h (17h30 - 20h30)	2h30	Robson
06	21/11/22	Casa de passagem	3. Marcas do encontro	3h (18h - 21h)	2h30 (18h30 - 21h)	Carol, Thai, Robson, Leo
07	25/11/22	Centro POP	2.2. Lembretes	2h (8h - 10h)	1h30 (8h30 - 10h)	Laura, Robson
08	26/11/22	Casa de passagem	4. Invisibilidade	3h (9h - 12h)	2h45 (9h15 - 11h30)	Laura
09	28/11/22	Centro POP	3. Marcas do encontro	3h (8h - 11h)	2h (8h30 - 11h)	Carol, Thai, Mari
DEZEMBRO 2022						
10	02/12/22	Casa de passagem	6. Pedidos: folhinha	3h30 (8h - 11h30)	3h15 (8h15 - 11h30)	Laura, Thai
11	08/12/22	Casa de	7. Sonhos	4h30	3h	Thai, Leo

		passagem		(17h30 - 22h)	(18h - 21h)	
12	12/12/22	Centro POP	6. Pedidos: folhinha	2h30 (8h - 10h30)	2h (8h30 - 10h30)	Mari e Thai
13	19/12/22	Centro POP	7. Sonhos 8. Ritos	2h30 (8h - 10h30)	2h (8h30 - 10h30)	Mari
14		Casa de passagem		3h30 (15h - 18h30)	3h15 (15h15 - 18h30)	Carol
JANEIRO 2023						
15	13/01/23	Praças: cemitério, catedral e rodoviária	8. Ritos	4h20 (6h40 - 11h)	4h20 (6h40 - 11h)	Laura, Thai, Carol
16	16/01/23	Centro POP	3. Invisibilidade Caminhada 1	5h (8h - 13h)	4h (8h30 - 12h30)	Mari
17	17/01/23	Casa de passagem	Caminhada 2	5h (16h - 21h)	5h (16h - 21h)	Thai
18	20/01/23	Praças: cemitério, catedral e rodoviária	8. Pedidos (folhinha)	5h (6h30 - 11h30)	5h (6h30 - 11h30)	Thai
19	23/01/23	Centro POP	Caminhada 3	3h30 (8h - 11h30)	3h30 (8h - 11h30)	Carol
20	30/01/23	Mercadão	3. Invisibilidade 5. Proibições 9. Estratégias	2h30 (9h30 - 12h)	2h30 (9h30 - 12h)	Laura, Mari
21		Centro POP	Caminhada extra - rolê do rango	2h30 (13h30 - 16h)	2h30 (13h30 - 16h)	Carol, Laura
FEVEREIRO 2023						
22	01/02/23	Casa de	Caminhada 4	5h	5h	Laura, Thai

		passagem	5. Proibições 9. Estratégias	(16h – 21h)	(16h – 21h)	
23	03/02/23	Praças: cemitério, catedral e mercado	1. Poemas 5. Proibições 9. Estratégias	5h30 (6h30 – 12h)	5h30 (6h30 – 12h)	Carol , Laura, Thai
24	05/02/23	Praças: catedral e cemitério	1. Poemas - Frottage	6h (18h – 00h)	6h (19h – 11h)	---